



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação - Modalidade Profissional
Mestrado em Educação

Luana Macedo Cordeiro

**AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA:
PROCESSOS FORMATIVOS CONSTRUÍDOS COM MULHERES DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA EM OFICINAS DE EXTENSÃO**

BRASÍLIA - DF

2022

Luana Macedo Cordeiro

**AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA:
PROCESSOS FORMATIVOS CONSTRUÍDOS COM MULHERES DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA EM OFICINAS DE EXTENSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de Políticas Públicas e Gestão da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana

BRASÍLIA - DF

2022



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação - Modalidade Profissional
Mestrado em Educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional da Universidade de Brasília como requisito para obtenção de título de Mestra em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana – PPGE-MP – UnB
Presidente - Orientador

Profa. Dra. Tânia Mara Campos de Almeida – PPGSol – UnB
Membra Interna

Profa. Dra. Máira Cavalcanti Vale - USFCar
Membra Externa

Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva – FE – UnB
Membra Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao ancoramento, força e resiliência vindos a mim pela força da minha ancestralidade feminina, pelas Deusas, pela Espiritualidade Suprema, que me guiou por veredas sombrias e difíceis até a conclusão deste ciclo;

Agradeço à minha bisavó Venina, que veio até mim neste período em forma cobertor feito à mão e colcha de cama, oferecendo-me aconchego e reconexão;

Agradeço à minha avó Terezinha, pela sua doçura, cuidado e aterramento provindos do Plano Espiritual;

Agradeço à minha avó Maria, pela sua incansável resiliência durante a vida, aqui honrando sua vontade de ter se tornado professora e conhecedora das ciências, mas tendo seus sonhos interrompidos pela vontade de seu pai;

Agradeço à minha mãe Rosa e a minha irmã Luciana, por terem alimentado em mim a busca implacável pelos meus sonhos, sobretudo aos ligados à educação; à minha tia Shirlei por todo cuidado e carinho a mim dedicado e à nossa família durante minha vida; ao meu cunhado Bruno e ao meu sobrinho Benjamim. Vocês me nutriram de amor, apoio e calor ao longo da vida;

Agradeço ao meu marido Álvaro, companheiro, amigo e parceiro que atravessou comigo caminhos repletos de desafios e dores emocionais e dedicou a mim a mais intensa doçura, tranquilidade, cuidado, paz, amor, amizade, escuta, colo, alegria e amorosidade, apresentando para mim, pela primeira vez em minha vida, o que é um relacionamento interpessoal eminentemente saudável;

Às minhas amigas Alice e Juliana, que foram alicerces e fortalezas durante todo o processo extenuante de mestrado. Agradeço pelo amor, conselhos, acolhidas, conversas, choros (presenciais e virtuais) chorados juntas, abraços, acalanto e força;

À amiga Izabella, pela confiança, amor, risadas, confidências, carinho e nutrição e trocas tão profundas que me enriqueceram e me fortaleceram dia após dia na escrita final dessa dissertação;

À minha terapeuta Daniele Leal, minha Hécate, que me guiou e ainda me conduz pelos vales das sombras do Inconsciente rumo à Luz. Sem você, eu jamais teria conseguido;

À Cynthia e à Mariana, tarólogas e conselheiras, que trouxeram a magia e a sabedoria do Tarot para aterrar caminhos possíveis em meio ao caos;

Às Profas. Maria Emília e Cláudia, que sempre me incentivaram a retornar aos estudos na pós-graduação. Obrigada pelo apoio, conselhos, acolhidas, carinho, concessão de tempo de estudo e pela licença capacitação;

À equipe administrativa do Decanato de Pesquisa e Inovação, pela amizade, risadas, parcerias e carinho, agradecendo sobretudo ao amigo João e às amigas Andrea e Gil;

Às maravilhosas e inigualáveis participantes da pesquisa, que construíram junto comigo processos formativos sobre temáticas tão relevantes para a vida e para a sociedade. Obrigada pelas partilhas, trocas, confidências e sentimentos edificados no seio de um projeto que me marcará por toda uma vida;

Às amigas Daniele, Iara, Sarah, Maristela, Helô, Rosinha e Nailde, pelo carinho, trocas, companheirismo, apoio, amor durante toda essa caminhada;

À Karina, pela troca, acolhimento, apoio e empatia desenvolvidas à custa da dor, porém em nome de uma potência que nos elevou para um lugar de cura e transformação;

Às amigadas feitas ao longo desta trajetória da pós-graduação. Agradeço à Renata, Sheila e Gabriela, pelo apoio, escuta, empatia, trocas, carinho e amizade, comprovando que laços virtuais são tão calorosos e palpáveis quanto aqueles desenvolvidos em modo presencial;

Ao PPGE-MP, pela oportunidade de ter me transformado em outro ser humano e em uma pesquisadora através desse profundo processo de aprendizagem, com destaque para a Coordenadora do Programa, Profa. Girlene Ribeiro de Jesus, pela sensibilidade, tranquilidade, empatia e acolhimento em momentos decisivos de minha trajetória;

À banca examinadora, composta pelas Profas. Tânia Mara Campos de Almeida e Maíra Cavalcanti Vale pelas trocas que enriqueceram incomensuravelmente este trabalho;

Ao Prof. Fernando Bomfim Mariana, meu orientador, que me acolheu e ao meu trabalho com muita amorosidade e paz. Obrigada pelas trocas e pela construção de conhecimento, realizada de forma horizontal e agregadora.

“Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente os homens”

Valeska Zanello

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi compreender as perspectivas de amor romântico e relacionamento amoroso produzidas com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão. Como objetivos específicos da pesquisa, realizou-se três oficinas de extensão de caráter formativo com as mulheres da Universidade de Brasília, que possibilitaram a identificação dos processos formativos emergidos a partir da realização das oficinas de extensão, assim como das perspectivas sobre amor romântico e relacionamento amoroso produzidas com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão. Como ponto de partida, a pesquisa apresentou uma proposta crítica de conceituação aos conceitos-chave da pesquisa, que foram tensionados face a marcadores sociais da diferença. Ademais, a dissertação apresentou o estado da arte dos conceitos-chave, assim como a revisão sistemática de literatura, em que foram identificadas as lacunas que essa pesquisa procurou suprir. Como percurso metodológico, essa pesquisa apoiou-se na imbricação das perspectivas de pesquisa-formação e metodologia de história e narrativa de vida, as quais embasaram a construção de oficinas de extensão, ocorridas entre setembro e outubro de 2021, orientadas pelas técnicas de pesquisa *gameplay* e trabalho biográfico com objetos. As dezenove mulheres participantes dos três eventos de extensão conformaram a processos formativos que constroem conhecimento sobre as temáticas de amor romântico e relacionamento amorosos de modo crítico, democrático e horizontal. Dos temas geradores, emergiram dez subcategorias, a partir da interação das mulheres participantes dos encontros: (a) tecnologias de gênero, (b) desconstrução, (c) dissidência, (d) violência, (e) dependência afetiva, (f) religião cristã, (g) relacionamento saudável; (h) superação de dificuldades em casal, (i) dispositivo materno e (j) superação. Como considerações finais, a pesquisa demonstrou a necessidade de politização dos afetos e dos temas da intimidade em contextos laborais e estudantis universitários e constitui-se como passo embrionário para a possibilidade de construção de um diálogo permanente e radical, mediante uma experiência extensionista educativa, crítica, horizontal e democrática sobre amor romântico e relacionamento amoroso na Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Mulheres, Amor romântico, Relacionamento amoroso, Oficinas de extensão, Processos formativos.

ABSTRACT

The objective of this research was to understand the perspectives of romantic love and romantic relationships produced with women from the University of Brasília in extension workshops. As specific research objectives, three formative extension workshops were held with women from the University of Brasília, which made it possible to identify the formative processes that emerged from the extension workshops, as well as the perspectives on romantic love and romantic relationships produced with women from the University of Brasília in extension workshops. As a starting point, the research presented a critical proposal of conceptualization to the key concepts of the research, which were tensioned in the face of social markers of difference. Furthermore, the dissertation presented the state of the art of the key concepts, as well as a systematic literature review, in which the gaps that this research sought to fill were identified. As a methodological path, this research was supported by research-formation and methodology of history and life narrative perspectives, which supported the construction of extension workshops, which took place between September and October 2021, guided by gameplay and biographical work with objects research techniques. The nineteen women participating in the three outreach events took part in formative processes that build knowledge on the themes of romantic love and romantic relationships in a critical, democratic and horizontal way. From the generating themes, ten subcategories emerged, from the interaction of the women participating in the meetings: (a) technologies of gender, (b) deconstruction, (c) dissidence, (d) violence, (e) affective dependence, (f) religion Christian, (g) healthy relationship; (h) overcoming difficulties as a couple, (i) maternal device and (j) overcoming difficulties. With final considerations, the research demonstrated the need to politicize affections and themes of intimacy in work and university student contexts and constitutes an embryonic step towards the possibility of building a permanent and radical dialogue, through an educational, critical extensionist experience, horizontal and democratic on romantic love and romantic relationship at the University of Brasília.

Keywords: Women, Romantic Love, Romantic Relationship, Extension Workshops, Formative Processes

LISTA DE SIGLAS

ADUnB – Associação de Docentes da Universidade de Brasília

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CodSex – Coordenação LGBT

DAC – Decanato de Assuntos Comunitários

DACES – Diretoria de Acessibilidade

DCE – Diretório Central de Estudantes

DEX - Decanato de Extensão

DIV – Diretoria de Diversidade

IQ – Instituto de Química

QRC - Questionário de Relacionamento Central

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SciELO - Scientific Electronic Library Online

SECOM – Secretaria de Comunicação

Sinfub – Sindicato de Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília

TCRC - Tema Central de Relacionamento Conflituoso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UnB - Universidade de Brasília

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

Quadro 1. Dados sobre violência contra a mulher em nível nacional por meio do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: seção “análise da denúncia”, subseção “grupo vulnerável”	19
Quadro 2. Dados sobre violência contra a mulher em nível nacional por meio do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: seção “análise da denúncia”, subseção “cenário da violência”.....	19
Quadro 3. Perfil das participantes das oficinas de extensão	88
Quadro 4. Compilação de escolhas realizadas pelas participantes da Oficina 0	98
Quadro 5. Compilação de escolhas realizadas pelas participantes da Oficina 1.....	103
Quadro 6. Compilação de comentários representativos sobre a apresentação dos objetos na Oficina 2	107
Quadro 7. categorias analíticas prévias e suas subcategorias emergentes	111
Gráfico 1. Artigos por idioma	48
Gráfico 2. Artigos por ano de publicação	48
Gráfico 3. Teses/dissertações por região	49
Figura 1. O quadro “Nhozinho no colo da mucama”	41

SUMÁRIO

PRÓLOGO: ABAIXO AO AMOR FERIDA QUE DÓI E QUE SE SENTE, QUE ENTRE O CONTENTAMENTO CONTENTE	14
1. INTRODUÇÃO	18
2. AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO: UMA PROPOSTA CRÍTICA DE CONCEITUAÇÃO	23
3. ESTADO DA ARTE E REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	46
3.1 O emprego da estratégia de pesquisa na base de dados SciELO e BDTD e seus resultados	47
3.2 Revisão sistemática de literatura a partir dos artigos, das dissertações e das teses	50
3.3 Lacunas encontradas a partir do estado da arte e contribuição desta pesquisa	61
4. O PERCURSO METODOLÓGICO E AS VEREDAS DESAFIADORAS PERCORRIDAS DURANTE A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	66
4.1 Perspectivas de histórias e narrativas de vida e pesquisa-formação: as bases metodológicas da pesquisa	67
4.2 As oficinas de extensão como atividades de pesquisa: da construção e divulgação ao encontro com e congregação das participantes da pesquisa	73
4.2.1 <i>Gameplay</i>	77
4.2.2 Trabalho biográfico com objetos	78
4.3 Notas sobre a produção de dados da pesquisa	93
5. AS OFICINAS DE EXTENSÃO ENQUANTO PROCESSOS FORMATIVOS	94
6. AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO SOB A PERSPECTIVA DAS MULHERES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	112
6.1 Amor romântico e relacionamento amoroso em desdobramento: as subcategorias analíticas emergidas	112

6.1.1 Tecnologias de gênero	113
6.1.2 Desconstrução	125
6.1.3 Dissidência	131
6.1.4 Violência	134
6.1.5 Dependência afetiva	142
6.1.6 Religião cristã	148
6.1.7 Relacionamento saudável	151
6.1.8 Superação de dificuldades em casal	152
6.1.9 Dispositivo materno	157
6.1.10 Superação	161
6.2 A produção de discursos sobre si face aos conceitos de amor romântico e relacionamento amoroso: diversidades e diferenças em tela	164
6.3 A produção dos dados a serviço da percepção de diversidades e diferenças emergidas mediante os conceitos de amor romântico e relacionamento amoroso	168
7. BORA FALAR DE AMOR? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
8. REFERÊNCIAS	174
9. APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO MULHERES, TECNOLOGIAS E DISPOSITIVOS DE GÊNERO: A GAMEPLAY.....	182
10. APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: GAMEPLAY COM MULHERES DA UnB	185
11. APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: TRABALHO BIOGRÁFICO COM OBJETOS COM AS MULHERES DA UNB	188
12. APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ONLINE (TCLE ONLINE) – OFICINA 0	192

13. APÊNDICE 5 - TCLE ONLINE AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: GAMEPLAY COM MULHERES DA UNB.....	194
14. APÊNDICE 6 - TCLE ONLINE AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: TRABALHO BIOGRÁFICO COM OBJETOS COM AS MULHERES DA UNB	196

PRÓLOGO: ABAIXO AO AMOR-FERIDA QUE DÓI E QUE SE SENTE, QUE ENTRE O CONTENTAMENTO CONTENTE

Janeiro, 2007. O ano começa cheio de esperança no coração da jovem Luana. Sonhadora, romântica, apaixonada, frágil... Seu imã de Santo Antônio, uma lembrancinha de casamento da amiga de sua irmã, já estava de cabeça para baixo na geladeira¹. Ela pensava: “já tenho 18 anos, eu **preciso** arranjar um namorado!”.

Eu não tinha altas expectativas com relação a encontrar um companheiro. Sabe aquela expressão “eu não tenho tipo, eu tenho pressa”, bem, ela definia a jovem Luana quando o assunto era interesse amoroso. E com isso, qualquer menino poderia se transformar em um potencial namorado e escalonar para o amor da vida inteira. Naquele momento, o xodó da vez era Henrique².

Henrique era meu colega no curso de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília. Já tinha cruzado com ele por alguns corredores da UnB e sua beleza e carisma já tinham chamado a minha atenção (não só a minha, mas de muitas amigas & rivais³). Sabia que ele cursaria uma matéria de verão no semestre 2007-0. Como não faria nada nas férias, pensei que aquela seria minha chance de me aproximar dele. Meu plano: sair com um namorado e concluir mais uma matéria obrigatória do curso, aquele famoso “matar dois coelhos com uma cajadada só”. Sim, eu sou uma mulher de ditados.

Henrique nem sequer prestou atenção na minha existência. No entanto, já que tenho pressa e não tipo, eu tinha por intento arranjar um namorado **a qualquer custo** naquela disciplina. E ele veio. Vou chamá-lo de Príncipe. Ele era tão gentil, com fala mansa, educado, culto, desenhista, viajado. Ele escrevia poesias, ouvia as músicas certas. Com ele, o assunto nunca acabava. Gostávamos das mesmas coisas. Ele não era um homem atraente fisicamente, mas sua doçura o fazia se tornar o rapaz mais lindo do mundo. Ele me fez sentir especial, **a escolhida**, uma rainha.

O Destino mostrou sua face quando o Príncipe, no primeiro dia de aula, escolheu justamente a cadeira ao meu lado para sentar. Nesse mesmo dia, ao sair da sala, trombamo-nos e meus cadernos

¹ Virar a imagem de Santo Antônio, padroeiro do casamento e do amor, de cabeça para baixo ou colocá-lo em um copo d'água nessa mesma posição é uma simpatia popular realizada sobretudo por mulheres cisgêneros heterossexuais para arranjar um namorado.

² Nome fictício

³ Aqui ironizo a rivalidade feminina, um pilar da experiência amorosa cotidiana construída a partir do sexismo estrutural. “Amigas & Rivais” também foi novela produzida e exibida pelo Sistema Brasileiro de Televisão entre 2007-2008 que tinha por trama central a disputa das melhores amigas Nicole e Laura por um mesmo homem.

caíram no chão. Agachamo-nos e subimos juntos, ele com os meus cadernos nas mãos e eu, com o coração palpitando e mente a mil, dizendo para mim mesma: “não pode ser, **isso parece coisa de filme! É ele!**”.

O Santo Antônio já estava desvirado na geladeira. Quer dizer, agora me lembro melhor: eu o dei em presente para minha melhor amiga, afinal, aquele santinho fazia milagres! Henrique era passado, meu coração agora só tinha um nome: Príncipe. Eu estava inundada pelo seu amor. **Finalmente encontrei a minha alma gêmea!** Eu não andava, eu flutuava, porque todo meu vazio interno, minhas inseguranças, meus medos foram preenchidos por um homem que agora **podia me resgatar da Torre e me levar para a Vida.**

Um mês depois de iniciarmos um namoro, o príncipe começou a mostrar quem era. As semanas passaram-se e o Sapo mostrou suas verdadeiras intenções: os abusos psicológicos começaram, pequenas humilhações cotidianas. Distorção de minhas palavras em seu favor. Eu sempre me sentia insuficiente e inadequada em sua presença. Eu chorava quase todos os dias.

Pensei em terminar, porque estava em sofrimento, já no quinto mês de namoro. Naquele dia, estava decidida. Porém, o Príncipe retornou, com palavras amorosas, olhar doce, voz amável, prometendo-me que estava aprendendo a ser um homem melhor, **porque eu o estava ensinando a ser uma melhor pessoa.** Pediu-me mais uma chance. Cedi de todo meu coração, afinal, sempre ouvi em família e de amigas que as mulheres poderiam sim consertar um homem e fazer dele um verdadeiro Príncipe, afinal, tudo pode e deve ser feito em nome do amor!

E assim construímos um relacionamento durante 12 anos, marcado por desalento, confusão, choro, sofrimento, Transtorno de Ansiedade Generalizado, baixíssima autoestima e 20 quilos a mais. Os abusos escalonaram e transformaram-se em mentiras, *gaslighting*, traições extraconjugais, palavrões, xingamentos, hiperssexualização do meu corpo, desprezo, total falta de empatia e de companheirismo e dependência afetiva, da minha parte, conforme narrei mais detalhadamente em “Como ele consegue me machucar assim? Minha vivência singular-plural em um relacionamento abusivo” (2021), um resumo expandido apresentado por mim no I Congresso de CRIM/UFMG – Gênero, Feminismos e Violência. Daqui de longe, consigo entender que me mantinha naquele relacionamento não por amor, mas porque amadureci ao lado do Sapo ao construir a minha subjetividade acreditando que só seria possível viver com ele. Viver não, respirar! Até aquele momento, eu não sabia ser independente, colocando-me em uma posição de tutela, **à custa** de viver, àquela época, em uma casa inundada de lágrimas e desesperança.

Ao longo desses 12 anos, a UnB sempre me acompanhou. Após encerrar o curso de Ciências Sociais, um ano depois comecei outra graduação, agora em Arquivologia. Nesse ínterim, transformei-me em servidora pública da casa. O *campus* Darcy Ribeiro foi testemunha ocular da minha dor, seja no Café das Letras, ao tomar um cappuccino e não encontrar respostas de o porquê estava naquele relacionamento, seja no DFinho, ao lado de amigas, desabafando em cima de um banquinho de madeira sobre a última do Sapo. Ou na copa, no setor onde atuo, chorando ao tomar aquele cafezinho doce saído diretamente da garrafa, feito com tanto esmero pela Gildene.

A copa, em particular, é um recinto muito especial quando falamos sobre a temática de amor e relacionamentos. Nesses 11 anos de experiência funcional na UnB, ela sempre foi um lugar de desabafo entre as servidoras, mesmo entre aquelas que não são tão próximas. Foram muitos os dias que consolei e fui consolada por companheiras de profissão, quase sempre relatando insatisfações, dificuldades, desafios e também violências cotidianas em seus namoros, casamentos e paqueras. Tal qual está a cerveja e o petisco para o bar, o café e os biscoitinhos são o fio condutor dessa pausa no serviço para bebermos e comermos forças, conselhos e abraços entre iguais.

Outro fato curioso que hoje percebo dessa dolorosa experiência é constatar que desde 2008 eu já havia me aproximado dos feminismos. E identificava-me com eles. Porém, as discussões feministas às quais tive acesso não conseguiram me ajudar a entender a dimensão estrutural do que acontecia dentro de mim para que, assim, eu identificasse que o que ocorria em minha casa eram abusos. Em 2019, pude encerrar o ciclo de violência sofrido e somente em 2020, ao conhecer o trabalho da pesquisadora feminista Valeska Zanello, uma referência teórica basilar nessa dissertação, consegui nomear o meu relacionamento amoroso como um relacionamento abusivo.

Ao compreender as violências morais, psicológicas, sexuais e patrimoniais sofridas ao longo de 12 anos de relacionamento, percebi que era necessário reorientar a pesquisa de mestrado, já em curso. Entendi que minha história de vida poderia ser o primeiro passo para construir uma pesquisa que demonstrasse as armadilhas do amor romântico, veiculada maciçamente pelos meios de comunicação e propagadas em nossa socialização familiar e entre amigas, e que continuam embasando a construção de relacionamentos amorosos. Dessa forma, a pesquisa poderia cumprir um duplo papel: produzir dados sobre a temática de amor romântico e relacionamento amoroso ao mesmo tempo que as próprias atividades de pesquisa fossem formativas e multiplicadoras de conhecimento, construído com as próprias mulheres participantes do projeto.

Eu sempre quis mudar o mundo e um mundo só pode ser transformado quando pensamos radicalmente a realidade, ou seja, desde a raiz dos problemas. Ter a oportunidade de ingressar no mestrado sempre significou instrumentalizar conhecimentos a fim de devolver para e aprender com a sociedade e, sobretudo, com a comunidade da minha *alma mater*, a Universidade de Brasília, a partir do saber construído durante esse tempo de árduo estudo.

Orgulho-me em ter transformado tanta dor em potência, pois hoje, sim, lanço-me para Vida com mulheres que constroem conhecimento a partir de suas histórias e narrativas de vida, seja de modo formal, como foram nas atividades de pesquisa aqui desenvolvidas, seja de modo espontâneo, como acontece em cada copa, banquinho e café esse país afora. Nesse sentindo, interpelar as mulheres da comunidade universitária com uma pesquisa que atravesse sentimentos, afetos e intimidades é sair do lugar comum de pesquisas que as entende, via de regra, somente pelo aspecto estudantil e profissional.

Ao fim, que saia Luís de Camões com seu amor romântico⁴ para abriremos alas para nós, mulheres, que reivindicam formas saudáveis de amar, de se auto-amar e de sermos amadas, de viver relacionamentos amorosos regados de companheirismo, divisão de tarefas de cuidado, amorosidade e paz, se assim o quisermos e escolharmos, pois o ato de amar não deve se uma obrigação, nem um construto da subjetividade do “eu” da mulher, muito menos uma ação de privilégio experienciada sobretudo por mulheres cisgêneros heterossexuais brancas ou lidas racialmente como tal por uma sociedade brasileira profundamente racista e colorista.

Falar de amor e relacionamentos é articular com a escolha de si e, ao mesmo tempo, concatenar com a reflexão urgente que tal temática está intimamente imbricada com marcadores sociais de raça, classe, gênero, sexualidade, corpo, idade e deficiência, sofrendo com elas ou não: é dever premente de todas as pessoas comprometidas com mudanças sociais estruturais enxergar as raízes opressoras que sustentam todas as instituições sociais, inclusive as experiências amorosas.

⁴ Luis de Camões foi um poeta do século XVI e escreveu um dos sonetos símbolos do amor romântico contemporâneo, sempre muito referenciados em músicas, novelas e filmes, chamado “Amor é fogo que arde sem se ver”. O título dessa seção é uma adaptação empoderadora de dois versos deste poema, já que originalmente eles reforçam a face sofrida do amor romântico.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar amor romântico e relacionamento amoroso face aos seus impactos no cotidiano das mulheres brasileiras possui extrema relevância social. Se por um lado tais categorias analíticas podem representar o desempoderamento de mulheres, seja criando vínculos de dependência afetiva para com seu parceiro/sua parceira/seu parceira (ARAÚJO; DURAND, 2020) ou seja afetando sua saúde física e mental (ZANELLO, 2018), por outro, essas categorias correlacionam-se com a escalada da violência contra as mulheres, que pode se manifestar em ocorrências de violências patrimonial, moral, psicológica, sexual e/ou física, chegando muitas vezes ao derradeiro feminicídio (BORGES, 2016).

Segundo o Relatório “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” (2021), produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Datafolha Instituto de Pesquisas, em parceria com a empresa Uber, 1 em cada 4 mulheres brasileiras acima de 16 anos afirmou ter sofrido algum tipo de violência ou agressão entre 2020 e 2021 durante a pandemia de Covid-19. Isso significa dizer que cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no período, ao passo que 52,6% das pessoas (homens e mulheres) afirmaram que permaneceram mais tempo em casa. Isso nos faz refletir que o aumento da violência ocorreu em ambiente doméstico.

Não à toa, o Relatório revela que mulheres separadas e divorciadas apresentaram níveis mais elevados de vitimização do que em comparação com casadas, viúvas e solteiras. Ao explicar o porquê dessa afirmação, o documento explicita:

A tentativa de rompimento com o agressor e histórias repetidas de violências são fatores de vulnerabilidade que podem aumentar as chances de mulheres serem mortas por seus parceiros íntimos, o que revela que a separação é, ao mesmo tempo, a tentativa de interrupção da violência, mas também o momento em que ela fica mais vulnerável (*ibidem*, p. 12)

Outro dado trazido pelo Relatório foi elencar que 72,8% dos autores das violências sofridas são conhecidos das mulheres, com destaque para os cônjuges/companheiros/namorados (25,4%), ex-cônjuges/ex-companheiros/ex-namorados (18,1%), indicando alta prevalência de violência doméstica e intrafamiliar vinculada a relações amorosas-afetivas-sexuais.

Os dados do Relatório são claros: o lar é o local mais inseguro para a mulher brasileira reproduzir sua vida, em que 48,8% das vítimas relataram que a violência mais grave vivenciada no último ano ocorreu dentro de casa. No que concerne ao recorte da realidade mediado por raça/cor, mulheres pretas experimentaram mais violência (28,3%) que mulheres pardas (24,6%) e brancas (23,5%).

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2022) divulgou em seu sítio eletrônico dados sobre a violência contra a mulher em nível nacional por meio do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Dentre os variados tipos de enfoque concedidos aos dados recolhidos pelo Ministério, limito-me a analisar a seção “análise por denúncia”, subseções “grupo vulnerável” e “cenário da violação”, entre os períodos 1º de janeiro de 2020 a 30 de junho de 2020 e 1º de julho de 2020 a 15 de janeiro de 2022⁵, conforme quadros a seguir:

Quadro 1. Dados sobre violência contra a mulher em nível nacional por meio do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: seção “análise da denúncia”, subseção “grupo vulnerável”		
<i>Grupo vulnerável</i>	<i>01/01/2020 a 31/06/2020</i>	<i>01/07/2020 a 15/01/2022</i>
Violência contra a mulher	110.809 violações 20.425 denúncias	Não se aplica
Outras violências contra a mulher	Não se aplica	2.084 violações 559 denúncias
Violência doméstica e familiar contra a mulher	266.933 violações 53.528 denúncias	11.307 violações 2.155 denúncias

Quadro 2. Dados sobre violência contra a mulher em nível nacional por meio do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: seção “análise da denúncia”, subseção “cenário da violação”		
<i>Grupo vulnerável</i>	<i>01/01/2020 a 31/06/2020</i>	<i>01/07/2020 a 15/01/2022</i>
Casa onde reside a vítima e o suspeito	540.611 violações 88.254 denúncias	24.891 violações 4.778 denúncias

⁵ Os dados foram observados no sítio eletrônico do referido Ministério no dia 1º de fevereiro de 2022.

Os quadros produzidos por mim a partir dos dados fornecidos pelo Painel supracitado são indícios que corroboram com o quanto o ambiente doméstico é o mais letal para as mulheres. E é nesse ambiente íntimo que grande parte das armadilhas desempoderadoras e/ou violentas produzidas pelo amor romântico em relacionamentos amorosos também acontecem.

Assim sendo, foi a partir da percepção de que este tema tem relevância social, somada à minha história de vida, relatada na seção “Apresentação: abaixo ao amor-ferida que dói e que se sente, que entre o contentamento contente”, que emergiu a necessidade de estruturar uma pesquisa científica que compreendesse o impacto dos temas “amor romântico” e “relacionamento amoroso” na realidade das mulheres.

Ao constatar que a flutuação das temáticas de amor romântico e relacionamento amoroso no cotidiano das mulheres e no imaginário social ainda é real, é fundamental que a academia aproxime-se desse tema, não só no sentido tradicional de produção de dados, mas em oferecer formação política para as mulheres: é urgente que as mulheres sejam capazes de identificar os mitos do amor romântico, refletirem sobre se e como eles se processam no cotidiano de seus relacionamentos amorosos e não só tenham ferramentas para se desemaranhar de suas teias desempoderadoras e/ou violentas, assim como compreenderem que amar e relacionar-se também não é um destino manifesto, nem uma promessa encantada de autorrealização pessoal.

É na intersecção entre produção de dados e formação política que essa pesquisa se inscreve. Com isso, convidamos mulheres da comunidade da Universidade de Brasília para construir conhecimento sobre a referida temática no sentido de realizar uma produção política de conhecimento com mulheres, que enfoquem em processos formativos que viabilizam a educação para o sensível, a reflexão sobre a vida social e forneça ferramentas no que tange ao desenvolvimento da inteligência emocional.

Por essa feita, a pergunta de pesquisa materializou-se no seguinte questionamento: quais são as perspectivas de amor romântico e relacionamento amoroso e os processos formativos construídos com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão?

Destarte, o objetivo geral da pesquisa foi compreender as perspectivas de amor romântico e relacionamento amoroso e os processos formativos construídos com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão. Já os objetivos específicos foram (a) realizar oficinas de extensão de caráter formativo com as mulheres da Universidade de Brasília, (b) identificar os processos formativos emergidos a partir da realização das oficinas de extensão e (c) identificar as

perspectivas sobre amor romântico e relacionamento amoroso produzidas com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão.

No capítulo “Amor romântico e relacionamento amoroso: uma proposta crítica de conceituação”, foram enunciadas reflexões que buscaram situar os conceitos-chave da pesquisa em sentido abrangente, como problematizá-los face a marcadores sociais da diferença.

Em seguida, na seção “Estado da arte e revisão sistemática de literatura”, exibo a estratégia de pesquisa para construção do estado da arte a partir dos temas de “amor romântico” e “relacionamento amoroso”, assim como o seu emprego nas bases de dados selecionadas: a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Além disso, apresento a revisão sistemática de literatura a partir dos artigos, das dissertações e das teses apreendidos pela estratégia de pesquisa, bem como comento sobre lacunas encontradas a partir do estado da arte e as contribuições desta pesquisa face a elas.

Conforme narro no capítulo “O percurso metodológico e as veredas desafiadoras percorridas durante a realização da pesquisa”, a metodologia da pesquisa organizou-se a partir da imbricação das perspectivas de histórias e narrativas de vida e pesquisa-formação, acionando as técnicas de pesquisa identificadas como *gameplay* e trabalho biográfico com objetos. Nessa seção, também esclareço os caminhos percorridos para construção e divulgação das oficinas de extensão, bem como encontro com e congregação das participantes da pesquisa, assim como cito as perspectivas sobre a produção dos dados da pesquisa.

Já no capítulo “As oficinas de extensão enquanto processos formativos”, reflito sobre as oportunidades educativas ensejadas pelas atividades de extensão, desde identificando os sentidos atribuídos aos processos formativos pelas participantes a compreender como as técnicas de pesquisa também fomentaram a realização de atos educativos coletivos.

No último capítulo da dissertação, chamado “Amor romântico e relacionamento amoroso sob a perspectiva das mulheres da Universidade de Brasília”, são demonstradas as perspectivas sobre amor romântico e relacionamento amoroso produzidas com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão a partir da emergência de dez subcategorias analíticas: (a) tecnologias de gênero, (b) desconstrução, (c) dissidência, (d) violência, (e) dependência afetiva, (f) religião cristã, (g) relacionamento saudável; (h) superação de dificuldades em casal, (i) dispositivo materno e (j) superação individual. Adicionalmente, são abordadas tanto aspectos relativos à produção de discursos sobre si realizados pelas participantes a partir da inter-relação entre os

conceitos de amor romântico e relacionamento amoroso e diversidades e diferenças, quanto reflexões sobre diversidades e diferenças imbricadas aos conceitos de amor romântico e relacionamento amoroso percebidas durante a produção de dados.

2. AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO: UMA PROPOSTA CRÍTICA DE CONCEITUAÇÃO

A necessidade de politização sobre os temas de amor e relacionamentos é premente, sobretudo pelas e para as mulheres. Afinal, eles são carregados de estereótipos de gêneros que as encarceram em supostos papéis sociais que emergiriam a partir de seu sexo biológico. Portanto, faz-se necessário compreender como amor romântico e relacionamento amoroso edificam-se enquanto construtos teóricos, relacionados ao vir-a-ser mulher no Ocidente, assim como analisá-los à luz de marcadores sociais da diferença, já que amar e ser amado, assim como relacionar-se amorosamente, são experiências atravessadas por punições, privilégios e passabilidades a depender de quem são os sujeitos envolvidos nessa interação.

O amor cortês, do qual deriva o amor romântico, foi uma concepção inventada pelo clero medieval, na Europa Ocidental, para dar sentido a arranjos matrimoniais. Àquela época, casamentos eram concebidos como transações jurídicas e econômicas, em que não havia espaço para percepção e/ou reprodução de afeto, em que o sexo era realizado somente para procriação. Por essa feita, há a participação do clero cristão para criar narrativas de cortejo e de desejo sexual entre um homem, uma mulher e um segundo homem, sendo este um cavaleiro (NOGUERA, 2020). Durante o século XII, a cultura oral reproduzida por trovadores da época já evocava os lados carnavais, passionais, voluptuosos, exclusivos e irrenunciáveis do amor (ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018; ARAGÃO, 2014). Com isso, a sensualidade emergida a partir desse contexto faz nascer a ideia de amor sensual provinda do ideário do cortejo, que não só migrou para mas se materializou nas relações íntimas, a partir da Revolução Francesa.

Com a ascensão do movimento artístico e literário do Romantismo, no século XVIII, a concepção do amor romântico foi organizada, pautando-se pela representação de dois corpos cisgêneros heterossexuais cujas almas são gêmeas: elas se fundem, bastam-se, são entendidas uma pela outra como capazes de satisfazer todos os desejos de forma mútua e unem-se com fins de procriação e acumulação de patrimônio, ideário ainda bastante presente na contemporaneidade (NOGUERA, 2020), uma vez que esse tipo de amor foi fomentado ao fim da Era Moderna pelos processos de industrialização e urbanização (GAMA; ZANELLO, 2019) e desenvolvido entre grupos burgueses e, após, espalhados para outros setores da população (GIDDENS, 1993).

O constructo de amor romântico também está conectado com a ideia de monogamia e a uma concepção idealista de vida, de tal sorte que seria possível atrelar este sentimento a um projeto de vida materializado por (a) um contrato jurídico monogâmico (casamento ou união estável), (b) normas socioeconômicas e morais (construir patrimônio e seguir regras judaico-cristãs) e (c) arranjo cisgênero e heterossexual, via de regra (NOGUERA, 2020; GIDDENS, 1993).

Apesar de haver outras concepções sobre amor e relacionamentos presentes em nossa sociedade, com destaque para o amor líquido⁶ e poliamor⁷, em dois exemplos, Souza, Aizia e Barbosa (2020) mostram o quão hodiernas e infiltradas estão as concepções de amor romântico e amor tradicional monogâmico quando representam a materialização de projetos de vida de adultas/adultos brasileiras/brasileiros. Neste estudo, as pesquisadoras contaram com a participação de 353 pessoas, dentre homens e mulheres, das quais 48% responderam que sonham em casar e constituir família. Ademais, 79% das/dos participantes acreditam que um relacionamento pode durar a vida inteira. As autoras do estudo compreenderam que há uma “percepção histórica/cultural do amor como um discurso de esperança” (*ibidem*, p. 233), inscrita sobremaneira no ideário de amor romântico. No que tange à percepção da monogamia, 61% das pessoas declararam que a traição é um fator crucial para terminar um relacionamento amoroso. Assim sendo, este arranjo mostra-se prevalente em nossa sociedade.

Noguera (2020) observa a inter-relação entre mitologia e literatura para ilustrar o amor romântico. Com isso, cita a narrativa de Eros, deus do amor na Roma Antiga. Esta divindade era capaz de tirar a sensatez do amante, tornando-o capaz de mover mundos e fundos em nome da pessoa amada, ou enxergar o amor a partir da ótica do tudo ou nada. O intelectual também cita a história de “Romeu e Julieta”, escrita por William Shakespeare, em que dois adolescentes cometem suicídio por não poderem viver sua história de amor-paixão fulminante. Apesar da lacuna temporal expressa nessas histórias, o filósofo demonstra que o núcleo duro dos roteiros hoje contados por novelas e filmes, especialmente comédias românticas, são escritos ainda a partir do viés do amor

⁶ Zygmunt Bauman cria o conceito de amor líquido que, em linhas gerais, delinea um tipo de sentimento desenvolvido por meio da descartabilidade das relações amorosas, marcadas pela praticidade, futilidade, aparência e necessidade pela novidade (ARAGÃO, 2014).

⁷ Segundo Noguera (2020), o poliamor nasce em um “mundo pós-moderno que entende que a diversidade da sexualidade, da identidade e do desejo é inerente ao ser humano e, portanto, não é possível depositar todas as expectativas em uma só pessoa” (*ibidem*, p. 92).

romântico, tal qual estas antigas narrativas, inclusive contribuindo ideologicamente com a violência de gênero (ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018).

A presença dos valores do amor romântico nos veículos de comunicação de massa também foi apontada por Hatakeyama, Almeida e Falcão (2017). Em sua pesquisa, participantes jovens e idosos compartilharam suas percepções sobre a palavra “amor”. Em ambos os grupos, o verbete foi articulado a idealizações de altruísmo, pureza, completude, apego e a um sentimento sem medidas e explicações que remete a se ter uma certeza na vida. A pesquisa demonstra que o aspecto geracional não foi relevante, depreendendo-se que o amor romântico permanece como um forte constructo em nossa sociedade, algo que pode ser entendido a partir da reflexão de Actis, Cremona e Gariglio (2018) sobre a ontologia dos mitos.

Mitos podem ser entendidos como uma cristalização social de sentidos compartilhados entre um povo, de modo a tornar inteligível a realidade. Assim sendo, ocorre a “solidificação de rituais, percepções, valores” (*ibidem*, p. 241) que contribuem também para a normatização das concepções de gênero e sexualidade. Denota-se que o amor romântico é sustentado por alguns mitos, que alcançam o plano das emoções e conformam paradigmas emocionais. Alguns serão apresentados a seguir em linhas gerais: (a) mito da “metade da laranja”, que remete a uma predestinação entre pessoas; (b) mito do ciúmes como sinônimo de amor; (c) mito da onipotência, representado pela afirmação “o amor pode tudo”; (d) mito do matrimônio e da convivência, no qual o casal conduz sua união através do amor romântico mediante este arranjo relacional; (e) mito da abnegação ou excesso de empatia, em que este é direcionado especialmente às mulheres, em que suas atitudes seriam marcadas por ações de cuidado; (f) atribuição de beleza e de qualidades extraordinárias a pessoas comuns; (g) amor à primeira vista, em que pessoas apaixonam-se subitamente ao gosto de uma Providência Divina; (g) compreensão do amor como cego, em que defeitos são ignorados ou rejeitados quando apontados por outrem (FERNÁNDEZ; GÓMEZ, 2016; ALMEIDA; DEL VECCHIO; LOURENÇO, 2015).

De acordo com Giddens (1993), a perspectiva de amor romântico:

suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser o amado é idealizado [...] mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece - até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a autoidentidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro (*ibidem*, p. 56).

Ao ser o amor romântico visto como um projeto de uma vida inteira, a ruptura é compreendida como impensável e evitada a todo custo. No entanto, uma vez concretizado, o rompimento afetivo é marcado por uma dor profunda, muitas vezes compreendida como insuperável. A intensidade do sofrimento pode ser tão grande que já foram diagnosticados ao menos 14 casos em todo mundo da cardiopatia de Takotsubo, ou a síndrome do coração partido. Ela se manifesta como um falso ataque cardíaco após término de relacionamentos amorosos e é predominante em mulheres mais velhas, entre 44 e 67 anos. Essa não parece ser uma coincidência, já que a subjetividade das mulheres é muito mais afetada por esse tipo de sentimento de perda advindo de um término (PALZA, 2014). Zanello (2018) discorre acerca do sentimento de dor e de fracasso femininos diante do fim de um relacionamento amoroso conduzido pelo amor romântico: a sociedade compreende como um trabalho feminino ser o sustentáculo das relações afetivas-amorosas, em que, uma vez finalizada, denota-se a derrota da mulheridade.

Dessa forma, o amor romântico, tal qual vem sendo construído no Ocidente moderno, pauta-se por características idealizadas e expectativas exageradas sobre o outro (SMEHA; OLIVEIRA, 2013), não só nublando diferenças de poder entre homens e mulheres, em casos de relacionamentos amorosos heterossexuais, mas também naturalizando os sentimentos de posse, passividade, subordinação e dependência relativos às mulheres (DÍAZ *et al.*, 2019). Para Giddens (1993), o amor romântico atinge duplamente este grupo, situando-as “em seu lugar” - o lar - e estabelecendo um “compromisso ativo e radical com o ‘machismo’ na sociedade moderna” (*ibidem*, p. 10). Dessa forma, o amor romântico instrumentaliza um campo fértil para o aparecimento de violências contra as mulheres, muitas vezes endossadas e propagadas por veículos de mídia, com a representação irresponsável de relacionamentos amorosos marcados pela noção de desequilíbrio de poder e atos de violência (ROSSI, 2020; FERNÁNDEZ; GÓMEZ, 2016).

O amor romântico também representa um “locus simbólico de desempoderamento das mulheres” (GAMA; ZANELLO, 2019), posto sua íntima conexão com o dispositivo amoroso e com a metáfora da prateleira do amor (ZANELLO, 2018). Tal dispositivo representa uma forma de alienação e representa um fator desempoderador das mulheres, especialmente quando pensamos no inter cruzamento entre marcadores sociais de raça, classe, gênero, sexualidade, corpo, idade e deficiência. Zanello (2018) revela que a sociedade não só configura emocionalidades específicas

para homens e para mulheres mediante tecnologias de gênero⁸, como também apresenta um caminho de subjetivação para as últimas, orientado pelo dispositivo amoroso.

Isso significa dizer que as mulheres subjetivam-se em uma relação consigo mesmas mediadas pelo olhar de um homem que as escolha e, nesse ponto, podemos observar o fator de desempoderamento feminino, pois nos foi ensinado que, enquanto mulheres, ser chancelada pela escolha de um homem é visto como fator de vitória individual em história de vista e como conquista aplaudida em sociedade.

No que concerne à metáfora da prateleira do amor, Zanello (2018) ilustra que ela é um mecanismo profundamente perverso, visto que é capaz de corporificar imagetivamente a objetificação feminina. Para tanto, é necessário entender as características dessa prateleira: (a) ela é mediada por um ideal estético, que se construiu desde o começo do século XX e ainda está presente em dias atuais, remetendo a quatro categorias: loiro, branco, magro e jovem. Com a consolidação do capitalismo, ser bonita deixou de entendido como uma questão de sorte como algo a ser conquistado mediante esforço ou mérito, tornando-se mais uma obrigação feminina; (b) quanto mais distante a mulher está desse ideal estético, pior é o seu lugar na prateleira. Com isso, compreendemos que mulheres negras e mulheres indígenas e mulheres velhas e mulheres gordas e mulheres deficientes estão em uma posição de não escolha/chancela masculina, sujeitas à objetificação sexual; (c) ela explica a conhecida “rivalidade feminina”, visto que mulheres disputariam pela escolha/chancela masculina, fazendo com que uma subjetive-se com relação a outra por meio da competição. Esta rivalidade não só é explorada como incentivada por meio de tecnologias de gênero, especialmente filmes, novelas e músicas.

Zanello (2018) explica que os únicos a lucrar com a prateleira do amor são os homens, dado que são eleitos avaliadores físicos e morais das mulheres. Dessa forma, mesmo homens que não estão dentro ou próximos do próprio ideal estético da prateleira do amor (loiro, branco, magro e jovem) sentem-se confortáveis em comentar e a julgar a aparência de qualquer mulher, mesmo daquelas que são socialmente entendidas como próximas de tal padrão de beleza; além disso,

⁸ Zanello (2018) mobiliza o conceito “tecnologias de gênero”. Cunhado pela pesquisadora feminista Teresa de Lauretis, situa os meios de comunicação de massa (filmes, novelas, músicas, programas de televisão, revistas, jornais, redes sociais) ou até mesmo interações entre as pessoas como ferramentas de demarcação ou encapsulamento das formas de ser homem e de ser mulher. Com isso, elas programam ou configuram performances e emoções estereotipadas para grupos masculinos e femininos. Com isso, Zanello (2018) coloca que tecnologias de gênero se transformam em pedagogia afetiva, pois demarcam intencionalmente os códigos do vir-a-ser homem e vir-a-ser mulher. Este conceito será retomado em maior detalhe na seção 6.2.1 dessa dissertação.

mesmo homens tendo condutas moralmente reprováveis, eles não são questionados em sua índole ou caráter por exercê-las, porém também são empoderados a avaliar a julgar moralmente mulheres por comportamentos que também exercem.

Nesse sentido, Zanello (2018) cunhou o termo “homem perebado” para descrever o tipo supracitado. Para a autora, o homem perebado é aquele que, se estivesse na prateleira, estaria em uma péssima posição, mas mesmo assim reivindica um privilégio social advindo de gênero e/ou de classe e/ou de raça para avaliar física e moralmente as mulheres.

Sobre a subjetivação da mulher mediada pela prateleira do amor, Zanello (2018) compreende que este movimento se conecta com a vulnerabilidade ou com o gatilho de ser escolhida ou de ser chancelada. Não à toa, a pesquisadora aponta a facilidade em se transformar um perebado em um príncipe encantado mediante um gesto simples de afeto, reconhecimento ou valorização deste homem para com uma mulher, ou seja, pelo simples ato de manifestar uma escolha, fazendo-a se sentir única ou especial. Com isso, percebe-se que a construção de sua autoestima e de seu fortalecimento como indivíduo também é mediado por esse movimento de escolha/chancela. Por fim, Zanello (2018) chega a uma impactante conclusão: **tal subjetivação aponta para que se compreenda que o amor é identitário para as mulheres assim como não é para os homens.**

Esta subjetivação, valorizada e programada por tecnologias de gênero, faz com que a dimensão amorosa na história de vida das mulheres, via de regra, seja hiperinflacionada. Isso significa dizer que o lucro masculino com tal dispositivo reporta a tornar-se o avaliador moral e físico, ter grande margem de escolha entre mulheres, dado à rivalidade, e ser nutrido por um enorme investimento emocional (e totalmente invisibilizado) por parte das mulheres em relações amorosas.

Para Zanello (2018), resta incontestemente que este afeto é fator de proteção da saúde mental masculina, constituindo-se como verdadeira “almofada psíquica” para sua saúde emocional. Com isso, a teórica lança mais uma impactante conclusão, citada na abertura deste trabalho: “na nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar os homens” (*ibidem*, n.p). Individualmente, esse excerto expõe que o amor romântico é condição de subjetivação para as mulheres, e não para os homens, constituindo sua identidade. Já socialmente, ele nos ensina que a assimetria é um condicionante basilar em relacionamentos heterossexuais em sociedades sexistas.

Assim sendo, culturas sexistas (re)produtoras de amor romântico prejudicam a interpretação de mulheres sobre a percepção de violência (COSTA *et al.*, 2016), nas quais não só o amor romântico é articulado a uma conformação identitária das mulheres em sociedade ocidentais, como também vinculam-no à permanência de mulheres em relacionamentos abusivos marcados pela violência (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014), em especial por causa das ideias de separação vinculada ao fracasso, em que mulheres são condicionadas a pensar não só que são capazes de modificar o comportamento abusivo dos parceiros mas também justificar atos violentos e de controle como indício de amor (DÍAZ *et al.*, 2019).

Destarte, mitos de amor romântico dificultam o estabelecimento de relações íntimas saudáveis, uma vez que “incita a aceitação, normalização, justificativa ou tolerância de comportamentos claramente abusivos e ofensivos” (FERNÁNDEZ; GÓMEZ, tradução livre, 2016, p. 332; ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018), já que as concepções de sacrifício, renúncia e servidão, bem como qualquer gesto legitimado em nome do amor, são seus sustentáculos (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014; DÍAZ *et al.*, 2019).

É relevante mencionar que esse tipo de amor se edifica por uma concepção feminilizada (ROSSI, 2020), isto é, direcionada por de estereótipos de gênero e de sexualidade e submetida a um ordenamento hierárquico patriarcal (ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018). Já no caso masculino, o amor romântico beneficiou os homens na cisão ao obterem “o conforto do ambiente doméstico”, com plena aceitação da “feminização do amor ‘respeitável’” e a “sexualidade da amante ou da prostituta” (GIDDENS, 1993). Assim sendo, desfrutavam dos privilégios libertinos do sexismo estrutural ao mesmo tempo que tais condutas não só não afetavam sua imagem social como reforçavam sua virilidade.

Com isso, é possível afirmar que os mitos de amor romântico afetam sobremaneira as mulheres, pois desde meninas a construção de um projeto de vida e de futuro é mediado por esses ideais (DÍAZ *et al.*, 2019). Ademais, os imaginários de promessa de eterna felicidade e do príncipe encantado salvador e construtor de subjetividade feminina tornam quase impossível a experiência da aprendizagem do ato de amar sem ser mediada pelo amor romântico em culturas ocidentais (ROSSI, 2020).

A relação entre violência, sexismo e mitos de amor romântico foi explorada por Sánchez-Hernández, Herrera-Enríquez e Expósito (2020) para compreender como a inter-relação entre esses conceitos embasam a realização de comportamentos de controle e de vigilância entre casais e em

contexto digital. Segundo as autoras, o sexismo e o amor romântico fazem mulheres heterossexuais perceberem essa violência simbólica como cuidado, proteção e romance, já que geralmente ela é perpetrada por seus parceiros masculinos através de demonstração de sentimentos de possessividade.

Enquanto que a acepção de amor romântico está basicamente ligada a três construtos (conformação de estereótipos de gênero, violência e desempoderamento) para as mulheres, o conceito de relacionamento amoroso mostra-se muito mais abrangente, visto que, ao mesmo tempo, pode agregar situações violentas, desempoderadoras e estereotipadas para as mulheres, como também abrigar possibilidades de realização, satisfação, felicidade e liberdade não só para elas, mas para todas as pessoas que se engajam nesse tipo de arranjo.

Lima e Almeida (2016) conceituam relacionamento amoroso como “a existência de uma relação entre duas pessoas de vínculos familiares diferentes que se amam, podendo se tornar namorados, cônjuges, companheiros, amantes ou ficantes” (*ibidem*, p. 55). Já Giddens (1993) entende relacionamento amorosos como “um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa” (*ibidem*, p. 68). Essas acepções revelam uma face mais tradicional sobre o constructo, ao passo que veremos ao longo desse capítulo que relacionamento amoroso também pode ser representativo de outras configurações relacionais no campo afetivo-sexual-amoroso, com destaque para a não-monogamia e o poliamor.

Apesar de apresentar limitações geopolíticas, de raça, de sexualidade e de classe, Almeida, Del Vecchio e Lourenço (2015) apresentaram um percurso histórico sobre as transformações ocorridas nos relacionamentos amorosos nos últimos 120 anos no Brasil⁹. Durante as décadas de 1900 a 1920, a intimidade era sacralizada em matrimônio, por arranjos familiares, em que poderia se haver (ou não) interesses políticos e econômicos envolvidos. Os casais encontravam-se na sala sob tutela dos pais e a missa católica passou a ser um lugar de flerte entre adolescentes, já havendo troca de olhares e piscadelas. A partir da década de 1920, os bailes tornam-se lugares para socialização entre jovens, em que moças já têm alguma liberdade para frequentarem as danças, porém ainda enfrentando restrições sexistas por parte dos pais. Na década de 1930, configuram-se os ideais de amor romântico mediante popularização de filmes hollywoodianos e revistas

⁹ Apesar de as autoras e os autores não situarem as informações apresentadas neste capítulo de livro, é perceptível que a recuperação histórica mencionada se refere a experiência de pessoas heterossexuais e cisgêneros provindas de uma classe média alta e/ou elite branca de centros urbanos. Ademais, muitos dados históricos sobre relacionamentos amorosos refletem a realidade social e política dos Estados Unidos.

femininas. Relacionamentos amorosos com fins de autorrealização já são concretizados, especialmente entre os mais ricos, e meios de transporte, como a bicicleta e o carro, facilitam encontros amorosos a sós, trazendo dilemas sobre a moralidade sexual, sobretudo para as mulheres. A partir da década de 1940, presenciavam-se algumas conquistas femininas, como o direito de namorar no portão de casa, com baixa vigilância da família. Novelas na rádio tornam-se cada vez mais populares e, com elas, os valores de amor romântico são ainda mais espalhados.

A década de 1950 solidifica o destino manifesto de mãe, dona de casa e esposa, sobretudo para mulheres brancas. A beleza transforma-se em rotina e em dever para as mulheres; regras básicas para o funcionamento do relacionamento amoroso são criadas, entre as quais: homens buscam mulheres em casa, apresentando-se para a família primeiro antes da saída; homens pagam a conta de restaurantes; moças não devem beber ou beber muito pouco em encontros. A década de 1960 tem valores conservadores abalados, surgindo estudos sobre a sexualidade humana, em destaque sobre o orgasmo feminino, erotismo, além da criação e popularização do anticoncepcional. Há também o questionamento do “para sempre” em relacionamentos amorosos e no casamento. Na década de 1970, a liberdade sexual e relacionamentos casuais são mais comuns, porém à custa de uma maior disseminação de infecções sexualmente transmissíveis. Ainda, os movimentos feministas questionam as limitações de gênero direcionadas às mulheres pela sociedade machista.

O estabelecimento de relacionamentos amorosos fortuitos solidifica-se a partir da década de 1980, assim como os casamentos passam a acontecer de forma mais tardia, com a concepção de um número menor de filhos. Paulatinamente, o namoro e o sexo tornam-se mais comuns nos namoros, em que as pessoas passam a se conhecer comumente em *shoppings*, baladas, bares e boates. Nos anos 1990, o advento da *internet* possibilitou a construção de relacionamentos amorosos apesar de distâncias geográficas, o que se tornou hodierno a partir dos anos 2000, com o uso de aplicativos de celular de paquera e de redes sociais para localizar possíveis parcerias amorosas nos dias mais atuais.

Quando se destaca a trajetória feminina heterossexual cisgênero de classe média branca face a concepção de relacionamentos amorosos, destaca-se que os fatores de liberdade feminina, independência financeira e questionamentos sobre o exercício exclusivo de papéis de mãe, dona de casa e de única responsável pela manutenção e perpetuação do relacionamento amoroso foram importantes para começar ou encerrar uma relação afetiva nesse último século. Ademais, a função

do casamento e de relacionamento amoroso estável modificou-se durante as gerações: se mulheres da década de 1960 concebiam o casamento como único projeto de vida, toleravam infidelidade conjugal e eram mais dependentes financeiramente de seus maridos, mulheres que contraíram matrimônio a partir de década de 1990 já valorizaram o amor, o respeito e a cumplicidade ao mesmo tempo que também encabeçavam outros projetos individuais de autorrealização, tais como trabalho e/ou estudo (MORAES *et al.*, 2020).

Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade podem ou não ser inundados por concepções de amor romântico, em que flutuam desde concepções mais tradicionais, marcadas pela fidelidade e longevidade, a visões de relacionamentos íntimos atuais como frágeis e instáveis, o que vem sendo identificado pela produção teórica desenvolvida sobre relacionamentos amorosos, através de pesquisa empírica, a ser apresentada a seguir. Destarte, as pessoas, sobretudo as jovens, ainda consideram o amor romântico e a monogamia como uma forte variável orientadora na construção de suas relações afetivas. No entanto, outras concepções de relacionamentos amorosos já aparecem no mundo contemporâneo.

Por essa feita, percebe-se a elucidação de uma percepção dualista e extremada entre jovens heterossexuais cisgêneros: há aquelas/aqueles que veem os relacionamentos amorosos “como sempre foi” e “normal”, evocando as formas de se relacionar no hoje parecidas com aquelas desenvolvidas por seus pais e avós, marcadas pela monogamia e pela fidelidade, e há outras/outras que já os contextualizaram com os termos “bagunça, caos, putaria”, com o destaque para busca de prazer imediato, instabilidade e insegurança em relações amorosas (CHAVES, 2010).

Dessa forma, apesar de haver uma “transição entre velhos e novos modelos”, permanece a idealização na construção de um relacionamento amoroso duradouro e estável, no formato de um casamento, com direito a vestido branco, príncipe encantado e achamento de uma “pessoa perfeita para amar”, mesmo que seja em uma idade mais avançada. Entretanto, presenciam-se também fatores que obstaculizam a longevidade de tais relações entre jovens, tais como falta de respeito, traição, desconfiança, invasão de privacidade, excesso de responsabilidade e medo de compromisso para afastar possível sofrimento. Portanto, os relacionamentos amorosos contemporâneos já são muito mais facilmente dissolvidos caso não tragam satisfação mútua para suas partes, concepção que enfrenta um dos pilares do amor romântico: a fusão de dois em um só a todo custo (SMEHA; OLIVEIRA, 2013), algo nomeado por Giddens (1993) como “relacionamento puro”.

Para o teórico, este tipo de ligação justifica-se em estar na relação íntima somente enquanto “ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” (*ibidem*, p. 69). Sendo assim, outro tipo de amor ganha espaço à medida que se consolida um relacionamento puro, o chamado amor confluyente:

o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia de amor romântico. A “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial”. (*ibidem*, p. 72)

O relacionamento puro e o amor confluyente são categorias que possibilitam a emergência de relacionamentos afetivos mais democráticos, com maior igualdade de gênero e desvinculados da heterossexualidade como pilar constitutivo, presumindo “igualdade na doação e no recebimento emocional”, centralização do “prazer sexual recíproco em um elemento-chave” e “associação com a autoidentidade e autonomia pessoal” (*ibidem*, p. 73-74) para boa condução do relacionamento amoroso. Dessa forma, tais experiências tornam-se potencialmente mais seguras e felizes para as mulheres.

Segundo Giddens (1993), o amor confluyente e o relacionamento puro são constructos essenciais para o estabelecimento e desenvolvimento do que ele chamou de “intimidade como democracia”: da mesma forma que erigiram-se instituições democráticas na esfera pública, é patente a promoção de benefícios, sobretudo para as mulheres, alcançados através da politização emocional da esfera privada, em que se “sugere uma estrutura ética para a promoção de emoção não-destrutiva na conduta do indivíduo e da vida comunitária” (*ibidem*, p. 220).

Ao coadunar com as características do relacionamento puro, os relacionamentos amorosos já começam a ser concebidos a partir de modelos alternativos de organização, com a popularização da não-coabitação e contratos de liberdade para as partes envolvidas. Com isso, há a busca pela preservação da privacidade e pelo atingimento de necessidades individuais (SMEHA; OLIVEIRA, 2013; SOUZA; AIZIA; BARBOSA, 2020). Além disso, percebe-se também uma customização de normas sociais para melhor benefício das partes envolvidas, autossatisfação e autorrealização, maior valorização do presente face ao futuro da relação afetiva, agora mais orientada pelo pragmatismo do que pelo romantismo (CHAVES, 2010).

Todas as características mencionadas também se fazem presente em outros arranjos amorosos, tais como o relacionamento aberto, não-monogâmico e o poliamor. Há que se mencionar que eles implodem as bases do amor romântico ao afirmar que é possível estabelecer conexões afetivas-sexuais com uma ou mais pessoas em arranjos únicos e customizados conformados por vários indivíduos em rede. Em destaque, o poliamor desarticula estruturas patriarcais e sexuais, portanto possivelmente violentas e desempoderadoras para mulheres, edificar relacionamentos amorosos mais igualitários em termos de gênero e de sexualidade e aponta para a construção de relações pautadas pelo diálogo, com a desativação de sentimentos como ciúmes e posse e de atitudes como a fidelidade e a exclusividade (HATAKEYAMA; ALMEIDA; FALCÃO, 2017; ARAGÃO, 2014).

Ainda sobre o poliamor, Noguera (2020) explicita que ele se conecta a uma maior diversidade sexual e de gênero, ataca a divisão sexual e emocional do trabalho e desconstrói a percepção de crenças sociais que “nos impelem a acreditar que o desejo monogâmico é próprio e natural do ser humano” (*ibidem*, p. 91). O teórico também o diferencia do relacionamento aberto, este último mais conectado a realizar pulsões sexuais espaçadas ao mesmo tempo que se prioriza um relacionamento, geralmente compostos somente por duas pessoas. No caso do poliamor, “é o fluxo da vida que determina o ritmo das coisas”, em que não existe uma relação prioritária e sim “múltiplos campos onde o amor pode florescer” (*ibidem*, p. 92).

Em um estudo como jovens universitárias/universitários e idosas/idosos sobre suas crenças acerca de relacionamentos amorosos, Hatakeyama, Almeida e Falcão (2017) apreenderam que as/os jovens indicaram as relações monogâmicas como as mais favoráveis a serem estabelecidas. No quesito “desenvolvimento de relacionamentos poliamorosos”, tanto jovens quanto idosos foram preconceituosas/preconceituosos a respeito desse arranjo. Portanto, no caso brasileiro, o peso de relacionamentos amorosos tradicionais de origem cristão e cristalizados em amor romântico aparenta ser transgeracional.

É notável a concorrência do progressismo com o conservadorismo quando tanto a pesquisa empírica empreendida por Smeha e Oliveira (2013) quanto a realizada por Chaves (2010) denotaram a misoginia masculina a comportamentos femininos que se pautam pelo prazer e pela liberdade em relacionamentos afetivos: se por um lado tais atitudes foram enaltecidas para relacionamentos pontuais, pois uma atitude feminina afetiva-sexual mais proativa diminuiria o esforço de conquista, por parte de homens, sendo mais fácil objetificar uma parceira em potencial,

por outro, as opiniões sexistas dos participantes exaltaram valores tradicionais e patriarcais, que os deixaram assustados ou coagidos a assumirem relações afetivas estáveis com mulheres livres e empoderadas emocional e sexualmente.

É no seio da misoginia que o relacionamento amoroso pode ganhar tintas perversas, violentas e letais, constituindo-se com aquilo que chamamos de relacionamentos abusivos. Conforme dados estatísticos apresentados na Introdução, a materialização da violência contra a mulher encontra terreno fértil dentro de relacionamentos amorosos. Porém, aqui não há nada de afeto e ternura quando pensamos sobre as marcas profundas deixadas por violências física, emocionais, sexuais, morais e/ou patrimoniais, as quais se relacionam a um processo de escalonamento de violência que encontra no feminicídio um derradeiro fim.

Dias *et al.* (2012) investigaram como mulheres vítimas de violência de gênero falam sobre amor, intimidade, assim como interpretam a violência sofrida e perpetrada em relações íntimas. O estudo foi realizado em Portugal com 12 mulheres de diversas escolaridades, classes sociais, estados civis e idades. Ainda, metade das participantes estava em relações violentas quando da pesquisa. O artigo conclui que há uma normalização da violência em relacionamentos amorosos, sendo essa não só romantizada e/ou vista como algo atrelado à paixão e ao companheirismo, mas também vinculada a discursos socioculturais que relacionam a felicidade feminina à conjugalidade e reforçam representações idealizadas de amor. Também foi identificado pela pesquisa que é atribuída às mulheres a responsabilidade de sustentar a relação, bem como a elas é imputada a culpa por seu fracasso, fazendo com que mulheres permaneçam em situações de violência. Ainda, as pesquisadoras e o pesquisador identificaram que a violência sofrida pelas mulheres por seus (ex-) companheiros acionou aspectos de supremacia, autoridade, controle e dominância por parte dos homens.

As mulheres heterossexuais, a partir da lente do dispositivo amoroso, normalmente abraçam relações não com os homens, mas com a própria relação, ou o que Zanello (2018) chama de “casar-se com o casamento”. Compreende-se, assim, que mulheres se envolvem em relações tóxicas e abusivas, porque se aliam a homens que nada mais são do que fantasias e projeções, reforçadas por tecnologias de gênero, mas não com um homem real. Com isso, o sofisticado dispositivo amoroso concede mais uma obrigação à mulher: se é dela a responsabilidade social de edificar o lar e “fazer dar certo”, cabe a ela “consertar” o companheiro. Com isso, revelam-se os fatores emocionais que prendem mulheres em relacionamentos extremamente violentos e adoecedores de sua condição

mental. Como já foi dito, relacionamentos heterossexuais centrados no dispositivo amoroso adoecem severamente a saúde mental de mulheres, que se processa por meio de seu silenciamento. Mulheres são ensinadas em sociedade a se calar, a relevar, a guardar sentimentos e emoções, a resolver abusos e violências dentro de si, em nome do apaziguamento de relações, em nome do cuidado dos outros. Porém, isso ocorre mediante uma verdadeira implosão psíquica.

Até aqui, conhecemos uma proposta de conceituação sobre amor romântico e relacionamento amoroso, informada sobretudo pelas lentes de gênero. Todavia, mobilizar somente uma lente não expressa a complexidade dos problemas envolvidos nas bases de tais constructos teóricos. Nesse sentido, realizo o honesto exercício de pensar amor romântico e relacionamento amoroso imbricando-os a marcadores sociais da diferença.

Para auxiliar-me nesse intento, refiro aqui trabalhos das excepcionais Sueli Carneiro, Maria Lugones, Lélia Gonzalez, Patricia Hill Collins, Jaqueline Conceição e bell hooks, que refletiram sobre como raça, classe, gênero e/ou sexualidade atravessam as trajetórias de mulheres negras/brancas. Apesar de não complexificarem suas análises ao trazer corpo, idade e deficiência, estruturam um caminho esclarecedor sobre a temática.

Sueli Carneiro (2011), ao compreender a experiência latino-americana enquanto conformada por sociedades “multirraciais, pluriculturais e racista” (*ibidem*, n.p), entende que qualquer análise deve considerar o racismo como o eixo central que impacta as questões de gênero. Dessa forma, é possível compreender diferenças e desigualdades intragêneros (entre mulheres brancas e não-brancas, especificamente as mulheres negras) (CARNEIRO, 2003, p. 118), em que as especificidades de mulheres indígenas e negras não podem ser tratadas somente pelas lentes de gênero, sendo necessário entendê-las face à opressão advinda da categoria raça/etnia.

Já Patricia Hill Collins (2015) discute o quão comum são grupos elencarem determinada categoria como a mais representativa de sua vivência coercitiva, situando outras categorias como “tipos menos importantes” (*ibidem*, p. 14). No entanto, ressalta que compreender a realidade dessa forma a empobrece, visto que todas as pessoas carregam em si, seja de forma individual ou de forma coletiva, uma “variedade de punições e privilégios” (*ibidem*, p. 14), ou seja, é necessário lidar com a dinâmica vítima / opressor em cada um e coletivamente, a fim de caminhar rumo a um mundo transformado em forma de pensar e em agir.

Para tanto, a autora sugere uma nova visão face ao que se entende por opressão, com a constituição de “novas categorias de análise que incluam raça, classe e gênero como estruturas de

opressão distintas, mas imbricadas” (*ibidem*, p. 14). Dessa forma, não se visa a realizar um jogo do mais oprimido ou produzir uma hierarquização de opressões, pois a vivência dos indivíduos ou a experiência grupal determina a manifestação de situações de opressão como um todo, sendo impossível separar qual categoria expressa-se mais fortemente.

Assim, a intelectual sugere o afastamento do discurso de “análises somatórias ou aditivas de opressão” (*ibidem*, p. 16). Isto significa refletir sobre a realidade deslocando-se dos pensamentos “ou/ou” (*ibidem*, p. 16): em vez de pensarmos pelo excludente par de oposição, é urgente tornar o discurso múltiplo, de modo a agregar diversas experiências e papéis sociais ao mesmo tempo. Isso se torna possível a partir da lógica de “ambos/e”, com Collins dando um exemplo de sua vida pessoal: “eu sou ambas: professora universitária e mãe - eu não deixo de ser uma quando deixo meu filho/a na escola, ou tampouco esqueço tudo que aprendi quando limpo uma privada” (*ibidem*, p. 17).

Para que isso ocorra, é premente a não-hierarquização de opressões, uma vez superado o pensamento “ou/ou”: via de regra, quando pensamos de modo “ou/ou”, uma categoria de opressão torna-se dominante e a outra, subordinada. Porém, isso se torna uma falácia, já que é impossível separar a vivência de um mesmo indivíduo em uma pessoa negra, em uma mulher, em uma pessoa pobre, em uma pessoa gorda ou em uma pessoa com deficiência, por exemplo, ou seja, em “pequenas caixas” que “hierarquize(m) [...] diversos *status*” (*ibidem*, p. 18), visto que se vive essas experiências em sociedade de modo complexo.

Ainda com Collins (2015), ela explica o fenômeno da opressão social através de três dimensões (institucional, simbólica e individual) por meio da relação imbricada entre raça, classe e gênero¹⁰.

A *dimensão institucional da opressão* trata da localização do racismo, do sexismo e do elitismo dentro das instituições sociais, concedendo a determinado grupo punições ou privilégios. Para ilustrar esta dinâmica, Collins (2015) utiliza a metáfora da *plantation* para explicar o escalonamento de grupos na sociedade estadunidense: tal qual no modelo escravista, homens brancos heterossexuais proprietários controlam oportunidades e privilégios, tendo ao seu lado, mediante contração de matrimônio, mulheres brancas heterossexuais, que, por sua vez, têm seus

¹⁰ Collins (2015) utiliza (e complexifica) o pensamento de Sandra Harding (1986), que reflete sobre as mesmas três dimensões mencionadas, no entanto, o faz somente para a categoria de gênero.

filhos e os educam, de modo semelhante à época do regime escravocrata. Em outra ponta, mulheres e homens negros continuam ocupando, via de regra, espaços de servidão e de subempregos.

Sobre esta dimensão, o pensamento de Lugones (2008) auxilia a entender como o desenvolvimento dos feminismos, ao longo do século XX, focado na libertação da mulher, não exploraram a questão racial, focando somente nas questões de gênero, classe e sexualidade. Ao passo que o patriarcado colonial usou e controlou mulheres brancas para procriar a raça branca e as alijou do processo de tomada de decisão e da produção do conhecimento, essas mesmas mulheres brancas, quando participantes em organizações feministas, não conseguiram romper com outros ciclos de opressão para com mulheres não-brancas. Dessa forma, a concepção, as formas de organização e a produção intelectual sobre o que fosse “mulher” para estes movimentos nesta época pautaram-se a partir da experiência de mulheres brancas burguesas heterossexuais, lidas como “frágeis, débeis tanto corporal como mentalmente, recolhidas ao espaço privado e sexualmente passivas” (*ibidem*, p. 94), em contraposição à figura que se fazia das mulheres não-brancas, “consideradas suficientemente fortes como para participar de qualquer tipo de trabalho” (*ibidem*, p. 96).

Crítica semelhante é trazida por Carneiro (2011) quando diz que as mulheres negras nunca se reconheceram em uma posição de “proteção paternalista” (*ibidem*, n.p), uma vez que nunca foram vistas a partir de uma concepção de fragilidade. Assim, a autora compreende a reivindicação histórica dos movimentos feministas brancos para ter direito de trabalhar fora do lar como algo sem sentido, já que mulheres negras sempre ocuparam este espaço, inclusive em profissões subalternizadas.

Com isso, Lugones (2008) nos conta que as feministas brancas pressupuseram que o vínculo com as mulheres não-brancas estava posto em termo de sororidade, pois só pensaram mediante a categoria “gênero”. Dessa forma, por serem estruturalmente racistas e acionarem “outras potentes marcas de sujeição ou dominação” (*ibidem*, p. 95), mulheres brancas colocam o entendimento do que seja “mulher”, enquanto ser humano, em si mesmas.

No que concerne à *dimensão simbólica da opressão*, fala-se de estereótipos ou do uso “controlado de imagens” (COLLINS, 2015, p. 24) sobre determinados grupos. Em dois exemplos, Collins (2015) cita o estabelecimento de características a determinados coletivos: mulheres negras são “raivosas”; mulheres brancas são “frágeis”.

Em relação às dimensões institucional e simbólica da opressão, Gonzalez (1984) compreende a ascendência dos mitos da democracia racial e da meritocracia no Brasil no atravessamento da vivência das mulheres negras e como esse discurso violento as posicionam socialmente. Para a teórica, esse fenômeno só pode ser entendido através do “duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (*ibidem*, p. 224), isto é, denotando o pensamento “ambos/e” de Collins (2015).

Da mesma forma que Collins (2015), quando falou da imagem controlada para mulheres negras em termos da representação da “mammy, a matriarca, a mulata e a prostituta” (*ibidem*, p. 26-27), Gonzalez (1984), na experiência brasileira, trata da construção das “noções de mulata, doméstica e mãe preta” (*ibidem*, p. 224). A autora elenca o carnaval como momento perfeito para compreender a noção da mulata, visto que tal rito é a encenação perfeita do mito da democracia racial.

Com isso, a dimensão simbólica da opressão, neste curto período do ano, reforça o estereótipo da mulher negra como “rainha [...] Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la” (*ibidem*, p. 228). Esta percepção social em nenhum momento perpassa por noções de respeito ou reconhecimento da humanidade da mulher negra, somente pelo olhar da objetificação sexual, no melhor estilo da expressão racista “mulata tipo exportação”: “e ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro. Isto, sem contar o cinema e a televisão” (*ibidem*, p. 228).

Passado o carnaval, o mito da democracia racial trai as mulheres negras e, segundo Gonzalez (1984), de uma posição de endeusamento, situam-na em um dos lugares menos prestigiados, pelo menos aos olhos da sociedade brasileira: o de empregada doméstica, constatando que os termos “mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito” (*ibidem*, p. 228), aquela responsável pelo serviço doméstico e sexual, na casa e/ou na rua.

Em uma dimensão ainda mais profunda, Gonzalez (1984) afirma que a existência da empregada doméstica remonta à existência da mucama, entendendo que a branquitude não lidou com sua responsabilização face a um passado-presente escravista, por isso relega a empregada doméstica (negra e, na maioria dos casos, retinta) ao espaço do escondido ou do absolutamente privado.

O último estereótipo tratado por Gonzalez (1984) é o da “mãe preta”, situada nessa posição pela branquitude como uma figura boa e cheia de amor, a ser partilhado com crianças brancas em um movimento de descentralização da maternidade da sinhá branca para a mãe preta. A figura da mãe preta é essencial para compreender a configuração do racismo como prática cultural na sociedade brasileira. Como aponta Jaqueline Conceição (2020), Gonzalez articula em sua obra fenômenos estudados pela área da Psicanálise, dentre eles a neurose. Reportando-se ao trabalho do psicanalista francês, Jacques Lacan, Gonzalez, via explicação de Conceição (2020), conecta neurose ao Complexo de Édipo, que relata o sentimento de desejo pelo pai ou pela mãe.

Por essa feita, já que a mãe preta foi aquela que maternou crianças brancas, sobretudo meninos, ao longo do processo histórico brasileiro, a configuração do desejo não se deu à figura da mãe biológica e sim ao da babá, ou “bá”, como eram também nomeadas mulheres negras escravizadas e situadas nas funções de cuidado em tempos coloniais. Com isso, diz Conceição (2020), ao ler a obra de Gonzalez, explica que o racismo torna esse desejo duplamente proibido: face à mãe (preta), por conta do tabu do incesto, e face à mulher negra, porque o racismo no Brasil só permite a construção desse tipo de relação mediante um marcador violento.

Dada à supressão desse desejo, Conceição (2020) deslinda a configuração da neurose cultural brasileira, constituindo-se pela relação entre o patriarcado e o processo de construção da figura de mulheres negras em território nacional. Tal neurose, uma vez não discutida, não analisada, não pensada e não revista reporta à construção do racismo estrutural.

Em grande medida, ao não ser possível expressar afeto pela mãe negra e, sendo ela a figura que maternou o Brasil, não se permite, por conexão, expressar afeto e honrar África e toda sua herança cultural e linguística: pelo contrário, a neurose, conforme dito, transforma esse sentimento em perversidade e violência.

Se pudéssemos elencar uma imagem para compreender essa genial intelecção de Gonzalez seria o quadro “Nhozinho no colo da mucama”, de autor desconhecido, retratando o menino Luís Pereira de Carvalho e a mucama Catarina. Com Gonzalez (1984), podemos compreender em profundidade o que se passa na imagem: um bebê identificado pelo gênero masculino agarra o seio da mulher e assim se percebe o erótico e o afeto da relação, como também o desejo e a castração produzida pelo imaginário brasileiro, memória afetiva negada com subsequente violência naturalizada e mascarada pelo mito da democracia racial.

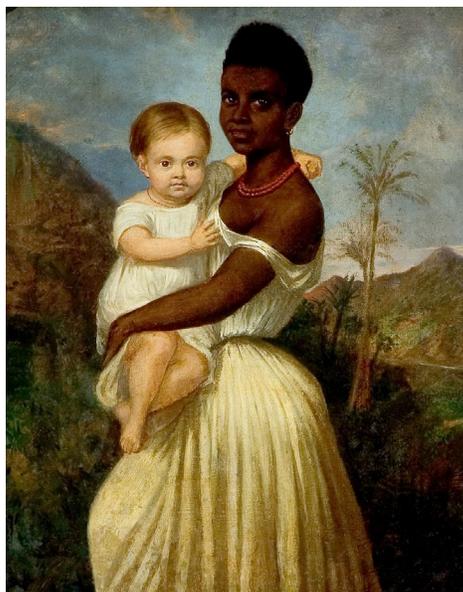


Figura 1. O quadro “Nhozinho no colo da mucama”¹¹

Por fim, a *dimensão individual da opressão* discute a enorme variação presenciada nas biografias individuais das pessoas, sendo que cada uma/um de nós viverá uma experiência própria a partir da imbricação da raça, da classe e do gênero, como também de corpo, de idade e de presença ou ausência de deficiência. Com isso, Collins (2015) de modo tão singelo, porém tão profundo, revela:

Imagine quão diferente sua vida seria se você tivesse nascido negra, ou branca, ou pobre ou de um grupo de raça/classe/gênero diferente daquele com o qual você está mais familiarizado. O tratamento institucional que você teria recebido e os significados simbólicos atrelados à sua própria existência poderiam ter variado dramaticamente do que você agora considera como natural, normal e parte da sua vida cotidiana (*ibidem*, p. 28).

hooks (2013) compartilha as memórias de sua infância e de sua juventude explorando os inter cruzamentos das noções de raça e de gênero e as mudanças de sua percepção sobre os fatos de sua vida íntima. Ao passo que cresceu em um contexto familiar e comunitário estruturalmente organizado pela opressão de gênero engendrada pelos homens do local, com “o uso da coerção, punição violenta e assédio verbal” (*ibidem*, p. 161), aprendeu em seu contexto universitário que

¹¹ Portal Petrópolis em Cena. “Museu Imperial inaugura exposição e retratos femininos”. Acessado em 14 de fevereiro de 2021. <<https://www.petropolisemcena.com.br/2011/09/museu-imperial-inaugura-exposicao-de.html>>

homens negros foram “castrados” ou “emasculados” pelo poder colonial durante o período escravocrata.

Ela relata ficar chocada com tal imagem retratada sobre os homens negros, dito como aqueles que seguiam “os brancos como cachorrinhos” (*ibidem*, p. 162), pois em sua vivência particular estes homens assumiam “posições de autoridade patriarcal, exercendo formas de poder masculino e apoiando o sexismo institucionalizado” (*ibidem*). Ademais, ao estudar a produção acadêmica produzida na universidade (branca) que estava inserida, ela também se espantou com a ausência da categoria de gênero em estudos sobre a vida das pessoas negras, encontrando um verdadeiro vazio sobre a temática. Não à toa, foi levada a escrever o livro “Ain’t I a Woman: Black Women and Feminism” por esse motivo.

Dada à complexidade e à sofisticação do funcionamento de opressões face a marcadores sociais da diferença em nossa sociedade, é patente que elas atravessam as experiências de amor e relacionamentos, já que o racismo, o elitismo, o sexismo, a LGBTQIAP+fobia, a gordofobia, o etarismo e o capacitismo operam, na esfera íntima, apagamentos, solidões e violências, seja objetificando sexualmente as mulheres atravessadas por essas experiências, como no exemplo do estereótipo da “mulata” (GONZALEZ, 1984), seja compreendendo mulheres negras somente pela exploração de sua mão-de-obra, animalizando-as (LUGONES, 2008; CARNEIRO 2011; GONZALEZ, 1984), seja psicanaliticamente impedir a manifestação do amor por mulheres negras, sobretudo retintas, a ponto de transformá-lo em uma das experiências de ódio e aniquilação de suas existências (GONZALEZ, 1984, via CONCEIÇÃO, 2020), seja compreendendo que a mulher branca é o símbolo da feminilidade e do amor romântico, e, portanto, a mais apta para construir um relacionamento amoroso (ZANELLO, 2018; LUGONES, 2008), seja as mulheres brancas não observando seus privilégios ao passo que também são (re)produtoras de opressões sociais (LUGONES, 2008; COLLINS, 2015; CARNEIRO, 2015).

Enquanto o senso comum apregoa que “o amor não tem cor”, é factual que as mulheres brancas são eleitas para relacionamentos amorosos oficiais duradouros e mulheres negras são hiperssexualizadas ou escondidas em relacionamentos íntimos escamoteados. Pereira (2019) ressalta que o envolvimento entre um homem branco e uma mulher negra é compreendido socialmente pela lógica da transgressão mediante atos de rebeldia e/ou bondade, em que se torna predominante a falta de interesse por parte desses homens em estabelecer relacionamentos amorosos duradouros ou oficiais com essas mulheres, todavia, muitos estão em relacionamentos

públicos com mulheres brancas. Ainda, as participantes da pesquisa de Pereira (2019) relataram que não conseguiam encontrar homens negros para se relacionarem ao entender que eram consideradas “candidatas inviáveis ou secundárias ao posto de parceiras para os homens negros, mesmo quando se mostravam determinadas a construir uma relação com algum dele” (*ibidem*, p. 155), já que “os homens negros confluíam com os brancos numa mesma corrente em direção às brancas. Aliás, com os brancos”, uma participante afirmou que “encontrava alguma chance de se relacionar e de ser bem tratada” (*ibidem*, p. 156).

Não à toa, o termo “solidão da mulher negra” torna-se cada vez mais popular. Pereira (2019), ao referenciar Ana Cláudia Lemos Pacheco e Claudete Alves da Silva Souza, grandes estudiosas do tema, explica que o termo designa “uma variedade de fenômenos relacionados” à vivência afetiva-amorosa-sexual de mulheres negras:

a rejeição e abandono das mulheres negras em virtude da preferência generalizada pelas brancas como parceiras; o interesse sexual, mas não afetivo, em relação às mulheres negras, principalmente – mas não apenas – por parte dos homens brancos; a prática comum dos homens, negros e brancos, de ter "casos", mas não relacionamentos "oficiais" com mulheres negras; o descaso e maus tratos à companheira negra; o preterimento de mulheres negras em outras esferas da vida que não a afetiva; e, mais frequentemente, a tendência dos homens negros/as muitas vezes tecerem relacionamentos afetivos com mulheres brancas, e que condenaria as mulheres negras à solidão afetiva (*ibidem*, p. 269)

De modo semelhante, mulheres gordas e com deficiência também falam sobre suas solidões para expressar suas vivências amorosas. Jimenez (2020) argumenta que o corpo magro é sinônimo de afeto, sucesso, poder e aceitação. Em contrário, o corpo gordo, devido à lipofobia da sociedade, é visto como “desvalorizado, desaprovado e excluído socialmente” (*ibidem*, p. 86). Nesse sentido, os corpos gordos são compreendidos como repulsivos, sendo estigmatizados como ruins e feios, portanto não-amáveis:

as narrativas de relacionamento das mulheres gordas que entrevistei [são marcadas] de abandono, desprezo, vergonha e humilhações por que esse corpo passa socialmente. Quando busca relacionamentos amorosos, familiares e de amizade, acaba por ser traumático, por conta da repulsa social pelo corpo gordo (*ibidem*, p. 89).

Para mulheres com deficiência, a temática do amor e do sexo passam ao largo de suas vivências, já que essas áreas de sua vida são subjugadas pela permanente infantilização de seus corpos. Em um exemplo, apreciamos a pesquisa de Nascimento e Albuquerque Júnior (2017) sobre as experiências afetivas-amorosas-sexuais entre jovens com Síndrome de Down:

O efeito de sentido de infantilização do namoro reforça a memória discursiva que ecoa socialmente de que o jovem com Down não é capaz de desenvolver sua sexualidade. Nota-se esse efeito de sentido por meio das palavras engraçado, legal e pela concepção defendida pela mãe de um namoro infantil, que não passaria de abraços e beijos na escola (*ibidem*, p. 190)

A autora e o autor ressaltam que o corpo com deficiência é entendido como inválido, portanto é aquele que não é capaz de aprender “as artes do amor”, dessexualizado e incapaz de sentido desejo. Para além da questão sexual, é um corpo paralisado na infância, aquele que nunca está pronto para a fase adulta, portanto, inapto para o relacionamento amoroso.

Já no caso de mulheres velhas, um dos principais desafios emergem quando se relacionam com homens mais jovens. Parece haver um misto de fetichismo com tom absurdista ao refletir que uma mulher, a partir de uma certa idade, não é mais digna de receber amor nem de estar em um relacionamento afetivo-sexual-amoroso com um homem, ainda mais sendo ele mais jovem. O etarismo está ligado à concepção sexista e misógina de que a mulher, após a cessação de sua fase reprodutiva, perde o seu valor social. Ademais, a transformação de sua aparência ao perder os traços socialmente valorizados e ligados à beleza estética padronizada e jovial também a descarta do mercado amoroso (ZANELLO, 2018).

A centralização das narrativas em veículos de grandes mídias sobre amores heterossexuais, ou pautados pela heteronormatividade, é um desafio para mulheres LBTQIAP+, que não se veem representadas; quando o são, acontece de modo estereotipado (MENDES, 2017). Essa reflexão não é coincidência, dado que a heterossexualidade é um pilar fundamental na construção da experiência amorosa ocidental, de aspiração burguesa e de formação da família nuclear como forma de perpetuação do capitalismo. Apesar de haver indícios de que as mulheres LBTQIAP+ constroem relacionamentos amorosos menos interpelados pelo amor romântico (AMORIM; STENGEL, 2014), portanto com maiores probabilidades de serem mais saudáveis e seguros, suas vivências são as menos socializadas e as mais receptíveis de um sem-número de violências.

Ao fim, também é importante citar que as mulheres que vivem situações opressoras associadas a marcadores sociais da diferença em vasto espectro também produzem potências e agências ao construírem redes de apoio que não só nutrem autoestima, autoaceitação e amor próprio (PEREIRA, 2019), mas também processos de empoderamento (JIMENEZ, 2020), além de ressaltarem a quebra do estigma de dependências e da incapacidade (NASCIMENTO e JÚNIOR,

2017). Portanto, os desafios violentos impostos pela sociedade também estão sendo (re)deglutidos e transformados em condições de vida digna, feliz e emancipada, sobretudo por essas mulheres.

Ao trazer uma proposta de conceituação para os temas de amor romântico e relacionamento amoroso, a intenção desse capítulo foi emitir provocações sobre a falta de diversidade que os envolvem, em que muitas vezes a lente de gênero, se muito, é trazida como única possibilidade para compreender os dilemas conectados a essas instâncias tão íntimas de nossa realidade. Apesar de não ter sido possível aprofundar em como os conceitos podem impactar a realidade de um sem-número de mulheres, creio que tanto esse capítulo, como a dissertação como um todo, marcam posição sobre a necessidade de abordar as temáticas de modo o mais plural possível, sobretudo se a intenção é construir conhecimento sobre o tema de modo plural mediante processos formativos.

3. ESTADO DA ARTE E REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Com o objetivo de localizar pesquisas produzidas com ou produzidas exclusivas com mulheres e centradas nos temas de amor romântico e/ou relacionamento amoroso, desenvolveu-se a seguinte estratégia de pesquisa, aplicada em duas bases de dados: a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD):

(mulher OR woman OR women OR mujer) AND (amor OR love OR loving OR romance OR romantic)

A base de dados SciELO forneceu um panorama da produção de artigos escritos em português, inglês e espanhol. O objetivo seria captar a produção de dados sobre a temática em contextos latino-americanos, ibéricos e anglófonos. No entanto, no que tange aos artigos escritos em língua inglesa, observou-se que foram retratadas realidades de origem brasileira, eslovaca e espanhola. Possivelmente, tais pesquisadoras e pesquisadores optaram por escrever seus artigos nessa língua com fins de facilitar a divulgação científica de seus estudos.

No que concerne à base de dados BDTD, sua utilização mostrou como as pesquisas desenvolvidas em território nacional, a partir de teses e dissertações, estão pensando as temáticas supracitadas.

É importante observar que essa estratégia visou captar a ocorrência das seguintes palavras-chave nas bases de dados:

- a) Mulher, com sua derivação no plural (mulheres);
- b) Mujer, com sua derivação no plural (mujeres);
- c) “Woman”, com sua derivação no plural (women);
- d) “Amor”, com suas derivações “amores”, “amoroso”, “amorosos”, “amorosas” e “amorosas”, tanto na língua portuguesa quanto espanhola;
- e) “Love”, com sua derivação adjetivada (loving);
- d) “Romance”, que tem a mesma grafia no espanhol, no português e no inglês;
- e) “Romantic”, com as derivações “romântico”, “românticos”, “romântica” e “românticas”, em português, como também “romántico”, “románticos”, “romántica” e “románticas”, em espanhol, e “romantic”, em inglês.

3.1 O emprego da estratégia de pesquisa na base de dados SciELO e BDTD e seus resultados

A estratégia de pesquisa ora apresentada foi empregada na base de dados SciELO no dia 5 de outubro de 2021. A configuração da base de dados ocorreu mediante pesquisa avançada para todos os índices (ano de publicação, autor, financiador, periódico, resumo e título).

Os critérios para realização do estado da arte nessa base de dados foram os seguintes:

- a) Coleção: todos
- b) Periódicos: todos
- c) Idioma: todos
- d) Ano de publicação: 2011 - 2021
- e) WoS Áreas Temáticas: Ciências Humanas
- f) WoS Áreas Temáticas: Psicologia e Sociologia¹²
- g) Tipo de literatura: artigo

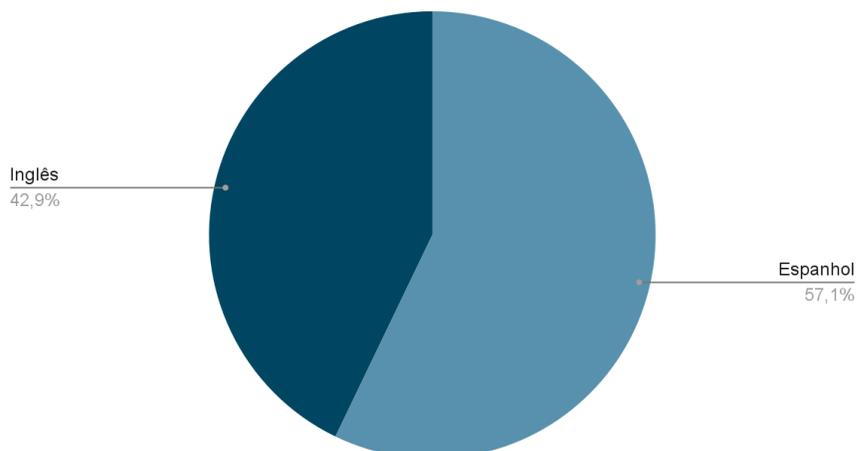
A estratégia de pesquisa submetida a esses critérios retornou 69 artigos. Em seguida, foi realizado um filtro visual mediante leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave. Este filtro visou identificar se os artigos eram baseados em pesquisas com ou exclusivamente com mulheres que centrassem nos temas de amor romântico e/ou relacionamento amoroso. Após realização deste filtro, foram excluídos 30 artigos, em que 2 deles foram suprimidos por terem sido realizados exclusivamente com homens. Com isso, 39 artigos compuseram essa primeira fase de elaboração do estado da arte.

Em seguida, foi aplicado um segundo filtro visual, dando prevalência a pesquisas realizadas com ou exclusivamente com mulheres pertencentes a contextos universitários. Com isso, foram computados 7 artigos.

O Gráfico 1 demonstra a distribuição dos artigos selecionados por idioma, em que, após a aplicação do segundo filtro, não houve a seleção de artigos na língua portuguesa:

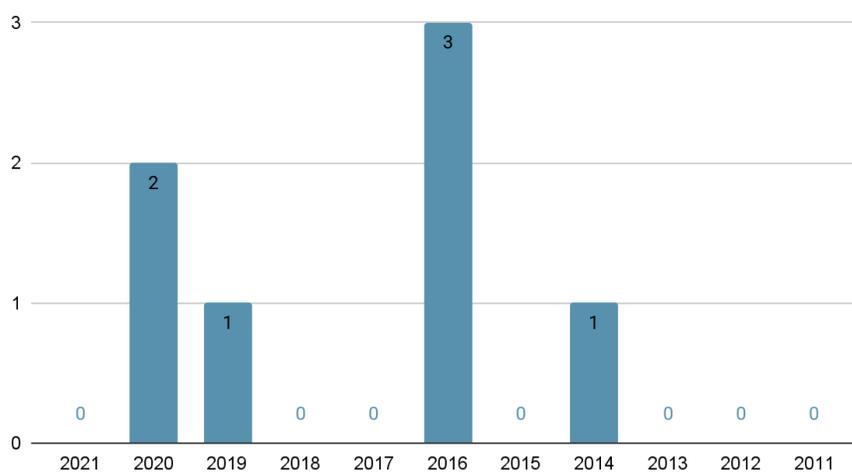
¹² As áreas do conhecimento selecionadas obedeceram a uma percepção obtida em consenso entre pesquisadora e antiga orientação de que Psicologia e Sociologia teriam uma densa trajetória acadêmica acerca dos temas pesquisados.

Gráfico 1. Artigos por idioma



O Gráfico 2 aponta a distribuição dos artigos por ano de publicação, demonstrando que o período de maior publicação de artigos sobre a temática ocorreu em 2016:

Gráfico 2. Artigos por ano de publicação



Já a estratégia de pesquisa empregada na base de dados BTDT ocorreu nos dias 10 e 11 de outubro de 2021. A configuração da base de dados deu-se mediante a utilização do menu “todos os campos” (título, autor e assunto).

Os critérios para realização do estado da arte nessa base de dados foram os seguintes:

a) Áreas do conhecimento¹³:

1. Ciências Humanas::Sociologia

¹³ O critério de escolha dessas áreas do conhecimento obedeceu à mesma lógica apontada para a seleção dos artigos.

2. Sociologia

3. CNPQ::Ciências Humanas::Psicologia

4. Ciências Humanas::Psicologia

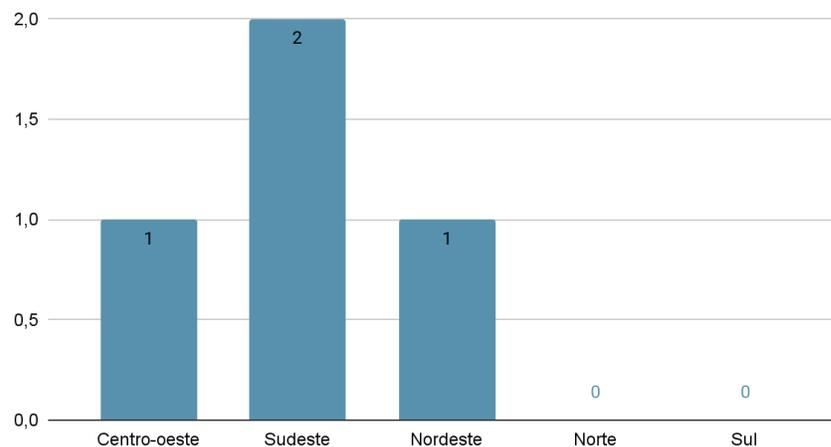
b) Ano de defesa: 2011 - 2021

A estratégia de pesquisa submetida a esses critérios retornou 64 teses e dissertações. Em seguida, foi realizado um filtro visual mediante leitura dos títulos, dos resumos e das palavras-chave. Este filtro visou identificar se os trabalhos eram pautados em pesquisas com ou exclusivamente com mulheres que centrassem amor romântico e/ou relacionamento amoroso. Após realização deste filtro, foram excluídas 34 teses/dissertações, em que 5 delas o foram por serem desenvolvidas exclusivamente com homens. Com isso, 30 estudos compuseram esta primeira fase do estado da arte para esse tipo de literatura, em que 21 eram dissertações e 9 eram teses.

Com a aplicação de um segundo filtro visual, com fins de identificar pesquisas realizadas com ou exclusivamente com mulheres pertencentes a contextos universitários, foram selecionados 4 estudos, em que 2 eram dissertações e 2 eram teses.

O Gráfico 3 demonstra a distribuição das teses/dissertações por região do país, em que a região Sudeste concentrou o maior número de produção de teses/dissertações elencadas a partir dessa estratégia de pesquisa:

Gráfico 3. Teses/dissertações por região



As teses e as dissertações elencadas foram produzidas pela Universidade Federal do Goiás (UFG), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cada uma com um produto.

3.2 Revisão sistemática de literatura a partir dos artigos, das dissertações e das teses

Fernández e Gómez (2016) produziram uma pesquisa a partir da trilogia de livros chamada “Cinquenta Tons de Cinza”, da autora E. J. James, com o objetivo de compreender o sucesso mundial da obra entre mulheres ao passo que realiza uma apologia à violência de gênero e reforça mitos do amor romântico e micromachismos, termo utilizado em referência aos estudos de Luis Bonino Méndez. Participaram do estudo 98 mulheres e 4 homens advindos da comunidade da Universidade de Huelva, na Espanha, que se desenvolveu a partir da aplicação de questionários. Os dados foram analisados por meio de análise estatística. As/os participantes da pesquisa disseram que gostaram da obra por ela aliar o romantismo tradicional a aspectos eróticos, algo que enxergaram como inovador. Sobre os aspectos eróticos da narrativa, as práticas sadomasoquistas adotadas pelo protagonista masculino dos livros não são as responsáveis pelo triunfo da trilogia entre a amostra das/dos participantes. A autora e o autor do estudo concluem que o sucesso da história advém da condensação de aspectos do amor romântico, com o uso da metáfora do conto de fadas, em que há um príncipe lindo, poderoso, problemático, porém pronto a ser redimido à medida do esforço produzido por uma moça simples e inocente, aliados a pitadas eróticas e sensuais. Tal fórmula foi capaz de atingir diversas pessoas (majoritariamente mulheres), independente de classe social ou de escolaridade, especialmente ao usar uma narrativa em primeira pessoa com linguagem acessível e coloquial, que dialoga com a subjetividade feminina criando uma identificação leitora-protagonista no estilo “eu poderia ser essa moça”. Outro aspecto identificado pela pesquisa foi a maioria da amostra de participantes ter achado o ciúme retratado no livro anormal, em que a dominação, o controle e a possessão exercidas pelo protagonista masculino do livro para com sua namorada deveriam ser rechaçados nas relações íntimas cotidianas. No entanto, mesmo assim a trilogia fez um sucesso absoluto. Fernández e Gómez (2016) explicam essa incoerência a partir da naturalização da violência em relacionamentos amorosos através do conceito de micromachismos, que remete a cristalização de valores patriarcais invisibilizados no cotidiano, reforçadores de estereótipos sexistas e de mitos do amor romântico, o que resulta na manutenção das desigualdades de gênero em desfavor das mulheres em todos os aspectos da vida humana.

Costa *et al.* (2016) reproduziram um estudo estadunidense em território brasileiro com fins de compreender se há ou não aceitação social de violência relacionada ao ciúme em

relacionamentos amorosos. A revisão teórica realizada pelas pesquisadoras apontou que a violência pode ser socialmente relativizada se estiver atrelada ao ciúme ligado ao amor, especialmente em casos de abusos direcionados por maridos às suas esposas. O estudo realizado no Brasil contou com a participação de 264 estudantes universitários de uma universidade pública do Departamento de Ciências Humanas, em que 132 eram homens e 132 eram mulheres. O procedimento da pesquisa foi apresentar a toda a amostra duas gravações de áudio, em que uma narrava uma situação de ciúme e a outra, não. No entanto, metade das/dos participantes ouviram estes dois áudios com uma informação adicional, nos quais o marido batera em sua esposa (situação agressiva), e a outra metade também ouviu aqueles dois áudios, só que sem nenhuma situação agressiva. Após a escuta, as/os participantes responderam questionários acerca dos seguintes temas: “amor romântico”, “amor companheiro”, “prognóstico/conselho”, “compreensão” e “moralmente mau”. Os dados foram processados por meio de análise estatística, cujos resultados apontaram que, na categoria “amor romântico”, as/os participantes, acharam o marido que não batia na esposa, tanto na situação de ciúme quanto na situação sem ele, um homem amoroso romanticamente. No que concerne à categoria “amor companheiro”, os resultados foram semelhantes ao da categoria anterior, em que o marido não agressivo ciumento e o marido não agressivo sem ciúme foram classificados como um homem preocupado com a esposa. Para a categoria “prognóstico/conselho”, que visou constatar a percepção da audiência sobre o casamento demonstrado nos áudios, assim como se a/o participante do estudo aconselharia ou não aquela mulher a ficar nesse ou a deixar esse relacionamento amoroso, os dados analisados indicaram não haver diferença estatística sobre a opinião entre o marido não agressivo ciumento e o não ciumento, com pequena piora para o marido agressivo ciumento. Entre os fatores “compreensão” (mediu a plausibilidade, ou a aceitação, do ato do marido em todos os cenários) e “moralmente mau” (mediu o quanto a audiência qualificou o marido a partir da ótica da vilania e do egocentrismo), o ciúme foi entendido como compreensível na situação do marido não agressivo ciumento e mais moralmente errado na situação do marido agressivo sem ciúmes. Em todas as variáveis, as pesquisadoras puderam constatar que o ciúme foi minimizado quando não houve agressão e não foi percebido como violência. Ainda, de modo chocante, a pesquisa revelou que as/os participantes da pesquisa compreenderam, no caso do marido agressor, que ele “era mais amoroso se agredia a esposa em caso de ciúme” (*ibidem*, tradução livre, p. 530-531). Em conclusão, o estudo brasileiro está de acordo com o original, visto que em ambos se constatou uma forte correlação entre ciúme e violência, em que é mais justificável

o marido bater na esposa em situação de ciúme, o que suaviza a percepção de agressão. As autoras indicam que as práticas culturais de defesa da honra masculina, violência contra a mulher e submissão feminina são valores arraigados na sociedade brasileira, o que sustentam a compreensão sexista da sociedade sobre amor, ciúme, agressão, violência. Não à toa, o gênero das/dos respondentes desta pesquisa não foi uma variável importante, já que homens e mulheres interpretaram os áudios de modo semelhante, ao se ter em vista a existência do sexismo estrutural em nossa sociedade.

No que concerne à temática de satisfação da/do parceira/parceiro e de um possível contexto de violência em relacionamentos amorosos, Prokop, Morvayová e Fedor (2016) desenvolveram uma pesquisa que visava compreender se a presença ou não do parceiro amoroso na foto de capa do perfil de mulheres na rede social Facebook estava relacionada com violência dirigida pelo companheiro, competição entre as próprias mulheres e/ou satisfação conjugal. Durante a revisão teórica, os autores e a autora do estudo entenderam que mulheres podem ser alvo de violência por parte dos homens em relacionamentos íntimos, construindo um cenário que pode prejudicar sua saúde física e mental. Com isso, o ideal é realizar uma “detecção precoce” (*ibidem*, tradução livre, p. 307) da violência, com fins de mitigar seus danos. Foram três as hipóteses levantadas pelo estudo: apresentar os parceiros amorosos nas fotos de capa do perfil daquela rede social tem conotação positiva, demonstra a força do relacionamento e mostra que a relação amorosa processa-se de forma honesta (Hipótese 1); a colocação de tal foto estaria relacionada a um contexto de violência, em que o companheiro exige que a mulher demonstre, de modo forçado, que está em um relacionamento amoroso (Hipótese 2); a mostra de um companheiro nesse contexto está relacionada à “competição intrassexual feminina” (*ibidem*, tradução livre, p. 308) (Hipótese 3). As 193 participantes da pesquisa compunham as comunidades de duas universidades eslovacas. A fim de integrarem os estudos, elas deveriam autodeclarar-se heterossexuais, ter foto sozinha ou com o parceiro na rede social elegida pela pesquisa e estar em um relacionamento amoroso estável. Os dados foram processados por meio de análise estatística e coletados através de questionários. Os resultados apontaram que a amostra possuía uma satisfação conjugal moderada, baixa pontuação no que concerne à violência dirigida pelo companheiro e competição intrassexual mediana. No tocante à testagem das hipóteses, a primeira delas identificou que as mulheres que apresentaram seus parceiros na foto do perfil estão mais satisfeitas com o seu relacionamento do que aquelas que não o mostram, inclusive foi identificado que as primeiras são mais honestas sobre o verdadeiro

status da relação do que as últimas. Sobre a Hipótese 2, ela não pôde ser comprovada. Com isso, mulheres que mostraram seus parceiros na foto de capa não estavam mais expostas à violência conjugal ou no namoro que as mulheres com fotos individuais. A Hipótese 3 também não foi confirmada. Por essa feita, mulheres cujos perfis têm foto de casal não são mais competitivas intrassexualmente do que mulheres com fotos individuais no Facebook. Os pesquisadores e a pesquisadora deixaram claro na conclusão final do artigo que a não-comprovação das Hipótese 2 não exclui cenários de violência contra a mulher em relacionamentos amorosos.

Palza (2014) pesquisou sobre as percepções evocadas quando terminamos relacionamentos amorosos. Se uma relação íntima é capaz de fazer crescer sentimentos de identidade e autoestima, uma ruptura amorosa pode envolver sensações de tristeza, ira, solidão e impotência (*ibidem*, tradução livre, p. 288). Nesse estudo, a autora compreende o rompimento de uma relação íntima a partir do conceito de “luto ambíguo”, em que emergem “estados afetivos e cognitivos negativos” (*ibidem*, tradução livre, p. 289) por causa da perda, bem como conflitos em outras relações sociais íntimas, causando experiências gravemente dolorosas e estressantes. Três ex-casais heterossexuais participaram do estudo. Porém, um dos ex-parceiros desistiu, fazendo com que 5 participantes compusessem o grupo pesquisado. Elas/eles pertenciam a várias universidades privadas, estavam solteiras/solteiros e eram jovens, com idades de 19 a 24 anos. A técnica de pesquisa adotada foi a realização de entrevista semi-estruturada. Já a produção de dados ocorreu mediante análise narrativa de conteúdo, na qual emergiram cinco categorias analíticas: estratégias de enfrentamento, processos afetivos, processos cognitivos, etapas do amor e ciclo vital. Com a identificação de tais categorias, cinco critérios, sensíveis à comparação, foram elencados pela pesquisadora com os mais representativos dos grandes temas. Com isso, apresentarei tais critérios com os principais resultados da pesquisa de Palza (2014): *etapas do luto* (presença de ira, com sentimentos de raiva e de culpa, assim como de negação, isolamento e pacto), *comunicação* (enquanto estavam juntos, os ex-casais classificaram sua comunicação como boa, muito boa e aberta, na maioria das vezes, porém também foi detectado desgaste, assim como indiferença), *falsas crenças* (as/os participantes atribuíram valores negativos a si mesmas/mesmos, possuíam visão restrita da realidade, assim como extremismo, ou preconceito/dedução arbitrária), *fatores externos que afetaram a relação* (a pesquisadora identificou a realização de fofocas, distanciamentos, redes sociais, problemas pessoais, problemas com ex-namoradas como indicadores externos que contribuíram para o término), *emoções* (a pesquisadora identificou uma gradação de emoções, na qual captou aquelas

presentes no início da antiga relação até aquelas existentes no término. Em geral, no início do relacionamento amoroso, predominava o sentimento de felicidade e de amor. No fim, os sentimentos mais relevantes foram desinteresse, desilusão, raiva e estresse) e *etapas do amor* (esse critério verificou em qual fase o relacionamento afetivo estava quando foi terminado. Houve a prevalência da etapa “luta de poder”). Em conclusão, a autora do estudo compreendeu que as mulheres participantes da pesquisa contaram com uma rede de apoio para comunicar os sentimentos de dor e perda, o que as têm ajudado a superar o término mais facilmente. Já os homens participantes do estudo declararam informações contraditórias ao longo das entrevistas e analisaram tanto os seus antigos relacionamentos quanto a experiência do término de modo sucinto e a partir de uma só emoção. Ainda, apresentaram tendência ao isolamento.

A inter-relação entre comportamentos controladores na era digital entre jovens casais, violência de gênero, sexismo e mitos do amor romântico foi pesquisada por Sánchez-Hernández, Herrera-Enríquez e Expósito (2020). As pesquisadoras relatam que na Espanha a violência por parceiro íntimo é um problema de saúde pública, presente em todas as classes sociais e faixas etárias. E foi pensando nessa infiltração da violência contra a mulher na sociedade espanhola que se fez necessário investigar tais indicadores. Diante do sexismo estrutural, a violência de gênero “incorpora múltiplas formas na sociedade” (*ibidem*, tradução livre, p. 68), o que não seria diferente com as tecnologias de comunicação e informação, que também tendem a conformar estereótipos de gênero, bem como “modelos de dominação baseados na cultura patriarcal” (*ibidem*, tradução livre, p. 69). Dessa forma, a revisão de literatura do artigo apontou para a manifestação de atitudes controladoras em meio digital, tais como checar o paradeiro com frequência, solicitar a interrupção de relações *online*, ou pedir/exigir a senha de acesso em redes sociais. O gênero tornou-se uma variável importante para compreensão dessas atitudes, em que meninos exercem de maneira mais predominante estes tipos de violência no namoro que meninas. A situação torna-se ainda mais gravosa, pois tais comportamentos não são enxergados, via de regra, como violentos pelas/pelos jovens, em que os mitos de amor romântico, conforme visto no Capítulo 2 desta dissertação, têm forte influência em disfarçar violência em comportamentos de amor, de cuidado e de preocupação, afetando sensivelmente as mulheres. Sobre a execução da pesquisa, foram realizados dois estudos. Em ambos, os dados foram obtidos através de questionários relacionados à apresentação de cenas entre dois personagens, João e Maria, nas quais eram narradas experiências da vida cotidiana envolvendo o aplicativo de troca de mensagens, *Whatsapp*. Dessa forma, as/os participantes

deveriam contar se as situações demonstradas eram semelhantes às vividas em sua realidade. Destaco que a análise de dados ocorreu por processamento estatístico. No Estudo 1, participaram 224 mulheres estudantes de graduação da Universidade de Granada. A maioria das participantes era espanhola, heterossexual e solteira. A maioria das participantes declararam que as situações de controle de comportamento estão presentes em relacionamentos amorosos juvenis, porém nunca ou quase nunca vivenciaram isso em suas experiências amorosas. Outro resultado percebido pelas pesquisadoras foi o de que tanto poucas mulheres conseguem se enxergar como receptoras de violência por parte de seus parceiros, inclusive havendo a presença de sentimento de negação a respeito da violência sofrida, quanto as ocorrências de comportamento de controle não são percebidas como atitudes graves, pelo contrário, podem ser percebidas como atos de amor. No Estudo 2, realizado com 120 homens também da Universidade de Granada, e também de maioria espanhola, heterossexual e solteira, constatou-se que tais participantes declararam que nunca ou quase nunca exerceram comportamentos de controle em seus relacionamentos amorosos, porém admitiram que essas atitudes são comuns em namoros. Por essa feita, as pesquisadoras assinalaram que poucos homens reconhecem a realização desses atos em suas próprias relações afetivas. Ainda, observaram que uma parcela dos homens sentiu seu poder ameaçado mediante sua identificação com o comportamento controlador do personagem João. Em conclusão, as autoras apontam que programas de intervenção devem ser criados como forma de prevenção à violência de gênero, educando mulheres e homens sobre as consequências virulentas do sexismo e do amor romântico.

Moraga *et al.* (2019) pesquisaram o reflexo da violência de gênero realizada dentro do lar durante a infância e a adolescência das/dos participantes da pesquisa. Ao compreenderem que este tipo de violência não passa incólume nas mentes, corações e corpos de todos os membros da família, os pesquisadores e a pesquisadora estudaram quais impactos tais práticas violentas poderiam ter no desenvolvimento de relacionamentos amorosos na fase adulta, com o risco de naturalização em praticar ou em sofrer violência no namoro. Durante a revisão teórica do artigo, o corpo de pesquisadores ressaltou que a família pode tornar-se o reduto em que se agrupam todas as formas de violência que um homem pode exercer sobre uma mulher, em que estes maus tratos, via de regra, acabam sendo direcionados para filhas e filhos, direta ou indiretamente. Ainda, filhas que viram suas mães serem agredidas por seus pais têm maiores probabilidades de sofrer agressões por companheiro na fase adulta. A pesquisa congregou 360 participantes, sendo 136 homens e 224 mulheres, provenientes de quatro Centros de Educação Superior da cidade de Osorno, Chile. Os

dados foram coletados mediante aplicação de questionários, cujo processamento deu-se por análise estatística. Entre os resultados, destaco que os pesquisadores e a pesquisadora verificaram que tanto homens quanto mulheres relataram de modo significativo ter visto, ouvido ou ter reconhecido a existência de violência de gênero em seus lares de origem. No entanto, as mulheres assinalaram que a perceberam de modo mais frequente. Entretanto, os homens relataram terem sofrido maior abuso físico e psicológico por parte da figura paterna. Além disso, a pesquisa comprovou empiricamente que mulheres que sofrem violência psicológica e emocional em seus relacionamentos amorosos na fase adulta presenciaram suas mães sofrendo este tipo de violência. Em contrapartida, mulheres que não passaram por tais traumas infantis sofrem menos violência psicológica e emocional de seus companheiros na fase adulta e em contexto íntimo. No que tange a exercer violência em relacionamentos íntimos, a pesquisa indicou que ter presenciado violência de gênero na infância foi determinante para homens realizarem atos de violência em relacionamentos amorosos na fase adulta. No caso das mulheres, terem crescido em lares com violência de gênero não se relacionou “ao exercício de qualquer tipo de violência em suas relações” (*ibidem*, tradução livre, p. 132). Em sua conclusão final, o artigo aponta que é premente o desenvolvimento de programas de prevenção contra a violência no namoro na infância e na adolescência para oferecer informações que ajudem às crianças e às/aos adolescentes conseguirem identificar abusos psicológicos, emocionais e/ou físicos a fim de não se enredarem em relacionamentos abusivos ou exercerem abusos em contexto afetivo.

Meraz (2020) elencou as variáveis “Vigilância Eletrônica Interpessoal”, “busca de informações no Facebook” e “estilo de apego” de homens e de mulheres para compreender como se processam as atitudes de vigilância entre casais naquela rede social. Para tanto, foram criados modelos de equação estrutural com fins de apreciar matematicamente as relações entre essas categorias. A revisão de literatura apresentada pela autora do estudo aponta que o desenvolvimento de interações online com objetivos amorosos tem aspectos positivos (buscar informações sobre pessoas pelas quais se tenha interesse romântico, aumento da intimidade entre casais, manter laços de comunicação) e negativos (ciúme, insegurança, término de relacionamentos e hipervigilância). Ainda, ao comparar estilos de apego com comportamentos de vigilância, apontou-se que homens envolvidos em relacionamentos amorosos cujas parceiras demonstram apego evitativo tendem a exercer mais comportamentos de vigilância *online* por se sentirem inseguros nessas relações. No caso das mulheres, aquelas que demonstram o tipo de apego ansioso confiam menos em seus

parceiros, portanto podem exercer comportamentos de vigilância mais frequentemente. Participaram do estudo 835 estudantes universitárias/universitários mexicanas/mexicanos, dos quais 497 eram mulheres e 338 eram homens. Os dados foram recolhidos através da aplicação de questionários e seu processamento ocorreu por meio de análise estatística, com a criação de um modelo de equação estrutural para mulheres e outro para homens. No caso masculino, a relação entre estilo de apego ansioso, vigilância eletrônica de informação e busca de informação no Facebook não foi significativa. Já no caso feminino, o apego ansioso predisse o comportamento de vigilância e de busca de informações naquela rede social. Portanto, a articulação entre as variáveis supracitadas foi mais pronunciada entre mulheres.

Em sua dissertação de mestrado, Aragão (2014) teve por objetivo compreender a percepção de mulheres e homens jovens solteiras/solteiros sobre casamento, relacionamentos amorosos e infidelidade em uma perspectiva intergeracional. No Capítulo 1, a pesquisadora apresentou um percurso histórico sobre a construção dos conceitos de amor romântico, líquido e confluyente. Ainda, comentou sobre a origem e o desenvolvimento histórico do casamento, bem como mudanças jurídicas sobre tal arranjo ocorridas na legislação brasileira. Em seu Capítulo 2, a autora conceitua Geração Y, já que as/os participantes da pesquisa pertencem a essa faixa etária. Em linhas gerais, essa geração caracteriza-se por pessoas nascidas entre 1978 – 1994, as quais presenciaram o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, de divórcios e de re-casamentos. O Capítulo 2 apresenta uma revisão de literatura acerca da construção gendrada realizada em sociedade do vir-a-ser homem e do vir-a-ser mulher no que concerne à temática central da dissertação (casamento, relacionamentos amorosos e infidelidade). Já o Capítulo 4 apresenta autoras e autores que discutem sobre o funcionamento da transmissão de padrões em família de forma intergeracional. O Capítulo 5 discorre sobre a metodologia da pesquisa, sendo ela qualitativa. As técnicas de pesquisa utilizadas foram entrevistas semi-estruturadas e genogramas (instrumento que registra informações familiares em pelo menos três gerações passadas). Os dados foram analisados por meio de transcrição das entrevistas, seguida de ampla leitura e classificação do material entre essencial e não-essencial. Após, foi realizada uma categorização mediante processos hermenêuticos. No que concerne às/aos participantes, integraram a pesquisa quatro pessoas, sendo dois homens e duas mulheres, sendo uma delas proveniente de contexto universitário. O Capítulo 6 demonstrou as categorias e as subcategorias emergentes da pesquisa, sendo elas: *casamento* (casamento como parceria e escolha, casamento como obrigação, casamento como sucesso, união

estável, morar junto), *relacionamento amoroso* (percepções de si nos relacionamentos amorosos, relacionamentos abertos e monogâmicos, ideal de relacionamento, relacionamento como posse) e *amor* (intimidade + compromisso, amor romântico, poliamor, infidelidade, traição de confiança, infidelidade como falta de respeito, espaço para infidelidades nas relações e infidelidade relativa). Em suma, os resultados indicaram que a concepção de casamento, seja ele relacionado ao modelo jurídico tradicional, seja ele concebido por meio da figura da união estável, foram compreendidos como escolha e não obrigação. Já a percepção sobre relacionamentos amorosos evidenciou os valores de igualdade, parceria e satisfação mútua. Caso esses valores não sejam atingidos, as/os participantes conceberam a possibilidade de término. Acerca do tema da infidelidade, denota-se a diferença de gênero, em que homens retrataram a temática pela ótica da leveza. Já as mulheres, compreenderam-na a partir da visão da insegurança. Em suas considerações finais, Aragão denota que as/os representantes da Geração Y entrevistadas/entrevistados conectaram-se com padrões relacionais amorosos (dis)funcionais de seus antepassados, em que foi percebido “maior sofrimento para as mulheres participantes” (*ibidem*, p. 80), diante do sexismo estrutural presente em nossa sociedade.

Borges (2016) pesquisou a trajetória de cinco mulheres que enfrentaram situações de violência em suas histórias de vida mediante relacionamentos amorosos. Dessa forma, objetivou, durante sua dissertação de mestrado, compreender como suas subjetividades foram afetadas e ressignificadas a partir de seu enredamento em tramas de violência contra a mulher em contextos afetivo-íntimos. O Capítulo 1 da dissertação explorou os aspectos teóricos que explicam a ocorrência da violência contra a mulher como fenômeno estrutural. Já o Capítulo 2 abordou os caminhos metodológicos exercidos pela pesquisa, nos quais a pesquisa foi de tipo qualitativa e contou como técnica de pesquisa a realização de entrevistas com mulheres residentes em Goiânia, sendo algumas provindas de contextos universitários. A pesquisadora relata que, apesar do esforço em acessar mulheres em largo espectro de diversidade, “infelizmente o grupo foi bastante homogêneo” (*ibidem*, p. 48). O Capítulo 3 demonstrou as compreensões das mulheres sobre as violências sofridas, em que muitas individualizaram ou psicologizaram as atitudes de seus parceiros, situando-os como “loucos” e “ciumentos”. Ainda, essa seção da dissertação explicitou os porquês de essas mulheres não terem buscado/pedido ajuda no momento da violência sofrida, em que, mesmo mulheres altamente escolarizadas e independentes financeiramente tiveram dificuldade de romper com o ciclo de violência, hoje apresentando graves consequências

emocionais (traumas, medos e perturbações psicológicas). O Capítulo 4 retrata os movimentos de superação e de reconstrução que as mulheres participantes têm realizado para transcender “os efeitos negativos da violência”, que ainda “repercutem em suas vidas” (*ibidem*, p. 6). Tais tentativas incluíram engajamento em movimentos/militâncias feministas, pesquisa acadêmica ou profissional sobre o tema da violência contra a mulher, inserção de participantes em cenários políticos e públicos, maternidade ou construção de novos relacionamentos amorosos saudáveis. Dessa forma, percebeu-se a edificação de atitudes empoderadoras e de resistência face à situação de violência ora vivenciada.

Com o objetivo evidenciar a validade do chamado “Questionário de Relacionamento Central” (QRC e CRQ, na sigla em inglês) em contexto universitário, Santos (2011) visou compreender, durante seu doutorado, a consistência de tal instrumento, que diagnostica relacionamento amoroso conflituoso por meio do autorrelato. Esse questionário emerge a partir do construto teórico nomeado “Tema Central de Relacionamento Conflituoso” (TCRC e CCRT, na sigla em inglês). Luborsky (1974), autor do Modelo de Relacionamento Central Conflituoso, construído a partir de transcrições de sessões de psicoterapia, concluiu que é possível prever a forma como as pessoas desenvolvem seus modelos de relacionamentos ao longo da vida. Com isso, é possível viabilizar “uma avaliação clínica dos padrões recorrentes de conflito interpessoal” (*ibidem*, p. 9), tendo sido de grande auxílio na atuação de profissionais da saúde mental. Como o método CCRT demonstrou-se trabalhoso e caro em aplicações de larga escala, desenhou-se o QRC, no qual preservou-se a qualidade e a estrutura do primeiro método, porém facilitando sua aplicação para amostras grandes. Assim sendo, o QRC avaliou “o padrão de relacionamento amoroso segundo três dimensões: Desejos (D), Respostas do Outro (RO), Respostas do Eu (RE)” (*ibidem*, p. 77) através de seis questões, que examinavam proximidade, intimidade, existência, dimensão de figuras de autoridade, importância, agradabilidade e dificuldades presenciadas ou não em relacionamentos amorosos do “eu” com o “outro”. Participaram do estudo de 509 estudantes, sendo 373 mulheres e 136 homens, entre 17 e 59 anos, provindas/provindos de universidades públicas e privadas dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. A maioria das/dos participantes considerou a parceria amorosa como “extremamente próxima”, “extremamente íntima”, “muito importante” e “agradável”. No que concerne à mensuração de figuras de autoridade, houve a detecção de uma percepção importante em compreender a parceria amorosa como tal. Os resultados da pesquisa apontaram que as mulheres relacionam a estabilidade dos relacionamentos amorosos a

fatores como “intimidade, relações de autoridade, grau de importância, momentos agradáveis e como lidar com conflitos nos piores momentos” (*ibidem*, p. 87), nos quais a proximidade não foi uma categoria relevante. No caso dos homens, os elementos em destaque foram a autoridade e dificuldades no relacionamento, porém com percentuais diminutos. Ao contrário da aplicação do QRC em contextos estadunidense e sueco, o caso brasileiro destacou maiores probabilidades de atitudes de controle em casais. Sendo assim, o autor do estudo até destacou que os valores culturais tradicionais de nossa sociedade ligam submissão às chamadas “provas de amor” (*ibidem*, p. 100), portanto podem explicar os achados da pesquisa relativos à importância da figura de autoridade em contextos amorosos. Santos (2011) concluiu que o QRC demonstrou-se um instrumento interessante para captar conflitos em relacionamentos amorosos.

Gonçalves (2012) objetivou, em sua tese de doutorado, investigar a inter-relação entre diferenças entre gênero, valores humanos e traços de personalidade na construção da preferência pela parceria ideal em relacionamentos amorosos através de três estudos empíricos. A Parte I do trabalho subdividiu-se em três capítulos: (a) o Capítulo 1 demonstrou as perspectivas teóricas selecionadas pela pesquisadora para conceituar os atributos desejáveis da parceria ideal. Para tanto, buscou referências nas áreas de conhecimento da Psicologia Social e Psicologia Evolucionista; (b) o Capítulo 2 explicou as diferenças cognitivas e afetivas segundo o gênero. Com isso, apresentou um recorte teórico que relacione dessemelhanças sociais e biológicas entre homens e mulheres em razão aos atributos desejáveis que guiam a procura por uma parceria ideal amorosa; (c) o Capítulo 3 correlacionou os atributos da parceria às categorias “valores humanos” e “personalidade” através de construtos teóricos sobre as temáticas. Na Parte II da tese, foram anunciados os estudos empíricos realizados: (a) o Estudo 1 visou conhecer as características afetivas e cognitivas dos 208 participantes da pesquisa, em que 108 eram homens e 100 eram mulheres heterossexuais, com idade de 18 a 52 anos. Os dados foram coletados em universidades públicas e privadas ou em casas noturnas de João Pessoa, Paraíba. O principal achado do Estudo 1 foi detectar, através de aplicação de questionários, que homens obtiveram escores mais altos em habilidades cognitivas e, em contrapartida, mulheres alcançaram maiores pontuações em habilidades afetivas, o que pode ser relevantes para compreender a preferência por parcerias amorosas; (b) o Estudo 2 inter-relacionou diferenças entre gênero, valores humanos e traços de personalidade para entender preferência por parceria amorosa de 244 participantes, sendo sua maioria composta por mulheres com idade média de 20,9 anos provindas de universidades públicas e privadas de João Pessoa, Paraíba. Os principais

achados do Estudo 2 foi compreender, através da aplicação de instrumentos, que parece ser “coerente pensar na hierarquia personalidade valores atributos do parceiro”, em que “os traços de personalidade são a base para os valores, que medeiam sua relação com a prioridade dada às dimensões que descrevem atributos do parceiro ideal” (*ibidem*, p. 139). Ademais, a maioria dos homens atraíram-se por mulheres entendidas fisicamente atraentes pela sociedade, enquanto as mulheres priorizaram homens como maiores capacidades de realização material; (c) o Estudo 3 ocorreu a partir da replicação do Estudo 2, agora em larga escala, com a participação de 3.124 pessoas distribuídas em nove estados do Nordeste, sendo um pouco menos da metade da amostra residente em cidades do interior e um pouco mais da metade do grupo residente das capitais desses estados. A média de idade das/dos participantes foi de 23,6 anos, com adesão de maioria feminina. O principal achado do Estudo 3 confirmou o do Estudo 2, em que não se observou nem “diferenças expressivas entre dados dos diferentes estados nordestinos” (*ibidem*, p. 9) nem dessemelhanças entre capital/interior, no qual mulheres também privilegiaram homens com maior capacidade de realização material e homens buscaram mulheres socialmente atraentes no quesito “forma física” em ambos os cenários.

3.3 Lacunas encontradas a partir do estado da arte e contribuição desta pesquisa

Essa seção dedica-se a apresentar possíveis lacunas encontradas mediante a realização do estado da arte para os temas de amor romântico e relacionamento amoroso e como essa pesquisa pode localizar-se a fim de supri-las. A seguir, discuto as três principais lacunas encontradas: (a) crítica a não-utilização da lente de gênero como chave de leitura da realidade (SEGATO, 2012) para fins de produção de dados em parte importante das pesquisas elencadas; (b) crítica a não-utilização de lente de gênero como chave de leitura da realidade associada a outras opressões sociais causadas por marcadores sociais da diferença (AKOTIRENE, 2018) na maioria dos estudos selecionados; (c) apontamentos sobre o desenho metodológico das pesquisas elencadas pelo estado da arte.

Das 11 (onze) pesquisas destacadas por esse estado da arte, sendo 7 (sete) delas em formato de artigo, e 4 (quatro) em formato de dissertações ou teses, apenas 6 (seis) acionaram letramento de gênero para produzir dados sobre os fenômenos investigados. Não parece ser uma coincidência que sua maioria envolveu a temática de violência contra as mulheres. Essa pequena amostra reforça

que há uma relação estrita entre amor, relacionamentos e violência, engendrada pelas raízes patriarcais e sexistas que orientam as formas de amar em sociedade, profundamente adoecedoras e violentas para as mulheres.

Destaco que, dentre as 6 (seis) pesquisa supracitadas, somente uma delas trouxe para a análise uma discussão que envolva outras categoriais sociais (raça/cor, classe, gênero e sexualidade) para compreender os fenômenos investigados, isto é, aquela produzida por Borges (2016), que considerou a chave de leitura de gênero associada à raça, orientação sexual e classe para a produção de dados em sua dissertação de mestrado, gestada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Goiás. Ressalto que, mesmo a pesquisadora ter apontado as limitações encontradas quanto à diversidade das participantes em sua pesquisa, ela elaborou criticamente esta dificuldade, realizando discussão sobre o imbricamento de marcadores sociais da diferença quando da percepção dos achados da pesquisa.

Sabe-se que as Ciências Sociais, da qual faz parte a área da Sociologia, foi pioneira na investigação e produção acadêmica com/sobre grupos diversos. Se, em um período histórico, essa área do conhecimento, assim como as demais Ciências Humanas, foi um pilar constituinte da colonialidade¹⁴ (BERNARDINO-COSTA E GROSFUGUEL, 2016), ela vem se ressignificando ao longo do tempo para dar voz e vez a minorias sociais, com o chamado de novas pesquisadoras e novos pesquisadores para a construção de um conhecimento que dialogue com ou integre a perspectiva decolonial, transmoderna e pluri-universal¹⁵.

¹⁴ Conforme ilustra Segato (2013), o “colonial/moderno sistema mundo” funda-se sobre três eixos: *a colonialidade*, com a criação de fronteiras artificiais à revelia dos povos originários pela autoridade colonial; *a etnicidade*, com a invenção de categorias para distinguir as pessoas que habitavam este novo mundo (negros, índios, brancos); e *o racismo*, que organizou a exploração neste mundo, escalonando as coletividades supracitadas a partir da atribuição de valor desigual às pessoas e ao seu trabalho, para o funcionamento do inédito modo de produção capitalista. Lugones (2008) também compreende que a colonialidade e a modernidade são eixos fundamentais do “capitalismo eurocêntrico e global” (*ibidem*, p. 78), sendo a primeira responsável pela “classificação social universal e básica da população do planeta” (*ibidem*, p. 79). Isto quer dizer que foi mediante a colonialidade que houve a fundação da racialização da humanidade entre indígenas, negras/negros, brancas/brancos, inclusive situando cada grupo em um determinado local dentro da divisão social e sexual do trabalho, permeando “todos os aspectos da existência social” (*ibidem*, p. 79); presencia-se também a constituição de “novas identidades geoculturais” (*ibidem*, p. 79): a “América” e a “Europa” são fundadas mediante o fenômeno da colonialidade.

¹⁵ Tais perspectivas dialogam com a a transmodernidade, “projeto utópico de Enrique Dussel” (BERNARDINO-COSTA E GROSFUGUEL, 2016, p. 21), que seria uma retradução dos conceitos modernos coloniais europeus à luz do resgate dos projetos epistêmicos políticos das comunidades inferiorizadas: a transmodernidade implica uma redefinição desses elementos, em diferentes direções, de acordo com a diversidade epistêmica do mundo, em direção a uma multiplicidade de sentidos até um mundo pluriversal (GROSFUGUEL, 2016, p. 44). Dessa forma, a transmodernidade propõe o enfrentamento do universalismo europeu mediante a construção de diversas propostas decoloniais emergidas no Sul Global e sentidas por todo globo, especialmente por territórios também vítimas da colonialidade. Nesse sentido, seria possível construir uma rede planetária em favor da justiça, da igualdade e da

Ademais, as 5 (cinco) outras pesquisas que consideraram somente gênero como um fio condutor da pesquisa até elencaram como critérios de seleção das/dos participantes aspectos como religião, escolaridade, naturalidade e etc. Todavia, não mobilizaram marcadores sociais da diferença como chaves de leitura para produção dos dados, sendo ignoradas mesmo quando houve a intenção de realizar uma pesquisa crítica.

Já as outras 5 (cinco) pesquisas restantes apresentaram pouco ou nenhum letramento de gênero (e muito menos aquele oferecido por outros marcadores sociais da diferença) para a produção de seus dados, sendo todas provenientes da área de Psicologia. As temáticas desses estudos envolveram os temas de atributos desejáveis quando da escolha de parcerias amorosas por indivíduos, aplicação de instrumentos de avaliação psicológica para relacionamentos amorosos, vigilância, apego, satisfação conjugal, retenção de parceira/parceiro, insulto dirigido a parceira/parceiro, competição intrassexual e ruptura amorosa, em que se foi levado pouco ou nada em consideração discussões necessárias de gênero para nomear punições e privilégios (COLLINS, 2015) vivenciados por homens e por mulheres heterossexuais quando se trata da temática de amor e relacionamentos.

Destaco que todas, de um modo ou outro, até mencionaram diferenças comportamentais, emocionais ou de percepção de fundo sociológico e/ou psicológico entre homens e mulheres, no entanto não explicaram tais fenômenos como derivados da ou relacionados à opressão estrutural de gênero e demais opressões sociais. Há que mencionar que pelo menos dois destes estudos colocaram como critério de exclusão de participantes pessoas LGBTQIAP+, dada que a centralidade de estudos ainda privilegia a realidade heterossexual (e, inevitavelmente monogâmica, patriarcal e sexista) sobre essas temáticas.

Zanello (2018) discute como a Psicologia foi historicamente instrumentalizada desde sua origem para justificar concepções sexistas e racistas sobre a realidade, herança que ainda permeia a produção de dados até os dias atuais. Dessa forma, a teórica evoca uma faxina epistemológica para esta área do conhecimento, com fins de que se percebam como as categoriais sociais que ordenam opressões contra grupos vulneráveis em nossa sociedade são fatores determinantes para a construção do “eu” e da sua relação com o “outro”.

diversidade epistêmica (BERNARDINO-COSTA E GROSFUGUEL, 2016), com vistas a resolver nossos grandes dilemas humanitários, como a dissolução do patriarcado, do racismo e dos demais efeitos produzidos pela colonialidade.

Se as pesquisas selecionadas por esse estado da arte não denotaram, quando da produção de seus dados, as diferenças e as diversidades presentes nas/nos participantes de seus estudos, essa pesquisa orientou-se por convidar mulheres não só em um largo espectro de diversidade como mobilizá-lo quando da produção dos dados. Por essa feita, a pesquisa aqui desenvolvida engaja-se, primeiramente, com um compromisso político que permeia as relações entre identidade individual e social, no qual não só acompanha um movimento mundial em inovação de pesquisa, com o crescimento de estudos baseados na imbricação entre raça, classe, gênero, sexualidade e demais marcadores sociais, mas também se guia pelos princípios de liberdade, equidade, justiça social, democracia participativa, emancipação e ética (COLLINS, 2017).

Dessa forma, intentou-se compreender as perspectivas de amor romântico e relacionamento amoroso produzidas com as mulheres da Universidade de Brasília em oficinas de extensão à medida que essas mulheres ostentavam um múltiplo imbricado de identidades, ordenadas por marcadores sociais da diferença. Assim sendo, a produção dos dados foi tão complexa quanto possível e levou em consideração aspectos raciais, de gênero, de orientação sexual, de classe, de corpo e/ou de idade. Destarte, considero que esta pesquisa supre lacunas apontadas por esse estado da arte, já que articula gênero a demais marcadores sociais da diferença quando da produção de seus dados.

É importante destacar também que o estado da arte demonstrou haver um pouco mais de uma dezena de pesquisas sobre amor romântico e relacionamento amoroso produzida com ou exclusivamente com mulheres provenientes de contextos universitários nos últimos dez anos. Por essa feita, essa pesquisa contribui para o debate, já que visa compreender quais são as perspectivas de amor romântico e relacionamento amoroso produzidas com as mulheres da Universidade de Brasília.

Em último, as pesquisas inscritas neste estado da arte foram desenhadas metodologicamente a partir de uma perspectiva mais tradicional, com destaque para o uso de técnicas de pesquisa que foram desde a realização de entrevistas semi-estruturadas (método qualitativo) e aplicação de questionários, com dados processados por análise estatística (método quantitativo). Verificou-se que as/os participantes exerceram um papel mais reativo na maior parte das pesquisas examinadas. Todavia, esta pesquisa diferenciou-se por utilizar um escopo metodológico com caráter formativo, ativo, horizontal, democrático e focado nas histórias e narrativas de vida das participantes, o que se traduziu na seleção de técnicas de pesquisa (*gameplay* e trabalho biográfico com objetos) que

refletissem tal construção metodológica. Dessa forma, foram produzidos diálogos com as mulheres sobre as temáticas de amor romântico e relacionamento amoroso, em que elas não só participaram desta pesquisa, elas foram agentes e produtoras de conhecimento umas para com as outras.

4. O PERCURSO METODOLÓGICO E AS VEREDAS DESAFIADORAS PERCORRIDAS DURANTE A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional, em 2019, desenhei uma proposta de projeto de pesquisa que abordava os aspectos educativos que poderiam emergir na/da interação de participantes de coletivos femininos da UnB. Sentia que esta pauta era relevante para mim, apesar de não ser membra de nenhum coletivo. Ao mesmo tempo, também sentia que havia um desencaixe entre o tema e o meu “eu”, justamente por não ter esta vivência política.

Em 2020, logo nos primeiros meses de pandemia pela Covid-19, estava na rede social *Instagram* quando me foram recomendados *posts* da pesquisadora Valeska Zanello, inclusive docente do Instituto de Psicologia, da UnB. Ao entrar em seu canal na plataforma *Youtube* e ver suas *lives* e seus vídeos, finalmente acessei explicações concretas sobre dores, incômodos e violências sofridas durante os meus 12 anos de relacionamento, e, com isso, pude nomeá-lo, pela primeira vez, como uma relação abusiva.

Este processo interno fortíssimo me fez compreender que os conceitos “tecnologias de gênero”, “dispositivo amoroso” e “dispositivo materno”, abordado e criados por Zanello, respectivamente, deveriam guiar uma nova proposta de projeto de pesquisa, já que eles me tocaram de uma maneira irreversível, politizando minha história de vida de maneira grandiosa. Senti que eles também deveriam ser conhecidos por outras mulheres, mediante desenvolvimento de processos formativos com elas, de modo a não só as prevenir para que não sofressem com as mesmas violências que sofri, mas também refletir sobre os temas em tela da forma mais abrangente possível.

Por essa feita, o projeto de pesquisa “Tecnologias de gênero, dispositivo amoroso e dispositivo materno: a inter-relação entre histórias de vida e opressões sociais na vivência das mulheres da Universidade de Brasília” foi submetido à qualificação e foi aprovado. Todavia, e posteriormente, mudanças foram propostas pela antiga orientadora do mestrado no sentido de abandonar os conceitos-chave e transformá-los em descritores mais abrangentes.

Ao realizar o estado da arte com os novos temas (amor, romance, romântico, relacionamento e mulheres, no lugar de “dispositivo amoroso”; maternidade, cuidado, lar e mulheres, no lugar de “dispositivo materno”; representação, estereótipo e mulheres, no lugar de

“tecnologias de gênero”), a realização do estado da arte tornou-se colossal, com o retorno de milhares de resultados.

Ao apreciar aqueles relacionados à temática de amor romântico e relacionamento amoroso, percebi que compunham um número razoável de artigos, dissertações e teses. Diante do tempo limitado que havia para o fim do curso, optei por seguir nesse tema e abandonar os demais, até porque essa temática era a que mais se relacionava com a minha história de vida. Com isso, desenhei mais duas oficinas somente sobre esses temas e segui com a pesquisa. Surpreendi-me positivamente ao ver emergir organicamente dos discursos das participantes dos encontros de extensão os subtemas “tecnologias de gênero” e “dispositivo materno”, que retornam para pesquisa agora cancelados pela relevância dada pelas próprias mulheres, conforme veremos no Capítulo 6 desse trabalho. Tal movimento demonstra que o projeto qualificado tinha a potência de mostrar a imbricação dos temas em suas jornadas. Entretanto, compreendo que, se ele não se realizou da forma como foi programado, desdobrou-se exatamente como deveria ter sido.

Diante de tantas veredas amargas, conflituosas e desafiadoras por onde esse projeto de pesquisa e essa pesquisadora passaram, porém potentes e dotadas de superação, apresento a metodologia da pesquisa, em que serão expressadas quais foram as bases metodológicas escolhidas, bem como as características das oficinas de extensão e das participantes, finalizando a seção com notas sobre a produção de dados.

4.1 Perspectivas de histórias e narrativas de vida e de pesquisa-formação: as bases metodológicas da pesquisa

Biografias, autobiografias e narrativas de vida ingressam como propostas metodológicas no campo científico como superação de uma tradição positivista e mecanicista de entender a realidade. Para fins dessa pesquisa, foram adotadas como bases metodológicas *perspectivas*¹⁶ de histórias e narrativas de vida e de pesquisa-formação. Nesse caso, elas embasaram a realização de três atividades formativas de curto período.

Segundo González-Monteagudo (2017), a abordagem biográfica, narrativa e qualitativa foca na interpretação e na construção do significado, diferenciando-se assim da tradição

¹⁶ O uso do termo “perspectivas” justifica-se porque essas bases metodológicas ordenam processos formativos de longa duração. No entanto, as atividades formativas foram desenvolvidas de modo encurtando ao se ter em vista a pequena duração de um mestrado e as dificuldades enfrentadas por causa da pandemia mundial de Covid-19. Dessa forma, tornou-se inviável o desenho de um processo formativo de longa duração e composto por encontros encadeados.

quantitativa, que elabora previamente categorias e esquemas. Assim, a investigação qualitativa preconiza a emergência de categorias a partir da experiência em campo.

Josso (2016) aborda que a metodologia de histórias de vida nasceu com W. I. Thomas e F. Znaniecki na área da Sociologia, em Chicago, Estados Unidos, no início do século XX, com o objetivo de estudar populações imigrantes. Desde essa época, já havia a preocupação em compreender cientificamente como o sujeito toma “consciência de suas potencialidades de ator social” (*ibidem*, n.p), denotando-se a conscientização e a formação da população. Já nos anos 1960, o método biográfico é revitalizado a partir dos trabalhos do antropólogo Oscar Lewis, dos sociólogos Maurício Catani, Daniel Bertaux e Franco Ferrarotti e do psicólogo Lucien Séve (*ibidem*, n.p). Atualmente, essa metodologia é direcionada para “pesquisa e formação tendo [...] uma abundante literatura, rede múltipla de pesquisadores e práticas associadas a diversos meios profissionais” (*ibidem*, n.p). Com isso, a delimitação deste método contribui para a compreensão de fenômenos sociológicos em histórias individuais, percebendo ao mesmo tempo a subjetividade e a historicidade que permeiam e conectam a vida de indivíduos inseridos em determinados coletivos e contextos sociais.

Historicamente, o registro da vida de alguém ou sua própria foi movimento praticamente exclusivo de classes privilegiadas, em que se destacavam feitos heroicos ou qualquer outro tipo de legado, ou mesmo anotações do cotidiano, como memórias e sentimentos (ARFUCH, 2010). No entanto, quando as narrativas de vida passam a ser compreendidas cientificamente como métodos de “coleta, de análise e de exploração” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 276), denota-se a popularização e a horizontalização na captação de uma maior diversidade de histórias de vida, sobretudo nas classes populares.

Por essa feita, é patente a configuração da dinâmica indivíduo/sociedade dentro do campo das narrativas e das histórias de vida, já que todo ato de vida é único e individual, mas se desenvolve mediante configurações históricas e sociológicas inescapáveis. Para Ferrarotti (2007), texto (indivíduo) e contexto (sociedade) são interdependentes, em que “uma é a outra, influi e ao mesmo tempo é influenciada pela outra” (*ibidem*, p. 36).

Ainda sobre a relação indivíduo/sociedade à luz da abordagem biográfica, Schütze (2010) compreende que o valor da investigação científica é concretizado quando se apreende o interesse sociológico da história de vida, isto é, o que aquela contação de fatos de indivíduos pode auxiliar no esclarecimento das dinâmicas sociais e históricas.

É importante explicitar o que se entende por “narrativa de vida”. Segundo Daniel Bertaux (*apud* DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 277-278), a narrativa de vida é aquela “que uma pessoa faz a outra de sua experiência de vida numa interação face a face” (*ibidem*, p. 278). Ainda, seria “um relato suscitado por uma solicitação exterior a esse pedido e é endereçado a alguém que, na maioria das vezes, nunca teria pensado em escrever sua autobiografia” (*ibidem*, p. 278). Além disso, ele diferencia história de vida de narrativa de vida: a primeira seriam os fatos e o vivido; a segunda seria a reconstrução dos acontecimentos vividos de modo coerente. Com isso, a narrativa “seleciona, orienta, ordena, reúne, projeta, segundo uma lógica a posteriori, que é a do locutor no momento de sua narração” (*ibidem*, p. 279).

Conforme explicita Ferrarotti, a memória é “plural, dinâmica, proteiforme” (2007, p. 29), isto é, não registra fatos de forma passiva e neutra, uma vez que é “enigmática” (*ibidem*, p. 29), potencializando fatos cruéis ou simplesmente os esquecendo. Sendo assim, a memória opera pela reclassificação de fatos, permeada e inundada por toda sorte de sentimentos e sensações que nem de longe reproduzem a sequência factual de eventos. Ainda, o comentário de Sarlo (2007) aclara o que seja a lembrança:

A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio* (*ibidem*, p. 10)

Destarte, utilizar histórias e narrativas de vida como perspectiva metodológica extrapola a vivência em si, vez que narrar o vivido obriga ao realizado a façanha de operar pelas incertezas das lembranças, pressupondo a reordenação de fatos: sai-se do mundo privado e engaja-se na esfera pública, adicionado a essa equação o outro, que integra essa narrativa na condição de co-partícipe (ARFUCH, 2010).

No que tange à perspectiva de pesquisa-formação, Morais e Bragança (2021) elucidam que ela emergiu na década de 1980 a partir do campo de “histórias de vida em formação”, em estudos desenvolvidos em Montreal e Genebra. No Brasil, sua utilização está comumente ligada ao campo da formação docente, na área de Educação. Prada (2012) empreendeu um levantamento para mapear todas as dissertações e teses produzidas entre os anos de 1999 a 2008 nos programas de pós-graduação em educação privados e públicos do Brasil. Ao localizar 7.390 trabalhos, encontrou

1.159 que utilizaram a expressão “formação de professores” em seu título, resumo e/ou palavras-chave, ou seja, mais de 15% do total. Com isso, percebe-se que esse tema tem bastante relevância para este campo do conhecimento. Nessa pesquisa, meu intento foi levar esta perspectiva de metodologia de pesquisa para fora da área de formação docente e trazê-la para apoiar metodologicamente vivências formativas com mulheres de diferentes gêneros, sexualidades, raças, etnias, de classes sociais diferentes, corpos e idades.

Enquanto perspectiva metodológica, a pesquisa-formação enseja a produção de conhecimento sobre as/os próprias/próprios pesquisadoras/pesquisadores e sobre a ciência que visam construir. Ainda, permite um movimento capaz de gerar questionamentos e reflexões formativas para as/os participantes da pesquisa. Portanto, Perrelli *et al.* (2013) ressaltam sua íntima conexão com um processo de tomada de consciência tanto concernente a cada uma/um dos participantes da pesquisa quanto para a pesquisadora ou o pesquisador, dado o aspecto relacional dessa metodologia.

Anjos (2015) corrobora com essa visão e explicita que a pesquisa-formação não só permite que as/os participantes da pesquisa relatem sua história de vida, mas também lidem e se apropriem de suas narrativas, de modo singular/plural, isto é, empreendendo “o esforço de olhar para trás, escrevendo as próprias histórias e estudando-as em grupo, evidencia a autoria como um processo coletivo” (*ibidem*, p. 627). Com isso, outro aspecto central dentro da metodologia de pesquisa-formação encontra-se no seu caráter imprevisível: para Larossa (2006: 52-53 *apud* PERRELLI *et al.*, 2013, p. 288), ela representa uma viagem aberta, em que não é possível antecipar um resultado.

Ademais, o binômio pesquisa-formação oportuniza um momento de troca dialógica com as/os participantes da pesquisa, de modo que aquele também seja uma vivência formativa para sua história de vida. Dessa forma, “as narrativas podem ser tanto um fenômeno que se investiga como um método de investigação” (CUNHA, 1997, n.p). De acordo com Perrelli *et al.* (2013, p. 280), a pesquisa-formação “admite a possibilidade de os sujeitos - pesquisadores e pesquisados - produzirem conhecimento no exercício da escuta do outro, deixando aflorar as suas experiências e refletindo sobre as vivências de cada um” (*ibidem*, p. 280). Segundo Josso (2007), a interação indivíduo-grupo (ou singular-plural) permite que as pessoas “saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar” (*ibidem*, p. 415).

Para Josso (2007), produzir uma “pesquisa a partir [...] de histórias centradas na formação” (*ibidem*, p. 414) tem grande potencial transformador, visto que, ao ensinar a reflexão, evidencia memórias, rupturas e continuidades. Com isso, é possível atingir “mutações sociais e culturais nas vidas singulares” (*ibidem*, p. 414). Ainda, a autora compreende que a pesquisa-formação mobiliza uma série de valências humanas: o pensar, o sentir, o imaginar, o emocionar, o apreciar, o amar. Ou ainda o que trouxe Morais e Bragança (2021) ao mencionarem as diversas linguagens que podem emergir dessa metodologia, “sejam elas gestuais, sonoras, visuais, imagéticas, orais, escritas” (*ibidem*, p. 18).

Ademais, Josso (2007) explora a dinâmica da formação de si, consequência da produção de pesquisa aliada à formação, articulada com o conceito de identidade:

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera *formadoras e muitas vezes fundadoras*, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes (*ibidem*, p. 420).

Percebo que essa intelecção faz todo sentido para esta pesquisa, já que ela se centrou na reflexão sobre os aspectos individuais e sociais da vivência das mulheres participantes como aspecto formativo e basilar. Esse movimento é chamado por Josso de “autorretratos dinâmicos” (*ibidem*, p. 422), que traduz a relação dialética entre indivíduo e grupo, mediada pelas “dinâmicas dos processos de formação de nossa existencialidade” (*ibidem*, p. 422). Cunha (1997) também salienta o movimento dialético entre a teoria e a realidade voltada para a investigação científica centrada na formação: enquanto a realidade fornece informações para que sejam elaborados construtos teóricos, a teoria formula postulados que ajudam a perceber a realidade. Da mesma forma, é possível identificar teoria no discurso dos sujeitos participantes ao passo que eles dividem experiência de suas realidades.

Ademais, Longarezi e Silva (2013) destacam a possibilitar a (re)criação de conhecimentos em grupo, em que se proporciona “novas formas de pensar, analisar, refletir situações e agir” (*ibidem*, p. 222), promovendo não só criticidade, mas uma apoiada em entendimentos elaborados pela própria/próprio participante da atividade de pesquisa. Assim sendo, há uma real chance de se ocasionar autonomia e emancipação.

Dessa forma, a proposta metodológica desenhada para esta pesquisa procura unir narração e formação (JOSSO, 2007, p. 413). Essa conjunção permite explorar o pensamento, a ação, a criatividade e uma (re)conexão entre o indivíduo e o seu “eu” ou com um coletivo. Ainda, Morais e Bragança (2021) ilustram que as narrativas e as histórias de vida (auto)biográficas ensejam “movimentos potencialmente formadores” (*ibidem*, p. 5), marcados por oportunidades de reflexão, de transformação e de emancipação a partir do entendimento individual e coletivo sobre memórias e histórias. Da mesma forma, Perrelli *et al.* (2013) afirmam que a pesquisa-formação tem interlocução direta com histórias e narrativas de vida.

Perrelli *et al.* (2013) ressaltam a íntima conexão da pesquisa-formação com um processo de tomada de consciência tanto concernente a cada uma/um dos participantes da pesquisa, dado o aspecto relacional dessa metodologia, especialmente quando aliado à metodologia de história de vida. Portanto, o exercício reflexivo ensejado pela pesquisa-formação auxilia em uma recontextualização de nossas narrativas de vida, possibilitando inclusive a ampliação de uma consciência crítica em ressignificar a nossa memória face a dimensões sociais, culturais, econômicas e históricas. Dessa forma, esses preceitos manifestaram-se na co-construção de uma pesquisa junto a mulheres que foram convidadas a refletir sobre sua existência face às categorias analíticas de amor romântico e relacionamento amoroso, em associação e tanto quanto foi possível em atenção às dinâmicas sociais de gênero, raça, classe, corpo, deficiência, idade e profissão.

Ainda, ressalto que a imbricação das duas perspectivas metodológicas supracitadas tornou-se única em cada grupo de mulheres que constituiu cada uma das três oficinas realizadas, pois foram histórias e narrativas de vida (auto)biográficas interagindo entre si, oportunizando entendimentos, reflexões e transformações individuais e coletivos ímpares. Ainda, cada mulher carrega em si um múltiplo de identidades, atravessadas por opressões sociais, ora semelhantes, ora diferentes. Por essa feita, cada atividade de pesquisa, cada fala, cada interação, cada sentimento, cada emoção, cada reflexão ocasionou um percurso irrepetível.

De acordo com Perrelli *et al.* (2013), os objetivos da pesquisa “estarão sempre em acontecimento”: “alguns serão percebidos mais rapidamente, outros demorarão a se manifestar” (*ibidem*, p. 295). Compreendo que as perspectivas de história e narrativas de vida e de pesquisa-formação oportunizaram criticidade face às temáticas da pesquisa para/com as mulheres participantes da pesquisa, a fim de materializar a aspiração expressa no prólogo dessa dissertação: estar com mulheres para se abrir a possibilidade de se (auto)(trans)formarmos.

Dessa forma, sinto-me satisfeita com o trabalho realizado, em que percebi que os momentos formativos vivenciados estiveram a serviço da percepção não só sobre os aspectos de nossa história de vida mas também sobre como agir em nossa vida íntima e na vida em sociedade mediante os conhecimentos elaborados em/pelo coletivo (JOSSO, 2017).

Em último, entendi-me enquanto uma pesquisadora implicada nesta pesquisa, pois ela traduz a minha história de vida. Por essa feita, essa pesquisa tem caráter autobiográfico. Conforme ilustra Souza (2016), a autobiografia caracteriza-se quando um “sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem que haja uma mediação externa de outros” (ibidem, n.p).

Devido a essa experiência autobiográfica, intitulo-me como pesquisadora-participante, que prima por construir um ambiente dotado de “comunicação o mais possível horizontal” entre as participantes da pesquisa e utiliza “o diálogo como meio de comunicação mais importante no processo conjunto de estudo” (FELCHER; FERREIRA; FOLMER, 2017, p. 7). Assim, estive lado a lado, de modo horizontal e democrático, junto às demais participantes da pesquisa, participando com elas das ações propostas.

4.2 As oficinas de extensão como atividades de pesquisa: da construção e divulgação ao encontro com e congregação das participantes da pesquisa

Conectada ao que Josso (2007) chama de “projetos de formação”, sendo eles a necessidade de pessoas buscarem processos formativos em uma “perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural e de desenvolvimento de competências sociais” (ibidem, p. 414), discorro sobre o processo de construção e de divulgação das oficinas de extensão que subsidiaram essa pesquisa, as quais também constituíram o produto técnico exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional para fins de obtenção do grau de mestra.

Primeiramente, é importante denotar aspectos sobre a extensão na Universidade de Brasília. Ao fazer cumprir o Art. 207 da Constituição Federal do Brasil (1988), que institui “a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, a Universidade de Brasília confere ao Decanato de Extensão (DEX) as atribuições em “promover atividades de extensão por meio dos institutos, faculdades e departamentos da universidade, com o objetivo de incentivar a interação entre a UnB e a sociedade, integrando as artes e a ciência ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento social” (DECANATO DE EXTENSÃO, 2022).

Por essa feita, a extensão universitária é um movimento político-prático-pedagógico que atravessa tanto as unidades administrativas da UnB, quanto, e sobretudo, as unidades acadêmicas da instituição. Dessa forma, permite a democratização das relações entre a Universidade e a sociedade em busca do desenvolvimento de pontes com a comunidade a fim de demonstrar o conhecimento acadêmico produzido e não só levá-lo para além dos muros da UnB, mas (re)elaborá-lo junto à sociedade.

Destaca-se como ação permanente e anual do Decanato de Extensão a realização da Semana Universitária, composta por um sem-número de atividades desenvolvidas por docentes, discentes, técnicos e colaboradores da UnB, com intuítos formativos e de divulgação científica dos produtos e resultados cultivados em nossa instituição para toda a sociedade. Nesse sentido, realizar as atividades de pesquisa em formato de oficinas de extensão conecta-se com a idealização da pesquisa em tanto divulgar, mas sobretudo construir conhecimento com a comunidade interna e externa da UnB sobre as temáticas de amor romântico e relacionamento amoroso.

Ao apresentar propriamente o passo a passo de desenvolvimento das oficinas, narro que, no dia 30 de setembro de 2021, ocorreu a oficina chamada “Mulheres, tecnologias e dispositivos de gênero: a gameplay” (Oficina 0) em horário vespertino, com previsão de duas horas e duração de 1 hora e 44 minutos, sendo essa uma atividade desenhada para a 21ª Semana Universitária da Universidade de Brasília.

Já nos dias 26 e 27 de outubro de 2021, aconteceram as oficinas “Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: gameplay com mulheres da UnB” (Oficina 1) e “Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: trabalho biográfico com objetos com mulheres da UnB” (Oficina 2), em horário noturno, com previsão de 3 horas de duração. No entanto, ambas se encerraram antes do tempo previsto, durando 2 horas e 23 minutos e 1 hora e 59 minutos, respectivamente. Ambas foram cadastradas como eventos de extensão no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), Módulo Extensão, e canceladas pela Faculdade de Educação e Decanato de Pesquisa e Inovação, setor onde atuo profissionalmente dentro da Universidade de Brasília.

No ato de inscrição, as participantes foram informadas sobre o preenchimento de dois formulários em cada atividade: (a) Questionário Sobre Dados Individuais e Sociológicos (Apêndices 1, 2 e 3) e (b) o Termo de Consentimento Livrementemente Esclarecido Online (TCLE Online) (Apêndices 4, 5 e 6), obtendo permissão para utilização dos dados para fins educacionais

e de pesquisa, já que as oficinas foram gravadas. No caso da Oficina 2, também foram avisadas sobre a necessidade de trazer objetos pessoais vinculados às noções de amor romântico e relacionamento amoroso.

De acordo com a Resolução da Câmara de Extensão n. 01/2020, “são consideradas atividades de extensão universitária as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante”. Com isso, foram disponibilizadas 3 (três) vagas para participação das mulheres da sociedade em geral em cada oficina, conforme preconiza o item 2, do Art. 29, do normativo.

Ademais, a equipe das oficinas foi composta pela Profa. Rita Silvana Santana dos Santos, como coordenadora geral das oficinas, por mim, enquanto coordenadora adjunta e ministrante/mediadora, e pelas estudantes Sheila¹⁷, como monitora das Oficinas 0 e 1, e Gabriela Viana Silva, como monitora da Oficina 2, de acordo com os artigos 5º, 8º e 29, item 1, da Resolução supracitada. Assinalo que a Coordenadora-Geral não participou das Oficinas 1 e 2, assim como a monitora Gabriela não pôde comparecer no dia do evento, no qual atuaria como monitora.

Como atuei na pesquisa enquanto pesquisadora-participante, interagi nas oficinas tanto em sua mediação quanto compartilhando fragmentos da minha história de vida, o qual prezei pela diretriz ética em trazer tais aspectos somente quando as demais participantes introduziram ou debateram temas que dialogassem com as minhas vivências. Ademais, também realizei apontamentos de cunho teórico, conforme surgiam dúvidas e/ou indagações das participantes sobre as temáticas em tela, especialmente na Oficina 0.

Inicialmente, a Oficina 0 foi pensada por mim e pela antiga orientadora como uma atividade independente da pesquisa, tanto que foi desenvolvida para o público em geral, não só para mulheres. Portanto, seu desenho baseou-se na realização de uma palestra, seguida de *gameplay* e roda de conversa. Essa palestra contemplava temáticas do antigo projeto de pesquisa desenvolvido (tecnologias de gênero, dispositivo amoroso e dispositivo materno).

Assim sendo, as principais diferenças da Oficina 0 para as Oficinas 1 e 2 consistiram: (a) na realização de uma palestra (a Oficina 0 foi modelada para um propósito de divulgação científica, já as últimas foram construídas visando à elaboração democrática, horizontal, orgânica e coletiva de conhecimentos sobre as temáticas de amor romântico e relacionamento amoroso), (b) na seleção

¹⁷ O nome da monitora foi preservado, já que ela foi uma das participantes da pesquisa, em que a intimidade e o anonimato seguem resguardados, conforme assinatura de TCLEs Online (Apêndices 4, 5 e 6)

de participantes (a Oficina 0 foi direcionada para todas, todos e todes e a Oficinas 1 e 2 foram orientadas para a participação de mulheres transgêneros, cisgêneros, transsexuais e travestis) e (c) nas perguntas inscritas no “Questionário Sobre Dados Individuais e Sociológicos” (na Oficina 0, não foi perguntado a identificação das/dos participantes do lutas sociais e/ou filosofias políticas).

Pelo fato de que compareceram somente mulheres no dia de realização da Oficina 0 e, durante a roda de conversa deste encontro, houve a predominância de falas e interações relativas à temática de amor e relacionamentos, a antiga orientadora demandou que os dados produzidos a partir desse encontro fossem considerados para fins dessa dissertação, apesar de a metodologia e a concepção de público desta oficina em questão serem diferentes daquelas ocorridas em outubro. Por essa condição, passei a nomeá-la como “Oficina 0”, ou seja, como uma atividade que, apesar de sua relevância e alguma semelhança, funcionou de modo distinto das Oficinas 1 e 2.

Além disso, as oficinas constituíram-se enquanto encontros independentes. Com isso, as participantes puderam inscrever-se para uma, para duas ou para todas as atividades. No que tange às técnicas de pesquisa adotadas, houve o uso de técnica de pesquisa nomeada por *gameplay* em dois encontros (Oficinas 0 e 1) e adoção da técnica de pesquisa chamada trabalho biográfico com objetos na Oficina 2.

Destaco que as temáticas das Oficinas 1 e 2 foram iguais, em que a diferença ocorreu no uso das técnicas de pesquisa. Intencionou-se mobilizar duas técnicas de pesquisa diferentes para a mesma temática a fim de averiguar se a *gameplay* ensejaria falas e interações de cunho mais sociológico (por se tratar de uma representação gráfica, na forma de jogo, de uma história de relacionamento amoroso envolvendo amor romântico) e o trabalho biográfico com objetos ensejaria performances mais psicológicas e intimistas, já que as participantes narrariam suas experiências sobre amor e relacionamentos a partir de objetos íntimos. Entretanto, denoto que ambas as técnicas mobilizam aspectos sociológicos e psicológicos indistintamente.

Ademais, realizar encontros com técnicas de pesquisa diferenciadas também foi pensada para dar maior dinamismo, ludicidade e engajamento às atividades propostas para a pesquisa, até porque, como uma mesma mulher poderia participar de mais de uma atividade, também foi uma forma atrativa de engajar uma mesma participante. Lembro quando Josso (2007) falou sobre as dimensões formativas oferecidas pelo sensível, em que a “arte torna-se, assim, uma das vias de conhecimento” (*ibidem*, p. 435). Com isso, a adoção de tais técnicas de pesquisa também complementou o processo de formação ao acionar imagens em movimento, desenhos e cores

(*gameplay*) e formas, texturas e tateabilidade (trabalho biográfico com objetos), auxiliando na corporificação dos trabalhos, dada às limitações impostas pelo ambiente virtual¹⁸.

Saliento que, enquanto mediadora, procurei proporcionar um ambiente, mesmo que virtual, marcado pelo acolhimento, tranquilidade e informalidade para aconchegar as participantes das oficinas, já que a maior parte delas não se conheciam previamente. Ressalto que, na Oficina 0, deixei com que as participantes se comportassem conforme se sentissem mais confortáveis. Com isso, somente uma mulher abriu a câmera e boa parte da comunicação ocorreu via *chat*. Já nas experiências das Oficinas 1 e 2, realizei o convite para que as mulheres abrissem a câmera. Com isso, houve uma adesão maior das participantes e a maior parte da comunicação desenvolveu-se por meio de áudio/vídeo e, em menor parte, pelo *chat*.

A seguir, apresento as técnicas de pesquisa adotadas e, em seguida, detalho os aspectos técnicos de cada oficina realizada.

4.2.1 *Gameplay*

Para a técnica de pesquisa nomeada como *gameplay*, ressalto que ela chegou até mim a partir de uma vivência pessoal, já que acompanho o trabalho da criadora de conteúdo Máira Medeiros, do canal da rede social *Youtube* chamado “Nunca Te Pedi Nada”. Dentre várias ações que ela mantém em sua plataforma, que preza pela divulgação de ideias feministas em prol da equidade de gênero, há um quadro chamado “*gameplays* mairísticas”, em que ela também joga jogos de celular “close errados”¹⁹ baseados na manutenção e propagação de estereótipos de gênero para mulheres e meninas.

Inspirada pelo potencial formativo de uma ação desse tipo, optei por trazer um jogo de escolha²⁰, desenhado para celular, chamado “*Chapters: Histórias Interativas*” para a realização das Oficinas 0 e 1. Segundo a loja de aplicativos *Play Store*, do Google, esse jogo foi desenvolvido pela empresa Crazy Maple Studio Dev, que reside em São Francisco, Califórnia, tem classificação

¹⁸ Devido às restrições impostas pela pandemia do Covid-19, todos os encontros aconteceram *online*.

¹⁹ A população jovem urbana contemporânea usa esse termo para se referir a atitudes, ações e pensamentos reprováveis, preconceituosos e ultrapassados.

²⁰ Jogos de escolha “se tornaram quase um novo gênero de games. Com grande foco na narrativa e na exploração dos personagens, esses títulos permitem que o jogador altere a história através das suas decisões, modificando assim o caminho do protagonista e até mesmo o final do jogo” (Liga dos games. “9 jogos de escolha para você decidir sua história!”. Acessado em 5 de julho de 2021 <<https://www.ligadosgames.com/jogos-de-escolhas/>>).

indicativa de 14 anos, conta com mais de 10 milhões de *downloads* em todo mundo e tem avaliação 4,2 de 5 estrelas na plataforma, com 424 mil avaliações (dados obtidos dia 8 de abril de 2022).

Em sua descrição, o jogo pede que se “escolha a história: romance, drama, e histórias de vampiros para jogar de graça”. Quando se entra no jogo, ele se descreve por “*Chapters: choose your romance*”, ou “*Chapters: escolha o seu romance*”, em tradução livre. As histórias podem ser do tipo “doce”, “fervendo”, “sexy”, “picante”, “bilionário/CEO”, “jovem adulto”, “romance paranormal”, “vampiro e lobisomem”, “relação falsa”, “bad boy”, “escritório” e “amigos para amantes”. Ao escolher uma história para ler/jogar/interagir, ele apresenta de duas a três opções para a protagonista da história, sempre feminina, escolher e seguir com o jogo. Várias ações do jogo só podem ser acessadas mediante compras no aplicativo, inclusive aquelas que geram uma maior sensação de recompensa emocional para as jogadoras, dado que reproduzem acriticamente estereótipos de amor romântico, geralmente são ações pagas.

A fim de me familiarizar com o jogo para poder jogá-lo nas oficinas, li muitas histórias. Com isso, acumulei vários diamantes²¹ através de promoções que o jogo promovia. Expliquei para as participantes das Oficinas 0 e 1, durante a Etapa 1 de cada encontro, que poderíamos usar diamantes caso o coletivo decidisse, por maioria, comprar respostas pagas.

Ademais, apoio-me no trabalho de Magnani (2007), que revela como jogos estritamente comerciais podem ser ferramentas formativas a partir do momento que se propõe um uso subversivo para eles. Ainda, por ser um artefato cultural, jogos digitais reproduzem valores e sentidos daqueles que os produzem, geralmente grandes corporações que lucram por propagar uma visão conservadora e de manutenção do *status quo* social, especialmente no tocante aos aspectos econômicos da vida (visão idealizada sobre o capitalismo, por exemplo), ou às demais dimensões de reprodução da vida (raça/etnia, gênero, corpo, idade, deficiência).

Como as *gameplays* foram realizadas no sentido de promover crítica a formas idealizadas relativas à performance da mulher em relacionamentos afetivo-sexuais, creio que essa técnica de pesquisa seja um “ponto de partida para questionar discursos naturalizados” (*ibidem*, p. 124), realizada de forma lúdica e ativa a fim de abrir o momento de roda de conversas, conforme Magnani sugere: promover reflexão “sobre esses jogos em conversas (palestras, aulas, reuniões), questionando as causas e consequências das ações do sujeito dentro das estruturas e dinâmicas oferecidas para o jogador” (*ibidem*, p. 122).

²¹ Os diamantes são o nome da moeda do jogo.

4.2.2 Trabalho biográfico com objetos

A técnica de pesquisa nomeada “trabalho biográfico com objetos”, conforme preconizou González-Monteagudo (2010), estabelece que cada participante escolha cinco objetos importantes ou significativos em sua vida. Em grupo, cada participante narra sobre seus objetos. Após, escreve cerca de um parágrafo sobre eles, evidenciando a razão da escolha, valores, símbolos e as pessoas envolvidas com aqueles artefatos. A relevância dessa técnica surge por ser um “trabalho biográfico enraizado na vida material” (*ibidem*, p. 7), inclusive carregando em si aspectos identitários e culturais.

Devido às restrições impostas pela pandemia pela Covid-19, a técnica foi adaptada. Com relação ao número de objetos, ele foi reduzido (de 1 a 3 objetos). Essa mudança ocorreu para que todas as participantes tivessem oportunidade de narrar sobre seus artefatos com tempo razoável. No que diz respeito a escrever um parágrafo, essa etapa também será sublimada, visto que a atividade ocorreu *online*. Portanto, os significados, símbolos e sentimentos que emergirem dos objetos foram expressados somente pela oralidade.

Abaixo, demonstro os aspectos técnicos das oficinas de extensão realizadas:



Figura 2. *Flyer* de divulgação para redes sociais da Oficina 0

Oficina 0 - Mulheres, tecnologias e dispositivos de gênero: a gameplay

1. Técnica de pesquisa: *gameplay*
2. Código de inscrição do evento no SIGAA Módulo Extensão: EV572-2021
3. Categoria: evento de extensão

4. Ferramentas tecnológicas: Google Meet e aplicativo para celular “Chapters: Histórias Interativas”
5. Período de realização: 30 de setembro de 2021
6. Duração prevista para o evento: 2h
7. Duração real da oficina: 1h44
8. Número previsto de participantes: mulheres da comunidade universitária (7 vagas) e mulheres da sociedade em geral (3 vagas)
9. Número de participantes presentes no dia: mulheres da comunidade universitária (7 vagas). Uma participante não-inscrita compareceu ao evento²². Assim, houve o total de 8 participantes.
10. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável acionados pelo encontro: Educação de Qualidade (ODS 4) e Igualdade de Gênero (ODS 5)
11. Palavras-chave: mulheres, tecnologias de gênero, dispositivo amoroso, dispositivo materno, formação
12. Desenvolvimento da atividade:
 - Etapa 1 (15 minutos): apresentação da equipe da oficina, demonstração dos objetivos da oficina, conferência acerca do preenchimento de questionário com dados individuais e sociológicos das participantes e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos. Após, houve a realização de minipalestra acerca do conceito “tecnologias de gênero”, da teórica Teresa de Lauretis, e dos conceitos “dispositivo amoroso” e “dispositivo materno”, da pesquisadora Valeska Zanello.
 - Etapa 2 (40 minutos): realização de *gameplay* a partir do jogo intitulado “Um amor em Paris”, do aplicativo “Chapters: Histórias Interativas”. Como se trata de um jogo de escolha em formato de história, o coletivo decidiu, em conjunto e por maioria, quais atitudes a personagem principal tomou ao longo da narrativa. As participantes foram convidadas a realizar a leitura conjunta da história.
 - Etapa 3 (65 minutos): realização de roda de conversa virtual com as participantes da oficina sobre os temas abordados.



Figura 3. *Flyer* de divulgação para redes sociais da Oficina 1

²² Informei para essa participante que ela não teria direito à certificação via sistema. Mesmo assim, ela permaneceu e interagiu no evento até o seu término.

Oficina 1 - Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: gameplay com mulheres da UnB

1. Técnica de pesquisa: *gameplay*
2. Código de inscrição do evento no SIGAA Módulo Extensão: EV1060-2021
3. Categoria: evento de extensão
4. Ferramentas tecnológicas: Google Meet e aplicativo para celular “Chapters: Histórias Interativas”
5. Período de realização: 26 de outubro de 2021
6. Duração prevista para o evento: 3h
7. Duração real do evento: 2h23
8. Número de participantes previstas: mulheres da comunidade universitária (9 vagas) e mulheres da sociedade em geral (3 vagas)
9. Número de participantes inscritas e presentes no dia: mulheres da comunidade universitária (5 vagas) e mulheres da sociedade em geral (3 vagas). Duas mulheres não-inscritas compareceram ao evento²³. Assim, houve o total de 10 participantes.
10. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável acionados pelo encontro: Educação de Qualidade (ODS 4) e Igualdade de Gênero (ODS 5)
11. Palavras-chave: mulheres, amor romântico, relacionamento amoroso, educação
12. Desenvolvimento da atividade:
 - Etapa 1 (20 minutos): apresentação da equipe da oficina e da minha condição enquanto pesquisadora-participante, demonstração dos objetivos da pesquisa e da oficina, conferência acerca do preenchimento de questionário com dados individuais e sociológicos das participantes e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos.
 - Etapa 2 (40 minutos): realização de *gameplay* a partir do jogo intitulado “O amor não é para os fracos”, do aplicativo “Chapters: Histórias Interativas”. Como se trata de um jogo de escolha em formato de história, o coletivo decidiu, em conjunto e por maioria, quais atitudes a personagem principal tomou ao longo da narrativa. As participantes foram convidadas a realizar a leitura conjunta da história.
 - Etapa 3 (100 minutos): discussão sobre a *gameplay* em formato de roda de conversa virtual.
 - Etapa 4 (20 minutos): considerações finais e feedback das participantes sobre a oficina

²³ De modo semelhante ao ocorrido na Oficina 0, informei para as duas participantes que elas não teriam direito à certificação via sistema. Mesmo assim, elas permaneceram e interagiram no evento até o seu término.



Figura 4. *Flyer* de divulgação para redes sociais da Oficina 2

Oficina 2 - Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: trabalho biográfico com objetos com mulheres da UnB

1. Técnica de pesquisa: trabalho biográfico com objetos
2. Código de inscrição do evento no SIGAA Módulo Extensão: EV1061-2021
3. Categoria: evento de extensão
4. Ferramentas tecnológicas: Google Meet
5. Período de realização: 27 de outubro de 2021
6. Duração prevista para o evento: 3h
7. Duração real do evento: 1h59
8. Número de participantes previstas: mulheres da comunidade universitária (9 vagas) e mulheres da sociedade em geral (3 vagas)
9. Número de participantes presentes no dia: mulheres da comunidade universitária (5 vagas)
9. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável acionados pelo encontro: Educação de Qualidade (ODS 4) e Igualdade de Gênero (ODS 5)
10. Palavras-chave: mulheres, amor romântico, relacionamento amoroso, educação
11. Desenvolvimento da atividade:
 - Etapa 1 (20 minutos): apresentação da equipe da oficina e da minha condição enquanto pesquisadora-participante, demonstração dos objetivos da pesquisa e da oficina, conferência acerca do preenchimento de questionário com dados individuais e sociológicos das participantes e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos e se as participantes tinham trazido seu(s) objeto(s).
 - Etapa 2 (140 minutos): após lançar o seguinte questionamento: “quais histórias e narrativas de vida, bem como memórias, sonhos, desejos, medos, aspirações, sentimentos, impressões sobre amor romântico e relacionamento amoroso estes objetos nos evocam?”, convidei as participantes a falar sobre seus objetos a partir desta provocação inicial em sistema de roda de conversa virtual.
 - Etapa 3 (20 minutos): considerações finais e feedback das participantes sobre a oficina

No que concerne à divulgação da Oficina 0, ela foi realizada de forma institucional, já que este encontro integrou a programação da Faculdade de Educação para a 21ª Semana Universitária. Essa divulgação mostrou-se bastante efetiva, pois todas as dez vagas foram preenchidas rapidamente após abertura das inscrições. No entanto, no dia compareceram somente sete pessoas inscritas e uma pessoa não-inscrita, de acordo com informações supracitadas.

Como sempre houve um compromisso ético e político de minha parte em materializar a maior diversidade possível de participantes em termos de raça, de etnia, de gênero, de orientação sexual e de deficiência, assim como de corpo e idade, a divulgação das Oficinas 1 e 2 foi inicialmente focalizada para grupos e/ou coletivos de mulheres, negros, indígenas, de pessoas com deficiência e LGBTQIAP+, que podem ser compostos por servidoras técnicas-administrativas, docentes, estudantes e/ou funcionárias terceirizadas da UnB.

Entrei em contato com as Diretorias de Diversidade e de Acessibilidade, ambas do Decanato de Assuntos Comunitários, da Universidade de Brasília (UnB/DAC/DIV e UnB/DAC/DACES, respectivamente), para obter informações e, conseqüentemente, os contatos dos grupos e/ou coletivos supramencionados²⁴. Ademais, a mensagem de contato com estes setores partiu do meu e-mail pessoal (luana.macedo.cordeiro@gmail.com), em que me identifiquei como servidora da Universidade de Brasília, lotada no Decanato de Pesquisa e Inovação, e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional.

Mediante listas passadas pelos setores supramencionados, contatei os seguintes grupos/coletivos da UnB por meio de suas redes sociais e/ou e-mail. Sinalizo aqueles que responderam e/ou divulgaram as Oficinas 1 e 2:

a) Coletivos/grupos de mulheres

a) Coletivo Roda das Minas

Facebook: <https://www.facebook.com/rodadasminass>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/rodadasminas/>: a divulgação ocorreu por meio de publicação de *stories* no dia 19 de outubro de 2021;

E-mail: rodadasminass@gmail.com: não houve resposta.

b) Coletivo Caliandra FUP

Facebook: <https://www.facebook.com/Caliandrafup>: não houve resposta;

Instagram: https://www.instagram.com/caliandra_coletivo/: não houve resposta.

²⁴ A DAC/DIV informou-me desconhecer coletivos/grupos gordos, e/ou de mulheres gordas, e/ou de *body positive*, e/ou de mulheres que ee organizam em perspectiva anti-etarista nos *campi* da Universidade de Brasília.

c) Coletivo Rita Lobato

Facebook: <https://www.facebook.com/coletivoritalobatounb>: não houve resposta;

E-mail: coletivoritalobatounb@gmail.com: não houve resposta.

d) Coletivo Network das Minas

Facebook: <https://www.facebook.com/networkdasminas>: não houve resposta.

e) Coletivo Não me Calo

Facebook: <https://www.facebook.com/coletivo.nao.me.calo>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/coletivonaomecalo/>: não houve resposta;

E-mail: coletivonaomecalo@gmail.com: não houve resposta.

f) Coletivo Afetadas

Facebook: <https://www.facebook.com/coletivoafetadasunb>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/coletivoafetadas/>: não houve resposta.

g) Coletivo Ipê Rosa

Facebook: <https://www.facebook.com/iperosabio>: não houve resposta;

E-mail: iperosaunb@gmail.com: não houve resposta.

b) Coletivos/grupos negros

a) Ação e Justiça Antirracista - Ciências Sociais/UnB

Facebook: <https://www.facebook.com/ajasociais/>: não houve resposta;

b) Coletivo Calunga

Facebook: <https://www.facebook.com/coletivocalunga>: não houve resposta;

E-mail: calunga.coletivo@gmail.com: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/calungacoletivo/>: não houve resposta;

c) Grupo de Estudos AfroCentrados (GEAC)

Facebook: <https://www.facebook.com/grupodeestudosafrocentrados/>: não houve resposta;

d) Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero (Geppherg/UnB)

Facebook: <https://www.facebook.com/geppherg/>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/geppherg/>: não houve resposta;

E-mail: renisiafilice@gmail.com: não houve resposta;

e) Coletivo Negro de Gestão de Políticas Públicas UnB (GPPretas)

Instagram: <https://www.instagram.com/gppretasunb/>: não houve resposta;

f) Grupo de Estudos Mulheres Negras/UnB

Blog: <http://grupodeestudomulheresnegras.blogspot.com/>: não havia canal para entrar em contato;

E-mail: gemn.unb@gmail.com: não houve resposta;

g) LACRI - Estudos Afrocentrados em RI

Blog: <https://lacriunb.wordpress.com/>: não havia canal para entrar em contato;

E-mail: lacriunb@gmail.com: não houve resposta;

h) Maré - Núcleo de Estudos em Cultura Jurídica e Atlântico Negro

Facebook: <https://www.facebook.com/mareunb/>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/mareunb/>: não houve resposta;

E-mail: mareunb@gmail.com: não houve resposta;

i) Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB)

E-mail: neab@unb.br: não houve resposta;

E-mail: neab.unb.2017@gmail.com: não houve resposta;

j) Coletivo Negrex Brasília - Coletivo Nacional de Estudantes Negros de Medicina/ filial UnB

Facebook: <https://www.facebook.com/negrexbrasil>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/negrexbrasil>: não houve resposta;

k) Negro SUS - Coletivo Negro FCE/UnB

Facebook: <https://www.facebook.com/Negros-SUS-1081851545197876/>: não houve resposta;

l) Nosso Coletivo Negro

Facebook: <https://www.facebook.com/nossocoletivonegro/>: não houve resposta;

Blog: <http://nossocoletivonegro.blogspot.com/>: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/ncn.df/>: em 23 de fevereiro de 2022, o coletivo entrou em contato, relatando que não viu a mensagem de divulgação a tempo. Por isso, não conseguiu divulgar as oficinas;

m) Revira - Ressignificando Vivências Raciais

Facebook: <https://www.facebook.com/revirapsi/>: não houve resposta;

E-mail: revirapsi@gmail.com: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/revirapsi/>: não houve resposta;

n) Semeando Ubuntu

Facebook: <https://www.facebook.com/SemeandoUbuntu/>: não houve resposta;

E-mail: semeandoubuntu@gmail.com: não houve resposta;

Instagram: <https://www.instagram.com/semeando.ubuntu/>: não houve resposta;

c) Coletivos/grupos LBGTQIAP+

Ao entrar em contato com a Coordenação LGBT (Codsex), da UnB/DAC/DIV, foi informado por e-mail que a pesquisa seria divulgada em uma lista de estudantes LBGTQIAP+ que

integram um grupo de Whatsapp, coordenado pelo setor. Ainda, a seção sugeriu divulgar a pesquisa através da Coordenação de Gênero e Sexualidade, do Diretório Central dos Estudantes (DCE) (Facebook: www.facebook.com/dce.unb/ e Instagram: www.instagram.com/dceunb/) e pelas redes sociais da DAC / DIV (Facebook: <https://www.facebook.com/DiversidadeUnB/> e Instagram: <https://www.instagram.com/diretoriadadiversidadeunb/>). Ao entrar em contato com os meios indicados, não recebi nem resposta sobre a divulgação da pesquisa, nem se as oficinas foram veiculadas via Whatsapp.

d) Coletivo/grupo indígena

Associação dos Acadêmicos Indígenas da UnB

E-mail: aaiunb@gmail.com: não houve resposta;

Faebok: <https://www.facebook.com/aaiunb>: não houve resposta;

e) Coletivo/grupo de pessoas com deficiência

Ao entrar em contato com a UnB/DAC/DACES, foi informado que “não temos registrado nenhum contato de coletivos dentro da Universidade de Brasília que dialoguem sobre a questão da deficiência”. Perguntei se a pesquisa poderia ser divulgada para mulheres com deficiência a partir de alguma lista de contatos que a Diretoria poderia ter. A UnB/DAC/DACES afirmou ser possível realizar a divulgação da oficina para mulheres com deficiência em sua lista de contato. No entanto, não obtive notícias se a pesquisa foi veiculada mediante tal lista.

A fim de também comunicar sobre a existência das oficinas para o público da comunidade universitária a partir da dimensão do vínculo com a UnB, a divulgação das atividades foi realizada mediante envio de mensagens aos e-mails institucionais do Sindicato de Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília (Sintfub) e da Associação de Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), bem como para todos os e-mails institucionais das Unidades Administrativas e Acadêmicas da UnB, a fim de alcançar servidoras técnica-administrativas, docentes, estudantes e funcionárias terceirizadas. Fui informada que houve divulgação da pesquisa pela Secretaria de Comunicação (SECOM), pelo portal “UnB Notícias” e pela conta do Twitter da UnB (@unb_oficial), e pelo Instituto de Química (IQ), via conta do setor no Instagram.

Ainda sobre o caso das funcionárias terceirizadas, as oficinas também foram divulgadas a partir de remessa de mensagem aos e-mails institucionais das empresas que prestavam serviço para

a Universidade de Brasília em outubro de 2021, sendo elas: Griffó, RCA e Tese Engenharia. Não houve notícias sobre a realização de tais divulgações.

Além disso, no dia 31 de março de 2021, participei como palestrante do evento “Mulheres em 360º: dispositivos e tecnologias de gênero, violências e meio ambiente”. Ao divulgar a pesquisa, após minha fala, 3 (três) mulheres pertencentes à comunidade universitária da UnB que compareceram a tal atividade interessaram-se pelo tema e manifestaram interesse em participar da pesquisa. O evento contou com cerca de 70 (setenta) pessoas, sendo o público diverso em termos de gênero, raça, classe, idade, corpo, grau de escolaridade e profissão. Como pedi para que elas me mandassem um e-mail formalizando o interesse de participar naquele dia e elas o fizeram, também enviei um e-mail de divulgação para cada uma delas sobre a ocorrência das oficinas da pesquisa. Apesar de todas terem demonstrado interesse em participar, não se inscreveram nas atividades.

No que concerne à divulgação das oficinas para a sociedade em geral, enviei e-mails para as principais Instituições de Educação Superior Privadas do Distrito Federal, convidando suas comunidades acadêmicas para fazer parte do evento, porém não houve retorno se o convite foi repassado para as mulheres dessas instituições. Ademais, divulguei as atividades em minha conta pessoal do Instagram e para contatos pessoais e grupos dos quais faço parte no Whatsapp. Essa se mostrou a estratégia de divulgação mais eficaz, pois a totalidade das pessoas participantes das Oficinas 1 e 2 ou são contatos próximos, ou são amigas/conhecidas desses contatos pessoais.

Com isso, dezenove mulheres participaram das três oficinas, sendo oito participantes na Oficina 0, dez na Oficina 1 e cinco na Oficina 2. Ademais, três mulheres estiveram em mais de uma oficina, em que Sheila participou de todas as oficinas e Rosana e Iasmim participaram das Oficinas 1 e 2. É importante salientar que, com fins de preservar a intimidade das participantes, seus nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios.

Das dezenove mulheres participantes, dezesseis são membras da comunidade universitária, em que treze são estudantes, duas são servidoras técnica-administrativas e uma é aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Direito. Já as três mulheres pertencentes à sociedade em geral inscreveram-se exclusivamente para a Oficina 1: Lucrecia identificou-se como professora de escola particular, Estela é dona de um salão de beleza, ambas atuando em São Paulo, e Samanta não identificou sua profissão nem sua cidade de origem.

A “Quadro 3. Perfil das participantes das oficinas de extensão” compila os dados extraídos pelos Questionários com Dados Individuais e Sociológicos e demonstra o panorama geral sobre o perfil das participantes das três oficinas:

Quadro 3. Perfil das participantes das oficinas de extensão

Nome fictício	Participou de qual(is) oficina(s)?	Idade	Raça/cor (IBGE)	Identidade de gênero	Orientação sexual	Realidade econômica familiar por Classe Social por Faixas de Salário Mínimo (IBGE)	Percepção do corpo (Movimento Corpo Livre)	Deficiência	É membra da comunidade da UnB?	Identificação com luta social ou filosofia política	Participação em atividade política organizada (coletivo, partido político, movimento social ou outros)
Cátia	Oficina 0	19 anos	Parda	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe E	Magro	Não	Sim (graduanda em Psicologia)	Não se aplica	Não se aplica
Catarina	Oficina 0	21 anos	Preta	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe D	Magro	Não	Sim (graduanda em pedagogia)	Não se aplica	Não se aplica
Gaia	Oficina 0	20 anos	Preta	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe D	Magro	Não	Sim (graduanda em pedagogia)	Não se aplica	Não se aplica
Tânia	Oficina 0	20 anos	Parda	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe D	Magro	Não	Sim (graduada)	Não se aplica	Não se aplica
Bianca	Oficina 0	19 anos	Branca	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe C	Magro	Não	Sim (graduanda em Biotecnologia)	Não se aplica	Não se aplica
Natália	Oficina 0	21 anos	Parda	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe D	Nem gordo nem magro	Não	Sim (graduada)	Não se aplica	Não se aplica

Quadro 3. Perfil das participantes das oficinas de extensão											
Amanda	Oficina 0	38 anos	Parda	Mulher cisgênero	Assexual	Classe E	Nem gordo nem magro	Não	Sim (graduanda em saúde coletiva)	Não se aplica	Não se aplica
Sheila	Oficina 0 Oficina 1 Oficina 2	21 anos	Preta	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe E	Nem gordo nem magro	Não	Sim (graduanda em pedagogia)	Não se aplica (Oficina 0) e não respondeu (Oficinas 1 e 2)	Não se aplica (Oficina 0) Não respondeu (Oficinas 1 e 2)
Rosana	Oficina 1 Oficina 2	33 anos	Parda	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe C	Magro	Não	Sim (servidora técnica-administrativa)	Luta social ou filosofia política que envolva causas sociais	Não
Virgínia	Oficina 1	19 anos	Parda	Mulher transgênero	Lésbica	Classe C	Nem gordo nem magro	Não	Sim (estudante)	Não	Não
Monique	Oficina 1	39 anos	Preta	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe C	Gordo menor	Não	Sim (estudante)	Luta pelas mulheres, negros e deficientes	Não
Dalila	Oficina 1	38 anos	Parda	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe B	Magro	Não	Sim (aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Direito)	Feminismo e antipacifismo	Não
Iasmim	Oficina 1 Oficina 2	33 anos	Branca	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe B	Nem gordo nem magro	Não	Sim (estudante)	Combate a qualquer forma de intolerância e desrespei-	Não

Quadro 3. Perfil das participantes das oficinas de extensão											
										to	
Carolina	Oficina 1	20 anos	Branca	Mulher cisgênero	Bissexual	Classe C	Nem gordo nem magro	Não	Sim (estudante)	Feminismo	Não
Lucrécia	Oficina 1	43 anos	Parda	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe A	Magro	Não	Mulher da sociedade em geral. É professora em uma escola particular de São Paulo	Combate ao racismo e identificação com estudos de gênero	Não
Samanta	Oficina 1	34 anos	Parda	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe C	Magro	Não	Mulher da sociedade em geral. Não informou sua profissão	Luta pela igualdade de direitos das mulheres	Não
Estela	Oficina 1	38 anos	Branca	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe B	Magro	Não	Mulher da sociedade em geral. É dona de um salão de beleza em São Paulo	Luta social pela igualdade econômica e social	Não
Kênia	Oficina 2	36 anos	Preta	Mulher cisgênero	Heterossexual	Classe C	Magro	Não	Sim (estudante)	Pauta racial, feminista e de defesa do direito das crianças e dos adolescentes	Não

Quadro 3. Perfil das participantes das oficinas de extensão											
Eva	Oficina 2	43 anos	Parda	Mulher cisgênero	Heteros- sexual	Classe C	Magro	Não	Sim (servidora técnica- adminis- trativa)	Não	Não

4.3 Notas sobre a produção de dados da pesquisa

As três oficinas foram gravadas com a permissão das participantes, conforme aderência de todas as mulheres ao Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido. Após, a parte de áudio dos referidos vídeos foi degravada por mim, na íntegra, sem auxílio de nenhum *software* especializado.

Nem todas as participantes abriram suas câmeras durante a realização das oficinas, algo mencionado no item 4.2. No entanto, para aquelas que o fizeram, as expressões faciais/corporais captadas em vídeo também foram consideradas para efeitos de produção de dados. Assim sendo, foram assinaladas toda e qualquer reação, sentimento ou interjeição expressas.

Diferente do que comumente se entende por “coleta de dados”, essa pesquisa assume a postura pela “produção de dados”, em que dados não podem ser capturados como se fossem produtos acabados e estáticos: eles são construídos não só mediante a inter-relação entre o coletivo bem como a partir da análise interpretativa da/do pesquisadora/pesquisador (NUNES; MOURA, 2019).

Assim sendo, a partir da degravação integral do conteúdo audiovisual das três oficinas, foi realizada uma ampla leitura do conteúdo. Por meio de um processo interpretativo dos dados, em que se faz possível a concessão de sentidos a uma experiência (MORAIS; BRAGANÇA, 2021), seguiu os procedimentos de produção de dados realizados por Aragão (2014), em que foi realizado um “processo de classificação, onde separamos o essencial e o não essencial do que foi dito” (*ibidem*, p. 47). Destarte, percebi que diálogos travados entre e/ou falas emitidas por nós guardavam semelhança temática, na qual foram identificados “os significados subjetivos atribuídos às experiências vividas” (BORGES, 2016, p. 34) relativas às temáticas de amor romântico e relacionamento amoroso.

Dessa forma, emergiram 10 (dez) subcategorias a partir das categorias prévias (“amor romântico” e “relacionamento amoroso”), o que subsidiou a escrita do Capítulo 6 desta dissertação. Estas subcategorias foram erigidas a partir de “elementos sensíveis a comparação” (PALZA, tradução livre, 2014, p. 297; MORAES *et al.*, 2020).

5. AS OFICINAS DE EXTENSÃO ENQUANTO PROCESSOS FORMATIVOS

Os processos formativos identificados mediante realização das oficinas de extensão a partir de *gameplays* e trabalho biográfico com objetos aproximaram-se, em princípios gerais, às características do que Paulo Freire nomeou por “círculo de cultura”²⁵.

De acordo com Marinho (2009), um círculo de cultura caracterizou-se historicamente como uma experiência basilarmente dialógica, ativa e crítica, conectado aos valores culturais de suas/seus participantes, cujo o processo de ensino-aprendizagem dava-se de modo não-hierárquico, não se pautando pela transmissão de conhecimento e sim pela construção de saberes em conjunto. Com isso, tal metodologia não estava somente comprometida com a alfabetização de trabalhadoras e trabalhadores, mas também com a possibilidade de ler, criticar e transformar a realidade a partir de temas geradores que faziam sentido para determinada comunidade.

Assim sendo, os processos formativos decorrentes das oficinas de extensão também foram dialógicos e horizontais, assentados em um lócus social-histórico-cultural-político corporificados individualmente em cada participante, mas também em cada coletivo que se constituiu a cada atividade, além de ensejadores de pensamento crítico face aos preceitos de amor romântico e relacionamento amoroso, já que foi possível “externalizar o conhecimento tácito em conhecimento explícito” (MARINHO, 2009, p. 16) sobre tais temas a partir da realização das ações. No que tange ao tema gerador, os conceitos de amor romântico e de relacionamento amoroso não foram uma demanda espontânea das mulheres participantes da pesquisa. Entretanto, as subcategorias emergentes, isto é, os subtemas discutidos a partir dos dois conceitos principais podem se aproximar ao que os círculos de cultura entendiam por “temas geradores”.

Marinho (2009) debate sobre a contemporaneidade dos círculos de cultura e como seus elementos podem ser mobilizados neste novo século. Creio que as oficinas desta pesquisa sejam um subproduto deste legado, visto que os preceitos desta experiência podem converter-se em “instrumento de intervenção educacional”, em “instrumento de investigação”, em “espaço

²⁵ Marinho (2009) dedica sua dissertação de mestrado para dissecar a origem histórica e as perspectivas epistemológicas relativas aos círculos de cultura, experiência político-pedagógica pensada por Paulo Freire na década de 1960. Dado que o conceito “círculo de cultura” remonta a uma ação continuada de longa duração, com encontros encadeados visando a alfabetização de trabalhadoras e trabalhadores, as oficinas de extensão aqui realizadas não podem ser enquadradas como círculos de cultura. Assim sendo, foram elencados os princípios estruturantes dos círculos de cultura que se presenciaram nos processos formativos das atividades de pesquisa.

epistemológico na construção do conhecimento”, (*ibidem*, p. 70-71), ou até mesmo em processos formativos, já que “os círculos de cultura estão vivos seja na formação de professores, nas pesquisas ou na gestão de políticas públicas” (*ibidem*, p. 86).

Há que considerar também que as atividades de pesquisa constituíram-se enquanto processos formativos *online*, os quais estão conectados a sistemas técnicos, em que possibilitaram a “transmissão de elementos de ordem abstrata e simbólica” por meio de uma rede que já é um “meio pedagógico interativo”, em que as pessoas envolvidas são responsáveis pela construção ativa do conhecimento, marcada pela colaboração e interatividade (PEIXOTO, 2015). Conforme Marinho (2009) refletiu, é possível materializar os princípios do círculo de cultura de modo virtual, já que “mesmo no espaço virtual, que não é unidimensional”, há possibilidade de “acolhimento, reciprocidade, comprometimento, iniciativa e informalidade” (MARINHO, 2009, p. 99), tal qual ocorreu durante das oficinas de extensão.

Outro aspecto concatenado aos processos formativos transcorridos nas oficinas de extensão é aquele relativo aos multiletramentos críticos oferecidos pela cibercultura e conectados ao ciberfeminismo:

Na cultura contemporânea, o uso de tecnologias digitais em rede possibilita a comunicação e a circulação de informações e saberes em múltiplos meios e plataformas, redimensionando os modos de atuação dos sujeitos e potencializando novas formas de organização, engajamento e criação de produtos culturais (FERNANDES; SANTOS, 2020, p. 3)

Por essa feita, Fernandes e Santos (2020) refletem não só sobre o potencial oferecido por plataformas, sobretudo pelas redes sociais, para possibilitar a articulação política e o exercício de reflexão sobre a realidade de modo horizontal a partir da congregação de mulheres em espaços digitais, mas também sobre a emergência de “processos educativos mediados por tecnologias digitais [...]” que “instituem novos arranjos curriculares e plurais e novas demandas à formação” (*ibidem*, p. 7). É possível afirmar que as oficinas desta pesquisa não só se aproximaram a esses preceitos como conduziram a “atos de currículo a serem praticados no cotidiano da formação de mulheres, rompendo a lógica do patriarcado e reconhecendo a legitimidade dos movimentos ciberativistas como redes educativas para a construção de práticas transformadoras” (*ibidem*, p. 17).

Tais aspectos foram denotados pelas participantes à medida que ressaltaram as oficinas como espaço de debate de uma “visão totalmente contrário ao que é imposta” (Tânia, Oficina 0”) ou um “processo de desconstrução” (Iasmim, Oficina 1), assim como uma oportunidade de trocar experiências e começar “a observar isso no nosso cotidiano hoje e o fato de eu ser nova me faz, me dá o poder de mudar ainda” (Sheila, Oficina 2).

Kênia (Oficina 2) reflete, ainda, sobre as oficinas como possibilidades de espaços sistemáticos de acolhimento e escuta sentimental de mulheres na Universidade de Brasília no futuro, já que ela deve estar não só estar aberta para pensar “oportunidades pra mulheres conversarem sobre isso, sobre todos esses temas, porque às vezes é uma vivência muito solitária, a gente fica vergonha de comentar, [...] é humilhação [...] é restrição, é censura e muitas vezes a gente não tem com quem dividir” como também compreender que “tem muitas mulheres que não tem acesso à terapia, então eu acho importante que haja oportunidades, que a Universidade inclusive fomente esses períodos de conversas, esse círculos, de roda de conversa sobre isso”.

Já Dalila destaca a oportunidade de aprender a partir da lógica de diversidades e diferenças, já que as oficinas abriram um “universo aqui amplo, múltiplo...”: “mulheres de locais, de origens diferentes, de idades diferentes e tem uma mana trans aqui que trouxe a sua experiência de como acontece em um universo”, já que “eu como mulher cis, branca e heterossexual não faço a mínima ideia de como é o contexto afetivo-sexual com uma pessoa trans”.

Ademais, Monique (Oficina 1) e Kênia (Oficina 2) ressaltaram que o engajamento formativo das atividades deveria integrar a rotina da educação básica, ressaltando a ponte entre Universidade e Escola mediante sua função extensionista:

Luana, eu gostei muito dessa oficina! Eu acredito que uma oficina que podia ir além da UnB, inclusive. Acho que um ambiente particularmente que eu acho que seria muito bom seria nas escolas, a partir das crianç... das adolescentes, dos jovens, já aprender, já entender o que é isso, porque eu acho que já ajudaria muito, até na questão da autoestima, especialmente as mulheres, mas eu acho que essa oficina contribui pra todos, né, muitos aí falaram da questão dos filhos, a gente acaba ensinando a ser machista e tudo e eu penso que vai ajudar em todos esses sentidos (Monique, Oficina 1)

E a outra coisa que eu não sei se isso cabe no escopo do seu mestrado, da sua produção, mas é da importância de que meninas pequenas, desde novinhas, recebam uma educação sentimental, que sejam empoderadas, que a escola trate sobre isso, porque, se descobrir só adulta, só nessas situações que a gente viveu, com 30 anos, cara... é difícil mudar pensamento aos 30 anos (Kênia, Oficina 2)

Ao identificar os significados atribuídos pelas diversas participantes que compuseram as oficinas para os processos formativos emergidos das oficinas de extensão, há que se considerar também as oportunidades educativas ensejadas pela utilização das técnicas de pesquisa que estiveram a serviço de não só problematizar amor romântico e relacionamento amoroso mas também esmiuçar aspectos relativos a opressões ordenadas por marcadores sociais da diferença associados aos temas.

No caso das *gameplays*, esse mote pôde ser observado à medida que os coletivos escolheram desde a aparência física das personagens até às opções que as conduziram ao longo da narrativa, especialmente no tocante às reflexões concatenadas às opressões de raça e classe, assim como ao marcador social de corpo. Diante das limitações trazidas pelo próprio jogo no que concerne à diversidade de pessoas para representar a personagem principal, já que todas eram magras e jovens, as participantes da Oficina 0 escolheram, por maioria, uma moça negra de cor parda, com cabelos pretos, lisos e de comprimento médio. Já as participantes da Oficina 1 optaram, em sua maioria, por uma moça negra de cor retinta, com cabelos encaracolados.

No caso da personagem que representava o interesse amoroso da personagem principal, em que todas as opções masculinas eram de homens altos e fortes, as participantes da Oficina 0 escolheram, por maioria, um rapaz negro de cor retinta. Com relação às participantes da Oficina 1, foi escolhido um rapaz branco com cabelo ondulado e de raiz lisa.

É crucial denotar que as demais personagens do jogo não podiam ter sua aparência física escolhida. Como os dois jogos denotavam contextos de elite e de classe média alta, todas as personagens deste contexto eram brancas, magras, jovens e sem deficiência. Em contrapartida, aquelas que exerciam alguma atividade entendida pela sociedade como subalterna, como garçons e atendentes, eram negras, magras, jovens e sem deficiência. Com isso, percebemos, mais uma vez, a reprodução do racismo, do elitismo, do capacitismo e da gordofobia inscritos no *design* do jogo, conforme reflexões de Magnani (2007), ilustradas na subseção 5.2.1.

Durante a Oficina 0, após o término da fase de *gameplay*, provoqueei o grupo sobre as opções de aparência física das personagens que podíamos escolher. Catarina refletiu que “percebemos um padrão gritante, não tem opção de mulheres gordas, todos os cabelos são lisos/ondulados”. Tânia endossa o comentário de Catarina e ainda coloca que o mesmo não aconteceu para a personagem masculina:

Eu acho que esse jogo, ele coloca todas essas imposições de certa forma. Fora a questão de padrão de beleza mesmo que a gente vê no início. A gente viu a questão de quando a gente foi escolher o perfil: era branca, depois asiática, a parda não tinha características de uma pessoa parda, a mulher de pele negra também não tinha. Então eles continuaram com os traços embranquecidos, porém com a tonalidade de pele totalmente distorcida do que é na realidade, o que pode fazer com que várias meninas não se sintam bem, principalmente a questão da mulher negra, que é a mulher mais, que não se sente mais bem dentro da sociedade, exatamente por conta disso. E já do homem não, a gente viu características totalmente diferentes pra cada um, tanto relacionados a questões da tonalidade de pele, quanto às características físicas em si, elas mudavam, o que foi totalmente diferente da questão feminina” (Tânia, áudio)

Já na Oficina 1, novamente as limitações do jogo foram mobilizadas pelas participantes, em que Carolina ressaltou que as histórias são “muito caracterizadas, estereotipadas”. Com relação à aparência da personagem principal, as participantes disseram que as opções eram “limitadas” (Carolina), “muito parecidas, sem diversidade alguma” (Iasmim), em que havia “opções limitadas, sem diversidade” (Lucrécia). Ainda, Lucrécia ressaltou a questão do “padrão”, em que Samanta arrematou com “padrão bem sexy”. Virgínia acrescentou que achou “engraçado que, na hora que a gente tava passando assim os tipos, teve alguém que tava como a câmera ligada, que tipo chegou mais pra perto meio que pra ver a diferença, e eu achei muito engraçado porque eu não vi diferença nenhuma”.

Em geral, a tônica dos discursos produzidos pelas participantes das oficinas foi marcada por uma postura crítica e reflexiva, o que condiz com o próprio perfil das participantes que, em sua maioria, provém de um contexto universitário, provocador *per se* de processos de tomada de consciência em geral. Ademais, os questionários das Oficinas 1 e 2 buscaram mapear quais lutas sociais e/ou filosofias políticas as participantes identificavam-se quando da participação nas oficinas.

Dentre as mencionadas, ganharam destaque o feminismo ou a luta pela igualdade de direitos das mulheres, o antirracismo ou pauta racial, defesa de minorias políticas, como crianças, adolescentes e pessoas com deficiência, ou luta pela igualdade social e econômica. Assim sendo, consigo inferir que a identificação com filosofias que questionam o *status quo* e pautam-se pela transformação social rumo à eliminação de opressões sociais deve ser considerada como um fator importante para a construção de narrativas majoritariamente críticas, dando esse tom aos processos formativos que tomaram forma ao longo das atividades de extensão.

A “Quadro 4. Compilação de escolhas realizadas pelas participantes da Oficina 0” enfeixa aquelas emitidas pelo coletivo quando da *gameplay* ocorrida na Oficina 0, em que se presencia a

opção por alternativas que, dadas às limitações do jogo, apresentaram escolhas pautadas pelos preceitos de emancipação e liberdade para a protagonista.

Quadro 4. Compilação de escolhas realizadas pelas participantes da Oficina 0				
<p>Nome do jogo: Um amor em Paris</p> <p>Sinopse: Julianne é obrigada pelo pai a se casar com um jovem herdeiro de uma família rica para salvar os negócios da família. A moça pede ao pai para ir a Paris como último ato de liberdade antes do derradeiro casamento. Nesta viagem, a protagonista conhece Jas, um misterioso e atraente rapaz parisiense.</p> <p>Personagens e participantes leitoras: Julianne, a protagonista (Sheila); Jas, o interesse amoroso (Luana); Narradora-personagem (Tânia); Pai (Luana); Gian, o irmão (Luana); Patrick, o noivo (Luana); Vendedora (Gaia)</p>				
Contexto do jogo em que aparece a opção de escolha	Ordem de aparição da escolha durante o jogo	Opções de respostas	Resposta escolhida pelo coletivo	Comentário relevantes no chat
Pai obriga Julianne a se casar com Patrick, um herdeiro de uma família rica, para salvar os negócios da família	1	<ol style="list-style-type: none"> 1. Isso é coisa do século retrasado 2. Eu acho que essa fortuna está na palma da sua mão 3. Quero ajudar os negócios da família, mas... 	1. Isso é coisa do século retrasado	Não houve comentários relevantes para essa opção
Como não consegue fugir dessa obrigação, Julianne pede ao Pai para ir para Paris como último ato de autonomia antes do derradeiro casamento. A família de Julianne tem negócios em Paris	2	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ter algumas ideias para o casamento 2. Dizer adeus ao meu espírito livre 3. Cuidar mais dos negócios da família 	3. Cuidar mais dos negócios da família	<p>Uma vibe fuga (Cátia)</p> <p>Ser rica pra poder fugir dos problemas indo pra Paris 🥰🥰🥰🥰 (Catarina)</p> <p>queria ser herdeira assim (Tânia)</p>
No aeroporto, Julianne se despede de Gian e ele dá conselhos paternalistas para a irmã. Ela o responde:	3	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pare de se preocupar tanto, eu vou ficar bem 2. Provavelmente vou ficar no hotel a maior parte do tempo 3. Se precisar de alguma coisa, ligo. Eu prometo 	3. Se precisar de alguma coisa, ligo. Eu prometo	Meu filho tô em Paris me deixa (Cátia)
Ainda no aeroporto, Gian questiona Julianne o que ela faria se	4	1. Terminaria esse noivado e encontraria o	3. Beberia algo forte suficiente para	A melhor é a 2, mas 3 né (Bárbara)

pudesse fugir da obrigação do casamento		<p>amor verdadeiro (17 diamantes)</p> <p>2. Me autoconheceria. Aprenderia a viver sem o peso de ser uma Sanders (12 diamantes)</p> <p>3. Beberia algo forte suficiente para me desligar da realidade para sempre</p>	me desligar da realidade para sempre	Guardando diamantes pra dizer não no casório (Cátia), ao que respondem Tânia (sim kkkkkkkkkkk), Bianca (boa cátia kkkkk) e Natália (aí simm)
Julianne aprende frases em francês para dizer em Paris enquanto voa de jatinho para o destino	5	<p>1. Envie a conta para o chato do meu pai</p> <p>2. Me chame um táxi, por favor? Estou bastante bêbada</p> <p>3. Toque no meu queijo e perderá uma mão</p>	2. Me chame um táxi, por favor? Estou bastante bêbada	<p>gente, jatinho e paris (Tânia)</p> <p>kkkkk sonho sofrer em paris (Bianca)</p>
Julianne, já em Paris, está distraída e encantada com a cidade. Encontra casualmente Jas pela primeira vez, por meio de um esbarrão	6	<p>1. Eu estava vivendo meu próprio conto de fadas na minha mente</p> <p>2. Eu me distraí com a paisagem</p> <p>3. Acho que sou desajeitada em todos os continentes</p>	3. Acho que sou desajeitada em todos os continentes	Julianne lê muita fanfic e vê muito filme adolescente, inventa história com tudo (Catarina)
Patrick liga para Julianne e emite comentários grosseiros e machistas para ela durante troca de mensagens pelo celular	7	<p>1. Fale comigo assim de novo e cancelo esse casamento (17 diamantes)</p> <p>2. Não estou entendendo...</p>	2. Não estou entendendo...	<p>GENTE QUE (Cátia)</p> <p>QUEEEEE (Tânia)</p> <p>Block (Catarina)</p>
Julianne vê Jas pela segunda vez e se encanta pela sua beleza física. Ambos estão em uma perfumaria	8	<p>1. É lindo. Será que é famoso?</p> <p>2. Está nos mesmos lugares que eu</p> <p>3. Corajoso. A dona da loja é intimidante</p>	2. Está nos mesmos lugares que eu	<p>2 esquisito (Cátia)</p> <p>Podia ser a 1 com 2. Porque ele é realmente bonito 🥰👉 (Catatina)</p>
Jas ajuda Julianne a comprar um perfume na perfumaria, já que ela	9	1. Isso não seria rude?	2. Por que você está se oferecendo?	ah não, gente.... Esse cara já tá me assustando 😨 (Catarina)

não sabe francês e ele é fluente no idioma. Ela estranha a presteza do rapaz em ajudá-la		2. Por que você está se oferecendo? 3. Você quer algo em troca?		perseguição (Tânia) Fuja, Julianne, FUJAAA (Catarina) corre mulher (Tânia)
A negociação pelo perfume com a vendedora da loja é tensa e Jas continua ajudando Julianne com a compra	10	1. Eu adoraria que você me ajudasse! Isso é tão gentil da sua parte (17 diamantes) 2. Prefiro negociar sozinha (12 diamantes) 3. Eu não quero mais o frasco	3. Eu não quero mais o frasco	Não houve comentários relevantes para essa opção
Julianne caminha por Paris e chega na Pont des Arts, famosa por pessoas pendurarem cadeados para selar o amor eterno. Com isso, Juliana pensa:	11	1. Pendurar um cadeado para mim 2. Prometer colocar um cadeado no futuro	1. Pendurar um cadeado para mim	ai simm (Natália) Desconstruídah (Cátia) O som do tabu sendo quebrado (Catarina)
Jas encontra Julianne pela terceira vez “despretenciosamente”. Jas pergunta se ela está sonhando em se apaixonar	12	1. Sempre 2. Talvez 3. Quem não?	3. Quem não?	Ah sai fora chatinho (Cátia)
Jas emite vários comentários reforçadores do mito de amor romântico. Após, Julianne questiona Jas sobre a ocorrência de tantos encontros “casuais”.	13	1. Você está me seguindo? 2. Você está passeando? 3. Quem é você exatamente?	1. Você está me seguindo? (escolha unânime)	que convencido (Bianca) eu tava achando ele bem gatinho... e depois ele lança uma dessa, nossa, ficou feio pra mim agora (Natália) eu achei ele muito rápido, gente, muito rápido nas respostas (Tânia)

Destacaram-se as escolhas 1, 2, 8, 9, 11 e 13 como uma resposta direta ao sexismo estrutural, que foi basilar na construção deste jogo. Assim sendo, percebeu-se que as participantes compreenderam a fantasia retrógrada em que se insere a gameplay (“isso é coisa do século retrasado”), denotaram a capacidade laborativa da personagem (“cuidar mais dos negócios da família”), inseriram-se no contexto do jogo para duvidar das intenções da personagem masculina,

que insiste em aparecer nos mesmos lugares em que a protagonista, o que causa estranheza, medo, mas, ao mesmo tempo, senso de autoproteção diante da percepção que mulheres são mais suscetíveis à violência de gênero (“está nos mesmos lugares que eu”, “porque você está se oferecendo?”, “você está me seguindo?”, por escolha unânime). Os comentários “ah não, gente.... Esse cara já tá me assustando 😨” (Catarina), “perseguição” (Tânia), “Fuja, Julianne, FUJAAA” (Catarina) e “corre mulher” (Tânia) são representativos de ações concretas e frutos de um processo coletivo de tomada de consciência diante de uma ameaça de violência contra as mulheres.

A opção 11 foi representativa do senso de independência e solitude presentes na maioria das participantes da Oficina 0, ao se escolherem em sentido amoroso de modo prioritário em detrimento de uma parceria amorosa, algo a ser melhor detalhado ao longo do Capítulo 7. Nesse sentido, é importante realizar uma menção honrosa à escolha 4, dado que as participantes só não escolheram a resposta “Me autoconheceria. Aprenderia a viver sem o peso de ser uma Sanders”, novamente denotando a necessidade de auto-centramento das participantes da Oficina 0, porque, como ilustrou Cátia, estou “guardando diamantes pra dizer não no casório”, ao que respondem Tânia (“sim kkkkkkkkkkk”), Bianca (“boa cátia kkkkk”) e Natália (“aí simm”). Com isso, é perceptível o nível crítico aguçado das participantes face às armadilhas desempoderadoras do amor romântico expressas na narrativa do jogo.

Ainda sobre os demais comentários, marcados pelo deboche, alegria e engajamento, as participantes utilizaram em demasia a ferramenta do chat para expressar a sua incredulidade diante do descolamento da narrativa do jogo face à realidade, sobretudo à materializada em seus corpos, majoritariamente negros e pertencentes a realidades socioeconômicas representativas das Classes C, D e E. Nesse sentido, destaco os comentários: “ser rica pra poder fugir dos problemas indo pra Paris 🥰🥰🥰🥰” (Catarina), “Meu filho tô em Paris me deixa” (Cátia), “kkkkk sonho sofrer em paris” (Bianca).

Além disso, denoto os comentários de Cátia (“GENTE QUE”), Tânia (“QUEEEEE”) e Catarina (“Block”) ligados à escolha 7, diante da violência machista reproduzida pelo noivo da personagem principal. Estão presentes sentimentos de rechaço e de espanto e uma sugestão de ação face à violência recebida (bloquear o contato do agressor), atitude essencial para proteção da integridade física e emocional de qualquer mulher. Aqui reproduzo os diálogos extraídos do jogo:

Narradora. você espera a linha parar de tocar antes de enviar uma mensagem de texto para ele

Julianne: Olá, Patrick! Você queria algo?

Patrick: Sim. **Você precisa voltar para Chicago. Imediatamente.** Estou aqui, planejando nosso casamento, e você está fazendo Deus sabe o quê. Na França! Você voará de volta para Chicago amanhã de manhã. E nem um segundo depois.

Julianne: Como é? Não estou entendendo...

Patrick: Claro que não. **As mulheres nunca entendem.**

Julianne: **você está bravo** porque eu não pedi a sua permissão?

Patrick: **entre outras coisas**

Julianne: **você não é o meu dono, Patrick**

Patrick: **Ainda não! Até lá... cuidado com o que faz, Julianne. E com o que sai dessa boca também.** Você será uma McAllister em breve. Não quero que você jogue o nome da minha família na lama. **Haverá consequências se isso acontecer.** Aproveite suas férias. Estou aguardando ansiosamente o seu retorno (grifos meus)

Durante a realização da roda de conversa com a Oficina 0, Tânia ressaltou que o jogo apresentou um dos valores basilares do amor romântico, no qual ela acha que “todas nós praticamente crescemos com isso em mente”, que seria o encantamento mágico, marcado pelo chamado “amor à primeira vista”, pela construção de sentido de que aquela pessoa é “o amor da sua vida”, pelo “frio na barriga” e “sentimento de ansiedade”. Ademais, acrescenta que se esse conjunto de sinais não está presente nos momentos iniciais do relacionamento com um possível parceiro amoroso²⁶, isso “não vai ser uma coisa boa”, em que provavelmente “o relacionamento não vai para frente”. Os achados da pesquisa produzida por Actis, Cremona e Gariglio (2018) denotaram reflexões semelhantes, no quais as mulheres participantes deste estudo também compartilharam sobre o amor ser, no início do relacionamento amoroso, um estado efusivo, flutuante e apaixonado. Porém, como esse momento é relativamente curto na maior parte das relações amorosas, sobretudo porque são atravessadas pelo sexismo estrutural, as mulheres daquela pesquisa questionaram-se se valeria a pena continuar em um relacionamento amoroso que não oferecesse aqueles sentimentos iniciais, algo também sustentado e alimentados pelos mitos de amor romântico ainda apregoados em sociedade.

Bianca também pontuou sobre as mulheres terem tido “referências bem manipuladas ao longo do nosso crescimento”, colocando “a mulher num lado submisso onde ela tem que aceitar tudo e não necessariamente pode tomar suas próprias decisões, conectando-se ao que Catarina resumiu: “todo o jogo se resume a ela [a protagonista] ter um homem”. Tânia comentou sobre o destino manifesto apregoado em sociedade sobre o relacionamento ter que se desdobrar em namoro

²⁶ Aqui foi utilizada a linguagem neutra de gênero, já que a maioria das participantes da Oficina 0 são LBTQIAP+

e casamento, algo endossado por Catarina quando ela disse que “é como se ela não fosse ser feliz se não tiver um homem ao lado. Tanto que muitas mulheres quando passam de 20 anos já são cobradas a ter namorados, casar, ter filhos e por aí vai. O roteiro já está pronto e as mulheres só tem que seguir”.

Colocou, ainda, que o jogo trouxe um “padrão de relacionamento” marcado pela submissão da mulher, primeiro ao pai, depois ao futuro noivo, que tratou a personagem principal “como se ela fosse um objeto realmente pra satisfazer ele em todas as questões”. Ao trazer essa reflexão para o mundo real, ela compartilha: “isso é uma coisa que a gente fica muito em mente: quantas vezes uma pessoa se relaciona e dentro do relacionamento, ela fica ‘será que o meu companheiro tá feliz? Será que ele tá feliz com o que eu tô fazendo? Será que eu tô satisfazendo ele?’”.

Em suma, o processo formativo ensejado pela Oficina 0 demonstrou que as participantes não só já percebiam a circulação do amor romântico na base de relacionamentos amorosos em nossa sociedade e, coletivamente, reconfirmaram o entendimento de que outras formas de (se auto)amar eram possíveis.

A “Quadro 5. Compilação de escolhas realizadas pelas participantes da Oficina 1” congrega aquelas realizadas pelas participantes da Oficina 1 durante a *gameplay*, também marcadas por tons de crítica aos valores conservadores de amor romântico e relacionamento amoroso propagados pelo jogo. Ao contrário da Oficina 0, não houve interação pelo chat durante a *gameplay*.

Quadro 5. Compilação de escolhas realizadas pelas participantes da Oficina 1			
<p>Nome do jogo: O amor não é para os fracos Sinopse: Emma Sinclair é a especialista em solidão e separação da Stiletto, a principal revista feminina do país. Após chegar atrasado para mais um dia de trabalho, encontra Alex Cassidy, seu ex-noivo, já que ele a abandonou no altar há sete anos. Ambos trabalham no mesmo prédio, sendo que Alex ocupa uma posição de chefia em uma outra revista do mesmo grupo editorial da Stiletto. Emma, em pensamento, nos informa que eles nunca se encontraram mesmo trabalhando no mesmo edifício. No entanto, acontecimentos implicam em mudanças complicadas para a vida profissional e pessoa de Emma. Personagens e participantes leitoras: Emma, a protagonista (Sheila); Alex, o interesse amoroso (Samanta); Julie, amiga e colega de trabalho de Emma (Carolina); Narradora-personagem (Lucrecia); Riley, amiga e colega de trabalho de Emma (Monique); Grace, amiga e colegas de trabalho de Emma (Luana), Camille, a chefe (Virginia)</p>			
Contexto do jogo em que aparece a opção de escolha	Ordem de aparição da escolha durante o jogo	Opções de respostas	Resposta escolhida pelo coletivo
Emma tem seu apartamento alagado por um	1	1. Aceitar	1. Aceitar

cano estourado no apartamento de cima e chega ao trabalho, uma elegante revista de moda, vestida modestamente. Julie, sua amiga, oferece uma bebida quente e reconfortante. Emma pensa:		2. Recursar	
Emma entra no elevador ao lado de Julie e encontra com seu ex-noivo, Alex, aquele que a abandonou no altar 7 anos atrás. Ela pensa:	2	1. Vou reconhecer ele 2. Vou ignorar ele	2. Vou ignorar ele
Alex, de modo grosseiro, critica a roupa de Emma e fala que gosta de mulheres que usem roupas claras, tipo branco, perguntando a Emma se ela tem um em casa. Emma disse:	3	1. Eu tenho um 2. Eu não tenho um 3. Nada	3. Nada
No começo da reunião de equipe, as colegas de trabalho de Emma criticam sua roupa esportiva; Riley, por ser a especialista em sexo da revista Stilleto, faz comentário sexualizado sobre o cano estourado. Emma comenta:	4	1. Você é nojenta; 2. Nunca muda 3. Esse é o seu fetiche?	3. Esse é o seu fetiche?
Camille traz Alex para a reunião de equipe, avisando que ele será o novo editor-chefe da revista em seu lugar, já que ela tirará um período sabático. Emma pensa:	5	1. Alfinetar Cassidy 2. Resistir ao impulso	3. Resistir ao impulso
Emma reflete sobre Alex ser seu chefe. Ela se sente:	6	1. Apavorada 2. Brava 3. Animada	2. Brava
Emma percebe que Alex não sabia sobre a nomeação em seu outro cargo. Como ela já o namorou, reflete se faz uma leitura corporal de seu comportamento durante a reunião	7	1. Interpretar a linguagem corporal de Cassidy (17 diamantes) 2. Desviar o olhar	2. Desviar o olhar
Camille chama Emma para uma reunião particular em sua sala. Durante essa reunião, conta à Emma que conheceu um homem e que largará o emprego por um tempo para viver uma aventura amorosa. A chefe obriga Emma a sair com um homem de sua escolha chamado Benedict para que esse encontro subsidie a escrita de uma reportagem para a revista	8	1. Ele é gostoso 2. Não estou interessada	1. Ele é gostoso
Durante a reunião privada, Camille fala para Emma que conversou com Alex e perguntou se Benedict encaixava-se em seu tipo de homem ideal. Emma pensa:	9	1. Descobrir o que Alex disse sobre eu ter um encontro com Benedict (17 diamantes)	1. Descobrir o que Alex disse sobre eu ter um encontro com Benedict (17 diamantes)

		2. Dizer a ela que não quero saber	
Emma reforça para Camille que não está interessada em Benedict. Ela a pressiona, falando que ela deve ser feliz, se divertir, fazer sexo e não nutrir uma suposta amargura por escolher a solidão nesse momento da vida. Emma reflete sobre a suposta amargura:	10	1. Acho que sou 2. Posso ser 3. Não sou amarga	3. Não sou amarga
Camille atribui a si mesma o suposto sucesso de Riley, Grace e Julie serem noivas ou casadas a partir do momento que designou reportagens para elas que se pautavam no amor romântico. Ao usar este argumento, novamente insiste para que Emma realize a tarefa que a obriga a sair com um homem em um encontro às cegas. Emma responde:	11	1. Não estou procurando um relacionamento 2. Por favor, não faça isso comigo 3. Qual a tarefa?	1. Qual é a tarefa?

Apesar de não ter havido interações no chat durante a *gameplay*, alguns comentários surgiram neste campo após o término dessa etapa quando provoquei o grupo sobre suas primeiras impressões sobre o jogo. Ademais, para aquelas que participaram de sua leitura e mantiveram sua câmera aberta, as expressões faciais denotavam espanto, estranheza e comichão face à estereotipação propagada pelo jogo. Em um interessante comentário, Monique pontuou sobre as histórias serem “sempre nos Estados Unidos, né”, refletindo geopoliticamente sobre a postura colonial em se conceber produtos culturais ao anunciar uma sociedade, no caso a estadunidense, como retrato da Humanidade.

No que tange às escolhas eleitas pelas participantes durante a *gameplay*, destacaram-se as escolhas 6 e 10. A primeira escolha reflete o incômodo de Emma ao pensar que seu ex-noivo, aquele que a abandonou no altar e acabara de emitir comentários grosseiros para ela no elevador do trabalho, tornar-se-ia seu chefe. Dalila resumiu o sentimento médio das participantes ao pensar a fragilidade das mulheres, sobretudo de uma mulher negra retinta, e as possibilidades de assédio e abuso que ela poderia sofrer nesse contexto:

Mas no jogo também apareceu, [...] a questão da voz da Emma, né, da voz, do lugar de fala dela, em quase todos os momentos, ela é consciente do que aconteceu com ela, de que ela sofreu, de que o relacionamento acabou prestes ao ápice que todo mundo, que a sociedade deseja, que é o casamento, e ela se vê como uma possível vítima, ou que possa ser vítima, de abuso, de assédio, ela fala, nossa, o Alex aqui, em três minutos, ele pode acabar com a minha carreira. então ela tá consciente que ela pode ser vítima de violência, violência emocional, violência profissional, enfim (Dalila, áudio/vídeo).

Já a escolha 10 reporta a uma sequência de assédios protagonizada por Camille e Emma, em que chefe obriga a funcionária, a todo custo, a sair com um rapaz de sua preferência, conforme diálogo do jogo:

Narrador-personagem: Emma devolve o telefone, com a foto de Benedict, e diz que não está procurando um relacionamento agora

Camille: mas isso não significa que você não pode sair em encontros. Faça sexo. Se divirta.

Emma: **posso me divertir sem um homem**

Camille: claro que pode, todas podemos, mas, Emma, você é jovem, você é linda. De uma cínica para outra, se você se envolver nessa amargura por muito tempo, ela vai começar a se infiltrar dentro de você.

Emma pensa: sei que posso ser distante... mas “amarga”?

Ao assumirem que Emma não é amarga, o processo de escolha das participantes foi disruptivo das expectativas induzidas pelos mitos de amor romântico em relacionamentos amorosos, as quais Iasmim resumiu: “eu acho que aparece muito no jogo, nesse sentido mesmo que mulher precisa ter alguém, então sempre fala assim, ‘ah, mas como estar bem, como ser solteira se esse tanto de amigas tem relacionamentos””.

Para além dos mitos de amor romântico propagados pelo jogo (protagonista ser abandonada no altar; necessidade de alfinetar o ex-companheiro para chamar sua atenção, ex-companheiro se sentir autorizado não só a criticar a roupa da protagonista, mas emitir uma opinião de que gosta de mulheres com determinada roupa), a *gameplay* trouxe à baila a interação entre mulheres, representada por conduta antiética e violenta da chefia feminina para com Emma, a qual Dalila resume:

a chefe tem um padrão de conduta velada de abusadora sim! Abusadora, ela não escuta! A todo momento a Emma diz que não tá a procura de ninguém, mas pela condição dela de empregada, ela se deixa abusar nesse ponto de ‘ah, tá, tudo bem, você vai manipular, né, você manipula a vida dos outros, agora quer manipular a minha’. Então, assim, ela não é ouvida, o que ela fala não é creditado e tão pouco tem relevância. Enfim, essa questão do lugar de fala, da voz do feminino aí, tem coisa aí pra gente pensar e reflexionar bastante” (Dalila, áudio/vídeo)

Além disso, a *gameplay* abordou a “amizade” das amigas de trabalho de Emma, que demonstraram zero empatia sobre o dia difícil que ela estava vivendo e não oferecerem apoio para a protagonista sobre a difícil situação de lidar com um ex-companheiro aparentemente abusivo tornando-se seu chefe. Como é notório, o jogo explorou à máxima potência pinceladas misóginas de rivalidade feminina, propalando ideais de que mulheres não são leais, parceiras e amigáveis.

Sobre a protagonista ser interpelada pela sua inadequação ao uso de vestimenta, Lucrécia denotou que “o julgamento da aparência da protagonista não passa só pelo boy, mas pelo julgamento das outras mulheres também, pelo fato de ela estar usando os tênis naquele momento”. Assim sendo, foi presenciada “essa falta de empatia de realmente saber o que de fato tinha acontecido”, em que “o problema” foi mais essa “questão da aparência, pela revista, pelo ambiente” já que “você tem uma imagem a zelar em relação ao que você está vestindo aí”. Iasmim, ao concordar com Lucrécia, aponta “verdade, Lucrécia! Ela teve que explicar pra todo mundo o motivo da roupa”.

A Oficina 2, orientada pela técnica de pesquisa “trabalho biográfico com objetos”, evocou reflexões sobre como aqueles artefatos representavam as facetas do amor romântico e do relacionamento amoroso na história de vida das participantes. O processo formativo foi resumido na “Quadro 6. Compilação de comentários representativos sobre a apresentação dos objetos na Oficina 2”.

Quadro 6. compilação de comentários representativos sobre a apresentação dos objetos na Oficina 2			
Nome fictício	Ordem de apresentação dos objetos	Objetos	Comentários representativos sobre a apresentação dos objetos
Iasmim	1	1. Livro 2. Algema 3. Foto minha com o meu marido	1. “minha literatura era muito voltada pra esse estilo de amor... para o amor romântico” 2. “mostraria a minha transição, que foi à medida que eu fui estudando [...] comecei a ver o amor romântico como uma algema” 3. “Vejo meu relacionamento como uma desconstrução”
Sheila	2	1. Livros 2. Filme 3. Quadro que eu ganhei do primeiro menino que eu fiquei	1. “o tempo todo eles ficam expostos aqui, e eu fico vendo isso, aí ao mesmo tempo eu fico naquela situação de amor inocente, mas ao mesmo tempo eu fico com aquela outra sensação de ‘pô, não é real” 2. “eu sempre me vi muito em filme [...] Mas quando eu era novinha eu buscava muito isso, buscava muito esses relacionamentos, eu olhava e falava ‘eu quero ter igual!’, mas às vezes a gente vê histórias que não são reais” 3. “É engraçado, porque sempre que eu olho, eu lembro desse relacionamento, que hoje eu vejo que ele não foi nada saudável, que ele não foi nada bom em todos os sentidos”
Eva	3	1. Ipê amarelo	“Ele falou bem assim: ‘esse ipê representa o nosso amor!’. Aí eu falei: ‘ok’. Aí há mais ou menos um ano eu estive lá na chácara e olhei o pé de ipê e tinha morrido”
Kênia	4	1. Melanciazinha de madeira pintada e dentro tem uma joaninha (artesanato)	“Gente, esse negocinho aqui eu ganhei aos 17 anos daquele que veio a se tornar meu marido. Eu o conheci no Ensino Médio, me apaixonei por ele, eu nunca tinha tido nenhum envolvimento afetivo, amoroso com nenhum rapaz e eu o conheci nessa época e eu fui rejeitada, ele não me quis. 5

			anos depois, já eu terminando a graduação na UnB, eu reencontro com ele um ano antes, cerca de um ano antes, um semestre antes de eu me formar, eu me reencontro com esse cara e a gente começa a namorar e dali veio o casamento”
Rosana	5	<ol style="list-style-type: none"> 1. Álbum de casamento 2. Aliança 3. Filmes 	<ol style="list-style-type: none"> 1. “eu acho que representa muito esse amor romântico pra mim é o álbum do casamento, porque ali você tem imagens de um dia teoricamente perfeito, onde você foi a princesa, você entrou de vestido, você tava linda, todo mundo parou, levantou e ficou te olhando entrar” 2. “O outro objeto que eu acho muito interessante assim é a aliança. Eu acho o vínculo assim muito forte, desde o namoro, onde algumas vezes a gente pensa ‘ah, que dia ele vai me entregar a aliança do namoro, que ele vai oficializar?’”. 3. “Eu particularmente não gostava desses filmes de romance, aquela coisa melosa. Nunca fui... não me imaginava naqueles filmes, tipo, ‘nossa, que coisa mais linda!’ [...] E nesse meu relacionamento que foi até o casamento [...] que eu aprendi a ver o amor só que na forma amorosa e aí eu já gostava de assistir os filmes românticos com ele”
Luana	6	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desenho do Bob Esponja 2. Cartinha 3. Carta 	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Esse objeto remete ao ano de 2003, quando eu tinha 15 anos e foi, eu fiz desenho para o meu primeiro amor. Ele era o típico bad boy da escola, né, gente, quer ver mais narrativa de Sessão da Tarde que essa?” 2. “Eu ia recuperar o meu príncipe encantado de novo, porque o inglês ia começar e tinha esperanças!! E aí é o contexto dessa cartinha aqui” 3. “Então, assim, gente, quando eu recebi essa carta, foi a promessa do amor romântico! Eu falei: ‘gente, tudo que ele não consegue fazer, tudo que ele não consegue falar, tá tudo lá dentro, é um diamante bruto! Eu vou pegar minha picareta e vou lapidar”

Ao ter um número menor de participantes, o tom intimista da Oficina 2 fez criar um mergulho nas lembranças, com vistas a revisitar o passado e refletir sobre o presente. González-Monteagudo (2017) elucida o caráter pedagógico da utilização da abordagem de histórias e narrativas de vida, bem como o mote autobiográfico em grupos, especialmente para adultos. O teórico reflete sobre como o compartilhamento da produção de narrativas/escritos autobiográficos em grupos promove sentimentos de apoio, compreensão, empatia e união para aquele determinado coletivo. Ademais, proporciona o desenvolvimento da capacidade de autoaprendizagem, em que o indivíduo “simbolicamente viaja da dependência para a autonomia, da passividade para a atividade, do egoísmo para o altruísmo, do auto-rejeição para a autoaceitação, da imitação para a originalidade, de interesses limitados para interesses mais abrangentes” (*ibidem*, tradução livre, p. 46).

Ainda, o pesquisador compreende as histórias de vida tanto como feito histórico antropológico universal, já que são práticas cotidianas de transmissão intergeracional e intrageracional em todas as sociedades humanas quanto como instrumento de formação (são capazes de fazer com que os sujeitos deem sentido às suas próprias vidas) e testemunho sócio-histórico (a partir do registro e da análise de histórias de vida, é possível intervir na sociedade e/ou produzir ações sociais que a modifiquem):

En los nuevos contextos globalizados, postmodernos y cambiantes, las historias de vida, como prácticas multiformes de investigación, formación, intervención social, testimonio histórico y construcción de identidad, aspiran a profundizar en una manera integradora y compleja de trabajar para hacer más viable el desarrollo de la autonomía personal, la convivencia tolerante y la participación social (*ibidem*, p. 224).

Dessa forma, o reconhecimento de uma história contada passou a atravessar a outra, gerando um grande sentimento de empatia e (re)conexão, na forma expressa por González-Monteagudo (2008/2009) quando comenta sobre a dimensão emocional da metodologia de histórias e narrativas de vida, uma vez que ela possibilita a troca de experiências, a emergência da empatia, o desenvolvimento da habilidade de escutar as/os demais e também o autoconhecimento, em experiências autobiográficas, articulando reflexividade crítica com as dimensões subjetiva e emocional, trabalhando “com o corpo, o intelecto e as emoções” (*ibidem*, p. 223).

No que tange à reflexão individual de cada participantes, Iasmim e Eva já chegam à Oficina com uma visão não só deslindada, mas também crítica ao amor romântico, compreendendo sua face desempoderadora e/ou violenta, materializada nos objetos “algema” e “ipê”. Já Kênia comenta uma experiência de rejeição a partir do artesanato trazido e Rosana traz uma representação mais idealizada de dois de seus objetos (“aliança” e “álbum de casamento”), porém, em seu terceiro (“filmes”), comenta sobre como ela não se sentia representada em filmes românticos até conhecer seu ex-esposo. No meu caso, procurei trazer desde objetos que esmiuçaram as peripécias mais estereotipadas de amor românticos (“desenho do Bob Esponja” e “cartinha”) a um objeto que desvela um mecanismo alimentador de dependência afetiva e consequente violência emocional (“carta”).

Enquanto pesquisadora, participante e mediadora, senti que o processo formativo conduzido pela *gameplay* gerou mais engajamento, entrega e felicidade com o público jovem adulto, predominantemente presente na Oficina 0. Já na Oficina 1, percebi um certo desengajamento da

técnica face ao público adulto, talvez pelo distanciamento da faixa etária com a narrativa infanto-juvenil do jogo, ou mesmo com a ferramenta. Com isso, as pessoas estavam levemente desinteressadas e não houve uma circulação energética no grupo tal qual na experiência da Oficina anterior.

Entretanto, em ambas Oficinas, pude presenciar o processo de construção de conhecimento coletivo sobre a aparência física das personagens, desdobrando para discutir opressões sociais, falta de diversidade e de representatividade de corpos em meios de comunicação e na sociedade como um todo. Ademais, os jogos resultaram como pontapé inicial para aquecer a discussão sobre amor romântico e relacionamento amoroso, tanto que neste capítulo já foram pinceladas algumas das perspectivas das mulheres participantes sobre o tema.

No caso da Oficina 2, com público majoritariamente maduro e menor número de participantes, o processo formativo ensejado pelo trabalho biográfico com objetos foi gregário, profundo e imediato. Ao contrário das Oficinas 0 e 1, o trabalho biográfico com objetos já proporcionou uma rápida imersão nos temas de amor romântico e relacionamento amoroso. Com isso, houve uma entrega emocional e desenvolvimento de empatia ímpar. Como metodologicamente a técnica é desenhada para tal, não é possível determinar se esse potencial também se expressaria entre um público mais jovem.

No que tange à reflexão acerca de opressões sociais, esse mote só foi trazido à baila na Oficina 2 e de modo pontual a partir da construção de discurso sobre si realizada por uma participante (Kênia). Talvez a minha inexperiência enquanto mediadora não soube explorar o assunto quando surgiu, pois não quis ter uma postura invasiva para com as participantes. Contudo, as diversidades e diferenças não foram abordadas com vividez durante este encontro.

Portanto, compreendo que as oficinas, tal qual desenhadas por essa pesquisa, performaram melhor ao acessar técnicas de pesquisa indutoras de processos formativos com o público jovem a partir da realização de *gameplay*. Já para o público adulto, a experiência com trabalho biográfico com objetos demonstrou-se mais engajante.

6. AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO SOB A PERSPECTIVA DAS MULHERES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Esse capítulo compila as perspectivas das mulheres participantes da pesquisa sobre amor romântico e relacionamento amoroso, que se desdobraram em três dimensões: (a) as subcategorias analíticas emergentes e decodificadas a partir da construção de conhecimento elaborada com as participantes das oficinas, (b) as diversidades e diferenças mobilizadas na construção de discursos sobre si face às categorias analíticas principais da pesquisa e (c) as diversidades e diferenças identificadas a partir da produção dos dados.

6.1 Amor romântico e relacionamento amoroso em desdobramento: as subcategorias analíticas emergidas

Das duas categorias analíticas prévias trazidas para a discussão com as participantes das oficinas, desdobraram-se dez subcategorias emergentes. No início da produção dos dados, fixei um determinado conjunto de subcategorias a cada uma das categorias prévias. Entretanto, conforme me debruçava sobre eles, tornou-se evidente que as participantes imbricaram amor romântico e relacionamento amoroso a todo momento em suas narrativas. Por essa feita, não fazia sentido tal separação. Dessa forma, a emergência de subcategorias considerou a inter-relação entre as categorias prévias, conforme demonstra o Quadro 7:

Quadro 7. Categorias analíticas prévias e as subcategorias emergentes			
Categorias prévias	Subcategorias emergentes (Oficina 0)	Subcategorias emergentes (Oficina 1)	Subcategorias emergentes (Oficina 2)
Amor romântico ⇕ Relacionamento amoroso	1. Tecnologias de gênero 2. Desconstrução 3. Violência	1. Tecnologias de gênero 2. Desconstrução 3. Dissidência 4. Dependência afetiva 5. Religião cristã 6. Relacionamento saudável	1. Tecnologias de gênero 2. Desconstrução 3. Dissidência 4. Violência 5. Superação 6. Dependência afetiva

		7. Superação de dificuldades em casal 8. Violência 9. Dispositivo materno	
--	--	---	--

Duas subcategorias emergentes apareceram nas três oficinas: “Tecnologias de gênero” e “Violência”. Já outras duas subcategorias emergiram somente nas Oficinas 1 e 2, sendo elas as de “Dependência afetiva” e “Dissidência”. É importante pontuar que algumas falas produzidas pelas participantes se relacionaram a mais de uma subcategoria. Nesse sentido, notas de rodapé explicativas auxiliarão no que concerne à localização dos discursos ao longo do capítulo. Além disso, informo que os comentários escritos pelas participantes nos *chats* não foram enquadrados na norma padrão da língua portuguesa, inclusive foi preservado todo e qualquer uso de gírias e de abreviações, no sentido de preservar o internetês²⁷, marcado pela informalidade e criatividade.

A partir desse momento, apresentarei a sistematização realizada mediante as narrativas trazidas pelas participantes das três oficinas.

6.1.1 Tecnologias de gênero

O termo “tecnologias de gênero” foi cunhado pela pesquisadora Teresa de Lauretis (1994). A teórica argumenta que os seres humanos são constituídos mediante gênero não somente a partir do que ela nomeia por “diferença sexual”, mas também em razão dos “códigos linguísticos e representações sociais” e em associação à raça e à classe (*ibidem*, p. 208). Com isso, Lauretis (1994) extrapola a diferença sexual e compreende gênero como representação ou autorrepresentação enquanto um “produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas institucionalizadas, bem como práticas da vida cotidiana” (*ibidem*, p. 208), assim como “uma possibilidade de agenciamento e auto-determinação ao nível subjetivo e até individual das práticas micropolíticas cotidianas” (*ibidem*, p. 217), isto é,

²⁷ Segundo Komesu e Tenani (2009), “o internetês é conhecido como forma grafolinguística que se difundiu em textos como chats, blogs e demais redes sociais. Seria uma prática de escrita caracterizada pelo registro divergente da norma culta padrão”, em que se observa a “prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras”, no qual o emprego do internetês revela a “dinâmica sócio-histórica da relação entre sujeito, linguagem e novas tecnologias de comunicação e informação” (*ibidem*, p. 624).

retroalimentado por nós em nosso íntimo hodiernamente. Pontuo também que há uma nota de rodapé no Capítulo 3, onde pincelo a interpretação do termo dada por Zanello (2018).

Durante a Oficina 0, o cerne do que o conceito de Lauretis (1994) expressa, qual seja, as mídias como configuradas mediante tecnologias de gênero, foi trazido por Bianca quando ela disse que “a grande maioria das séries que foram produzidas na Disney ou na Nickelodeon”, as quais cresceu assistindo, é marcada pela protagonista feminina sempre ter um namorado, ou seja, “ela nunca tava solteira, ela sempre tinha um namorado, e o namorado era sempre um idiota”. Em seguida, comenta que precisa mudar isso em si, “porque realmente achava que era uma coisa normal e não é”. Outras produções estereotipadas e marcadas pelo amor romântico trazidas pelas participantes foram as chamadas “Jane The Virgin” e “Ele é Demais”, exibidas atualmente pela Netflix. Sobre a última, Gaia pontua que é “um reboot de um filme super machista do final dos anos 90. A diferença é que era uma mulher e agora o protagonista é homem”.

Já Catarina aborda recortes raciais e de corpo para identificar que não parece ser uma coincidência “as minas gordas e negras nos filmes sempre [fazerem] papel de melhor amiga da menina popular e sempre são solteiras”, ou seja, “as que eram solteiras sempre eram as meninas fora do padrão”. Essa reflexão rememora o que já foi dito sobre a “solidão da mulher gorda” e a “solidão da mulher negra” anteriormente.

Bianca ainda fala sobre o filme “500 Dias com Ela”, em que a história “termina com a personagem casada com outro e todo mundo que já assistiu critica ela”, já que a personagem principal decide o que quer para a própria vida, algo que não deve ser “uma escolha do namorado anterior ou do noivo”. Arremata refletindo sobre “a questão de feminilidade na mulher” como “algo evidente nos filmes, series etc. Tipo toda mulher é retratada com tanta beleza, maquiada, sem pelos e isso é irreal”. Sobre esse assunto, Catarina nos conta as críticas familiares recebidas sobre sua aparência: “eu sou magra, mas por ter o famoso buchinho sou sempre questionada nas festas de família. Sempre com perguntas ‘e essa barriga? Tem que tirar pra ficar melhor’”. Relembro Zanello (2018) quando denomina que a interação entre pessoas também podem ser tecnologias de gênero, sobretudo entre mulheres: no afã de pensarem que estão se auxiliando, estão mutuamente (re)produzindo padrões sociais gendrados e tóxicos.

Sheila refletiu sobre a relação entre amor romântico e filmes, em que disse ter crescido “assistindo todas as comédias românticas existentes na face da Terra”, sendo muito fã do gênero,

algo também colocado no chat por Tânia (“romance me pega dms²⁸”) e Gaia (“não posso ver um romance”). Todavia, Sheila ressalta ter tido “acesso a uma maior criticidade” ao ingressar na Universidade de Brasília, então passou a “questionar mais” e a “pensar mais no que” assistia, “no que eu via, as coisas que eu lia, porque eu também lia muita coisa estereotipada em relação à mulher”. Sobre a leitura de romances, relatou que sempre imagina as personagens loiras e brancas, mesmo que isso não estivesse expresso na narrativa dos livros (PEREIRA, 2019): “difícilmente você imagina uma personagem fora desses padrões”. Também nos contou que seus interesses amorosos também foram colonizados a partir de estereótipos masculinos dos filmes:

Sempre que um menino se interessava, a gente já botava ele também dentro de uma cabine e fala: “ele é igual ao do filme? Ele tem essas características?”. Ou então a gente já olha e fala: “eu vou servir para aquela pessoa, porque eu não tenho essas e essas características”. Então há também uma autocobrança muito grande pra se fazer esse padrão, de ser esse padrão” (Sheila, áudio/vídeo)

Ainda sobre Sheila, durante a Oficina 2, destaco os objetos trazidos por ela, sendo eles “livros” e “filmes”. Novamente menciona a importância da literatura de romances para a configuração de estereótipos de gênero para amor e relacionamento. Nesse encontro, ela citou a autora de livros Paula Pimenta, que atualiza contos de fadas para a realidade contemporânea adolescente urbana. Ressaltou o “fascínio” que essas histórias exerciam sobre ela em sua adolescência, em que “falava: “cara, já pensou se uma história dessa acontece comigo?”.

Ao regressar para o universo da Oficina 0, há uma interação via *chat* entre Catarina, Tânia e Natália a ser considerada. Ambas relatam as pressões machistas sofridas por casais de amigos e familiares para constituírem um relacionamento amoroso a partir de expectativas advindas do amor romântico, a ponto de Catarina passar a duvidar de suas convicções e repensar se lhe falta algo para ser escolhida por outro:

Catarina: Se você está em um grupo que todos os amigos namoram, aí tem mais ainda. Sempre te colocam num papel de "coitada", como se fosse algo extremamente triste. Já te colocam em um espaço de solidão.

Catarina: E não porque foi uma escolha sua

Tânia: simm Catarina! e isso é horrível, pq sempre te colocam como a que não foi escolhida, a que ninguém quer e nunca aceitam que pode ser uma escolha sua e sua vida, por esse motivo é solitária

Tânia: como se não tivéssemos poder sobre nossas vidas e escolhas

Catarina: Pois é, Tânia. E isso é muito ruim, porque a gente começa a realmente se

²⁸ O termo “dms”, em internetês, refere-se à palavra “demais”

questionar. Às vezes do nada eu fico pensando "nossa, todo mundo namora e eu não?" "O que estou fazendo de errado?" "Não sou bonita o suficiente?"

Tânia: a mulher não pode ser independente

Natália: Quando uma mulher diz que não quer ter filho também, nossa, tem gente que acha que é o fim do mundo

Como aponta Zanello (2018), o diálogo conecta-se com o fato de que “o estar sozinha é compreendido [...] não apenas socialmente, mas muitas vezes, pela própria mulher, como um ‘abandono’, um ‘enclausuramento’ na prateleira, como não ser boa o suficiente para ter sido escolhida” (*ibidem*, n.p). Ainda, sobre a participação de Natália no diálogo, Zanello (2018) arremata: “o casamento (e a maternidade) ainda são vistos como um destino ‘normal’, naturalizado, sobretudo, como desejo feminino essencial”.

É mister observar que o tom do diálogo é majoritariamente crítico, no qual as falas produzidas já vislumbram reflexões para outras rotas de vida descentradas do amor romântico, abarcando temas de solidão/solitude, egocentrismo, escolha individual e independência.

A Oficina 1 também foi palco para ambientação de exemplos de tecnologias de gênero através de livros e filmes. Lucrécia levou a discussão para sua “área de atuação, que é a literatura” e fez um percurso histórico sobre a representação dos homens e das mulheres em algumas correntes literárias ocidentais utilizando como fio condutor o mote “amar é sofrer”, trazido por Dalila anteriormente. Relembro que tal mote é uma das características do amor romântico, expressas no Capítulo 2.

Ao começar falando sobre mitologia grega, afirmou haver uma “separação entre homens e mulheres, o que era relacionado ao universo dos homens, o olimpo, as mulheres no quitônico, então hades, o inferno, as mulheres sempre naquele papel que desestabilizam o homem, ou que tira o homem do seu prumo”. Ademais, Lucrécia faz um paralelo entre alguns tipos de literatura medieval ocidental e as músicas hoje produzidas e compreendidas no gênero musical chamado “sofrência”:

as canções de amigo, as cantigas de amor e, se a gente parar pra pensar, que a nossa sofrência hoje, né, sofrência nada mais é hoje do que você recuperar essas cantigas de amor, que sofre, que vai... tudo bem que hoje a gente já tem uma música mais disruptiva se você pensa no conceito que a gente tinha anteriormente, que é essa mulher que banca, que vai sofrer, mas que no final das contas vai lá, transa com o cara, mas sofre também depois que transou (Lucrécia, áudio/vídeo)

Apesar de Lucrécia compreender as músicas de sofrência, sobretudo muito marcantes no ritmo musical sertanejo, como disruptivas, essa visão não encontrou assento dentro da pesquisa

realizada por Gama e Zanello (2018). As pesquisadoras analisaram as 100 músicas sertanejas mais ouvidas em 2016, 2017 e 2018 por meio de dados gerenciados pela plataforma Connect Mix e concluíram que os valores de amor romântico e a concepção tradicional de relacionamento amoroso seguem inalteradas.

Dentre as músicas cantadas por homens, os temas presentes foram “o apaixonado” (os homens são retratados como românticos ideais ou que foram transformados pela “boa mulher”. Já as mulheres são enaltecidas e vistas como únicas e insubstituíveis, portanto “a escolhida”, o que engatilha mulheres no dispositivo amoroso, na prateleira do amor e induz a rivalidade feminina), “o abandonado” (retrata narrativas de término de namoro, em que o abuso de álcool por homens é naturalizado para esquecer as dores emocionais. Há culpabilização da mulher pelo ato do término, colocando a mulher em posição de vilania e o homem no lugar de vítima. São naturalizados comportamento persecutórios, violentos e insistentes por parte do homens como sinônimos de amor) e “o narcisista exaltado” (os homens exaltam a si próprios, em que se presencia narrativas do tipo “eu sou o seu salvador”, “eu sou o melhor pra você” e “você vai sentir minha falta”). Já entre as músicas cantadas por mulheres, os temas foram “a abandonada” (retratam as mulheres lidando com o término amoroso divertindo-se com as amigas ao retornar a vida de solteira, porém à custa de estarem bonitas e sentirem-se desejada a fim de se reposicionarem na prateleira do amor. Além disso, a maior parte das letras narram o sofrimento e o desespero pelo fim do relacionamento amoroso, já que isso constituiu um fracasso em sua mulheridade), “a outra x a traída” (reforça a rivalidade feminina e dialoga com o sexismo do disposto “mulher para casar” e “mulher pra transar”. A amante é vista como uma mulher de má índole que destrói de lares e o homem não é responsabilizado pelos seus atos) e “a apaixonada” (dispõe de símbolos românticos, em que se exalta a construção de uma família tradicional a partir do casamento, a edificação de um lar e geração de filhos, bem como propagam estereótipos de feminilidade e masculinidade).

Quando Lucrécia fala da mulher que tem agência (“banca”, “sofre”, “transa” e “sofre”) retrata a amálgama dos três perfis presentes das músicas cantadas por mulheres, acima supracitados. Percebe-se o empoderamento colonizado (GAMA; ZANELLO, 2018) de mulheres que performam atitudes não inscritas em seus *scripts* de gênero (“banca” e “transa”), porém sentem as consequências sociais de seus atos (“sofre” é mencionado duas vezes na narrativa) e retornam a estereótipos de gênero que dialogam com amor romântico e com uma perspectiva tradicional de relacionamento amoroso.

Agora falando sobre romantismo, Lucrecia fala que “ali” já há “uma emancipação da mulher, em ‘Senhora’, em ‘Lucíola’”. Todavia, reflete que “no final, as personagens principais, as mulheres, sempre morriam, né? Se você pega aí, as protagonistas, as mulheres morrem, porque elas querem fugir àquele padrão” Enquanto isso, Dalila postula no *chat*: “tenho ódio de José de Alencar”. Parece-me que a expressão de ódio advém do sexismo estrutural propagado não só por esse autor, mas por toda uma tradição cisheteropatriarcal ocidental de produção audiovisual e literária que reforça tanto a sujeição feminina quanto a punição por qualquer ato de emancipação por parte das mulheres.

Por aproximação, é como Lauretis (1994) reflete sobre a produção do conhecimento científico e sobre a produção cinematográfica: “as teorias disponíveis [...] ou não preocupam com o gênero ou não são capazes de conceber um sujeito feminino”, deixando “o sujeito feminino desesperadamente atolado nos pântanos do patriarcado, ou encalhado entre o mar e o rochedo” (*ibidem*, p. 229).

Quando a roda de conversa abordou a questão da diversidade de representação das mulheres na mídia, Lucrecia focalizou sua narrativa na personagem Bertoleza, do livro “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, um marco do naturalismo brasileiro²⁹:

“eu fui lembrando justamente dessas mulheres fortes da literatura, né, mesmo quando você pega lá [inaudível] você tem a Bertoleza, que era a negra, a sensual, a que servia tudo, e quando você vê uma mulher que é representada de uma forma diversa na literatura, ela tem um estereótipo, o corpo, né, aquele corpo mais opulento, é visto como um lado mais sexualizado, da reprodução, daquela mulher que pode ser abusada, é que alvo do desejo e do escárnio de todos também” (Lucrecia, áudio/vídeo)

Lucrecia resume a visão estereotipada (e condicionada por tecnologias de gênero e raciais) da sociedade brasileira sobre mulher negra, construída ao acionar os signos de objetificação sexual, da fortaleza e do escárnio (GONZALEZ, 1984). Sobre a personagem em si, Santos (2018) dedicou o seu Trabalho de Conclusão de Curso para compreender a relação violenta entre Bertoleza, uma mulher negra gorda e retinta, e João Romão, um homem branco português, seu parceiro dentro de uma relação abusiva propagada no livro como um relacionamento amoroso. Bertoleza confia sua vida a João Romão, que, ao contrário, explora sua companheira sexual e financeiramente e também

²⁹ Segundo Santos (2018), “nas narrativas naturalistas, as características e ações dos personagens são constantemente associadas aos animais, como se os humanos sempre agissem levados por impulsos instintivos e animais” (*ibidem*, p. 9)

suas tarefas de cuidado e disposição física/mental para o trabalho, tornando-se “sua criada, caxeira e amante” (PEREIRA, 2019; GONZALEZ, 1984; COLLINS, 2015).

Ainda, Lucrécia realiza outro paralelo, agora entre o movimento realista e a trilogia “Cinquenta Tons de Cinza”:

No realismo, no período realista, a Madame Bovary que já saiu desse estereótipo, né, com as interferências do que vinha fora e do que a gente tem hoje, a gente pega lá os 50 tons de cinza, mesmo lá que você tem aquela mulher que experimenta, que escolhe, é uma mulher que sofre também, olha o que ela se submete em busca daquilo? Então acho que tem muito a ver, quando você fala sobre o amar é sofrer, isso é naturalizado! E não é uma questão que é naturalizada de hoje, é uma questão histórica que a gente vê desde antes de Cristo!” (Lucrécia, áudio/vídeo)

O estado da arte dessa dissertação, apresentado no Capítulo 4, capturou um artigo que trata desse conjunto de obras. Ao passo que Lucrécia enuncia que a personagem principal “experimenta” e “escolhe” performar práticas sexuais sadomasoquistas, Fernández e Gómez (2016) retratam que ela, de fato, é envolvida em uma trama abusiva travestida de amor romântico, proteção e cuidado. Tanto que a própria participante ressalta, em seguida, o sofrimento da protagonista da trilogia e conclama sua naturalização em relacionamentos amorosos.

No mesmo sentido da percepção de Lucrécia sobre a antiguidade no que diz respeito a desigualdades na configuração de responsabilidades emocionais diferentes para homens e para mulheres, Samanta coloca que “só pra adicionar nisso aí também”, ela reflete que “é uma coisa que tá bem antiga mesmo, na psiquê assim feminina, a questão de reformar o homem, a mulher tem aquele papel de salvadora do homem”. Para tanto, cita o exemplo do desenho “A Bela e a Fera”: “[a Bela] ela transforma a Fera. Então muitas meninas crescem com essa ideia do amor romântico, de que eu tenho que encontrar um cara que eu vou transformar em príncipe, um ogro que eu vou transformar em príncipe” (PIRES, 2009; MONTEIRO; ZANELLO, 2014).

Da mesma forma que na Oficina 0, a partir das falas de Catarina, Tainá e Natália, Iasmim comentou sobre a pressão sentida pela mulher quando está solteira. Para além disso, ela reflete que a “mulher solteira incomoda”, em que “todo mundo quer arrumar um namorado para a mulher solteira, porque tem algum problema que ela tá solteira”. Rememora que esse tipo de pressão é socializado para meninas desde a infância, com os próprios pai e mãe reproduzindo discursos do tipo “e você, vai namorar com quem?” com a própria criança, né? Então já coloca na criança pra isso, pra princesinha”. Dessa forma, para Iasmim, a criação é uma potente tecnologia de gênero para conformar estereótipos para homens e mulheres:

eu creio que justamente pelo que a gente tava falando, sobre a questão da nossa criação, da nossa criação, dos contos de fada, da nossa sociedade, né, de estar solteira incomodar, então isso tinha que vir muito de uma criação que você não precisa do outro, então desde muito cedo já fica falando sobre namorado, “você vai namorar com quem?”, e quando é um menino, fala “meu filho vai pegar sua filha”. E a menina, você pensa, é a princesinha, né, vai esperar alguém, vai esperar o príncipe encantado. Então por conta dessa criação, dessa sociedade que a gente vive que é tão difícil a pessoa se entender completa, sem saber existir sozinha (Iasmim, áudio/vídeo)

Iasmim também traz a perspectiva do caminho único proporcionado pelo amor romântico para a vida das mulheres, algo também explorado na Oficina 0. Para ela, “isso fica tão gritante que a gente vê amigas sofrendo ou porque estão solteiras, ou porque tem que casar, ou a pessoa mantém o pior, que eu ainda acho que é o pior dos quadros, que é manter um casamento pra não ficar separada”.

Já Estela trouxe uma dimensão curiosa para o debate quando do momento da roda de conversa. Ela comentou que “tava estudando sobre energia feminina e masculina” e identificou que sua energia “sempre foi muito masculina”, apesar de se identificar como uma mulher cisgênero heterossexual. Por isso, acredita ter sido esse um fator importante em que ter se envolvido em um relacionamento agressivo com um ex-companheiro. Com isso, ela afirma “eu fico hoje refletindo o quanto eu quero ser mulher. Eu tô fazendo o caminho inverso, eu quero aprender a ser mulher, é o contrário, sabe?”.

Lauretis (1994) ressalta que o gênero organiza pessoas dentro de classes, não no sentido marxiano do termo, mas na direção de que gera pertencimento a um grupo por motivos econômicos e políticos. Nesse sentido, constitui-se o que a pensadora caracteriza por “ideologia de gênero”, ou “heterossexismo” (*ibidem*, p. 218), que, em outras palavras, traduz uma relação imaginada, semiótica e fabricada do vir-a-ser homem e do vir-a-ser mulher, isto é, na realidade, somos seres humanos e a sociedade não só nos configurou dessa forma essencializada, como também aprendemos a nos enxergar por tal feita, já que “a construção de gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da auto-representação” (*ibidem*, p. 217).

Para discutir essa essencialização de gênero, trago para a discussão escritos (de)coloniais, em que Lugones (2008) afirma que a concepção de gênero era inexistente antes do movimento de invasão/conquista europeia em territórios americanos e africanos, de tal sorte que essa compreensão acerca do mundo é somente mais um subproduto da colonialidade patriarcal cisgênero.

Em um exemplo, a autora cita o trabalho de Oyèrónké Oyěwùmí, que rememora a imposição do sistema de gênero pela colonialidade à sociedade Iorubá, em África, transformando suas relações de complementaridade entre machos e fêmeas e resultando na “subordinação das fêmeas em todos os aspectos da vida” (*ibidem*, p. 86). Este estudo indica, pois, que o sistema de gênero não era institucionalizado nesta sociedade e só foi mais um princípio trazido pela dominação ocidental para sua facilitação em ler mundos não-europeus.

Com isso, quando do momento do contato entre povos originários e europeus, tomou lugar uma concepção rígida e binária sobre gênero, encarcerando homens e mulheres em papéis cristalizados do que o Ocidente entendia por masculino e feminino. Portanto, toda a fluidez no que concerne a papéis de gênero e de sexualidade humana vão sendo enriçados pela moralidade cristã, marcada pela heterossexualidade compulsória, com as noções de pureza e de pecado, alheias as cosmologias de tais povos, em que “mulheres colonizadas eram figuradas em relação a Satanás, às vezes como possuídas por Satanás” (LUGONES, 2014, p. 938).

Com isso, é necessário suscitar o conceito de “colonialidade de gênero” (*ibidem*, p. 941) para compreender o recrudescimento no que tange à vivência de gênero e de sexualidade. Lugones (2014) situa a brutalidade da imposição colonial de gênero e de sexualidade no fato de que os colonizadores pensavam a realidade mediada pela lógica “categorial dicotômica e hierárquica” (*ibidem*, p. 935) para expressar a humanidade.

Em um rápido exercício filosófico, a teórica nos faz entender que, se a humanidade só está para uma realidade dicotômica e hierárquica, ela não está para grupos que se organizam de outra forma. Assim sendo, a hierarquização dos seres ocorre entre humanos e não-humanos, situando os povos originários das Américas e de África como seres “incontrolavelmente sexuais e selvagens” (*ibidem*, p. 936).

Em outras palavras, o que se entende por civilização, logo humanidade, está para o homem europeu, burguês, colonial e moderno, junto àquela que reproduzia sua “raça e o capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade” (*ibidem*, p. 936), a mulher branca. Com isso, a dicotomia hierárquica foi, para Lugones uma “forma normativa de condenar os/as colonizados/as” (*ibidem*, p. 936), logo passíveis de objetificação, logo “bestiais, portanto não gendradas, promíscuas, grotescamente sexuais e pecaminosas” (*ibidem*, p. 937):

Proponho interpretar, através da perspectiva civilizadora, os machos colonizados não humanos como julgados a partir da compreensão normativa do “homem”, o ser humano por excelência. Fêmeas eram julgadas do ponto de vista da compreensão normativa como

“mulheres”, a inversão humana de homens.⁴ Desse ponto de vista, pessoas colonizadas tornaram-se machos e fêmeas. Machos tornaram-se não-humanos-por-não-homens, e fêmeas colonizadas tornaram-se não-humanas-por-não-mulheres. Consequentemente, fêmeas colonizadas nunca foram compreendidas como em falta por não serem como-homens, tendo sido convertidas em viragos. Homens colonizados não eram compreendidos como em falta por não serem como-mulheres. O que tem sido entendido como “feminização” de “homens” colonizados parece mais um gesto de humilhação, atribuindo a eles passividade sexual sob ameaça de estupro. Esta tensão entre hipersexualidade e passividade sexual define um dos domínios da sujeição masculina dos/as colonizados/as (*ibidem*, p. 937)

Em suma, a essencialização de gênero é um produto direto e derivado da colonialidade e dialoga na contemporaneidade com as tecnologias de gênero, encontrando assento na produção de discursos e na configuração de emocionalidades tal qual Estela nos narrou.

Com isso, a participante nos contou que assumiu ao longo de sua vida características e atitudes que eram lidas pelo seu contexto interpessoal e por ela mesma como ditas masculinas, porém hoje ela quer performar uma feminilidade que nada mais é do que uma construção social, uma vez que essa não é algo ontológico e/ou biológico a seres humanos dotados de genitais e hormônios femininos (LAURETIS, 1994, p. 211).

Creio esse ter sido o momento mais desafiador enquanto mediadora das oficinas. A proposta de construção do conhecimento de modo horizontal e democrático com as participantes da oficina me fez sobretudo respeitar a reflexão de Estela sobre a essencialização do dito masculino e do feminino. Nesse sentido, senti-me aflita por não querer desautorizá-la e, diante disso, não consegui propor uma reflexão que pautasse tanto a problematização do argumento sobre a essencialização quanto sobre o fato de ela ter relacionado esse assunto à violência sofrida em um relacionamento abusivo³⁰, já que tinha essa suposta “energia masculina excessiva”. Percebo que Estela realizar a leitura de seu passado a partir da lente da essencialização de gênero coloca-a em uma dupla situação de violência, já que ela não só sofreu violência como se auto-responsabilizou por ela ao exercer uma performance dita masculinizada, portanto interdita, nesse relacionamento amoroso.

Em seguida, ela nos contou que hoje está em um relacionamento saudável e muito feliz, porém reflete:

E pra minha relação hoje pra ser saudável eu preciso ter uma postura não de submissão, não tem nada a ver com isso, tá, mas de entender esse meu lado feminino, que eu abandonei durante a vida inteira por causa dessa guerra da vida. E eu acho que a gente também se perdeu um pouco nisso, sabe, nessa guerra da vida do sair pra trabalhar pra

³⁰ Há menção sobre o relacionamento abusivo vivido por Estela na subcategoria analítica “Violência” (item 6.1.4).

prover, o quanto a gente esqueceu o quanto cada um tem o seu lugar ali, sabe? (Estela, áudio/vídeo)

Apesar de Estela não fazer uma justaposição entre “feminino” e “submissão”, ela opõe “feminino” a “guerra da vida” e a “do sair pra trabalhar pra prover”, dando a entender que há algo do feminino que não deveria estar nesses espaços, já que “a gente esqueceu o quanto cada um tem seu lugar”. Portanto, fica subtendido que Estela parece procurar uma performance do que seja mulher aproximada a visões propagadas por tecnologias de gênero: talvez teça não só expectativas de ser cuidada e amparada pelo seu novo companheiro, mas também credita que parte do sucesso dessa nova relação advenha de um regresso a esse dito e fictício lugar do feminino.

Na Oficina 2, Kênia trouxe como objeto um artesanato que ganhou de presente de seu ex-marido aos 17 anos, quando o conheceu no Ensino Médio. Relata que ficou “muito apaixonada” por ele “na adolescência quando eu o conheci. Uma paixão dessas de novela, bem idealizada, eu escrevia cartinhas de amor e ele me rejeitou nessa época”. Apesar de ter afirmado mais de uma vez que não acreditava que o amor romântico fosse para ela, inclusive por questões étnico-raciais³¹, ela sente que “a minha mente foi moldada em direção ao amor romântico” (ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018), em que:

Ao longo desses cinco anos de separada, eu não consegui me vincular a nenhum outro cara. E sinto que sempre que essas ideias de amor romântico eles estão introjetados em mim, por mais hoje..., por mais conhecedora, mais consciência que eu tenha, de feminismo, de prateleira do amor, eu não... é difícil, gente! Eu sinto assim... que todas as vezes que eu me sinto próxima de me apaixonar, toda essa ideia de princesinha romântica volta na minha cabeça, eu me sinto bem suscetível a essas coisas. Nesse momento eu tô vivenciando uma fase de reaproximação desse meu ex-marido e eu me sinto frágil. Sinceramente: eu me sinto frágil, suscetível a mandar embora todos os aprendizados sobre, sobre a fantasia que é esse amor romântico: como ele não se sustenta, como ele é muito uma produção do capitalismo também, interessa muito ao capitalismo, essa coisa de monogamia, de ter o homem selecionado, ou de ser a escolhida, aquela que vai satisfazer todas as necessidades afetivas e humanas de um cara assim. Tudo isso assim, eu me sinto frágil, por mais consciente, eu acho que essa é uma das construções mais sólidas que conseguiram introjetar na cabeça das mulheres assim, no sentido de que a gente pra viver bem precisa de um homem (Kênia, áudio/vídeo)

Rosana, a partir dos objetos “álbum de casamento” e “aliança”, trazidos para a Oficina 2, refletiu que o primeiro expressa as “imagens de um dia teoricamente perfeito, onde você é a princesa, você entrou de vestido, você tava linda, todo mundo parou, levantou e ficou te olhando

³¹ Essa questão foi discutida na subseção 6.2 desse Capítulo.

entrar”. Para ela, “o dia do casamento é um dia muito romântico, onde ali todos os sentimentos são os melhores”. Pode ser que o relacionamento “tá até mais ou menos, mas no dia do casamento, é um amor”. Revela que hoje está separada de seu ex-marido e relata “casos de mulheres que guardam o álbum de casamento até hoje, porque é aquela lembrança daquela realização de um dia perfeito” após a separação.

Gama e Zanello (2019) expressam que “o uso de elementos simbólicos do matrimônio e da conjugalidade heterossexual tradicional, a exemplo do véu, aliança, fidelidade, família e lar” são agregadores do “valor a uma mulher, ao confirmar seu lugar de ‘escolhida’”. Se já aprendemos que o amor romântico faz parte da edificação de nossa subjetividade, via de regra, Rosana constrói uma visão idílica sobre o ápice da concretização da chancela masculina quando ressaltando a imagem de princesa, em todos pararam para te apreciar.

Rosana nos conta que teve “um marido muito romântico, ao extremo, de abrir a porta do carro sempre, de entregar flores direto, de escrever cartinha, até certo ponto do casamento”. No entanto, ela declara que acha que ele “não conseguiu carregar mais esse tipo de amor, porque é muito pesado”, ao ponto de ele falar “nossa, tem que ficar abrindo o carro?”. Com a quebra dessa expectativa e “por outros motivos também, acabou que... é como se esse amor tivesse morrido a ponto de falar ‘uai, gente, somos dois estranhos’”:

Você não faz mais aquilo, né, tipo, você não abre mais a porta do carro, você não escreve carta todo dia, então é muito pesado, pro dois, pro homem também. É até um pouco cruel, se a gente for parar pra pensar, porque a gente não entende que o outro tem limitação, e que mesmo ele tendo um sentimento, não vai ser sempre que você vai conseguir fazer aquilo. E aí se ele não entrega, se ele não faz, você já fica: “opa, como assim? Meu ideal de relacionamento era todo dia assim, uai! Me chamar de ‘meu amor’, ‘bom dia, princesinha!’. Como assim, o que aconteceu? Você tá de mau humor?” (risos) (Rosana, áudio/vídeo)

Sobre a aliança, ela compreende esse objeto como o símbolo de um “vínculo assim muito forte, desde o namoro, onde algumas vezes a gente pensa ‘ah, que dia ele vai me entregar a aliança de namoro, que ele vai oficializar?’. Rosava destaca que “o se desfazer ou o simples ato de tirar às vezes causa muito dor! Eu falo isso que eu meio que me coloco nesse grupo, né”. Com isso, nos conta que “ainda não consigo tirar” a aliança, fala que “é como se fosse ficar nua, não sei...”. Narra que seu ex-marido já tirou sua aliança, “já tá seguindo a vida dela, e eu não consigo, é como se ficasse aquela imagem do ‘felizes para sempre’ marcado ali naquela aliança”.

O discurso de Rosana fez-me compartilhar minha experiência pessoal com a aliança de

casamento. Reconheci-me nesse espaço de dor relatado por Rosana sobre a tensão em querer mantê-la após o término do casamento. Conteí que “escondi a minha aliança em uma *necessaire* no fundo do armário lá na parte de cima do armário”, mas “sentia a falta daqui, do dedo, a minha aliança era bem grossa e eu sentia a falta física desse objeto aqui, isso também doía pra caramba”.

Ao trazer meus objetos para a oficina, trouxe artefatos representativos de dois namoros vivenciados durante a adolescência e fase jovem adulta. Tais fragmentos da minha história de vida envolveram assuntos muito comuns relacionados ao amor romântico e ao relacionamento amoroso, como rejeição amorosa, paixão não-correspondida, naturalização de comportamentos de infidelidade por parte de namorados, com os motes de que “homem tem necessidades sexuais” e de que eu era uma “mulher para casar”, em detrimento de que outras garotas eram “mulheres para transar”, falta de responsabilidade emocional masculina, naturalização de que amar é sinônimo de sofrer, mito do príncipe encantado, esgarçamento de limites éticos em nome do amor, o chamado “tudo por amor”, sexualidade como moeda de troca mediante forma de aprisionamento do homem em um relacionamento amoroso e baixa autoestima.

Houve uma imediata identificação das mulheres com as minhas narrativas, em que Kênia afirmou que “é muito incrível como que, em diferentes medidas, essas vivências que você narrou aí, elas compuseram também a nossa vida. Eu acho que as outras meninas, as outras mulheres que estão aqui, certamente em alguma medida, se viram fazendo essas coisas, essas cartinhas”. Com isso, conclui: “pra mim só endossa o quanto é uma escravidão essas ideias de amor romântico, um ‘encegueiramento’, um adoecimento alucinado”.

6.1.2 Desconstrução

Essa subcategoria emergente esteve presente nas três oficinas e congrega narrativas produzidas por mulheres que disseram ter sido (muito) influenciadas pelo amor romântico, porém estão desconstruindo este conceito em seu cotidiano, sobretudo na relação consigo mesmas e/ou em seus relacionamentos amorosos. Tal disposto conecta-se aos escritos de Lauretis (1994) quando ela discute sobre o sujeito do feminismo: ao passo que ele está dentro da ideologia de gênero, ou seja, foi colonizado pelos *scripts* do vir-a-ser mulher, ele também está fora, pois é capaz de identificar tal ideologia, criticá-la, combatê-la e, em último, desconstruí-la:

Que as mulheres continuem a se tornar Mulher, continuem a ficar presas ao gênero [...] e que persistamos em fazer a relação imaginária mesmo sabendo, enquanto feministas, que não somos isso, e sim sujeitos históricos governados por relações sociais reais, que incluem predominantemente o gênero (*ibidem*, p. 218).

Nesse sentido, Lauretis (1994) expõe que é possível construir gênero “nas margens dos discursos hegemônicos” por meio de “práticas micropolíticas” em “nível ‘local’ de resistências, na subjetividade e na auto-representação” (*ibidem*, p. 228). Com isso, reflete sobre a desconstrução do gênero e sua (re)construção, a qual define por “des-reconstrução” (*ibidem*, p. 236).

A des-reconstrução manifesta-se em “espaços sociais entalhados nos interstícios das instituições e nas fendas e brechas dos aparelhos do poder-conhecimento” (*ibidem*, p. 237), em um momento de (re) cruzar as fronteira e os limites da(s) diferença(s) sexual(ais) quando se entende esse duplo lugar de estar fora e dentro da ideologia, um espaço dialético que tanto entende a representação de gênero, que se construiu mediante um referencial androcêntrico, quanto aquilo que tal representação exclui (*ibidem*, p. 238).

De modo semelhante, Lugones (2014), ao refletir sobre a relação entre opressão e resistência, identifica que a interação entre tais categorias permite a perpetuação de um projeto (cri)ativo com vistas a ensejar libertação por meio de uma agência criativa e colaborativa em uma realidade sobretudo marcada pela infrapolítica: dado que minorias sociais ainda têm pouca ou nenhuma presença em espaços de poder e de privilégio, é neste cenário que podem se organizar, voltando-se “para o dentro, em uma política de resistência, rumo à libertação” (*ibidem*, p. 940).

Dito isso, Lugones (2014) nos mostra que a vitória infrapolítica também se dá a partir do que o processo colonial, racializado, opressor e gendrado fez conosco: aquilo que é diferente do hegemônico. E, sendo assim, é neste lugar também que reside a nossa força.

Este pensamento torna-se mais claro quando Lugones (2014) observa a relação entre opressão e resistência no que ela chama de “lôcus fraturado da diferença colonial” (*ibidem*, p. 941). Em outras palavras, remete-se a ressignificar o processo colonial vivido por grupos oprimidos, em que fazemos algo com aquilo que fizeram da gente:

quero pensar o/a colonizado/a tampouco como simplesmente imaginado/a e construído/a pelo colonizador e a colonialidade, de acordo com a imaginação colonial e as restrições da empreitada capitalista colonial, mas sim como um ser que começa a habitar um lócus fraturado, construído duplamente, que percebe duplamente, relaciona-se duplamente, onde os “lados” do lócus estão em tensão, e o próprio conflito informa ativamente a subjetividade do ente colonizado em relação múltipla (*ibidem*, p. 942).

As oficinas nada mais foram que um empreendimento micropolítico com o objetivo de construir conhecimento coletivo sobre amor romântico e relacionamento amoroso de modo crítico, em que houve tanto a oportunidade de identificação dos dispositivos que nos tornam mulheres (tecnologias de gênero) quanto a produção de discursos que os desnaturalizaram (desconstrução).

A reflexão supracitada manifestou-se sobremaneira por meio da interação Lucrecia-Sheila, durante a Oficina 1, quando a primeira ressaltou que “ter um momento como esse aqui hoje já é um grande passo”: apesar de termos sido “um grupo pequeno”, conversar sobre os temas de amor romântico e relacionamento amoroso pode “ampliar e levar essa voz para parar pra pensar nesses modelos”. Em seguida, no *chat*, a segunda arrematou ao dizer em ter se sentido feliz “em ter compartilhado esse momento com vocês e ver que estamos pouco a pouco desconstruindo esse amor romantico tão doentio em nossa sociedade”.

Ao identificar outras dimensões do que as participantes refletiram sobre desconstrução, a presença dessa subcategoria na Oficina 0 foi bem tímida, com apenas 3 excertos, mobilizados por três participantes distintas. Sinto que foi dessa forma, pois as mulheres que interagiram nessa oficina já possuíam fortes críticas ao conceito de amor romântico e de relacionamento amoroso tradicional, já que motes da solidão, da independência e da escolha individual fizeram-se transversalmente presentes em seus discursos. Assim sendo, comentários pontuais foram realizados.

Catarina afirma que se sente “bem feliz com minha barriguinha”. Enquanto o amor romântico sustenta-se também por um ideal estético marcado sobretudo pela magreza, essa participante aceita o seu corpo e já percebe as armadilhas do dito padrão de beleza para mulheres.

Ao final da atividade, Bianca comentou que “a melhor parte é quando nos libertamos”. Como emergiram basicamente assuntos sobre tecnologias de gênero e violência na Oficina 0, o termo “libertação” chamou-me atenção, já que, no contexto proferido, sintetiza a criticidade produzida face aos valores de amor romântico apregoados em sociedade.

Por fim, Cátia questiona: “e tendo tudo isso em vista, como se sentir bem mantendo relações amorosas com homens? Fico pensando”. Cátia, especificamente, é uma mulher jovem adulta bissexual. Questionar futuros relacionamentos com homens face ao conhecimento construído na própria oficina que correlacionou esse gênero com situações amorosas marcadas por maiores níveis de violência, algo apontado no Capítulo 3, pareceu-me também como uma postura crítica e questionadora que descentra esse tipo de relacionamento como caminho único, especialmente para

mulheres bissexuais, que sentem atração física, sexual e amorosa pelos gêneros feminino e masculino.

A Oficina 1 mobilizou bastante o tema da desconstrução, sobretudo a partir das falas da participante Lucrécia. Ela afirma que o jogo de celular “vai na contra-mão do que a gente tá vivendo no momento. A gente tá no momento de desconstrução, de escolha”. Para ela, o momento contemporâneo está marcado por pessoas refletindo sobre “modelos mentais justamente que a gente formou a respeito disso, as coisas que ficam no subconsciente. Querendo ou não, muitas vezes a gente reproduz determinados comportamentos sem ao menos pensar sobre aquilo”.

Já Iasmim, apesar de concordar com Lucrécia e até reconhecer que “a gente vê a questão da desconstrução”, acredita que ela ocorra em um “percentual muito pequeno ao nosso redor”. Para ela, “ao nosso redor, fora da universidade ou pra fora de um grupo que seja próximo de nós”, a crença no “príncipe encantado ela é ainda muito real”.

Apesar do comentário de Iasmim, Dalila conecta-se com a fala de desconstrução e narra “um relato pessoal nesse sentido aí da Lucrécia” sobre o dia que se permitiu ir sozinha a um bar pela primeira vez em Brasília antes da pandemia por Covid-19:

Foi a primeira vez que eu saí, não me sentia confortável em sair só. E aí eu saí, eu parecia uma ET dentro do bar. Eu queria ficar só, eu queria comer a minha comida sozinha, eu queria tomar o meu drinque sozinha, mas eu fui interrompida a noite inteira por homens, pelo dono do bar. Ele chegou e me explicou o cardápio inteiro dos drinks e eu sem querer saber. Eu disse: “brigada, brigada, eu não tomo bebida alcoólica”. Aí ele: “ah, eu vou te ensinar a fazer todos esses drinks sem álcool”. E eu “ah, brigada!”. E eu querendo assistir, tava tendo um espetáculo de dança. E eu, “gente, será que não é possível que eu não possa ficar aqui em paz, curtindo?”. Eu me senti a mulher mais poderosa do universo ali sozinha, sustentei a minha solidão, mas fui interpelada a noite inteira, até que chegou um gringo e ficou sentado do lado, mas... tive que sair e pedir minha conta, por tava insuportável curtir a minha primeira noite solo sozinha e não deu (Dalila, áudio/vídeo)

Dalila traz à baila o incômodo social causado pela mulher solteira/sozinha, algo mencionando na subseção 6.1.1. Segundo Pires (2009), diante da presença do amor romântico em nosso cotidiano, “a possibilidade de ser feliz sem alguém ao lado definitivamente não faz parte” (*ibidem*, p. 92) do que se espera em sociedade. Com isso, uma mulher solteira causa “estranhamento” (*ibidem*, p. 93), tanto que a participante não conseguiu aproveitar sua própria companhia, tamanho o assédio de homens que não concebem a ideia de uma mulher ter uma noite de solidão.

Na esteira do relato de Dalila, Virgínia e Monique colocam no chat sobre como se sentiram ao ir ao cinema sozinhas, respectivamente: “antes da pandemia eu fui no cinema só e foi bem divertido e libertador sla³²” e “eu já fui várias vezes ao cinema sozinha”. O fato de essas participantes terem desfrutado de passeios no prazer de suas próprias companhias é uma atitude desconstrutiva face ao amor romântico, que justapõe satisfação, sucesso e felicidade à realização de atividades em casal, sobretudo para mulheres.

No momento em que as participantes da Oficina 1 discutiam sobre duas frases famosas ligadas ao amor romântico, sendo elas “amar é sofrer” e “o amor tudo suporta”, Iasmim afirma ter presenciado momento em que essas sentenças conformações de violência de homens para com mulheres. No passado, a participante disse que já tolerou “muito, muito mesmo” discursos violentos produzidos por homens para com suas companheiras. Se antes silenciava sobre eles, “hoje em dia eu não tolero mais!”:

Então, tipo, esse casal são nossos amigos há sete anos, no início eu sempre escutava ele falando com ela “cala boca! Sua burra!”. E hoje em dia eu não fico mais calada, tipo no final de semana mesmo, eu falei “o cabelo é seu? É dela! Você não é dono dela!”. Então eu fiz várias intervenções, eu fico sempre falando, mas eu já fui muito negligente em relação a isso, muito mesmo, eu me vejo como negligente durante muitos anos, de um tempo pra cá foi que eu comecei a realmente não permitir que isso não aconteça, pelo menos na minha frente (Iasmim, áudio/vídeo)

Para além de uma atitude desconstrutiva, portar-se como Iasmim face a uma situação de violência contra a mulher é um ato corajoso e urgente, é desnaturalizar toda e qualquer fala que cerceie a liberdade de, degrade e/ou desempodere uma mulher.

Na Oficina 2, Sheila reflete sobre “o viver de migalhas” em interações amorosas, que seriam aquele “pouquinho, aquele elogio, aquele quadro, aquele abraço, aquele toque” como supostamente atitudes “suficientes, mas não é, a gente realmente vive de migalhas”. Inclusive ressalta que já passou “por muitas situações assim de a pessoa meio que cansar de você e trocar por outra e você se ver ali descartada”. Todavia, se antes essas “coisas [...] mexeriam comigo”, hoje ela consegue identificar esses mecanismos desempoderadores e afirma: “papo furado! Fala pra todo mundo! Isso não quer dizer nada!”, ao ponto de Sheila nos contar que se fechou para os relacionamentos amorosos, até por se sentir objetificada devido a ser uma mulher atraente corporalmente:

³² A expressão “sla”, em internetês, representa a expressão “sei lá”.

E foi difícil assim, eu tive que fazer muita terapia para não me colocar sempre, sempre de aceitar o mínimo, sabe? E eu me vi muito na história de vocês, assim, de realmente aceitar isso e demorar muito pra perceber e é um processo assim contínuo. Às vezes eu penso em me relacionar e eu falo: “eu não vou, porque tá todo mundo assim!”, às vezes eu até acho que eu generalizo demais também, porque eu me fechei assim, por um tempo eu fui fechada, falei: “não, porque toda vez que eu me coloco nessa situação eu tenho que aceitar o mínimo”. Enfim, eu tenho um corpo mais definido e as pessoas sempre me sexualizam muito. Na maioria das vezes que alguém se aproximava era pra isso, era pra tirar vantagem, era pra se exibir. Então isso sim foi me marcando muito, desconstruir isso foi muito difícil e está sendo difícil, porque é um processo contínuo. Então, às vezes qualquer pessoa que fala qualquer coisa já me bota na defensiva e eu falo: “não!”. E é muito difícil não ser assim, também, não tá tanto na defensiva, mas eu fico naquele cabo de guerra, não sei se é força, se é uma resistência, ou se eu que tô certa, ou realmente isso vai acontecer, é uma coisa que processo sempre (Sheila, áudio/vídeo)

Aragão (2014) identifica em sua pesquisa de mestrado o quão importante é a questão de gênero face ao compromisso em um relacionamento amoroso. Para os homens participantes, foi possível reconhecer narrativas que naturalizavam o descompromisso em relações amorosas monogâmicas, “especialmente no que se refere a sexo” (*ibidem*, p. 71). O constante abandono relatado por Sheila, assim como se sentir sexualizada coaduna com esses achados, pois o sexismo estrutural concede privilégios tamanho aos homens que a infidelidade é, ao fim, até uma prova de virilidade. Ademais, a autora do estudo compreende que as mulheres passam a lidar com futuros parceiros a partir da ótica da insegurança, “gerada pela constatação da leveza masculina (não compromisso)” (*ibidem*, p. 71), o que se torna presente na fala da participante, que cita estar fechada para o amor.

Chaves (2009) também percebe como as mulheres jovens estão encarando “o quadro amoroso da atualidade com ceticismo” (*ibidem*, p.38): as entrevistadas de sua pesquisa ressaltaram a generalização e a banalização da infidelidade em relacionamentos amorosos tradicionais, nomeando tal comportamento enquanto “moda”. Ao voltar à reflexão de Sheila, ao passo que é difícil estar em constante “cabo de guerra”, em que se torna árduo confiar em novas parcerias amorosas, adotar uma postura mais cautelosa para proteger suas emoções constituiu-se em um ato desconstrutivo, visto que os mitos de amor romântico reforçam justamente o contrário.

Duas participantes da Oficina 2 refletiram sobre os desafios iminentes a esse processo de desconstrução. Enquanto Rosana fala que “essa virada de chave é muito difícil quando você já colocou na cabeça essa visão do amor romântico”, Kênia evidencia que “as meninas de agora” possam ter uma “chance de ter outros tipos de formação, de intervenções até da própria mãe, das irmãs”. Ainda, essa participante explicita sua compreensão de o porquê ser tão desafiador ao mesmo tempo já ser capaz de identificar as armadilhas desempoderadoras e/ou violentas do amor

romântico, porém não conseguir destituí-las de seu cotidiano:

Eu fico pensando assim... até quando, até quando a gente consegue, até quando eu li o livro da Valeska Zanello, eu fiquei pensando assim que ela fala... é uma eterna vigilância! Porque, assim, a todo momento a gente tá alternando esses momentos de consciência, de tipo “olha, eu sou uma mulher consciente, adulta, quero construir uma relação saudável com o meu parceiro, com a minha parceira”, mas a todo instante a gente se vê assim pisando em ovos diante dessa ideia de amor romântico (Kênia, áudio/vídeo)

Manter uma atitude de desconstrução face ao amor romântico e relacionamento amoroso é muito desafiador: como Lauretis (1994) nos ensinou, é premente a adoção de uma atitude dialética individual/coletiva que identifique e desnaturalize os produtos diários advindos das tecnologias de gênero em nosso cotidiano.

6.1.3 Dissidência

Essa subcategoria emergiu mediante narrativas de participantes que pouco ou nada se identificavam com aspectos relativos ao conceito de amor romântico. Com isso, durante a Oficina 1, Estela relata que nunca teve “essas amarras emocionais, apesar de a minha mãe ter tido, eu não tive!”. Questiona se esse desapego emocional é dela ou “se foi minha mãe mesmo que me impulsionou desde cedo, [falando que] ‘você vai ser independente’, ‘você não vai depender de homem’, ‘você vai fazer o que você quiser’ e eu levei isso muito a sério”. Inclusive, Estela diz ser “o sonho realizado” de sua mãe. Com isso, ainda nos contou que sofreu um relacionamento abusivo por cinco anos, entende-se por mãe solteira, teve seu filho com 21 anos e morou com o pai do seu filho por algum tempo. Todavia,

em nenhum momento eu pensei em ficar com ele porque eu tive um filho com ele. Eu montei meu apartamento e acabei de pagar tudo já separada, porque eu falei “se eu não tô feliz aqui, eu não vou ficar e acabou!”, os móveis eu pago e eu não tô nem aí [...] E eu vi que eu não tava feliz, eu resolvi sair. E passei nove anos sozinha e muito bem resolvida nesses nove anos pra ser sincera, nunca cogitei ficar com alguém mais ou menos pra dizer que tava namorando com alguém não (Estela, áudio/vídeo)

Percebe-se que Estela não caiu na armadilha narcísica imposta às mulheres que imputa sobre nós não só a tarefa de sustentar o relacionamento a qualquer custo, como ser a principal responsável pelo lar, filhos e tarefas de cuidado. Além disso, não se envolveu em qualquer

relacionamento amoroso somente para ser chancelada enquanto namorada/esposa pela sociedade, que se incomoda com a solteirice feminina (ZANELLO, 2018).

Já Carolina identificou-se com o relato de Estela quando ela disse que precisava tornar-se mais mulher e mitigar sua energia masculina excessiva³³. Para essa jovem adulta, ela diz estar “vivendo o eu anterior da Estela”. Compreende nunca saber “qual o limite certo” para ser independente. Ela ressalta ter recebido uma educação focada na construção de sua autonomia, em que “justamente talvez a minha mãe fez isso justamente pra me fazer diferente dela e tudo mais”. Por essa feita, hoje seus pais dizem que tamanha independência “meio que subiu para minha cabeça, digamos assim, e agora eu não sei mais qual o limite certo de quanto eu deveria ser independente”.

Ambas participantes constroem narrativas focalizando a falta de autonomia materna em relacionamentos amorosos e como receberam uma educação sentimental focada na autossuficiência e na independência, em contrapartida. Pude identificar que esses sentimentos parecem estar deslocados em suas identidades de gênero, seja no sentido de Estela querer resgatar um lócus imaginário do “tornar-se mulher”, seja no sentido de Carolina acreditar que sua independência deva ter um limite. Tal qual apresentado na subseção 6.1.1, o desconforto de ambas ao se reconhecerem com sujeitas independentes conecta-se com o ideal de feminilidade, uma construção estereotipada do vir-a-ser mulher (LAURETIS, 1994; ZANELLO, 2018).

Já durante a Oficina 2, Eva entendeu-se como uma mulher “fora da curva”: ao ouvir Iasmim e Sheila, que disseram ter uma alta identificação com livros de romances, ela se enxergou “um pouco fora desse círculo”, já que “nunca viajo quando leio romances”, em que “nunca fui muito de assimilar esses livros assim com a minha vida”. Ela se denominou como “muito impetuosa” por nunca ter querido seguir um roteiro amoroso designado, via de regra, para as mulheres: “eu morava em uma cidade do interior e eu não queria aquela vida pra mim”. Relatou que “todas as meninas casavam muito jovem, elas só terminavam o segundo grau, em seguida já tinham filhos e eu ficava observando aquilo e não me encaixava naquilo ali, eu ficava pensando ‘eu não nasci pra ser esposa’”.

Após, Kênia narrou aspectos do seu relacionamento amoroso com o ex-marido. Ela nos contou que “embora esse meu marido, muitas vezes quisesse me levar pra esse mundo do romance, sempre eu combatia nas falas dele, nem tanto por ser feminista desde sempre, por desacreditar que

³³ O comentário de Estela pode ser observado na subseção 6.1.1, “Tecnologias de gênero”.

isso fosse pra mim”. Com isso, compartilhou sentimentos e reflexões sobre esse fragmento de sua história de vida:

“Aí quando a gente começou a namorar, e eu digo pra vocês que, durante o período que a gente esteve juntos, eu apaixonei, desapaixonei e mesmo assim fiquei junta. [...] Eu acho que eu vivi muito bem com ele, foi um cara que me tratou superbem, me tratava como princesa mesmo, foi um cara em que eu confiava plenamente, cujo amor eu recebia intensamente. Mas assim, nem tudo são flores, né... ao longo do relacionamento, como eu disse, eu me senti muito apaixonada durante alguns períodos, e outros períodos alternava com apreciação, mas não paixão. Aí a gente se separou há cinco anos. Não houve nenhuma traição, ele foi um cara que me chamou pra conversar: ‘olha, acho que a gente tá há muito tempo juntos, não te vejo mais como mulher. Antes de a gente fazer qualquer coisa que magoe, que machuque um ao outro, eu acho melhor a gente se separar’ e tal. Mas, nesse momento, quando ele me pediu a separação, eu estava apaixonada por ele. Então, foi assim um tombo pra mim, né. Mas eu já estava em contato com algumas leituras de feminismo e tal. E eu entendi na época que o amor deixava ir, e o amor que eu sentia permitia o outro ir e fazer aquilo que ele quisesse, viver livremente e tal (Kênia, áudio/vídeo)

A dinâmica do relacionamento de Kênia com seu ex-marido mostrou-se dissidente das características do amor romântico, que se pretende constante e ininterruptamente arrebatado, intenso e acalorado desde o início do relacionamento amoroso até o fim da vida (ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018). Ao contrário, a narrativa de Kênia conecta-se ao pressuposto do amor confluyente e do relacionamento puro (GIDDENS, 1993), em que se percebeu que o relacionamento amoroso foi finito e durou à medida que fizesse sentido para os envolvidos da relação, tanto que Kênia, mesmo devastada, compreende que a atitude mais sensata é deixar seu ex-companheiro seguir a vida e não defender um relacionamento amoroso a qualquer custo: ao contrário do apego do amor romântico, “o amor verdadeiro significa que também desejamos a felicidade de outra pessoa – estando ao nosso lado ou não” (NOGUERA, 2020, p. 101). Ademais, o amor vivido por ambos é flutuante e acompanha a rotina das partes, que ora podem se sentir mais ou menos envolvidos.

Rosana expõe que “particularmente não gostava desses filmes de romance, aquela coisa melosa”, em que ela não se “imaginava naqueles filmes”. Todavia, foi “nesse meu relacionamento que foi até o casamento, foi nesse casamento que eu aprendi a ver o amor só que na forma amorosa e aí eu já gostava de assistir os filmes românticos com ele”. Para ela, foi como “se tivesse aberto os meus olhos para esse novo mundo que eu não queria”:

Eu acho que, por conta do meu histórico familiar, da minha mãe, então eu meio que tinha uma certa barreira, não gostava. Esse tipo de assunto, muito meloso, muito romântico,

assim pra mim não me atraía, mas depois eu comecei a olhar, comecei a gostar, mas que também pesa um pouco, porque a gente olha, assiste aqueles filmes, e cê fala: “nossa, é desse jeito?”. E na prática, na vida real, nem sempre é daquele jeito, aquela sequência bonitinha, que vai e tem aquela troca de olhar, que o homem faz tudo. Aí você fala: “uai, gente, não, na prática...” (Rosana, áudio/vídeo)

Outro aspecto interessante relativo a essa subcategoria é pensar sobre o fato de Kênia, Rosana e Estela, apesar de pouco ou nada se reconhecerem nas narrativas de amor romântico, cada uma por razões individuais e/ou sociológica, não só foram de alguma forma interpeladas por elas à revelia em algum momento de suas vidas, mas também sofreram com suas armadilhas desempoderadoras (no caso de Rosana, quando constatou que a performance de amor romântico é insustentável no cotidiano, tendo contribuído para o fim de seu casamento, e de Kênia, quando se sente frágil em contextos amorosos³⁴), ou violentas, no caso de Estela, quando vivencia em um relacionamento abusivo.

Refletir sobre esse aspecto só demonstra a capilaridade e a infiltração do amor romântico com pilar substancial da configuração subjetiva das mulheres, mesmo para aquelas que conscientemente não se identificam com ele.

6.1.4. Violência

A subcategoria “violência” emergiu de modo distinto ao longo das oficinas. No caso da Oficina 0, o maior número de relatos de violência conectou-se ao conceito de micromachismos (MÉNDEZ, 1995), em que tais situações não foram diretamente produzidas necessariamente em um relacionamento amoroso, porém estiveram relacionadas a essa categoria, já que agruparam falas de participantes sobre a pressão sofrida por amigos e familiares por estarem solteiras.

Segundo Méndez (1995), os micromachismos são comportamentos cotidianos produzidos pela maioria dos homens para fins de violência e dominação. Tais atitudes podem ser invisibilizadas, normalizadas ou legitimadas e tem forte impacto na retirada da autonomia e na psiquê das mulheres. A realização de tais atitude advém da “assimetria relacional” (*ibidem*, tradução livre, p. 2) entre os gêneros. Ao fim, os micromachismos também podem ser caracterizados como “microabusos” ou “microviolências” (*ibidem*, p. 4), constituindo-se como um

³⁴ Os relatos de Rosana e Kênia podem ser conferidos na subseção 6.1.1, “Tecnologias de gênero”.

“caldo de cultivo” para demais formas de violência de gênero (psicológica, emocional, física, sexual e econômica) (*ibidem*, tradução livre, p. 4).

Tânia relatou que, em uma conversa “com um pessoal um pouco mais velho do que eu [...] que sempre faz piadinha de casado”, questionaram-na o porquê de ela não estar namorando. Ela respondeu que “no momento, eu não tenho tempo, tenho muitas outras coisas”. E, a partir dessa resposta, “alguém da roda simplesmente virou e falou: ‘então você serve muito bem para ser amante’”.

Aqui foi mobilizada a ideia conservadora de que a mulher deve ter uma função social atrelada a algum vínculo relacional/afetivo: esposa, namorada, mãe, amante (ZANELLO, 2018). A estranheza do “pessoal mais velho” à independência e ao egocentrismo de Tânia, algo aparentemente inconcebível para aquele grupo de ser exercido por uma mulher, foi respondido com um comentário microviolento de que ela poderia exercer uma função social como amante: “já que você não quer um relacionamento, você não quer nada sério [...] você pode muito bem ser amante”, já que “você não vai dever satisfação, você não pode cobrar ninguém. Então seria um relacionamento supertranquilo, não teria cobrança, você poderia seguir sua vida normalmente”. Tânia finaliza sua fala com indignação:

Como se esse fator fosse uma opção! (Tânia fala enfaticamente). Como se fosse uma opção você ser amante, como se não tivesse em conta seu caráter, a questão de fidelidade, nada disse, e como se eu servisse simplesmente pra satisfazer o que a outra pessoa tivesse achando **ou sei lá o que ele tivesse num outro relacionamento, casamento dele** (Tânia, áudio; grifo meu)

Para Méndez (1995), “os homens são especialistas nessas manobras [micromachistas] por efeito de sua socialização de gênero que os inocula a crença da superioridade e da disponibilidade sobre a mulher” (*ibidem*, p. 4). Ao denotar o gênero de seu interlocutor, a revolta de Tânia expressa a naturalidade microviolenta de um homem ao emitir um comentário que a rebaixa, a humilha e a desqualifica, colocando em xeque seus preceitos morais, em frente a um grupo inteiro.

Sheila relata que se sente “cobrada às vezes” para se relacionar, tendo sido questionada inclusive sobre a sua sexualidade por não querer se relacionar nesse momento de sua vida. Com isso, sua escolha pela solitude não seria uma opção e sim algo relacionado a ela supostamente não ser atraente o suficiente a ponto de ser escolhida em namoro por homens:

Ah, eu acho que sim! Eu me sinto cobrada às vezes, assim... é... eu nunca fui muito de me relacionar, então quando a gente vai ficando mais... aí quando a gente é novo, todo mundo entende: “ah, não... é porque é nova, não quer...”. E nunca é a decisão da pessoa, é sempre porque ela é nova. Aí quando a gente vai ficando mais velho, que chega ali naquela fase que todo mundo tá namorando, todo mundo tá se envolvendo com alguém, todo mundo tem alguém e você fala “não, não quero uma pessoa agora, sabe? Tenho que focar em outras coisas, não é o meu foco”. Aí as pessoas já falam: “nossa, mas por quê? Por que que você tomou essa decisão?”. Aí assim, até questionam se você é hétero ou não, questionam assim as suas escolhas: “ah, é ninguém que te quer”... é sempre assim... eu sempre sinto essa sensação quando a pessoa fala: “você tem namorado?” e eu falo: “não, não tenho”, “ah.. não tem? Mas você tem quantos anos?” (Sheila fala a frase com tom de frustração). Então assim, é uma imposição que nem precisa ser dita, a gente sente assim no que a pessoa fala, do jeito que ela olha... é complicado (Sheila, áudio/vídeo)

Bianca, Catarina e Tânia reconheceram-se na narrativa de Sheila, afirmando, no chat, respectivamente, que “sinto um pouco tbm³⁵”, “sinto o mesmo que a Sheila...” e “por mais que não falem diretamente, impossível não sentir essa cobrança”. Tal microviolência conecta-se com “a falta de recursos das mulheres e a deslegitimação social do seu direito de exercer o poder autoafirmativo” (MÉNDEZ, 1995, tradução livre, p. 2) especialmente em uma sociedade dominada pelo amor romântico, onde o ponto alto de suas vidas estaria relacionamento à concretização de um relacionamento amoroso tradicional.

Ao passo que as participantes adentraram na temática de violência, senti que deveria compartilhar brevemente minha experiência enquanto sobrevivente de um relacionamento abusivo. No *chat*, Gaia comentou que “eu também passei por um relacionamento abusivo, me identifico muito com as suas falas”. A empatia criada entre mim e Gaia nesse momento é uma pequena demonstração de uma poderosa estratégia tanto para fortalecer vítimas de relacionamento abusivo ao compreenderem que não são as únicas a viverem esse tipo de situação quanto serem narrativas que servem como alerta e terem potencial preventivo e educativo para outras mulheres perceberem as armadilhas desse tipo de relação, tanto no presente quanto no futuro. Como argumenta Borges (2016), é fundamental “encontrar pessoas capazes de apoiar e ajudar as mulheres em situação de violência”. Essa ação “contribui para romper os ciclos da violência” e para “reconhecer o problema como social, histórico, cultural, e também político” (*ibidem*, p. 56).

Por fim, Bianca relatou que ter crescido assistindo a filmes e séries com *bad boys* desempenhando papéis de namorados das protagonistas femininas influenciaram suas escolhas românticas pessoais por homens com essas características:

³⁵ O termo “tbm”, em internetês, refere-se à palavra “também”.

Até hoje eu tenho uma quedinha por alguns *bad boys* que eu vejo assim, uns caras que agem de uma determinada maneira um tanto violenta e eu percebo que... se eu não tiver consciência que não é uma referência boa, de que eu não preciso disso na minha vida, eu não preciso de alguém que me trate mal, as coisas não mudam e eu vou permitir certas coisas que vão me ferir, que vão me machucar e sabe lá Deus o que mais, sabe? (Bianca, áudio)

A naturalização da violência em contextos amorosos cria perigosas distorções do que é um relacionamento saudável para mulheres (COSTA *et al.*, 2016; DÍAZ *et al.*, 2019). Moraga *et al.* (2018) relatam que o conceito de “violência no namoro” entre jovens (atos de controle marcados pela agressividade com dominação física, sexual e/ou psicológica entre pessoas que não são casadas nem que coabitam) tornou-se um dos problemas sociais mais relevantes da sociedade, já que impacta a saúde mental e física de jovens adultos no presente, além de ter o potencial de transformar-se em um modelo de conduta a ser levado para o futuro, em caso de casamento e/ou de concepção de filhas/filhos/filhes.

Durante a Oficina 1, Monique, Dalila, Estela e Carolina trouxeram experiências autobiográficas/biográficas de violência na configuração de relacionamentos abusivos para a roda de conversa virtual. Nesses casos, os relatos envolveram micromachismos, porém de modo escalado e agregado a demais violências.

Estela pincela um comentário sobre ter estado em “uma relação de 5 anos abusiva”. Todavia, hoje reflete: “como assim eu tive coragem?”. Narra ter sido Lucrecia seu apoio emocional no momento da crise: ela “é muito muito amiga, foi a pessoa que eu mais chorei, então ela sabe disso”. O apoio entre mulheres, mencionado por Borges (2016), faz-se relevante novamente nesse excerto.

Monique nos contou que existe “uma cobrança muito grande da sociedade”, utilizando sua experiência “como exemplo” de tal obrigação. Quando terminou seu primeiro casamento, no qual relata sofrimento, em que seu ex-cônjuge “não aceitava roupas curtas e esmalte escuro”, ouviu um comentário impertinente de uma colega de trabalho que afirmou que o “casamento é pra sempre, é pra vida inteira! A gente precisa manter a família”. Monique narrou ter entrado em choque e passou a detestar essa pessoa. Afirmou que sua decisão de encerrar o casamento veio à custa de só ela saber “o que eu tinha passado”, até porque “a gente casa não é pra separar, a gente vê o príncipe encantado, né, a gente quer ser feliz e eu não estava feliz”. Após a separação, todo o seu ambiente de trabalho sabia do término. Monique descreve sua sensação: “a escola inteira sabia que eu tinha

me separado e aí fui vista mesmo como ‘ah, agora é a solteira’, ‘ah, agora taí à toa, disponível pra todo mundo’, ‘tem filho para criar’”.

Em primeiro lugar, o ex-companheiro de Monique, assim como os de Cristina, Ana e Sol, mulheres que participaram da pesquisa de Borges (2016), “demonstravam traços de ciúme, de posse e de controle sobre os corpos, roupas e estética [...], comportamentos que são indícios de violência” (*ibidem*, p. 53-54). No caso, Monique experimentou um quádruplo lugar de violência: (a) sofreu com episódio(s) durante o relacionamento abusivo com seu ex-marido, (b) foi julgada pela colega de trabalho, (c) teve de lidar com uma possível decepção ao se ver obrigada a ressignificar crenças relativas ao amor romântico (ninguém casa para separar + mito do príncipe encantado + felizes para sempre) e (d) ser julgada pela escola inteira por vê-la no lugar de avulsa, isto é, ocupando um não-lugar, já que há a expectativa social de que as mulheres mantenham seus casamentos a qualquer custo, mesmo que isso reporte a esgarçar sua saúde mental e/ou sua integridade física no processo (COSTA *et al.*, 2016; ZANELLO, 2018).

Dalila expõe sua experiência abusiva em um relacionamento amoroso. Durante “um namoro longo de quase 4 anos”, esteve em uma “dinâmica disfuncional de relacionamento abusivo”, “pautado na ironia, do controle do que eu falava, do que eu vestia”. Em um comentário impactante, trouxe uma fala de seu ex-companheiro: “ainda bem que você não quer ser mãe, porque se você for mãe desse jeito que você é, seca e dura, o que vai ser do nosso filho?”. Todavia, hoje afirma: “já fui vítima de algum tipo de abuso, mas hoje não tolero não, não suporto não e seja com quem for, seja com quem for!”. Dalila amplia o leque de experiências de abuso para além do registro do relacionamento amoroso e diz que não mais tolerará esse tipo de relação seja “no contexto afetivo-sexual, com amizade, com familiar, no trabalho”, pois seu “nível de consciência agora é outro”. Por fim, compreende que a construção da violência na forma de abuso em relacionamentos amorosos está “atrelada ao patriarcado, ao capitalismo, ao machismo, são muitos fatores, muitos, é polivalente (risos), é policausal, não sei se é essa a expressão, mas são muitos fatores aí”.

A fala do ex-companheiro de Dalila, ao machucá-la no espaço da maternidade, diz muito sobre a violência construída pelo masculino tóxico. Ao saber que a maternidade constrói a subjetividade das mulheres nesse tempo histórico e nesse país, como veremos a frente na subcategoria “dispositivo materno”, desqualificá-la nesse lugar como uma mulher “dura e seca” é o subproduto da misoginia e a tentativa em retorná-la a um lugar de subordinação no papel mãe-

esposa (ACTIS; CREMONA; GARIGLIO, 2018). Ademais, Dalila menciona que a violência em relações íntimas é policausal, em que, dentre seus componentes, encontra-se o capitalismo. Segundo Noguera (2020), o amor romântico e a monogamia, pilares também presentes em relacionamentos abusivos, “dominaram o mundo ocidental porque corrobora[m] com um projeto capitalista de acúmulo de capital e ampliação de patrimônio” (*ibidem*, p. 93). Ademais, de acordo com Actis, Cremona e Gariglio (2018), o capitalismo “ensina a viver a dois. A indústria cultural e a estrutura econômica alimentam a organização dos projetos futuros em casal” (*ibidem*, p. 254).

Carolina reflete que, apesar de ser mais jovem, “é absurdo o quanto eu me identifico” com os relatos de violência sofridos pelas companheiras mais velhas de oficina. Para mim, essa participante construiu uma das narrativas mais impressionantes dessa subcategoria:

Eu tenho 20 anos, tipo, bem nova comparado com outras pessoas que estão com a câmara aberta aqui e aí eu tô num relacionamento há 3, acho que vai fazer 4 anos. E aí, é absurdo... (risos nervosos) eu não consigo... tá certo que eu me policio muito pra não deixar nada... eu, obviamente tenho limites óbvios estabelecidos na minha cabeça de violência que não são nem um pouco suportáveis, nem minimamente, mas **eu não consigo imaginar um relacionamento que não tenha nenhum tipo de violência, entende?** E eu me considerava, comparado aos relacionamentos que eu tenho a minha volta, eu me considerava até uma pessoa bem pensativa sobre isso, e ficava me policiando o tempo todo pra não deixar nada acontecer, **só que não consigo imaginar um relacionamento que não tenha nenhum tipo de violência** (Carolina, áudio/vídeo, grifos meus)

Carolina vincula violência a relacionamentos a ponto de não imaginar algum sem sua presença. Essa frase torna-se à epítome da violência como dado estrutural na organização das relações íntimas, sobretudo das de cunho romântico/amoroso. Para Díaz *et al.* (2019), as emoções são organizadas culturalmente e vinculadas a normas sociais. Enquanto isso, tais normas dialogam com estereótipos e mitos, facilitando a naturalização e a “perpetuação de estruturas sentimentais tradicionais”, especialmente no tocante à performance sociológica assimétrica do vir-a-ser homem e do vir-a-ser mulher, na qual a violência é um elemento crucial para “manter a subordinação das mulheres a homens” (*ibidem*, tradução livre, p. 124).

Na Oficina 2, Eva relatou ter namorado um rapaz durante um ano, em que no início “era tudo a mil maravilhas”. Com o tempo, percebeu que “ele [era] muito possessivo. Eu comecei a ser prisioneira dele, porque, inicialmente, ele fazia as coisas e eu achava legal”. Ao nomear essa relação como um relacionamento abusivo, afirma ter a impressão “que a maioria das mulheres pensa assim”:

“não, você não vai pra festa sozinha, só vai se for comigo”. Aí você pensa: “nossa, aí, como ele cuida de mim!”, né, “como ele se preocupa comigo! Ele não quer que eu vá sozinha!”. “Então tá, eu não vou sozinha, só vou com você!”. “Tá, eu não quero que você saia final de semana com suas colegas, só sai se for comigo!”. “Nossa, ele gosta mesmo de mim, olha a preocupação!”. Sabe, eu ficava pensando nessas coisas no início, achava assim que ele era muito apaixonado por mim, mas depois eu descobri que era uma obsessão doentia, porque, dessas proibições, ele proibiu... é como se a pessoa vai te podando aos poucos... primeiro com as amigas, depois com os amigos, depois veio as roupas, eu só vestia as roupas... isso porque era namorado! Eu só vestia as roupas que ele dissesse que tava boa e, por último, foram os ataques de ciúme e ameaças.

A violência dentro do relacionamento amoroso vivido por Eva escalava quando esse ex-namorado “tentou me bater três vezes”. Eva percebeu a gravosa situação em que vivia quando sentiu sua vida ameaçada:

Então, assim, dizendo ele que era um apaixonado por mim, que tudo isso fazia por amor, então eu comecei a observar essas questões, aí eu fiquei pensando, esse cara... **aí ele uma vez falou pra mim: “se eu souber que você me traiu com outro, eu mato o outro!”**. E eu pensava: **“se ele tem coragem de matar o outro, ele me mata também!”** Então quando eu ouvi essa frase, meio que deu um estalo assim! Eu falei pra ele “eu tô indo pra Brasília visitar meus pais” - meus pais já moravam aqui na época - “mas eu volto pra gente casar”. Isso faz 22 anos e eu nunca mais voltei (risos). Porque, assim, eu tinha comigo se eu casasse com ele, eu iria sofrer muito, iria apanhar, iria... essas coisas todas que as mulheres sofrem aí e chega até a morrer, sabe? E foi uma coisa que eu não falei pra ninguém na época, hoje eu falo tranquilamente assim, falo pras minhas irmãs, pras minhas sobrinhas, pras minhas colegas que eu tive, que eu vivi um relacionamento abusivo, era uma coisa muito complicada... (Eva, áudio/vídeo, grifos meus)

Ter contato com a grave experiência de Eva enquanto sobrevivente de um relacionamento abusivo conectou-me com a minha memória. Relembrei que, durante a fase da separação e antes do divórcio, eu já conseguia ter o afastamento necessário para identificar, mesmo que de modo ainda muito nublado, as situações de abuso sofridas. No entanto, “ali com o meu ex-marido já tinha um esquema, tinha uma estabilidade, apesar de toda a violência. Apesar de já ter uma certa consciência da violência, eu ainda cogitei voltar, mas felizmente isso foi abandonado”. Ademais, procurei compartilhar com as participantes da Oficina 2 os tipos de violência que eu passei:

Eu estive em um relacionamento por 12 anos, um relacionamento em que eu namorei, noivei e casei, segui todo aquele rito. Era um relacionamento abusivo desde a primeira semana, mas eu não sabia nomear, não sabia entender que era aquilo e sempre com aquela lógica de que era meu papel ter que performar, ter que consertar. “Ah, ele é uma pessoa tão legal, é tão difícil arranjar alguém, não posso ficar sozinha, não sou ninguém sozinha”. Então tenho que consertar, tenho que melhorar esse relacionamento e dar tudo de mim pra isso. Enquanto isso havia abusos psicológicos, abusos morais, violência patrimonial, havia cerceamento da minha liberdade, havia falta de empatia, sobrecarga mental, houve ansiedade, houve depressão, traições, gaslighting. Só não houve realmente a violência

física, mas todas as outras violências estiveram presentes nesse relacionamento (Minha fala, áudio/vídeo)

É fundamental denotar que nós (Eva e eu) experienciamos o ciclo da violência, que começam desde os micromachismos, como vimos em Méndez (1995) e pode escalar até sua última instância, o feminicídio (BORGES, 2016). Nesse ínterim, diversas violências podem acometer as mulheres, tais como danos e sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos, patrimoniais e morais, especialmente em ambientes domésticos e/privados e no seio de relações afetivo-íntimas (BORGES, 2016; ARAÚJO; DURAND, 2020). Como base na Lei n. 11.340/2006, a conhecida Lei Maria da Penha³⁶, Borges (2016) detalha as violências supracitadas:

a **violência física**, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; a **violência psicológica**, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; a **violência sexual**, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; a **violência patrimonial**, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; a **violência moral**, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (*ibidem*, p. 18-19, grifos meus)

Ademais, a narrativa de Eva corporifica-se na naturalização social da violência travestida de forma de cuidado, proteção e romance (SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ; HERRERA-ENRÍQUEZ; EXPÓSITO, 2020). Em minha narrativa, é perceptível a correlação entre violência e dependência afetiva: segundo Díaz *et al.* (2019), para as mulheres, o amor passa a dar sentido à nossa existência, criando-se um mito (de amor romântico, nunca é muito lembrar) de que tudo pode ser resolvido e

³⁶ A Lei Maria da Penha “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências” (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm, acessado em 26 de maio de 2022),

a separação torna-se um ato de fracasso. Com isso, acreditamos ser capazes de mudar o parceiro violento a ponto de nos acostumarmos “a justificar os comportamentos violentos como evidência de amor” (*ibidem*, p. 124).

6.1.5 Dependência afetiva

A dependência afetiva inscreve-se como o tipo de dependência desenvolvido com parceiros amorosos mediante estabelecimento de uma crença em que a felicidade e a infelicidade dependem diretamente de uma relação amorosa com o/a companheiro/companheira. É necessário elucidar que ela não se confunde com a dependência emocional, que descreve a dependência de uma pessoa para com a outra em qualquer tipo de relação (familiar, de amizade e etc). Ainda, ambos tipos pertencem a um guarda-chuva maior nomeado “codependência” (BORGIA, 2011 *apud* ARAÚJO; DURAND, 2020).

Giddens (1993) conceitua uma pessoa e um relacionamento codependente:

Uma *pessoa* co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. Um *relacionamento* co-dependente é aquele em que um indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade (*ibidem*, p. 101-102).

De posse dos conceitos de dependências afetivas e emocional, bem como de codependência, passamos às reflexões das participantes durante as atividades de extensão. Durante a Oficina 1, Virgínia refletiu sobre a “perspectiva de um parceiro como salvador”, na qual as mulheres colocam “o relacionamento como cura de problemas”, ou em um pedestal. Para ela, há uma “estereotipação” social que vende para a mulher solteira que “quando você arrumar alguém, todos os seus problemas vão ser resolvidos”. No entanto, ela mesma conclui: “e não é assim, né? Dependendo do caso, até aumenta os problemas, porque tem que tirar esse estigma de que relacionamentos são perfeitos”. Ela relata achar engraçado que as pessoas buscam um “estereótipo” de pessoa como parceiro “na tentativa de” salvar-se.

Nesse sentido, Carolina trouxe uma perspectiva de sua história de vida a partir da contação sobre aspectos do relacionamento amoroso de seus pais. Ela nos contou que eles não passaram “exatamente” por “uma separação, mas foi quase”, em que seu pai fez um “tipo de comentário”

que ela não “classificaria exatamente como abusivo”, porém sua mãe ficou muito ressentida a ponto de ele ter saído de casa, indo “pra casa da mãe dele e tudo mais”. Em sua posição de filha, ela “não sabia o que fazer, eu simplesmente quebrei e não sabia o que fazer pra ajudar ela a superar isso”. Em sua visão, “eu não entendia que ela se sentia dependente emocionalmente e ela não sabia existir sozinha, digamos assim, e é o máximo que eu podia fazer era ficar com ela, parada, só do lado dela, fazendo companhia”.

Os relatos supramencionados dialogam com Araújo e Durand (2020), já que as autoras denotam o papel da sociedade, via tecnologias de gênero, no estímulo de relações amorosas baseadas na dependência afetiva. Ainda, o aspecto da salvação ressaltado por Virgínia explicita-se quando se compreende que “o codependente está pronto a fazer qualquer coisa para não se encontrar só. Algumas pessoas se submetem a qualquer situação destruidora, doentia e perigosa para evitar a solidão” (*ibidem*, p. 103), demonstrando que essa situação é mais recorrente para mulheres, visto que elas são socializadas em uma “sociedade secularmente determinada pelo patriarcado que determina ser a mulher um ser incompleto, a necessitar de proteção” (ARAÚJO; DURAND, 2020, p. 105; NOGUERA, 2020).

Ressalto que foi difícil ouvir o relato sobre a mãe de Carolina, uma vez que me enxerguei em sua condição. Reconheço que a experiência de dependência afetiva foi um dos pilares que sustentou o relacionamento abusivo com meu ex-marido. Por conta disso, compartilhei em roda alguns fragmentos da minha história de vida:

E daqui de onde eu estou, já se passaram quase 3 anos, hoje eu consigo entender o qual problemático é isso, porque me colocar nesse lugar me torna frágil, porque eu me coloco dependente de alguém e se esse alguém não me tratar bem? E se esse alguém for ruim comigo? E aí eu posso estar exposta a violências emocionais, físicas, ou mesmo, se não acontecer esse quadro, que é muito comum também nas relações de intimidade com mulheres, também não me entender como um ser humano completo e isso é muito problemático, né, nós temos que nos entender dessa forma, como um ser humano completo” (Minha fala, áudio/vídeo)

A minha experiência de dependência afetiva foi tão intensa que narrei para a roda que eu não conseguia “me permitir fazer algumas experiências sozinhas” após a separação, como uma simples caminhada no Eixão³⁷, em que “eu caminhava e chorava o tempo inteiro, eu me sentia a

³⁷ Remete à ação realizada pelo Governo do Distrito Federal (GDF) chamada “Eixão do Lazer”, em que o Governo do Distrito Federal fecha uma das principais vias da cidade aos domingos, o Eixo Rodoviário, ou popularmente conhecido como Eixão, nos horários matutino e vespertino dos domingos e feriados, para que a comunidade possa realizar

pessoa mais desamparada, eu sentia como se uma parte do meu corpo estivesse faltando”. Quando vi no *chat* as participantes Monique e Virgínia comentando sobre irem ao cinema sozinhas³⁸, também relatei o quão difícil foi para mim estar nesse estabelecimento a sós:

Fui ao cinema também, tudo isso antes da pandemia. E o cinema talvez seja o momento mais tranquilo de você exercer a sua solidude, né, porque você tá ali, você e o filme, sentada, não se incentiva que você converse e, mesmo assim, eu chorava, eu me sentia a mulher mais abandonada e desvalida do mundo, era como se eu habitasse um não-lugar, a solidude não era um espaço pra mim, porque minha mente foi construída para ser a mente com alguém, né, num sentimento bastante dependente emocional” (Minha fala, áudio/vídeo)

Com isso, Virgínia pontua no *chat* que esse “saber existir sozinha”, apesar de ser importante, é “difícil depois de um relacionamento de longa data”. Ainda colocou que “as vezes vc supera a pessoa mas ainda n aprendeu a existir sozinha”. Carolina realiza uma reflexão semelhante às de Virgínia quando expressa a seguinte dúvida: “como que a gente vai saber existir sozinha fora dele depois que ele acabou? Então, qual que é o limite certo de existir sozinha em um relacionamento e fazer ele funcionar, digamos assim?”. Todavia, arremata seu argumento dizendo que em “algum momento disso você se perde, em algum momento de estar solteira e depois entrar em um relacionamento você se perde nesse processo, pra chegar nesse ponto de não saber existir sozinha, só que esse processo é um problema”.

Dessa forma, identifico que para Carolina parece estar mais clara a importância do exercício da autonomia por parte das mulheres em relacionamentos amorosos, já que ela pontuou como “problema” o fato de mulheres não saberem existir sozinhas ao longo de uma relação amorosa.

No que diz respeito aos comentários de Virgínia, eles me deixaram reflexiva sobre uma aparente dificuldade ontológica do chamado “existir sozinha em uma relação longa” e sobre um suposto “aprendizado de existir sozinha ao terminar uma relação”. Com isso, em um rápido exercício de raciocínio lógico, parece ser para essa participante um lugar comum que se estabeleça em algum nível, maior ou menor, um sentimento de dependência afetiva em relacionamentos amorosos longos para mulheres.

Na tentativa de realizar uma abstração mais geral a partir dessa reflexão, a dependência afetiva parece ser um evento mais comum do que se supõe, especialmente quando pensamos que a

diversas atividades, como exercícios físicos, piqueniques, eventos de dança e música e outras que envolvam diversão em geral.

³⁸ Os comentários de Monique e Virgínia estão presentes na subseção 6.1.2, “Desconstrução”.

sociedade é entremeada pelo amor romântico no sentido da amálgama das almas e dos corpos. Com isso, as mulheres fragilizam-se e são fragilizadas ainda mais quando notamos um suposto incentivo *a priori* à dependência afetiva em relacionamentos amorosos médios, situando-as na vulnerabilidade, na dificuldade em exercer sua autonomia, no desempoderamento e/ou na violência.

A temática da dependência afetiva destacou-se a partir da minha interação com Kênia durante a Oficina 2. À medida que apresentei meus objetos, sobretudo o último, que era uma carta escrita pelo meu ex-marido, pude identificar os pontos de dependência afetiva que me prendiam naquele relacionamento. Com isso, destaquei que “meu estatuto de humanidade vinha da relação”, de modo que “eu não sabia me movimentar no espaço”, em que “perdi a habilidade de fazer coisas, eu regredi alguns movimentos de fazer coisas sozinhas” quando houve a separação. A partir dessa declaração, Kênia pediu a palavra e disse que “eu senti basicamente como a Luana narrou aí: embora eu não tivesse num relacionamento abusivo, eu senti como se eu não conseguisse fazer nada no mundo (risos) sem essa pessoa”. Com isso, “parecia que era minha perna direita, meu braço direito, eu me senti incapaz de viver...”.

O mito de Adão e Eva, sob o olhar de Noguera (2020), mostra-se interessante para ilustrar nossos discursos no que tange à relação entre fisicalidade, dependência afetiva e rompimento amoroso, seja ele relativo a uma relação abusiva ou não. Em primeiro lugar, Eva nasce da costela de Adão e com ele vive uma relação simbiótica. A partir do conhecimento, quando Eva desafia o Código de Deus e come o fruto proibido, “os dois ganham a capacidade de discernir os elementos do mundo e, com isso, essa simbiose é quebrada” (*ibidem*, p. 67). Para Noguera (2020), devido à desobediência de Eva, fica estabelecido a “formulação machista” (*ibidem*, p. 67) que a mulher deve ser submissa ao marido. Tal submissão, inscrita em nossa subjetividade no Ocidente há tantos séculos, referendada pelas tecnologias de gênero, parecem infiltrar até mesmo em nossos órgãos, sangue, músculos, tal qual uma costela de outrem gravada em nosso corpo.

Kênia ainda esmiuçou sua experiência da separação: “o primeiro ano foi difícil, né, porque eu tava muito, eu me constatei muito dependente desse cara”, especialmente por “esse cara [ser] muito legal, muito bacana, pra mim é difícil me desapegar de que haja uma pessoa com quem eu possa construir uma nova relação amorosa, esse cara é o parâmetro pra mim”. Ao contrário da dificuldade encontrada por Kênia em estabelecer novas parcerias afetivas-sexuais-amorosas, contei

que minha atitude imediata após a separação foi migrar para aplicativos de paquera, porém guiada pela mentalidade da dependência afetiva:

E aí eu logo eu me lancei nos aplicativos de paquera, primeira coisa que eu fiz, sei lá, segunda semana depois de separada, eu já fui pros aplicativos de paquera. Porém eu fui em uma expectativa não de realizar questões sexuais, fantasias, [...] Então eu não fui pra esses aplicativos com essa expectativa, eu fui na expectativa de preencher o vazio. De colocar nesse vazio que se formou, dentro desse esquema de dependência emocional, que é totalmente inconsciente, é introjetado sim, preencher o vazio, então eu sempre estava ali nos aplicativos dando match, dando coração pra um monte de homem só para realmente [torcer] que aparecesse novamente o que eu entendia de “o iluminado”, “o escolhido”, a pessoa que vai vir, [...], que vai me proteger, que é o para sempre, e é o príncipe encantado, que esse sim vai dar certo, que agora eu sou uma adulta, porque agora eu já tenho uma vivência, entendeu? Então sempre foi nessa expectativa, então eu não aproveitei a minha fase solteira, porque foi uma fase que foi sempre tentando procurar uma pessoa pra preencher esse espaço (Minha fala, áudio/vídeo)

Nesse momento, Kênia compartilha uma reflexão impactante sobre um paradoxo de independência/dependência afetiva em seu cotidiano:

Por mais que eu seja... gente, eu sou uma pessoa 100% independente, eu não preciso de homem para nada! Consertos de casa, tudo eu faço, pagar minhas contas, tudo eu faço, eu não preciso de homem para nada, exceto a vivência afetiva e sexual. Mas quando eu me sinto me aproximando de um cara, liga todos os sinais vermelhos assim de alerta e eu volto, eu me sinto a princesinha assim, aquela que “ai, como seria bom um homenzinho aqui!”. Isso não é consciente, gente! Isso, assim, é inconsciente... pra chegar à consciência, leva um tempo, sabe? É isso! (Kênia, áudio/vídeo)

Para além de querer construir um vínculo afetivo-sexual com alguém, a reflexão de Kênia e a minha vivência logo após a separação extrapolam o desejo em edificar um relacionamento amoroso: elas emergem a partir de um gatilho (seja o de sentir um vazio, para mim, seja o inconsciente, para Kênia), em um lugar do necessitar/depende de alguém, especialmente quando Kênia fala “ai, como seria bom um homenzinho aqui!” e eu falo “aparecesse novamente o que eu entendia de ‘o iluminado’, ‘o escolhido’”. Ademais, Kênia ressalta a fragilidade advinda da dependência afetiva:

Ela é uma ideia muito forte, é um *megazord*³⁹ muito incrível dentro da nossa cabeça. Por

³⁹ A série estadunidense “Power Ranger”, baseada na franquia japonesa Tokusatsu Super Sentai, conta a história de cinco adolescentes que viram heróis. Para combater monstros que aparecem na Cidade dos Anjos, os jovens juntam

mais cabulosa que você seja e que você se sinta muito bem, é uma constante ameaça! Eu fico muito de cara, Luana, nossa, você contando aí desses fragmentos de música que o cara fez colagem, o quanto que a gente se sente frágil! Eu vou falar pra vocês, gente, o meu ex-marido surgiu do nada recentemente e conversar com ele durante uma semana já me colocou diante de uma Kênia que eu pensei que estava completamente morta. Eu me senti em uma fragilidade que eu falei “gente, não é possível?”. Mas agora eu tenho consciência, tenho terapia, dialogo sobre essas coisas. Eu fico pensando se eu piscar o olho, cabou! Eu tô de novo de entrega total e de dependência, por mais que o cara tenha sido gente boa, mas o negócio é que você abre mão de ser quem você é para agradar o outro (Kênia, áudio/vídeo)

Quando Kênia terminou sua fala com a sentença “mas o negócio é que você abre mão de ser quem você é para agradar o outro”, isso me acionou em um espaço que explica alguns sentimentos em meu atual relacionamento amoroso:

exatamente, Kênia, nossa, muito, muito mesmo! Nesse relacionamento que eu estou agora [...] que é um relacionamento supersaudável, é um homem maravilhoso, eu não tenho nada pra dizer dele, porque ele é incrível, não é nada que ele faça, é comigo, sabe? Muitas vezes eu me vejo renunciando algumas coisas do nada, sabe? Me colocando numa questão de dependência com ele, que não foi nada que ele fez, sou eu mesmo, mas pelo menos agora vem um sinalzinho na cabeça “Luana, não dá, né? Não dá pra você fazer isso! Isso não é saudável e isso não vai ser saudável no seu relacionamento também”. Então é uma questão bem introjetada mesmo” (Minha fala, áudio/vídeo)

A narrativa de Kênia sobre uma possível relação afetiva remetê-la a pensar que seria muito bom ter um parceiro ao seu lado a ponto de tal expectativa dialogar com imagem infantil da princesinha, endossada por tecnologias de gênero, remete ao trabalho de Actis, Cremona e Gariglio (2018) quando as pesquisadoras dissertaram sobre as perspectivas de construção de projetos de futuro mediante reflexões das mulheres participantes de sua pesquisa. Os achados reportaram a priorização na construção de relacionamentos amorosos em seu porvir, “um anseio que simboliza a felicidade” (*ibidem*, tradução livre, p. 256). Nesse sentido, formar uma família ou desenvolver uma parceria amorosa esteve associada à noção de êxito no que diz respeito à conformação de futuros possíveis. Ao voltar ao discurso de Kênia, percebe-se que ele flutua sobre o paradoxo da independência/dependência: ora ela se entende um ser independente, ora ela se sente frágil e situa-se/é situada em ambientes que a levam à dependência afetiva, ora cria-se uma síntese ao Kênia ganhar consciência e conseguir mitigar os efeitos de tal paradoxo.

seus poderes e suas ferramentas, constituindo-se em um enorme robô chamado Megazord (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Power_Rangers, acesso em 30 de maio de 2022).

Inclusive, o ganho de consciência, tanto por parte de Kênia, a partir da terapia, quanto o meu, quando percebo que estou inserindo-me em uma relação de dependência afetiva mesmo em um relacionamento saudável, são fundamentais para percebermos as potências que podem emergir em uma situação que outrora parecia mais com um robô gigante de série japonesa-estadunidense: conforme alerta Giddens (1993), quando reflete sobre co-dependência e relacionamentos viciados por causa da dependência afetiva/emocional, “a primeira injunção de todos os programa de terapia é uma injunção reflexiva: reconhece que a pessoa tem um problema e, devido a esse reconhecimento, começa a fazer algo a respeito” (*ibidem*, p. 103).

6.1.6. Religião cristã

As religiões cristãs, sobretudo a católica e a pentecostal, são pilares fundamentais na sociedade brasileira. Segundo Pesquisa DataFolha publicada em 13 de janeiro de 2020 (Portal G1, 2020), 50% da nação brasileira considerava-se católica, enquanto 31% da população identificou-se como evangélica. Machado (2010) expõe as tensões envolvendo o campo religioso brasileiro cristão no que concerne à perda da hegemonia da Igreja Católica e à expansão do pentecostalismo: além de a primeira ter perdido um número expressivo de fiéis, também teve de lidar com o avanço do segundo na conquista de espaços políticos e institucionais.

Dessa forma, presenciamos a ascensão, capilarização e representatividade de lideranças e partidos políticos cristãos no parlamento brasileiro durante essas últimas duas décadas, o que coloca em xeque a laicidade e o espírito republicano face ao conservadorismo moral muito presente no seio de tais associações. Ainda como Machado (2010), destaca-se que cristãos, sejam eles pentecostais ou carismáticos católicos, assim como judeus ortodoxos “resistem muito ao processo de revisão do sentido tradicional e naturalista da sexualidade humana e tendem a ser mais intolerantes frente às demandas dos movimentos LGBT” (*ibidem*, p. 15) e, acrescento, às reivindicações dos movimentos feministas.

Tal acréscimo deve-se a outro artigo redigido por Machado (2018) que elucida o movimento estratégico e articulado transnacionalmente por vários atores ligados à Igreja Católica no rechaço ao termo “gênero”, encampado pelos movimentos feministas desde a década de 1990, quando da redação de documentos internacionais em prol dos direitos das mulheres. Para os religiosos, o vocábulo desconstruía “a concepção de mulher oriunda da biologia”. Com isso, não

seria possível “reforçar os papéis atribuídos a ela tradicionalmente: o de esposa e de mãe” (*ibidem*, p. 2). Como consequência, toma corpo uma das maiores tecnologias política-institucional-legislativas de nossos tempos: a ideologia de gênero.

Ao contrário do que Lauretis (1994) afirma sobre a ideologia de gênero, que nada mais é do que a configuração estereotipada de papéis sociais para homens e mulheres, os ideólogos da Santa Sé transfiguram a expressão para representar o perigo subjacente às ideias feministas, visto que elas, além de irem de encontro à concepção naturalista e biologizante do ser-homem e do ser-mulher, conectariam-se supostamente com o comunismo, representando um duplo risco para a perpetuação da família tradicional cristã (MACHADO, 2018).

No Brasil, tanto a presença da Igreja Católica quanto o crescimento do pentecostalismo reportam às suas participações na política institucional e na proposição e condução de políticas públicas ao propagar uma visão conservadora, moralista e patriarcal face aos avanços conquistados pelos movimentos feministas e LGBTQIAP+, cenário que se desenvolveu à medida que o combate à chamada “ideologia de gênero” torna-se presente no Legislativo Brasileiro desde 2003, na caça e na exterminação das palavras-chave “gênero” e “orientação sexual”. Tal cruzada estabelece-se a partir da soma de esforços e configuração de alianças entre católicos e evangélicos por objetivos comuns: defesa da vida, rechaço à descriminalização e à legalização do aborto, reforço da concepção naturalista da sexualidade humana, espírito anticomunista e reforço da percepção tradicional do feminino e do masculino (MACHADO, 2018).

O contexto acima exibido denota como a religião cristã é uma intensa tecnologia de gênero em nosso país. Durante a Oficina 1, Dalila denota que, em nome de uma união celebrada por Deus, os motes “o amor tudo suporta” e “amar é sofrer” ganham sua expressão máxima ao convencer pessoas, em maioria mulheres, que a família deve ser conservada **apesar** de qualquer contexto desempoderador e/ou violento no qual ela se estabeleça:

enfim, eu cresci em um ambiente muito religioso e tem uma frase nos casamentos que é sempre falada, que “o amor tudo suporta”, o amor não sei o que... quando o padre começa com o “amor tudo suporta”, ou enfim a autoridade religiosa fala isso que o amor tudo suporta, não, não é pra suportar! Não é pra suportar, não é, não é! (Dalila, áudio/vídeo)

Ademais, a participante também refletiu sobre a relação entre religião e relacionamento amoroso na medida em que “pelo menos no âmbito das mulheres que estão no meu redor, esse papel de sustentar um relacionamento amoroso porque Deus uniu, o discurso é esse”. Compartilhou

que em sua família “a marca da religião” é “muito forte”, em que “a mulher é o esteio da família, é a mulher que edifica o lar”. Com isso, ela expressa o sentimento de que “isso me dói de um jeito, mas enfim...”.

Monique nos contou que sentiu que “existia um preconceito muito grande depois que eu me separei do meu primeiro marido”. Ao retomar a história da colega violência, ressalto o choque de Monique, em que “até hoje eu me lembro perfeitamente da expressão dela e ela era muito religiosa”: “olha, a mulher tem que tentar manter a família! Então ela me culpou pelo meu relacionamento não ter dado certo”. É chocante como o dado da violência foi aparentemente invisibilizado por sua colega, que não só culpou Monique pelo término da relação como imputou a ela a responsabilidade de consertar o relacionamento amoroso violento.

Já Iasmim compartilhou que o papel da religião face às suas vivências amorosas deveu-se ao fato de ter sido “criada de uma forma muito religiosa, então tem todos esses tabus religiosos, toda essa questão da mulher lá, aquela mulher que tem que ser boazinha, aquela mulher que tem que ser submissa”. Para ela, essa visão religiosa sobre o que é considerado uma mulher boa e submissa justapõe-se a “aquela questão bem bíblica mesmo, bem cristã, então eu tive muito problema mesmo”. No *chat*, comentou posteriormente que é comum em sua história de vida ter visto casos em que mulheres abrem “mão da felicidade pra manter as aparências ou por causa da religião”.

Machado (2018) enfatiza que as denominações cristãs apregoam preceitos morais conservadores como recurso ideológico para manutenção da ordem social. Por essa feita, refletir sobre os papéis tradicionais das mulheres, corporificados pela figura da bela, recatada e do lar⁴⁰, “significa reconhecer a necessidade de mudar a organização e o sistema de autoridade das instituições religiosas”, algo que “os bispos e pastores relutam muito em aceitar” (*ibidem*, p. 13).

Adicionalmente, a autora indica a assimetria entre gênero em tradições religiões, incluindo as cristãs, em que se percebe a configuração da subjetividade das mulheres direcionada ao casamento. Ainda, o modelo heterossexual como único arranjo sexual possível, a ideologia

⁴⁰ Machado (2018) relembra a capa da Revista Veja, que estampa a ex-primeira-dama, Marcela Temer, denominando-a como bela, recatada e do lar. A expressão causou grande comoção no País, sobretudo nas redes sociais: enquanto feministas problematizavam ou debochavam de tal emblema, lideranças femininas religiosas “postaram na internet suas fotos, realizando serviços domésticos, e com a *hashtag* Bela, recatada e do lar. Com esta e outras iniciativas da mesma natureza, as lideranças cristãs procuram reforçar a percepção tradicional do feminino e do masculino” (*ibidem*, p. 13), em uma verdadeira “guerra cultural na sociedade brasileira” (*ibidem*, p. 14).

familista tradicional e as proposições naturalistas da sexualidade humana são esteios das religiões cristãs (MACHADO, 2010), sendo eles mais ou menos fortes a depender de suas mais variadas denominações.

6.1.7 Relacionamento saudável

A subcategoria emergente relativa ao desenvolvimento de relacionamentos saudáveis fez-se presente somente na Oficina 1 a partir de narrativas de mulheres que passaram por situações abusivas no passado e hoje reconstruíram sua vida ao lado de outros parceiros.

Estela nos contou que tem “um relacionamento amoroso muito saudável, muito feliz com um amigo de infância inclusive, e tô vivendo coisas que eu nunca vivi antes”. Já Monique, no *chat*, afirmou que “já no meu segundo casamento, é completamente o contrário do primeiro....rsrs”. Anteriormente já foi mencionado que essa participante vivera um relacionamento amoroso violento.

Para Noguera (2020), um relacionamento íntimo de sucesso, ou saudável, contaria com as seguintes características:

A admiração e o desejo são, então, componentes fundamentais para um relacionamento amoroso, mas também não se pode dizer que sejam suficientes para sustentá-lo: é preciso algo mais. É imperativo fazermos uma costura política para que a arte de amar seja bem-sucedida. As pessoas que amam precisam estabelecer acordos que passam por alguns outros fatores, como afinidades de gosto e interesse, atração sexual, compatibilidade psicológica, concepção e projeto de relacionamento, motivos de estresse externo e ciclo de vida e capacidade de conviver (*ibidem*, p. 137-138).

Ademais, Gonçalves (2012) indica que uma intimidade edificada a partir dos valores de compreensão, confiança, tolerância, gentileza e comunicação tornam-se “o principal preditor da satisfação conjugal, tanto para homens como para mulheres” (*ibidem*, p. 134) em relacionamentos amorosos, sobretudo em casamentos.

As reflexões de Noguera (2020) e Gonçalves (2012) parecerem óbvias, já que representam em grande medida as expectativas de todas/todos nós quando pensamos em um relacionamento amoroso satisfatório (e quem dera o fosse!). Para sobreviventes de relacionamentos abusivos, como algumas das mulheres participantes das oficinas, construir parcerias baseadas nesses atributos torna-se um desafio. Portanto, é com grande celebração que vemos Estela e Monique

desvencilhando-se das ciladas do desempoderamento e/ou violência e edificando relações íntimas mais felizes.

Nesse sentido, trago um excerto da minha participação naquele encontro e explico em que termos hoje vivo em um relacionamento saudável, ao dialogar com Monique:

Monique, também me reconheço totalmente na sua história! Não passei por esse tipo de controle pelo meu ex-marido, passava por outras situações de violência psicológica. Porém hoje estou em um relacionamento estável, muito saudável também, muito feliz, que é completamente diferente, não só pela pessoa que chegou até mim, mas também pela minha postura nesse relacionamento, uma pessoa inteira que está buscando dividir uma felicidade com alguém, entendendo que esse relacionamento não é a minha meta de vida, eu não preciso estar nesse relacionamento para me sentir uma pessoa e sim que é muito... é ótimo dividir a minha vida com essa pessoa, porém ela não é... esse relacionamento não é a minha vida, então também quando há uma mudança desse paradigma... tudo, toda situação se torna muito mais saudável para a mulher também (minha fala, áudio/vídeo)

Desativar a dependência afetiva foi a grande virada de chave que me possibilita viver um relacionamento saudável comigo mesmo e com meu companheiro atualmente. Dessa forma, problematizar o amor romântico e os relacionamentos amorosos não significa opor mulheres vs. homens, muito menos descredibilizar relações heterossexuais. O que se coloca em xeque é certa forma de amar que adoece, desempodera e fragiliza mulheres, que as leva a se envolverem em relacionamentos amorosos a qualquer custo, por armadilhas criadas socialmente. Contestá-los faz com que mulheres enxerguem seus aspectos perversos, levando-as a um movimento, sobretudo educacional, de tomada de consciência rumo à emancipação (ZANELLO, 2020).

6.1.8 Superação de dificuldades em casal

A superação de dificuldades em casal enquanto subcategoria emergiu na Oficina 1 a partir da interação entre duas participantes (Lucrécia e Iasmim) e pontualmente na Oficina 2, mediante intervenção de Iasmim, ao narrar sobre seu objeto (algema).

Lucrécia nos contou que está em um “relacionamento estável” há 24 anos, “dos quais 10 eu namorei e eu sou casada há 14 anos”. Ressalta que “quando eu penso no início do meu casamento, quanto tivemos algumas situações, talvez se eu tivesse a mentalidade que eu tenho hoje, eu não teria levado em conta tantas coisas pra fazer o casamento dar certo”. Reforçou que a “incumbência enquanto mulher, e a forma como a gente foi criada” foi um fator importante para que ela ficasse nessa relação apesar das dificuldades.

Tais “modelos que nos são impostos em fazer valer” o casamento a fez refletir sobre a opinião da sociedade sobre terminar um casamento em conflito logo após a realização da cerimônia. Assim, Lucrécia nos disse: “nossa, você já acabou de casar e você vai se separar? E você não vai tentar? E você não vai lutar sobre isso?”. Com isso, novamente reforça: “talvez se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje eu não teria feito tanto esforço pra fazer esse relacionamento ter ido em frente”. Depreendo do discurso de Lucrécia o quão desafiador foi para ela lidar com as adversidades do casamento à medida que hoje identifica o peso do papel social colocado sobre as mulheres como maiores responsáveis por consertar relacionamentos e/ou parceiros.

Todavia, Lucrécia afirma: “já que estamos falando de amor romântico, vamos colocar uma pitada nisso tudo aí”. A seguir, coloca: “foi uma oportunidade de crescimento muito grande dos dois lados e essa minha mudança de postura também fez com que de alguma forma meu parceiro se transformasse nos posicionamentos dele, na conduta dele”. Ao justapor “amor romântico”, “oportunidade de crescimento” e “mudança de postura”, parece-me que Lucrécia ao mesmo tempo identifica a dimensão sacrificial do amor romântico e produz sentido para a sua escolha em ter ficado nesse relacionamento quando denota o aspecto de superação de dificuldades no casamento, realçando as mudanças comportamentais de seu marido à medida que também adotou uma visão mais desconstruída sobre amor romântico e relacionamento amoroso.

A superação de dificuldades em casal vivenciadas por Lucrécia e seu companheiro dialogam com Nogueira (2020) quando o filósofo ressalta que o amor experimentado em um relacionamento afetivo-íntimo frutifica onde não existe estagnação e ilusão, ao passo que se relaciona com a paciência e à estratégia, já que “é preciso planejamento para conseguir aquilo que se quer” (*ibidem*, p. 121). Ou seja, as pessoas mudam ao longo da vida, assim como seus pensamentos e sentimentos. Portanto, é essencial compreender que o amor “só prolifera na abertura às mudanças” (*ibidem*, p. 99).

Já Iasmim, inspirada na fala de Lucrécia, denota que tem “9 anos de relacionamento, em que foram 5 anos namorando e 4 de casada”. Ela nos conta que o “marido é muito tranquilo, mas eu vejo muito machismo, então é uma construção diária”. Ressaltou que essa situação “dá muito trabalho”. Rememorou que, no início do relacionamento amoroso, seu então namorado dizia que era “feio mulher beber, é feio mulher xingar, então é uma desconstrução”. Assume que “tem hora que a gente fica tão de saco cheio dessa desconstrução, né, que a gente fala ‘meu Deus!’”.

Iasmim denota que a reprodução de comportamentos machistas por parte de seu marido está inserida no “contexto da sociedade machista”, em que homens “foram criados assim, as próprias mulheres criam homens assim”. Portanto, “é difícil assim lidar com essa sociedade patriarcal justamente por isso, porque é uma sociedade inteira”. Ressalta que o “machismo tóxico é ruim até pra eles também”.

Ao ter em vista essa conjuntura, Iasmim conclui que vê “isso no meu relacionamento mesmo todos os dias, é um diálogo, é como se fosse uma criança, só que ele é muito tranquilo, então ele escuta”. Para exemplificar o processo de desconstrução movimentada entre ela e o marido, narra um episódio onde houve uma traição entre um casal de amigos de seu marido, em que a esposa traiu o esposo. O marido traído virou chacota no grupo de amigos. Ao identificar esse comportamento de escárnio frente ao homem traído, Iasmim relata ter assumido uma postura pedagógica:

Então, até assim comentários que ele faz, assim de, ah, casal de amigos dele separou porque a mulher traiu, aí eu falo “bem feito!”, porque os meninos tão rindo, mas o cara não valorizava a mulher, o cara batia na mulher, então eu tento falar pra ele “amor, vamos analisar o contexto?”, então é como se tivesse educando uma criança, porque é um processo muito longo de desconstrução. E aí eu vejo assim no caso dele que é tranquilo, então imagina o homem que não é tranquilo? E aí começa briga, começa confusão, não aceita, porque se eu virar pra ele e falar “vou sair”, “tô saindo com as minhas amigas” e ele falar “não vai” e eu falar “vou sim”, e ele vai ficar de boa (Iasmim, áudio/vídeo)

Ao final, Iasmim fala que vivencia “um relacionamento de desconstrução”: da sua parte, ela tenta “quebrar essa questão religiosa”⁴¹; da parte de seu esposo, é necessário “quebrar essa questão machista”, em que “até que a gente consegue fazer isso bem”.

Percebe-se que a situação de desconstrução acionada na relação íntima de Iasmim ativa o chamado dispositivo materno da participante (ZANELLO, 2018), conceito a ser esmiuçado na seção seguinte. Nesse sentido, Iasmim carrega mais um fardo em tomar para si a responsabilidade pedagógica em promover letramento antissexista em seu relacionamento amoroso, tanto que há um cansaço envolvido na ação, ao dizer que fica de “saco cheio” com tal situação. Concomitantemente, seu cômjuge lucra em dobro: (a) é chancelado por fazer comentários sexistas, já que a culpa de suas atitudes advém do cisheteropatriarcado (e até das próprias mulheres que criam homens dessa forma!) e (b) é escusado por sua esposa, que assume a tarefa de educá-lo. Ou seja, não se depreende

⁴¹ A narrativa de Iasmim sobre como a religião cristã afetou sua vivência e a moldou no sentido do amor romântico está inscrita na seção “6.1.6. Religião cristã”.

do discurso de Iasmim que haja (auto)responsabilização pelos atos machistas promovidos por seu marido.

Assim sendo, aparenta que o esforço de desconstrução acontece externamente (via Iasmim) e não internamente (seu marido), o que impossibilita, em última instância, de que este homem torne-se nosso aliado na luta em combate às desigualdades de gênero: em primeiro, conscientizando-se; em segundo, apontando comportamentos e atos machistas entre outros homens (ZANELO, 2020). Ademais, é necessário colocar que o cisheteropatriarcado também ordena violências contra os homens. No entanto, isso é diferente de autorizá-los a realizar ações sexistas, à espera de alguém que possa letrá-los no combate a essa e às demais opressões sociais.

Durante a Oficina 2, quando apresentou a foto com o seu marido, Iasmim compreendeu o seu relacionamento amoroso rumando “a toda essa desconstrução, porque foi desconstruído junto com ele também, eu vejo mais como uma liberdade, uma parceria, uma cumplicidade, então eu vejo totalmente diferente”. Nesse sentido, a própria Iasmim diferencia o que ela vive hoje face aos ideais de amor romântico quando diz: “então eu creio que foi mais ou menos esse caminho que eu trilhei, então desse amor romântico, porque vem da criação, percebendo que esse amor era uma algema e desconstruindo isso”.

Diante do subtexto apreendido do discurso de Iasmim durante a Oficina 1, percebo que a desconstrução emitida durante a Oficina 2 tornou-se um horizonte de esperança onde os valores de liberdade, parceria e cumplicidade possam se realizar plenamente, na esteira de que tal movimento “pedagogizante” complete seu ciclo e o machismo de seu marido seja finalmente mitigado. Em última análise, a desconstrução é aqui um novo nome para o antigo discurso de que é responsabilidade das mulheres esculpirem homens rumo à sua redenção (ZANELLO, 2018).

6.1.9 Dispositivo materno

Conforme Zanello (2018) preconiza, o dispositivo materno estabelece a relação entre a capacidade da mulher cisgênero em ser portadora de útero e, assim, via de regra, poder gestar um outro ser humano e a decorrente naturalização dos atos de cuidados relativos a crianças, família, marido (em relacionamentos amorosos heterossexuais) e serviços domésticos.

Assim sendo, foi construído historicamente dentro do mundo ocidental um constructo ideológico que mescla a capacidade de procriar e de cuidar, projeto incubado pelo capitalismo

cisheteropatriarcal, em dar sentido à vida das mulheres, especialmente das mulheres brancas e de classe média em um primeiro momento, por meio da realização da maternidade. Porém, é sabido que a habilidade do cuidado é humana e treinável, portanto, nada tem a ver com supostos aspectos biológicos exclusivos de mulheres.

Zanello (2018) cita a propaganda estatal realizada na Europa para incentivar mulheres brancas a amamentarem. Ela esclarece que as mulheres não tinham estatuto de humanidade, porém como o capitalismo precisa de mão-de-obra, era necessário fazer com que as crianças vingassem a fim de comporem as fileiras proletárias da nascente sociedade de consumo. Com isso, a autora coloca que ocorreu um empoderamento colonizado para com essas mulheres, já que obtiveram alguma relevância social em um cenário que nem sequer eram enxergadas como seres humanos. Dessa forma, o Estado cria a mitologia de que a mãe é um ente insubstituível quando do cuidado para com os filhos e à família, imaginário praticamente inabalável até os dias atuais.

Tal imaginário normaliza também a maternidade como desejo natural da mulher, o que, para Zanello (2018), leva a uma série de tabus ligados à maternidade, entre eles sobre aqueles ligados a mulheres que se arrependem de serem mães, não por causa de seus filhos e de suas filhas, mas por causa do rito da maternidade, uma vez que não encontram escuta sensível e sem julgamentos para expressar dores e incômodos sem serem massacradas por projetos idealizados em sociedade. Ademais, a teórica comenta sobre a pressão sofrida por mulheres que não querem ser mães, ou mesmo daquelas que recusam modelos tradicionais de maternidade, sendo execradas familiar e/ou publicamente.

A maternidade em território brasileiro foi constituída mediante a ideia portuguesa e católica da Nossa Senhora, conforme elucida Zanello (2018, 2020). Esta representação continua bastante atual, pois em nosso país a imagem da boa mãe está atrelada a uma figura abnegada, dessexualizada e santificada, tal qual a imagem desta figura bíblica. A teórica relata que muitas mulheres ressentem uma expressiva mudança em sua vida sexual após dar à luz, em que tais modificações não perpassam somente por questões de cunho biológico e físico, mas também por terem de lidar consigo mesmas e serem interpeladas por terceiros mediante uma imagem de que “mãe não tem tesão” ou de que “mãe não transa”.

No que tange à relação entre cansaço e maternidade, Zanello (2018; 2020) é taxativa ao relacionar este esgotamento físico/mental à ocorrência da depressão pós-parto. Para a teórica, este caso clínico muitas vezes é somente uma etiqueta psíquica (e sexista) para silenciar o mal estar da

maternidade como ela está posta na sociedade contemporânea: um momento profundamente delicado para as mulheres, que precisam lidar com diversas facetas emocionais, físicas, sociais e inter-relacionais boa parte do tempo sozinhas, mesmo tendo família e companheiro.

Durante a Oficina 1, o único encontro onde essa subcategoria emergiu, essa temática iniciou-se a partir da fala de Iasmim quando relatou que uma amiga, inserida em um relacionamento abusivo, é tratada de maneira infantilizada pelo marido. Virgínia, no chat, coloca: “acho engraçado esse conceito de homem que ou quer uma mãe no relacionamento ou quer uma filha vi uma charge no insta⁴² que era sobre isso”. Também no chat, Monique comenta “é pesado pra mulher porque as cobranças são todas para nós”.

Com isso, Iasmim reflete sobre esse suposto papel mãe/filha da mulher aventado por Virgínia a partir do olhar masculino:

tanto que a gente vê, eu não tenho filhos, mas minhas irmãs têm e eu sempre vejo o relato dela. Por exemplo, minha irmã tem dois filhos, mas ela fala que tem três porque o terceiro é o marido. Então, assim, geralmente é a mulher que sabe onde estão as coisas na casa, é a mulher que cuida, né, então acaba sobrecarregando muito mais, então faz muito sentido mesmo. Ao mesmo tempo que, dependendo da relação, que nem você falou, vai se tornar uma criança, aquela que é mandada... e é a mesma coisa, é uma relação muito divergente, é aquela que cuida e é aquela que é mandada, então ela vai ser aquela que tá no controle de tudo, mas vai ser aquela que muitas vezes acredita que não vai conseguir viver sem aquela pessoa, porque quem vai cuidar dela, né? Como ela vai conseguir sobreviver sem aquela pessoa? É bem difícil! (Iasmim, áudio/vídeo)

Depreendo das reflexões de Virgínia e de Iasmim uma inter-relação entre dependência afetiva, dispositivo materno e assimetria de poder entre gêneros, sobretudo no excerto “é aquela que cuida e é aquela que é mandada”.

O dispositivo materno interliga-se à infantilização do companheiro em relacionamentos amorosos heterossexuais, em que a mulheres exerce um sem número de tarefas de cuidado para com o homem, inclusive entendendo como um filho ou mais um filho fruto daquela relação íntima:

Antes, é visto (pelos outros que dele se beneficiam) como uma grande realização da “feminilidade” das mulheres. O discurso do “natural” encobre e desqualifica, portanto, esse trabalho, pois “por natureza” as mulheres seriam mais aptas a realizá-lo. A invisibilidade do trabalho doméstico, da mesma forma que o cuidado com os filhos, marido, familiares, doentes etc., têm levado, assim, muitas mulheres a adoecerem (ZANELLO, 2018, n.p)

⁴² O termo “insta”, no internetês, refere-se à rede social Instagram.

Ademais, em um mundo estruturalmente sexista, em que há uma assimetria de poder em favor dos homens, o exercício de tarefas de cuidado direcionadas ao companheiro fortalece uma visão hetero-centrada da existência das mulheres, isto é ao mesmo tempo que cuida, situa-se e é situada em um espaço de subalternidade, movimento muito comum em situações de dependência afetiva.

Nesse sentido, interajo com as participantes, sobretudo Iasmim e Virgínia, e compartilho como tal inter-relação também se fez presente em minha história de vida:

quando estava em um relacionamento, nesse que eu citei que era abusivo, eu exercia bastante esse papel da cuidadora, era um papel bem maternal mesmo, então meu ex-marido era completamente infantilizado nesse sentido e eu provia toda segurança e cuidado pra ele em vários aspectos, desde ser a gerenciadora de tarefas do cuidado da casa, então eu que planejava todas as tarefas da casa, não só planejava mas também executava, desde de ser aquela pessoa que tinha as melhores palavras, os conselhos e o colo, né, pra qualquer tipo de problema, eu era a provedora de soluções, então eu exercia um papel bem maternal e na verdade era um papel que eu até me vangloriava, porque eu me sentia importante, eu me sentia central na existência dele e eu nutria até um sentimento narcísico de “nossa, ele não vive sem mim!”, “olha como eu sou importante!”, porque naquele momento eu não entendia que eu era a Luana, eu era uma parte daquele outro relacionamento (Minha fala, áudio/vídeo)

Em um terreno cujo dispositivo materno frutifica não só a partir da construção de uma subjetividade feminina que prioriza terceiros acima de si mesma, mas também com a naturalização entre a figura feminina e as habilidades do cuidado, Zanello (2018), sob a lente psicanalítica, explica que pensar nos outros chancela o indivíduo mulher como generosa e altruísta, tendo ela vários ganhos sociais para com sua imagem. Porém, o alimento narcísico é altamente desempoderador e vem às custas de adoecimento e cargas mentais. Portanto, a autora incentiva as mulheres a colocarem limites e saberem dizer “não”, pois pode haver sim arranhões em sua imagem social, porém possibilitará uma vivência muito mais libertadora.

Outro aspecto mobilizado dentro dessa subcategoria emergente adveio da fala de Estela quando sugere uma atitude prática para promover uma maior igualdade entre os gêneros. Com isso, diz ser necessário “começar a mudar a educação dos nossos meninos em casa, gente! Assim, mas claro, isso só vai acontecer se a mulher tiver consciência de tudo isso, né? Mas a gente tem que começar, eles têm que ter tarefas em casa!”.

Para tanto, ela cita como exemplo a criação dada por ela ao seu filho, que “desde pequenininho carrega sacola do mercado, vai ao mercado”, o que sempre causou espanto e admiração em suas clientes. Estela reforça que é fundamental que seu filho aprenda isso, “porque

senão ele vai crescer achando que eu sou empregada dele, né?”. Percebo nessa fala de Estela que ela ainda credita a responsabilidade em educar os filhos como unicamente da mãe, talvez sua vivência como mãe solo tenha auxiliado para a construção dessa visão.

Apesar do progressismo de sua fala, ao denotar que é fundamental educar meninos com uma visão de igualdade entre gêneros, ainda há um conservadorismo quando situa as mulheres como as maiores responsáveis pelas tarefas de cuidado para com filhas e filhos. Isso fica bem explícito quando ela fala sobre um necessário processo de tomada de consciência por parte da mãe para o problema do sexismo estrutural.

Apesar de esse processo ser essencial para a construção de uma educação igualitária entre gêneros, a mulher não pode ser exclusivamente responsabilizada por mais essa ação, já que, via de regra, está sujeita a massivas expectativas e obrigações sociais por conta do dispositivo materno. Em contrapartida, homens nem sequer são chamados à responsabilidade.

Ademais, como as tecnologias de gênero são potentes e capilarizadas em nossa sociedade, as crianças aprenderão performances estereotipadas de gênero apesar dos esforços de uma mãe que supostamente teria de arcar com mais essa pressão em oferecer uma socialização desconstruída em termos de gênero para suas filhas e seus filhos. Com isso, é urgente a migração radical desse debate para o seio de nossas instituições sociais, para que basilarmente ocorra a mitigação de discursos sociologicamente opressores.

Zanello (2018) identifica que, da mesma forma que o amor romântico é identitário para as mulheres e não para os homens, a maternidade o é para mulher, assim como a paternidade não o é para os homens. Não à toa, temos uma quantidade enorme de crianças sem registro paterno em suas certidões de nascimento; ou mesmo mães não sendo elogiadas pelo excelente trabalho que fazem diariamente na criação de sua prole, porém quando as mesmas atividades são realizadas por homens, são dignas de nota.

Com isso, a autora compreende que as mães são punidas/criticadas quando não fazem e não são elogiadas quando fazem, visto que cuidar é sua obrigação hodierna; porém, pais são elogiados quando cuidam, porém não são punidos nem criticados quando não cuidam, pois é esperado socialmente que o homem seja escusado das tarefas de criação da prole, trabalhos domésticos e atividades de cuidado em geral. Portanto, a autora identifica uma distribuição desigual de cuidado e conclui que os homens cuidam pouco e cuidam muito mal em nossa cultura nesse tempo histórico:

É necessário também haver uma maior socialização com os homens, os quais precisam ser interpelados a exercer funções de cuidado (com os filhos e com a casa). Discutir a distribuição do cuidado, como trabalho, é, portanto, um tema político e social de suma importância para auxiliar na criação de outras possibilidades de vir a ser das mulheres e de seu processo de subjetivação (ZANELLO, 2018, n.p)

Nesse sentido, Giddens (1993) reflete como a idealização da figura materna está relacionado ao amor romântico na medida que constituiu o duplo papel de mãe e esposa, reforçando “um modelo de ‘dois sexos’ das atividades e dos sentimentos” (*ibidem*, p. 53), uma vez que “em relacionamentos heterossexuais”, denota-se “o desequilíbrio nos recursos econômicos disponíveis a homens e mulheres e nas responsabilidades em relação ao cuidado dos filhos e ao trabalho doméstico” (*ibidem*, p. 212).

Outro aspecto importantíssimo trazido por Zanello (2018) é compreender que a maternidade tal qual erigida por pressupostos da colonialidade, não é assim compreendida em outras sociedades, como as africanas e as indígenas brasileiras. Nessas culturas, o cuidado com as crianças é uma experiência dividida para toda a aldeia, inclusive as relações de parentesco têm outras configurações, sendo entendida como “mãe” todas as mulheres que cuidam. Tais experiências sociológicas mostram ser possíveis caminhos mais saudáveis e menos opressores na vivência de ser mulher e mãe. Dessa forma, é urgente decolonizar a experiência materna tal qual é posta em nosso cotidiano, chamando o pai a responsabilidade, preservando a mãe e acionando toda a rede de apoio familiar e estatal.

6.1.10 Superação

A subcategoria “superação” emergiu somente na Oficina 2, tanto nos relatos de Eva e de Kênia quanto em narrativas minhas ao contarmos como conseguimos nos reconstruir após o término de nossos relacionamentos amorosos.

Eva expõe o motivo do término de seu último relacionamento de 9 anos. Seu ex-companheiro tinha 62 anos, já tinha dois filhos e não queria ser pai pela terceira vez. Mesmo assim, Eva acabou engravidando, até porque compreendia que “‘eu não nasci pra ser esposa, mas nasci pra ser mãe. Eu quero ser mãe!’ E ele sempre soube disso”:

quando eu engravidei, ele me abandonou, porque ele não queria filho. Então, assim, foi um momento bem difícil, porque não foi só isso: eu estava no meio do mestrado,

escrevendo uma dissertação, a minha irmã que morava comigo, que é assim minha confidente, minha amigona, sabe assim, irmã assim de carne, de alma e de espírito, ela foi embora pra São Paulo, eu fiquei sozinha, e construindo, no meio de uma obra, e grávida e abandonada. Ele me deu um pé na bunda porque ele não queria um filho (Eva, áudio/vídeo)

Denota-se da narrativa de Eva, mais uma vez, a extrema facilidade com as quais homens desresponsabilizam-se em assumir a paternidade no Brasil (ZANELLO, 2018). Em seguida, Eva relata uma potente reflexão de superação:

Aí eu parei e pensei (respiro profundo): “é uma fase, tudo vai passar, eu não vou morrer por isso, eu vou conseguir superar tudo isso”. Algumas coisas que já superei, mas outras eu estou tentando superar, mas assim não é fácil, mas você consegue, você consegue seguir em frente, você consegue recomeçar, você consegue acreditar novamente no amor, mas assim não há psiquiatra, não há psicólogo, não há amigos, não há conselhos que resolvam isso, as decisões elas têm que partir de você. “O que você quer pra sua vida?”. Eu fazia essa pergunta pra mim sempre: o que que eu quero pra minha vida? Ainda hoje eu faço, porque assim, eu tô prestes a tomar uma decisão, que é ir embora de Brasília, voltar pra minha cidade, porque meus pais voltaram pra lá, pra Pernambuco, e eu fico me perguntando isso praticamente todos os dias, “o que eu quero pra minha vida?”, que na verdade não é só a minha agora, é o meu filho também, então eu acho que é uma pergunta... eu acho que... é... a gente tem que se questionar, independente do momento que você tá passando, é muito difícil, as pessoas reagem de forma diferente, mas eu tentei manter a calma e ficava me perguntando o tempo inteiro: “o que eu quero pra minha vida?”. E eu sei o que que eu quero pra minha vida, mas existe uma ponte de quando sai a pergunta até você atingir o objetivo e a ponte, óbvio, cheia de obstáculos. Mas todos nós somos capazes de conseguir atravessar essa ponte e atingir o objetivo que a gente quer (Eva, áudio/vídeo)

O relato de Eva reúne dois aspectos: aquele da “mulher guerreira”, ou “mãe guerreira”, ao mesmo tempo aquele relativo à superação, em que é vibrante acompanhar sua narrativa de superação, marcada por agência, potência e auto-centramento.

Em primeiro lugar, é urgente problematizar os conceitos acima citados. Popularmente podem ser considerados elogios às mulheres que tudo enfrentam e lutam sozinha contra todas as adversidades de mundo, ignorando suas características patriarcais e sexistas. Segundo Garcia (2022), que pesquisou o arquétipo da “mãe guerreira” entre mulheres mães de crianças acometidas pelo Zika Vírus, uma mãe guerreira neste contexto é aquela que se dedica integralmente à maternidade, compreendendo o peso dessa responsabilidade, lida com a solidão, sofre com intenso cansaço. abre mão de sua subjetividade em prol da de suas crianças e, com isso, pode adoecer física e mentalmente durante o processo. Ao mesmo, a sociedade as vangloria compreendendo-as como “imbatíveis e fortes por enfrentarem tamanhos obstáculos” (*ibidem*, p. 110).

Apesar de Eva não pertencer a esse universo e não ser uma mãe de uma criança com

microcefalia, percebemos pontos de contato quando nos conta sobre o peso que carrega ao seu encontrar como uma mãe solo, lidar com a ruptura amorosa e com o toxicidade do ex-companheiro, perder o apoio de sua irmã durante a conclusão do mestrado e morar em meio de uma obra, ao passo que seu ex-companheiro isenta-se (e é co-isentado pela sociedade) de qualquer responsabilidade financeira e/ou emocional para com a mãe de seu filho e seu próprio filho.

No entanto, há espaço para agência no discurso de Eva, que foca em seus projetos pessoais, marcados por uma narrativa de recomeço sublinhada na metáfora da ponte, em que compreende o difícil processo entre a tomada de decisão e ação em si. Borges (2016) sintetiza a potência de Eva mediante o conceito de resignificação:

Adoto a conotação de resignificação, definida por mim nesse trabalho como aquele tipo de expressão adotada pela entrevistada que apresentou a tentativa de dar novo sentido à sua vida, a reconstrução da vida pós-situação de violência [...] Ou seja, o agenciamento, a capacidade de dar continuidade à sua vida, reelaboração, reconstrução, a abertura à novas formas de vida. Isto é, resignificação é algo como a visão de mundo anterior e alterada (depois da violência) e o significado do antes e do depois pelas mulheres entrevistadas, o que sugere um parâmetro sobre a mudança de suas vivências e sua posição de gênero nessas relações (*ibidem*, p. 44).

É notável que Eva age mediante um processo de auto-centramento, que descentra o comportamento tóxico de seu ex-companheiro, **apesar de e sentindo** dor emocional, abandono e negligência. Ainda com Borges (2016), é possível compreender que atitude de Eva dialoga com “práticas/estratégias (contrapoderes que circulam) de resistências (agência)” (*ibidem*, p. 79) possíveis diante de tantas adversidades. Já Araújo e Durand (2020) mobilizam o conceito de resiliência para caracterizar a superação produzida por vítimas de violência, algo também presenciado a partir da narrativa de Eva:

A resiliência consiste em reconhecer um traumatismo (luto, abandono, violência, doença) e aprender a conviver com ele, sabendo que ele é parte integrante da vida. O fundamental é reagir, mudar de perspectiva, ter uma outra leitura de um passado pesado para poder crescer (*ibidem*, p. 112).

Ao retornar à metáfora da ponte, elaborada por Eva, sinto que ela se conectou à minha memória de decisão, referente ao momento em que resolvi encerrar o relacionamento abusivo:

me reconheci em várias coisas que você disse, especialmente quando você falou da decisão [...] E aí foi o momento que tive que tomar uma decisão, e ela nunca esteve clara pra mim, né, e aí chegou o momento que a situação ficou tão, tão, tão horrível que eu falei: “gente,

não faz sentido eu estar nesse relacionamento!”, porém naquele momento eu me sentia menos que um ser humano, gente! [...] Então, essa palavra que você usou, da decisão, e a ponte que vai entre você entender que é preciso tomar essa decisão e a decisão, é uma ponte muito difícil (Minha fala, áudio/vídeo)

Giddens (1993) reflete sobre o “reconhecimento da escolha”, em que ela representaria “a avaliação dos limites da pessoa e dos constrangimentos a que ela está sujeita: é assim que se avaliam as possibilidades” (*ibidem*, p. 105). Decidir ou escolher representou para mim dizer não à violência e seguir rumo a “um ciclo de bem estar e satisfação” e à “emancipação” (*ibidem*, p. 108).

Já Borges (2016), ao citar o processo de ressignificação de Cristina, participante de sua pesquisa, narra que ela se engajou em “práticas profissionais e sociais”, tornando-se uma “ativista na causa do movimento de mulheres” (*ibidem*, p. 79-80). Percebo um ponto de contato entre a história de vida de Cristina e a minha, já que, a partir do momento que tomo a decisão e começo o processo de rompimento de dependência afetiva que sustentava o meu relacionamento abusivo, não só me desvinculo da e supero a violência, mas a transformo em potência quando a instrumentalizo via mestrado e posso discutir amor romântico e relacionamento amoroso com outras mulheres na Universidade a partir de propósitos pedagógicos.

Ademais, Kênia narra que o apoio recebido pelas mulheres de seu círculo de relações foi essencial para superar a dor da separação:

mas, como tive o apoio de muitas mulheres onde eu trabalho, as pessoas do meu círculo de relações são muito progressistas, tem o pensamento de mulheres empoderadas. Então elas me apoiaram muito! Quando eu me separei, eu entrei em uns três círculos de mulheres! E essas mulheres, nossa, foram fundamentais para eu desenganar desse amor romântico, sabe? (Kênia, áudio/vídeo)

A atitude de Kênia em buscar apoio em círculos de mulheres como forma de superar o luto amoroso é ressaltado por Palza (2014) quando as mulheres participantes de sua pesquisa relataram que comunicavam sua experiência dolorosa com pessoas próximas, o que aliviava a sensação de luto amoroso. Assim, torna-se “uma forma de descarregar suas emoções, sentir-se escutada e analisar todo o ocorrido”. Esse processo, segundo a autora, “facilita a superar a perda”, causada pelo rompimento amoroso (*ibidem*, tradução livre, p. 302).

Ao fim, nada melhor para representar esse espírito de superação e encerrar essa subseção do que o comentário de Iasmim no chat: “**amando ouvir essas histórias de libertação**” (grifo meu).

6.2 A produção de discursos sobre si face aos conceitos de amor romântico e relacionamento amoroso: diversidades e diferenças em tela

Conforme dito nos capítulos anteriores, a pesquisa procurou mobilizar diversos marcadores sociais da diferença, dentre eles raça/etnia, classe, gênero e sexualidade, idade, corpo e deficiência). A percepção anterior à realização das oficinas era a de que as participantes poderiam trazer abundantemente esse múltiplo imbricado de identidades e pertencimentos sociais em suas narrativas face às categorias analíticas prévias de amor romântico e relacionamento amoroso. Todavia, as participantes trouxeram a temática de diversidades e diferenças de modo tímido, pouco a interpelando na produção de discursos sobre si.

Nesse momento, apresento os momentos pontuais nos quais opressões sociais foram articuladas às narrativas das participantes face aos temas principais da pesquisa.

Dentre as dezenove participantes das três oficinas, dezoito identificaram-se como mulheres cisgêneros de diferentes sexualidades e uma identificou-se como uma mulher transgênero lésbica. Virgínia, participante da Oficina 1, produziu discurso sobre si enquanto mulher trans lésbica para acrescentar um comentário no momento em que a roda de conversa foi tomada por relatos de abuso e/ou violência produzidos dentro de relacionamentos amorosos cisgêneros e heterossexuais:

Eu sou trans e lesbica então as minhas vivencias são bem diferentes das que falamos aqui. Embora eu consiga entender e me identificar de certa forma mas não consigo me ver passando por certas coisas e problemas específicos em relacionamento que eu arrisco dizer que são causados majoritariamente por homens algumas coisas que citaram aqui eu não consigo nem imaginar acontecendo em um relacionamento sáfico, mas pode ser prepotente e tendencioso da minha parte pensar assim, não sei, e é bem louco pensar nas diferenças de realidade (Virgínia, chat)

Virgínia não rotula suas experiências amorosas exatamente como saudáveis, mas ressalta que sua realidade enquanto uma mulher transgênero lésbica a afasta ou a protege de violências ou desempoderamentos especificamente ocorridos no seio de relacionamentos amorosos cisgêneros e heterossexuais.

Destacam-se duas afirmações de Virgínia: (a) quando ela menciona que não consegue nem imaginar essas situações em uma relação lésbica e (b) quando arrisca dizer que algumas situações citadas são causadas majoritariamente por homens.

Sobre a afirmação “a”, compartilho os resultados da pesquisa produzida por Amorim e Stengel (2014) a partir da realização de entrevistas com um casal lésbico e um casal heterossexual pertencentes à classe média de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O objetivo da pesquisa foi compreender se há reprodução de valores tradicionais atribuídos à conjugalidade e ao ideário romântico ou se há espaço para reelaboração a partir de uma ideia de customização. A produção de dados revelou que a relação amorosa concebida pelo casal heterossexual, que também seguia a religião cristã, era pensada e sentida a partir do amor romântico: aquela que dura a vida inteira, desenhado para ser dividida e compartilhada na alegria e na tristeza, a partir da fundição entre o “eu” e o “tu”, formando um “a gente” mediante fusão de afinidades e realização de concessões. Ressalta-se que os sentimentos de ternura, amizade e companheirismo são destacados para compreender essa relação; da narrativa produzida pelas mulheres lésbicas depreende-se o quão prazeroso para elas é estarem juntas, em que o desejo é um fio condutor para construção de planos de curto e médio prazos para o futuro, esses sempre expressados de modo fluido. Este relacionamento amoroso foi narrado por ambas no presente, em que só faz sentido ser mantido enquanto for bom para ambas. Com isso, a narrativa de amor parece distanciar-se do ideário romântico, isto é, ela não se pretende eterna e estabelece-se na conveniência de benefícios mútuos para as partes. Ao mesmo tempo, as noções de companheirismo também estão presentes na experiência amorosa deste casal lésbico, em que suas subjetividades serão transformadas, porém não amalgamadas, como no caso do casal heterossexual. Sendo assim, a pesquisadora e o pesquisadores concluem que há espaço para a customização do amor, apesar do forte ideário do amor romântico presente em nossa sociedade.

Apesar de o artigo supracitado não tratar propriamente da temática da violência, percebe-se na relação sáfica relatada componentes de um relacionamento amoroso muito próximo ao que Giddens (1993) nomeou por relacionamento puro, medido pelo amor confluyente. Em tese, esses modelos de amar e relacionar-se oferecem mais proteção, liberdade e igualdade, prevenindo desempoderamentos e violências direcionadas às mulheres.

No que concerne à afirmação “b”, relembro a reflexão de Cátia (Oficina 0), uma mulher cisgênero bissexual, quando ela se questionou, diante dos relatos de violência produzidos durante seu encontro, se seria possível sentir-se bem ao desenvolver relações com homens⁴³. Compreendo

⁴³ A reflexão de Cátia faz parte da construção de conhecimento elaborada pelas participantes relativa à subcategoria analítica “Desconstrução”, subitem 6.2.1

que Virgínia, ao elaborar sua reflexão, vai além de Cátia e escancara a responsabilização do cisheteropatriarcado sobre o adoecimento feminino de relacionamentos amorosos (ZANELLO, 2018; COSTA *et al.*, 2016; DÍAZ *et al.*, 2019; MORAGA *et al.*, 2018)

No que diz respeito à categoria de raça/cor, Kênia (Oficina 2), uma mulher cisgênero preta adulta heterossexual, afirmou que não acreditava que as narrativas de amor romântico apregoadas pelas mídias pudessem se concretizar em sua vida pela sua condição de mulher negra:

Eu acho que na vida eu nunca tive assim... embora eu tenha tido uma formação sentimental modelada por novelas, por filmes, por romances, que também sou da literatura, eu acho que eu não acreditava que eu pudesse vivenciar um negócio desse por conta da minha condição de mulher negra. Eu nunca acreditei assim... na minha família, as pessoas tinham uma expectativa assim de que eu casasse, uma família cristã, evangélica, mas eu nunca acreditei nisso de fato, de que isso pudesse acontecer comigo, porque desde criança assim, eu tinha muito consciência de que eu não era igual e de que as pessoas me tratava de maneira diferente. Então, eu nunca tive esse sonhozinho de casar, eu não casei oficialmente, a gente teve um relacionamento que foi uma união estável e tal (Kênia, áudio/vídeo)

É importante ressaltar que o Capítulo 2 forneceu considerações iniciais sobre a operação do racismo estrutural em uma das instâncias mais sutis e poderosas da vida humana: os afetos. Apesar de o amor romântico apregoar um conjunto de valores desempoderadores e/ou violentos para mulheres, não se sentir nem sequer representada em narrativas comuns sobre amor e afeto é um fato social estruturado pelo racismo, em primeiro lugar, sendo ele ainda mais destrutivo em combinação com demais marcadores sociais da diferença.

Pereira (2019) retrata faltas, apagamentos, violências e também as potências imbricadas no contexto afetivo-amoroso-sexual das histórias de vida de mulheres negras participantes de sua pesquisa de doutorado. Dada a complexidade da produção de dados dessa pesquisa, trago resumidamente eixos da tese da pesquisadora que ajudam a situar o discurso sobre si produzido por Kênia.

A participante afirmou ter sentido sua subjetividade moldada por tecnologias de gênero em direção ao amor romântico desde criança, porém não se reconhecia nele. Diante de tal afirmação, há um subtexto em sua fala que nos conecta a baixíssima ou inexistente falta de representações positivas e respeitadas de mulheres negras nas mídias, sobretudo vivendo relacionamentos amorosos saudáveis, durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, período no qual Kênia vivenciou sua infância e o início da adolescência. Pereira (2019) comenta sobre o papel da televisão e das novelas ao refletir sobre como essas tecnologias raciais e de gênero endossaram a percepção de

beleza associada à brancura e do ideal da mulher bela relativo à mulher branca, magra, jovem e loira, algo também visto com Zanello (2018). Ademais, pondera sobre a hiperssexualização da mulher negra, situada sempre no espaço da amante, da ficante, do caso, do enrosco e (quase) nunca em uma relação afetiva oficial, tanto nas telas quanto na vida. Ainda, nos casos dos relacionamentos amorosos oficiais, quando existem, processam-se por meio da exploração das tarefas de cuidado e/ou financeira das mulheres negras, bem como são marcadas por episódios de desprestígio, humilhações e violências.

Ainda com Pereira (2019), as entrevistas realizadas com as participantes negras de sua pesquisa, à luz de literatura especializada sobre o tema, ilustraram as “repetidas situações de rejeição e solidão” (*ibidem*, p. 119) as quais estão sujeitas essas mulheres. Kênia compreende ter sido tratada diferente na sua condição de mulher negra, deixando implícita uma condição de, no mínimo, desfavorecimento do seu “eu” em situações sociais vivenciadas desde a infância, informado por raça/gênero. Ademais, relembro que os aspectos associados ao termo “solidão da mulher negra”, abordados no Capítulo 2 dessa dissertação, são importantes para refletir sobre a fala dessa participante.

Além disso, Kênia ainda relatou ter sido rejeitada pelo rapaz que, anos depois, tornou-se seu marido, vivenciando uma experiência de rejeição/solidão, tal como comentado anteriormente:

eu o conheci nessa época e eu fui rejeitada, ele não me quis. 5 anos depois, já eu terminando a graduação na UnB, eu reencontro com ele um ano antes, cerca de um ano antes, um semestre antes de eu me formar, eu me reencontro com esse cara e a gente começa a namorar e dali veio o casamento. A gente ficou juntos por quase dez anos (Kênia, áudio/vídeo)

Associo tal fala ao comentário de Iasmim (Oficina 1), uma mulher cisgênero branca adulta, a qual relatou não ter tido dificuldades em iniciar relacionamentos ou encontrar namorados. Apesar dos dados incipientes, com duas falas que envolvem direta e indiretamente a questão racial, reflito que, enquanto uma mulher branca relatou ter sido facilmente escolhida em namoro, Kênia não só não acreditava que o amor romântico não caberia em sua vivência, como também relatou tal experiência de rejeição. Adicionalmente, também nos contou não ter tido “nenhum envolvimento afetivo, amoroso com nenhum rapaz” até os 17 anos, de modo semelhante à Nina e Berenice, participantes da pesquisa de Pereira (2019), que “vivenciaram as suas primeiras experiências afetivo-sexuais um tanto mais tarde do que as suas colegas brancas” (*ibidem*, p. 160).

Remeto essa intelecção a duas reflexões teóricas: primeiro à metáfora da “prateleira do amor” (ZANELLO, 2018, n.p), explicitada no Capítulo 3 dessa dissertação, e segundo ao argumento de Pereira (2019) sobre o fato de que “laços afetivos-sexuais são constituídos por meio de dinâmicas sociais” (*ibidem*, p. 142), em que mulheres brancas são escolhidas para relacionamentos amorosos, em desfavor de mulheres negras, sobretudo as retintas, uma vez que o colorismo pode favorecer mulheres negras pardas, por carregarem alguns signos próximos da branquitude.

Ressalvo que, apesar de serem duas histórias individuais, marcadas pela facilidade amorosa para uma e a rejeição amorosa para outra, nas quais essas situações específicas podem não ter acontecido nesses casos concretos por questões étnico-raciais, deixo aqui essa reflexão sobre o tema.

6.3 A produção dos dados a serviço da percepção de diversidades e diferenças emergidas mediante os conceitos de amor romântico e relacionamento amoroso

Apesar de não terem sido mobilizadas nos discursos das participantes, gostaria de salientar minhas percepções, emergidas através da produção dos dados, acerca do inter cruzamento entre marcadores sociais da diferença relativo às categorias analíticas de amor romântico e relacionamento amoroso.

Entre as oito mulheres jovens adultas, sendo seis participantes da Oficina 0⁴⁴ e duas da Oficina 1, com média de idade de 19,87 anos, foi percebida uma maior diversidade em termos de orientação sexual, em que seis eram bissexuais, uma era lésbica e uma era heterossexual; já entre as dez mulheres adultas, sendo uma participante da Oficina 0, sete participantes da Oficina 1⁴⁵ e duas da Oficina 2, com média de idade de 36,7 anos, há a prevalência de mulheres heterossexuais, correspondendo a oito participantes. Ainda, entre essa faixa etária, uma mulher adulta identificou-se como bissexual e outra como assexual.

As mulheres jovens adultas e identificadas com sexualidades dissidentes à normatizada em sociedade partilharam discursos, via de regra, que já identificavam as armadilhas desempoderadoras e/ou violentas do amor romântico, bem como ressaltaram a importância da

⁴⁴ Sheila, uma participante jovem adulta, foi contabilizada somente uma vez, já que participou de todos os encontros.

⁴⁵ Iasmim, uma participante adulta, foi contabilizada somente uma vez, visto que participou das Oficinas 1 e 2.

solidude (Sheila, Oficina 0), da independência (Bárbara, Oficina 0) e da construção de relacionamentos em que a violência não se faz presente (Virgínia, Oficina 1).

Todavia, é importante destacar que a maior parte das jovens adultas que participaram oral e/ou visualmente e/ou pelo *chat* relataram episódios micromachistas (MÉNDEZ, 1995) ou violentos atrelados às expectativas sociais de amor romântico e de relacionamento amoroso tradicional. Destacam-se o comentário de Carolina (Oficina 1) quando ela afirmou que não consegue imaginar um relacionamento sem violência, assim como a fala de Tânia (Oficina 0), em que foi questionada por não se tornar amante de algum homem, já que não queria assumir um relacionamento amoroso oficial.

Apesar de essa relação entre idade e sexualidade não ter sido mobilizada pelas participantes em seus discursos, reflito se a identificação com uma orientação sexual disruptiva face aos valores conservadores da sociedade, aliado à juventude, seja um possível fator a ser considerado para compreender o fato de a vivência dessas mulheres seja mais centradas em si (autocentrada) do que centradas no outro (hetero-centrada), sendo esse entendido como possível/future parceire amorese⁴⁶ (ZANELLO, 2018, n.p). Com isso, pontuo essa reflexão para futuros estudos que possam pensar a imbricação de juventude, sexualidades dissidentes, amor romântico e relacionamento amoroso com a comunidade universitária.

No que tange a possíveis inferências face a inter-relação entre as categorias sexualidade e idade, as mulheres adultas heterossexuais relataram o maior número de casos de violências, sendo um deles gravíssimo, com a ocorrência de uma ameaça de feminicídio percebida pela participante Eva (Oficina 2). Todavia, a concentração de excertos sobre desconstrução do conceito de amor romântico, construção de relacionamento saudável, superação ou superação de dificuldades em casal reside nas narrativas de mulheres pertencentes a esse grupo.

Produzir esses dados me fez refletir que as mulheres pertencentes ao grupo das mulheres adultas compreenderam em grande medida as armadilhas do amor romântico e procuraram mitigá-las, seja no fortalecimento de uma relação consigo mesmas, a exemplo de Dalila (Oficina 1) e de Eva (Oficina 2), seja na superação de dificuldades em casal (Lucrécia e Iasmim, Oficina 1), seja na construção de novos relacionamentos amorosos, agora saudáveis (Monique e Estela, Oficina 1), ou seja da não-aceitação de novos relacionamentos abusivos (Dalila e Monique, Oficina 1).

⁴⁶ A linguagem neutra foi aqui utilizada em respeito a diversidade sexual presente entres a maioria das mulheres jovens adultas.

Aponto como futuros estudos a possibilidade de compreender se essa chamada atitude desconstrutiva sobre amor romântico, tão trazido em algumas narrativas das mulheres dessa idade e com essa orientação sexual, é abrangente em nossa sociedade, em que medida, de que forma e em quais grupos. Inspirei-me em Lucrécia, que não é uma mulher pertencente à comunidade universitária, a refletir sobre essa ramificação da pesquisa, já que ela foi uma das mulheres que mais mobilizou essa subcategoria analítica.

No que tange à situação de classe das participantes, nenhuma mulher relacionou-a na produção de discursos sobre si face às categorias analíticas de amor romântico e relacionamento amoroso. No entanto, Estela (Oficina 1) e Kênia (Oficina 2) fizeram relatos similares sobre terem presenciados situações e/ou ouvido relatos sobre a violência doméstica vivida por mulheres pobres em relacionamentos amorosos por conta da dependência financeira para com seus companheiros e/ou por conta da baixa escolaridade, em virtude da atuação profissional da primeira, que é assistente social, e da atuação da segunda, respectivamente, em projetos de caridade em um bairro periférico da cidade de São Paulo.

Ainda, Estela relatou ter nascido em uma periferia do extremo sul de São Paulo e hoje vive em um bairro nobre dessa cidade, portanto sabe “bem os dois lados da moeda”. Ademais, ao mesmo tempo que relata que as pessoas do bairro nobre supostamente têm mais consciência sobre a evitação de violência em relacionamentos amorosos, muitas dessas mesmas mulheres também passam por situações violentas nesses contextos:

E é engraçado quanto a questão social acaba dividindo de fato tudo isso que a gente tá falando, porque é como se eu visse dois mundos hoje, sabe? Das pessoas que vivem por aqui, que tiveram educação, que as mães já vieram de uma geração que puderam estudar e tem mais consciência das coisas e eu já estou há muito tempo morando aqui [...] infelizmente, socialmente, aqui tem muitas mulheres que também passam por isso, mas, onde eu faço ação social, eu vejo acontecer muito mais da violência, do amor com violência, tá associado a parte social da história, infelizmente (Estela, áudio/vídeo, Oficina 1)

Nenhuma mulher participante das três oficinas era uma pessoa com deficiência. Durante as fases de inscrições para a Oficina 1, uma mulher com deficiência cadastrou-se na atividade, porém não informou qual deficiência tinha e também não pôde comparecer no dia do evento. No caso de mulheres indígenas, não houve indícios que de alguma tenha tomado ciência das atividades e/ou se inscrito.

Com relação à percepção do corpo, doze mulheres o perceberam como magro, seis mulheres como “nem gordo nem magro” e uma mulher como “gordo menor”. Apesar da relativa diversidade de corpos, o aspecto corporal não foi mobilizado junto às categorias de amor romântico e relacionamento amoroso.

Diante do que foi visto no Capítulo 3 mediante conceito da solidão da mulher gorda, em que amor, afeto e/ou sexo para pessoas gordas constroem-se, via de regra, entremeadas pela objetificação sexual e apagamentos, sinto-me pessoalmente feliz⁴⁷ com o fato de não terem emergidos discursos violentos emitidos por mulheres nem gordas nem magras e pela única mulher gorda menor das três oficinas (Monique, Oficina 1), inclusive ela relatou ter superado um relacionamento abusivo e hoje se encontra em um relacionamento saudável.

⁴⁷ Tal felicidade advém, sobretudo, por ser uma mulher gorda menor e já ter sofrido violências provindas da pressão estética e de gordofobia por parceiros amorosos, familiares e médicas/médicos.

7. BORA FALAR DE AMOR? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de amor e relacionamentos é tornar o pessoal um ato político. O desafio concernente a essa tarefa histórica conecta-se ainda às tensões em politizar sentimentos em meio à sociedade brasileira, conformada por um Estado e gerenciada por um governo que sequer cumpre a contento a básica tarefa de garantir o direito à vida às nossas mulheres, que sucumbem em leitos de hospital, em clínicas clandestinas, dentro de suas casas e morrem por dentro, dia após dia, engolindo dores para sustentar a falsa paz da família e de relacionamentos amorosos.

Cisne e Oliveira (2017) refletem sobre a pauta da violência contra a mulher, uma das principais dos movimentos feministas, face aos limites impostos por um Estado estruturalmente patriarcal, racista e capitalista, subproduto da colonialidade. Enquanto isso, essa pesquisa mobilizou aspectos muito mais sutis, que dialogam com a violência, porém não só com ela. Com isso, surge o questionamento: há espaço para falar de amor e relacionamentos quando não conseguimos, em nível estatal, governamental e institucional, garantir condições básicas de sobrevivência às nossas mulheres?

E eu respondo: sim, há! Compreendo ser urgente atuarmos em várias frentes e politizar todos os níveis da vida que impeçam a emergência não só de condições dignas, mas que ofereçam também a construção de felicidade e de ambientes pacíficos para as mulheres. Portanto, é prioritário também que as discussões feministas englobem a problematização do amor romântico e dos relacionamentos amorosos, dois mandatos cotidianos, porém tão potencialmente letais de almas, mentes e corpos femininos.

E não somente os feminismos devem abarcar cada vez mais a discussão de tais temas, os ambientes de trabalho e estudantis também. Torna-se necessária a criação de diálogos permanentes que visem a prevenção da violência conectada aos afetos a fim de viabilizar a construção de projetos de vida baseados na emancipação, empoderamento, liberdade, paz e felicidade pelas e para as mulheres. Nesse sentido, compreendo que essa dissertação, gestada em um curso de pós-graduação profissional em Educação, cumpre a tarefa de romper barreiras e aproximar os mestrados profissionais de debates que mitiguem o sexismo e as demais opressões sociais ao mostrar ser possível elaborar projetos de pesquisa que transcendam aspectos técnicos, abarcando demais áreas da vida, como a sentimental, afinal as membras de nossa comunidade, a Universidade de Brasília, são muito mais do que estudantes, docentes, colaboradoras e técnicas-administrativas: seu

desempenho nessa instituição perpassa também pela seara dos sentimentos. Ademais, este trabalho denotou a potência da extensão universitária aliada à pesquisa, capaz de alcançar não só a comunidade externa à universidade, mas também exercitar a escuta e a elaborar conhecimento e acolhimento com a nossa comunidade interna. Apesar de a extensão ser um dos eixos mais marginalizados em contexto universitário, face aos investimentos institucionais e orçamentos que recebem os eixos da pesquisa, do ensino e da inovação, essa pesquisa valorizou esta estrutura ao cumprir seu duplo papel: a produção de dados e a formação política.

Dessa forma, a dissertação ofereceu uma proposta de conceituação crítica sobre os temas “amor romântico” e “relacionamento amoroso”, interpelados pela construção do via-a-ser mulher no Ocidente: enquanto o primeiro edifica-se mediante três construtos (conformação de estereótipos de gênero, violência e desempoderamento) para as mulheres, o segundo demonstra-se mais abrangente, podendo representar situações violentas, desempoderadoras e estereotipadas para elas, assim como possibilidades de realização, satisfação, felicidade e liberdade. Tal conceituação também complexificou os temas para compreender como marcadores sociais da diferença, que ordenam opressões sociais, os atravessam, em que narramos as punições, privilégios e passabilidades que envolvem as experiências íntimas-afetivas sexuais de mulheres negras e brancas e gordas e com deficiência e velhas e LBGTQIAP+. Apesar de lidar com uma limitação ao entender não ser possível dar um panorama teórico profundo para todas essas experiências em um mestrado profissional, a pesquisa compromete-se eticamente com as diversidades e as diferenças em nível teórico, uma vez que criticamos o estado da arte conformado para essa pesquisa, em que identificamos que os artigos, as dissertações e as teses, ou produziram pesquisas com temas complexos somente a partir da lente de gênero, desconsiderando demais marcadores sociais da diferença, bem como as opressões sociais a eles associados, ou mobilizaram a primeira de modo incipiente ou nulo, ignorando demais aspectos sociais estruturais.

Em nível metodológico, a pesquisa embasou-se em perspectivas de pesquisa-formação e de metodologia de histórias e narrativas de vida para edificar três oficinas de extensão, indutoras de processos formativos, estruturadas a partir das técnicas de pesquisa chamadas “*gameplay*” e “trabalho biográfico com objetos”. Ademais, as oficinas supracitadas constituíram-se no produto exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional para fins de obtenção do grau de mestra. Ainda, o compromisso ético com a diversidade foi primevo na construção das oficinas de extensão, a partir de convites emitidos para grupos/coletivos da UnB de

pessoas negras, de mulheres, de indígenas, de pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência. Ao fim, os encontros congregaram dezenove mulheres em um largo espectro de diversidade, destacando-se os aspectos de raça, classe social, idade, corpo e sexualidade.

As oficinas de extensão, realizadas entre setembro e outubro de 2021, constituíram-se em ricas experiências, porque uniram mulheres para falar de amor, mas não de forma encantada e fantasiosa, porém para conversar sobre um amor real, atravessado por desafios, potências e violências, íntimas, interpessoais e sociais. Aspectos íntimos sob à luz da produção do conhecimento entre iguais e entre aquelas que são expertas na matéria, que viveram em suas carnes, corações e mentes as consequências dessas experiências afetivas, sejam elas transformadoras ou soturnas. Ademais, realizar oficinas de extensão com essas temáticas é abrir um caminho que converse com nossa comunidade sobre temas silenciados pelas políticas institucionais da Universidade de Brasília: é olhar para as nossas mulheres saindo da lógica de que elas são somente servidoras, estudantes e colaboradoras. É corporificar essas mulheres e oferecer uma atenção mais holística a quem elas são, às suas emoções e às suas intimidades, mesmo que em um contexto laboral e/ou estudantil.

É nesse seio que se inscreveram os processos formativos. Inspiradas em círculos de conhecimento, as oficinas de extensão ensejaram aspectos críticos e reflexivos dentre aquelas que participaram, atingindo a instância da educação que toca o sensível, que se conecta com uma proposta de preparo para vida social rumo a uma existência emancipada, que oportuniza o desenvolvimento de uma inteligência emocional que diz não ao menor sinal de violência e de desempoderamento e que diz sim à felicidade e à paz, em íntimo, a dois ou a quantos se sentirem pertencer.

Ainda, é importante destacar que havia uma percepção preliminar de que o múltiplo imbricado de identidades, ordenadas por marcadores sociais da diferença, seria mobilizado na produção de discursos sobre si entre as mulheres participantes. Apesar de isso ter acontecido de modo pontual durante a realização das oficinas, compreendo que a produção dos dados foi tão complexa quanto possível e levou em consideração aspectos raciais e de sexualidade associadas à gênero. Ademais, também compartilho reflexões que construí ao apreciar os dados da pesquisa, que discutiram os temas centrais da pesquisa mediante a opressão social de classe, bem como mediante os marcadores sociais de idade, associado à sexualidade. Comento também sobre os

“vazios” da pesquisa, já que corpo, deficiência e etnia não emergiram sob nenhuma forma durante a realização das oficinas, nem na produção dos dados.

Com as potentes mulheres participantes das oficinas, vislumbramos os desdobramentos possíveis e emergentes que derivaram das categorias analíticas “amor romântico” e “relacionamento amorosos”. Mesmo entre as dissidentes que não se vislumbravam no retrato do amor romântico, as armadilhas caracterizadas pelas tecnologias de gênero e pelo dispositivo materno parecem nos colonizar hodiernamente. Entretanto, aprendemos com as participantes que é nessa tensão que estamos construindo a antítese da dor e a síntese da felicidade possível mediante a desconstrução das concepções tradicionais sobre os termos, o rompimento com gatilhos indutores de violência, seja desde o abandono ou resignificação de concepções advindas da religião cristã, seja edificando relacionamentos saudáveis, onde a dependência afetiva não tem vez. Dessa forma, é possível construir felicidade e paz concretas quando superamos, seja individualmente, a partir de um processo de decisão derradeiro, seja em casal, mesmo que tal superação ainda seja entremeada por desafios patriarcais cotidianos.

As subcategorias emergentes representam de modo concreto que intervenções pedagógicas são cruciais para induzir e/ou auxiliar mudanças concretas, mesmo que micropolíticas, na realidade de coletivos: essa pesquisa referenda que a construção de conhecimento e a troca de experiências são eficazes para a divulgação e construção de conhecimento que possam expandir horizontes, prevenir violências e contribuir para uma vida emancipada, saudável e mais feliz, sobretudo em uma comunidade universitária que está aprendendo a dar importância a aspectos íntimos e privados da vida. Portanto, acredito que essa pesquisa contribuiu para ser um de muitos trabalhos que alertam para a necessidade de discussão do sensível e da privacidade em um mundo patriarcal, sexista, racista, elitista, LGBTQIAP+fóbico, gordofóbico, etarista e capacista, experiências muitas vezes carregadas por dores, violências e abandonos que não são vistos no rosto da colega sentada na carteira do lado ou na amiga de trabalho ocupante da estação de trabalho vizinha. Assim, fica o recado e o convite para a Universidade de Brasília: que tal falar de amor e relacionamentos de modo permanente e radical, mediante uma experiência extensionista educativa crítica, horizontal e democrática?

8. REFERÊNCIAS

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, 31, janeiro, 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.g.html>>. Acesso em 24, junho, 2022.

ACTIS, M. F.; CREMONA, M. F. e GARIGLIO, R. Entre el deseo y los sacrificios. El dispositivo del amor romántico en el relato de las mujeres. **De Práctica y Discursos. Cuadernos de Ciencias Sociales**. Corrientes e Resistencia, ano 7, n. 10, out, 2018.

ALMEIDA, T. de; DEL VECCHIO, T. C.; LOURENÇO, M. L. O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje. In: ALMEIDA, T. de. *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante e o depois* (Volume 3). São Paulo: PoloBooks, 2015.

AMORIM, A. N. de; STENGEL, M. Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**. 19(3), jul/set, p. 157-238, 2014.

AKOTIRENE, C. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In: _____. **O que é interseccionalidade?**. São Paulo: Pólen, 2018.

AKOTIRENE, C. Vamos pensar direito: interseccionalidade e as mulheres negras. In: _____. **O que é interseccionalidade?**. São Paulo: Pólen, 2018.

ANJOS, H. P. dos. Pesquisa-formação e história de vida: entretecendo possibilidades em educação inclusiva. **Revista Brasileira em Educação**. v. 20, n. 62, jul/set, p. 609-634, 2015.

ARAGÃO, R. L. **“O que se diz e o que se faz”**: os significados do casamento, relacionamentos amorosos e infidelidade para jovens adultos solteiros. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 180. 2014.

ARAÚJO, R. M. C. de; DURANDO, V. Diga-me como tu amas, que te direi como foste amada: uma reflexão sobre a dependência emocional da mulher. In: DURAND, V.; RIBEIRO, Henrique Marques (orgs.). **Repetição de histórias de amor tóxico: a violência contra as mulheres**. Brasília: Senado Federal, 2020, 415 p.

ARFUCH, L. O espaço biográfico: mapa do território. In: _____. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2010, p. 35-82.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, vol. 31, n. 1, jan/abr, 2016.

BORGES, E. N. de M. F. **“Reescrever minha história, virar a página, seguir em frente”**: trajetórias de mulheres pós-situação de violência. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016, p. 115. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo, 17 (49), p. 117-132, 2003.

CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. Portal Geledés. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

CHAVES, J. C. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 28-46, abr, 2010.

CISNE, M.; OLIVEIRA, G. M. J. C. de. Violência contra a mulher e a lei Maria da Penha: desafio na sociedade patriarcal-racista-capitalista do Estado brasileiro. **Serviço Social em Revista**. Londrina, v. 29, n. 1, jul/dez, p. 77-96, 2017

COLLINS, P. H. Em direção a uma visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. **Cadernos Sempre Viva**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, p. 13-42, 2015.

CONCEIÇÃO, J. Lélia Gonzalez: o racismo estrutural | Jaqueline Conceição. Youtube. Canal Casa do Saber, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2ruqJntOWc>. Acessado em 27 de abril de 2022. 8:46.

CORDEIRO, L. M. Como ele consegue me machucar assim? Minha vivência singular-plural em um relacionamento abusivo. In: CONGRESSO CRIM/UFMG – GÊNERO, FEMINISMOS E VIOLÊNCIA, 1., 2021. Belo Horizonte. *Resumo*. Belo Horizonte: Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher, UFMG, 2021.

COSTA, N; GOMES; H.; ALMEIDA, T.; PINHEIRO, R. S.; ALMEIDA, C.; GONDIM, L.; SILVA, M.; CAMPOS, R. S.; SILVA, S. M.; LIMA, V. Violence against women: can “jealousy” mitigate the significance of violence?. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 33(3), jul-set, p. 525-533, 2016.

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, 23 (1-2), jan, n.p, 1997.

DECANATO DE EXTENSÃO. UnB Decanato de Extensão. 2022. Disponível em <<http://dex.unb.br/odecanatodeextensao>>. Acesso em 24, junho, 2022.

DELORY-MOMBERGER, C. Perspectivas Contemporâneas: A história de vida no campo das Ciências Sociais. In: **As Histórias de Vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Tradução: Albino Pozzer. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EdIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2014.

DIAS, A. R.; MACHADO, C.; GONÇALVES, R. A.; MANITA, C. Repertórios interpretativos sobre o amor e as relações de intimidade de mulheres vítimas: amar e ser amado violentamente? **Análise Psicológica**. Lisboa, vol. 30 (1-2), p. 143-159, 2012.

DÍAZ, M.; ESTÉVEZ, A.; MOMENË, J.; OZERINJAUREGI, N. Love attitudes and violence: consequences of burden of care on women. **Clinica y Salud**, 30(3), p. 123-129, 2019.

FELCHER, C. D. O.; FERREIRA, A. L. A.; FOLMER, V. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook. *Experiências em Ensino de Ciências*. v. 12, n. 7, p. 1-18, 2017.

FERNANDES, T.; SANTOS, E. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 36, e76124, 2020.

FERNÁNDEZ, D. M.; GÓMEZ, A. H. Del príncipe azul al exitoso millonario: *Cincuenta sombras de Grey*. **Estudios Feministas**, Florianópolis, 24(1): 406, jan-abr, 2016.

FERRAROTTI, F. Las Historias de Vida como método. **Convergencia. Revista de Ciências Sociales**, Toluca, vol. 14, n. 44, mai/ago, p. 15-40, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. Relatório. 3ª Edição, 2021, 42 p.

GAMA, M. S. B. e ZANELLO, V. Dispositivo amoroso e tecnologias de gênero: uma investigação sobre a música sertaneja brasileira e seus possíveis impactos na pedagogia afetiva do amar em mulheres. SILVA, E. O.; OLIVEIRA, S. R. de; ZANELLO, V. **Gênero, subjetivação e perspectivas feministas**. Brasília: Technopolitik, 2019.

GARCIA, J. V. “No dia em que eu caí ninguém entendeu, porque eu era guerreira”: maternagem e Síndrome Congênita do Vírus Zika em tempos de Covid-19. **Teoria e Cultura**. v. 17, n. 1, mai, p. 105-117, 2022.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993, 228 p.

GONÇALVES, M. P. Atributos desejáveis do(a) parceiro(a) ideal: valores e traços de personalidade como explicadores. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012, 237 p., 2012.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. Historias de vida y teorías de la educación: tendiendo puentes. **Cuestiones Pedagógicas**. Sevilha, v. 19, p. 207-232, 2008/2009.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. Histórias de vida interculturais: Entre pesquisa, formação e testemunho. **Synergies Pays Germanophones**, nº 3, p. 1-11, 2010.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. Biographical-Narrative Methodologies for Adult Education and Lifelong Learning between Personal Development and Critical Reflection. **Culture, Biography & Lifelong Learning**. República da Coréia. v. 3, n. 2, ago, p. 45-65, 2017.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, jan/abr, p. 25-49, 2016.

HATAKEYAMA, N. H.; ALMEIDA, T. de; FALCÃO, D. V. da S. Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, 20(2), p. 217-292, 2017.

HOOKS, bell. Pensamento feminista na sala de aula. _____. Ensinando a transgredir. A educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JIMENEZ, M. L. J. “**Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**”. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020, p. 237. 2020.

JOSSO, M. A transformação de si a partir da narração de história de vida. **Revista Educação**. Porto Alegre: n. 3 (63), set/dez, p. 413-438, 2007.

JOSSO, M. Os relatos de história de vida com desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempo, narrativas e ficção: a invenção de si**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS e EDUNEB, 2016, n.p.

KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça, v. 9, n. 3, set/dez, p. 621-643, 2009.

LAURETIS, T. de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, R. D. de; ALMEIDA, T. de. Relacionamentos amorosos e pós-modernidade: contribuições psicodramáticas. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 52-60, 2016.

LUGONES, M. Colonialid y Genero. **Tabula Rasa**. Colômbia, n. 9, jul/dez, p. 73-101, 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 22(3), p. 935-952., 2014.

LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. da. Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. *Revista Contrapontos - Eletrônica*. Santa Catarina, vol. 13, n. 3, p. 214-225, set/dez, 2013.

MACHADO, M. das D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 26(2), 2018.

MAGNANI, L. H. Por dentro do jogo: videogames e formação de sujeitos críticos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, 46(1), jan/jul, p. 113-125, 2007.

MARINHO, A. R. B. **Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2009, 113p. 2009

MENDES, G. Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o estereótipo. *Carta Capital*, 18, maio, 2017. Seção Intervozes. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/re-presentacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo/>>. Acesso em 24 de junho de 2022.

MÉNDEZ, L. B. Micromachismos: la violencia invisible em la pareja. In: Corsi, J. (org.). **La violencia masculina em la pareja**. Madrid: Paidós, 1995.

MERAZ, M. G. Incertidumbre: efectos del apego romântico sobre la Vigilancia de la Pareja en Redes. *Acta de Investigación Psicológica*. Cidade do México, vol. 10, n. 1, abr, 2020.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. Painel de Dados da Ouvidora Nacional de Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/vitimas-de-violacoes-de-direitos/publicacoes/painel-de-dados-da-ouvidoria-nacional-de-direitos-humanos>>. Acessado em 1º de fevereiro de 2022.

MONTEIRO, C.; ZANELLO, V. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. *Revista Feminismos*. v. 2, n. 2, set, p. 36-44, 2014.

MORAES, T. M.; ORTEGA, A. C.; ALENCAR, H. M. de; GALVÃO, J. A. O início do relacionamento amoroso sob a perspectiva da moralidade: estudo comparativo entre mulheres de duas gerações. *Interação em Psicologia*. Curitiba, vol. 24, n. 1, 2020

MORAGA, S. E.; MUÑOZ, R. V.; BURGOS, A. V.; PEÑA, A. V. Violencia em la familia e en la relación de pareja en universitarios de Osorno, Chile. *Revista Latinoamericana Polis*. Santiago, n. 52, p. 122-139, 2019.

MORAIS, J. de S.; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Pesquisa-formação* narrativa (auto)biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. *Educar em Revista*. Curitiba, v. 37, e75612, p. 1-20, 2021.

NASCIMENTO, M. E. F. de; ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Amor e sexualidade: modos de subjetivação do sujeito com deficiência no discurso midiático. *Diálogo das Letras*. Pau dos Ferros, v. 06, n. 02, jul/dez, p. 178-193, 2017.

NOGUERA, R. Por que amamos? O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020. 208 p.

NUNES, M. A. A.; MOURA, M. da G. C. Pesquisa-formação: diáde que permeia o exercício da docência em contexto socioeducativo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 100, n. 254, p. 211-299, jan/abr, 2019.

O pentecostalismo e as mulheres. [Entrevista concedida a Maria das Dores Campos Machado]. Graziela Wolfart. Revista IHU Online, Porto Alegre, Edição 329, 2010.

PALZA, D. F. G. Narración del duelo en la ruptura amorosa. **Ajayu**. La Paz, 12(2), ago, p. 288-307, 2014.

PEIXOTO, J. Relações entre sujeitos sociais* e objetos técnicos**: uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. **Revista Brasilia de Educação**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 61, abr-jun., 2015.

PEREIRA, B. C. J. “**Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**”. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019, 307p. 2019.

PERRELLI, M. A. de S.; RIBEIRO, F.; TEIXEIRA, L. R. M.; NOGUEIRA, E. G. D. Percursos de um grupo de pesquisa-formação: tensões e (re)construções. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 236, jan/abr., p. 275-298, 2013.

PIRES, S. M. F. Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero. **Educar**. Curitiba, n. 35, p. 81-94, 2009.

PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. A permanência de mulheres em situação de violência: consideração de psicólogas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 30, n. 3, p. 267-276, jul-set, 2014.

PRADA, E. A. Metodologias de pesquisa-formação de professores nas dissertações, teses: 1999-2008. In: ANPED SUL, IX, 2012, Caxias do Sul. Anais (Caxias do Sul, 2012, ANPED, p. 1-16).

PROKOP, P.; MORVAYOVÁ, N.; FEDOR, P. With or without you: does partner satisfaction and partner-directed violence influence the presence of a partner on women’s Facebook cover profile photographs?. **Anales de Psicología**. Murcia, vol. 32, n. 2, p. 307-312, mai, 2016.

ROSSI, T. C. O discurso de amor na violência contra mulheres. Análise sociológica de “Quem matou Eloá”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 35, n. 102, p. 1-18, 2020

SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, M. D; HERRERA-ENRÍQUEZ, M. C.; EXPÓSITO, F. Controlling behaviors in couple relationships in the digital age: acceptability of gender violence, sexism, and myths about romantic love. **Psychosocial Intervention**. Madrid, 29(2), p. 67-81, 2020.

SARLO, B. Tempo passado. _____. In: Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva (Tradução de Rosa Freire d’Aguiar). São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG. 2007. p. 136.

SANTOS, A. dos. **Evidências de validade do Questionário de Relacionamento Central (CRQ) com universitários**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2011, p. 151. 2011.

SANTOS, K. V. F. Mulheres negras no pós-abolição: uma análise da personagem Bertoleza, de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Balaban. 2018. 44p. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) – Licenciatura/Bacharelado em História, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa (Tradução de Denilson Weller). In: Weller, Wivian. & Pfaff, Nicolle (orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação. Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, p. 210-222, 2010.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES**. Coimbra, v. 18, p. 106-131, 2012.

SEGATO, R. L. Aníbal Quijano y la perspectiva de la colonialidad del poder. In: **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda**. Ciudad Autonomia de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. de. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, 15 (2), mai-ago, p 33-45, 2013.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempo, narrativas e ficção: a invenção de si**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS e EDUNEB, 2016, n.p.

SOUZA, A. L.; AIZIA, L. T.; BARBOSA, M. G. O relacionamento amoroso na contemporaneidade. **Revista e-Humanit@s**. Araçatuba, n. 7, p. 224-237, 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Resolução da Câmara de Extensão n. 01/2020*. Brasília: Boletim de Atos Oficiais em 01/06/2020, 8p.

ZANELLO, V. Saúde mental e gênero: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V. **Live 1 - “Saúde Mental e Gênero” (Profa Valeska Zanello)**. Youtube. Canal Valeska Zanello. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-EQmuYAMOTk&t=15s>>. Acessado em 20 mar. 2021. 34:18.

ZANELLO, V. **Live 2 - Dispositivo amoroso e mulheres**. Youtube. Canal Valeska Zanello. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zwS0HdFIyH0&t=5s>>. Acessado em 20 mar. 2021. 29:20.

ZANELLO, V. **Live 3 - Dispositivo materno e mulheres**. Youtube. Canal Valeska Zanello. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ozFrTCW_7I0&t=65s>. Acessado em 20 mar. 2021. 35:37.

9. APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO | MULHERES, TECNOLOGIAS E DISPOSITIVOS DE GÊNERO: A GAMEPLAY

Olá, participante! Em nome da equipe coordenadora dessa oficina, agradecemos por você ter se inscrito nessa atividade de extensão. Ela é uma das atividades que compõe a participação da Faculdade de Educação na Semana Universitária da Universidade de Brasília 2021. Nesse momento, pedimos que preencha um questionário sobre dados sociológicos e individuais, a fim de conhecermos melhor quem você é. Ainda, os dados informados serão articulados para fins educacionais e de pesquisa, cujo sigilo e o anonimato estão assegurados. Seja muito bem-vinda, bem-vindo e bem-vinde!



1. Nome

2. Idade

3. Com qual raça/cor (IBGE) você se identifica?

- Preta
- Parda
- Branca
- Amarela
- Indígena

4. Com qual identidade de gênero você se identifica?

- Feminino Transgênero
- Feminino Transsexual
- Feminino Travesti
- Não-binário
- Masculino Transgênero
- Masculino Transsexual
- Masculino Travesti

5. Com qual orientação sexual você se identifica?

- Lésbica
- Heterossexual
- Bissexual
- Assexual
- Panssexual
- Gay
- Outra

5.1 Se você marcou "outra" na questão anterior, informe-nos qual a sua orientação sexual.

6. Em atenção à categoria Classe Social por Faixas de Salário Mínimo (IBGE), qual a realidade econômica da sua família?

- A (Acima de 20 salários-mínimos)
- B (de 10 a 20 salários-mínimos)
- C (de 4 a 10 salários-mínimos)
- D (de 2 a 4 salários-mínimos)
- E (até 2 salários-mínimos)

7. Como você percebe o seu corpo (Movimento Corpo Livre)?

Magro

Nem gordo nem magro: a pessoa “nem magra nem gorda” tem passabilidade social e pode sofrer com pressão estética, auto-imposta ou imposta pelas pessoas de seu convívio. Ainda, seu corpo cabe em todos os mobiliários e equipamentos públicos, tem pouca dificuldade de encontrar roupas em lojas. Pode sofrer alguma gordofobia médica.

Gordo menor: pessoa gorda menor é incontestadamente considerada gorda pela sociedade, passa por situações gordofóbicas, tem dificuldade de encontrar roupas, pode sofrer com algumas questões estruturais relativas à acessibilidade por não caber em alguns lugares. Sofre com gordofobia médica.

() Gordo maior: a pessoa gorda maior experiencia perdas estruturais. Além de sofrer com extrema gordofobia, ela não tem direitos e acessos básicos sociais, como caber no transporte público ou em equipamentos médicos e hospitalares, por exemplo. Sofre com extrema gordofobia médica.

8. Você é uma pessoa com deficiência (PcD)

() Sim

() Não

8.1 Se você marcou "sim" na questão anterior, informe-nos sobre a sua deficiência e se necessita de algum tipo de acessibilidade para participar da oficina.

9. Você faz parte da comunidade da Universidade de Brasília? Se sim, diga-nos qual o seu vínculo com a UnB. Se não, diga-nos qual sua ocupação e como ficou sabendo da oficina.

10. APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO | AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: GAMEPLAY COM MULHERES DA UNB

Olá, participante! Em nome da equipe coordenadora dessa oficina, agradecemos por você ter se inscrito nessa atividade de pesquisa. Ela é uma das atividades concernentes à pesquisa “Ações educativas com as mulheres da Universidade de Brasília: reflexões e sentimentos sobre amor romântico e relacionamento amoroso”, de responsabilidade de Luana Macedo Cordeiro, estudante de mestrado da Universidade de Brasília, sob orientação da Profa. Dra. Rita Silvana Santana dos Santos, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional. Nesse momento, pedimos que preencha um questionário sobre dados sociológicos e individuais, a fim de conhecermos melhor quem você é. Informamos que o preenchimento do questionário é uma fase importante dessa atividade. Ainda, os dados informados serão articulados para fins educacionais e de pesquisa, cujo sigilo e o anonimato estão assegurados. Seja muito bem-vinda e vamos co-criar juntas essa pesquisa!



1. Nome completo
2. E-mail
3. Idade
4. Com qual raça/cor (IBGE) você se identifica?

- Preta
- Parda
- Branca
- Amarela
- Indígena

5. Com qual identidade de gênero você se identifica?

- Feminino Transgênero
- Feminino Transsexual
- Feminino Travesti
- Não-binário

6. Com qual orientação sexual você se identifica?

- Lésbica
- Heterossexual
- Bissexual
- Assexual
- Panssexual
- Outra

6.1 Se você marcou "outra" na questão anterior, informe-nos qual a sua orientação sexual.

7. Em atenção à categoria Classe Social por Faixas de Salário Mínimo (IBGE), qual a realidade econômica da sua família?

- A (Acima de 20 salários-mínimos)
- B (de 10 a 20 salários-mínimos)
- C (de 4 a 10 salários-mínimos)
- D (de 2 a 4 salários-mínimos)
- E (até 2 salários-mínimos)

8. Como você percebe o seu corpo (Movimento Corpo Livre)?

- Magro

Nem gordo nem magro: a pessoa “nem magra nem gorda” tem passabilidade social e pode sofrer com pressão estética, auto-imposta ou imposta pelas pessoas de seu convívio. Ainda, seu corpo cabe em todos os mobiliários e equipamentos públicos, tem pouca dificuldade de encontrar roupas em lojas. Pode sofrer alguma gordofobia médica.

Gordo menor: pessoa gorda menor é incontestadamente considerada gorda pela sociedade, passa por situações gordofóbicas, tem dificuldade de encontrar roupas, pode sofrer com algumas questões estruturais relativas à acessibilidade por não caber em alguns lugares. Sofre com gordofobia médica.

() Gordo maior: a pessoa gorda maior experiencia perdas estruturais. Além de sofrer com extrema gordofobia, ela não tem direitos e acessos básicos sociais, como caber no transporte público ou em equipamentos médicos e hospitalares, por exemplo. Sofre com extrema gordofobia médica.

9. Você é uma pessoa com deficiência (PcD)

- () Sim
- () Não

9.1 Se você marcou "sim" na questão anterior, informe-nos sobre a sua deficiência e se necessita de algum tipo de acessibilidade para participar da oficina.

10. Você faz parte da comunidade da Universidade de Brasília?

- () Sim
- () Não, sou uma mulher da sociedade em geral

10.1 Se você respondeu que "sim" na questão anterior, informe-nos qual o seu vínculo com a UnB.

- () Servidora técnica-administrativa
- () Docente
- () Estudante
- () Pesquisadora
- () Outro

10.2 Se você marcou a opção "outro" na questão anterior, informe-nos qual o seu vínculo com a UnB.

11. Você se identifica com alguma luta social/filosofia política?

- () Sim
- () Não

11.1 Se você marcou a opção "sim" na questão anterior, informe-nos com qual(is) luta(s) social(is)/filosofia(s) política(s) você se identifica.

12. Você participa de alguma atividade política (partido político, movimento social, coletivo ou outro)?

- () Sim
- () Não

12.1 Se você marcou a opção "sim" na questão anterior, informe-nos de qual(is) atividade(s) política(s) (partido político, movimento social, coletivo ou outro) você participa.

11. APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO | AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: TRABALHO BIOGRÁFICO COM OBJETOS COM AS MULHERES DA UNB

Olá, participante! Em nome da equipe coordenadora dessa oficina, agradecemos por você ter se inscrito nessa atividade de pesquisa. Ela é uma das atividades concernentes à pesquisa “Ações educativas com as mulheres da Universidade de Brasília: reflexões e sentimentos sobre amor romântico e relacionamento amoroso”, de responsabilidade de Luana Macedo Cordeiro, estudante de mestrado da Universidade de Brasília, sob orientação da Profa. Dra. Rita Silvana Santana dos Santos, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional. Nesse momento, pedimos que preencha um questionário sobre dados sociológicos e individuais, a fim de conhecermos melhor quem você é. Informamos que o preenchimento do questionário é uma fase importante dessa atividade. Ainda, os dados informados serão articulados para fins educacionais e de pesquisa, cujo sigilo e o anonimato estão assegurados. Seja muito bem-vinda e vamos co-criar juntas essa pesquisa!



1. Nome completo
2. E-mail
3. Idade

4. Com qual raça/cor (IBGE) você se identifica?

- Preta
- Parda
- Branca
- Amarela
- Indígena

5. Com qual identidade de gênero você se identifica?

- Feminino Transgênero
- Feminino Transsexual
- Feminino Travesti
- Não-binário

6. Com qual orientação sexual você se identifica?

- Lésbica
- Heterossexual
- Bissexual
- Assexual
- Panssexual
- Outra

6.1 Se você marcou "outra" na questão anterior, informe-nos qual a sua orientação sexual.

7. Em atenção à categoria Classe Social por Faixas de Salário Mínimo (IBGE), qual a realidade econômica da sua família?

- A (Acima de 20 salários-mínimos)
- B (de 10 a 20 salários-mínimos)
- C (de 4 a 10 salários-mínimos)
- D (de 2 a 4 salários-mínimos)
- E (até 2 salários-mínimos)

8. Como você percebe o seu corpo (Movimento Corpo Livre)?

- Magro

Nem gordo nem magro: a pessoa “nem magra nem gorda” tem passabilidade social e pode sofrer com pressão estética, auto-imposta ou imposta pelas pessoas de seu convívio. Ainda, seu corpo cabe em todos os mobiliários e equipamentos públicos, tem pouca dificuldade de encontrar roupas em lojas. Pode sofrer alguma gordofobia médica.

Gordo menor: pessoa gorda menor é incontestadamente considerada gorda pela sociedade, passa por situações gordofóbicas, tem dificuldade de encontrar roupas, pode sofrer com algumas

questões estruturais relativas à acessibilidade por não caber em alguns lugares. Sofre com gordofobia médica.

() Gordo maior: a pessoa gorda maior experiência perdas estruturais. Além de sofrer com extrema gordofobia, ela não tem direitos e acessos básicos sociais, como caber no transporte público ou em equipamentos médicos e hospitalares, por exemplo. Sofre com extrema gordofobia médica.

9. Você é uma pessoa com deficiência (PcD)

- () Sim
() Não

9.1 Se você marcou "sim" na questão anterior, informe-nos sobre a sua deficiência e se necessita de algum tipo de acessibilidade para participar da oficina.

10. Você faz parte da comunidade da Universidade de Brasília?

- () Sim
() Não, sou uma mulher da sociedade em geral

10.1 Se você respondeu que "sim" na questão anterior, informe-nos qual o seu vínculo com a UnB.

- () Servidora técnica-administrativa
() Docente
() Estudante
() Pesquisadora
() Outro

10.2 Se você marcou a opção "outro" na questão anterior, informe-nos qual o seu vínculo com a UnB.

11. Você se identifica com alguma luta social/filosofia política?

- () Sim
() Não

11.1 Se você marcou a opção "sim" na questão anterior, informe-nos com qual(is) luta(s) social(is)/filosofia(s) política(s) você se identifica.

12. Você participa de alguma atividade política (partido político, movimento social, coletivo ou outro)?

- () Sim
() Não

12.1 Se você marcou a opção "sim" na questão anterior, informe-nos de qual(is) atividade(s) política(s) (partido político, movimento social, coletivo ou outro) você participa.

12. APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ONLINE (TCLE ONLINE) – OFICINA 0

Você está sendo convidada/convidado a participar da oficina “Mulheres, tecnologias e dispositivos de gênero: a gameplay”, coordenada pela Profa. Dra. Rita Silvana Santana dos Santos e mediada pela mestrand Luana Macedo Cordeiro, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional, com monitoria de Sheila, graduanda em Pedagogia, todas da Universidade de Brasília.

O objetivo da oficina é compreender tanto como os conceitos “tecnologias de gênero”, “dispositivo amoroso” e “dispositivo materno” podem contribuir para identificação e superação das opressões sociais na vida das mulheres quanto utilizar a gameplay para debater sobre como as opressões sociais de gênero, raça/etnia e classe, assim como os marcadores de corpo, idade e deficiência inter cruzam-se na história de vida das mulheres.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da oficina, e lhe asseguramos que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la/identificá-lo. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da coordenação responsável pela atividade.

Os resultados da oficina podem ser divulgados em palestras e em artigos científicos a serem realizados por sua coordenação, cuja produção de dados será realizada por meio de análise interpretativa a partir das interações entre as/os participantes da oficina “Mulheres, tecnologias e dispositivos de gênero: a gameplay”. É para esta atividade que você está sendo convidada a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

A sua participação na oficina consistirá em assistir a uma palestra, participar de uma *gameplay* e interagir com o coletivo acerca das suas impressões sobre as atividades. O tempo de duração da oficina será de 2 horas, a qual será gravada com fins educacionais e de pesquisa.

Espera-se com esta oficina que ela ofereça oportunidades de reflexão com a intenção de proporcionar processos de tomada de consciência sobre os temas da construção social da mulher a partir de representações estereotipadas de gênero, do amor e das tarefas de cuidado.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Em caso de desistência após a realização da oficina, os seus dados audiovisuais (imagem e som) serão desconsiderados para fins de análise e de produção de dados em futuros artigos científicos.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à atividade, você pode me contatar através do telefone (61) 98151-0011 ou pelos e-mails luanamc@unb.br e luana.macedo.cordeiro@gmail.com

E-mail:

1. Nome

2. Diante dessas explicações, você acha que está suficientemente informada/informado a respeito da realização dessa oficina e concorda de livre e espontânea vontade em participar como colaboradora/colaborador?

Sim

Não



13. APÊNDICE 5 - TCLE ONLINE | AMOR ROMÂNTICO E RELACIONAMENTO AMOROSO EM PERSPECTIVA: GAMEPLAY COM MULHERES DA UNB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ONLINE (TCLE ONLINE)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Ações educativas com as mulheres da Universidade de Brasília: reflexões e sentimentos sobre amor romântico e relacionamento amoroso”, de responsabilidade de Luana Macedo Cordeiro, estudante de mestrado da Universidade de Brasília, sob orientação da Profa. Dra. Rita Silvana Santana dos Santos, ambas do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como ações educativas com as mulheres da Universidade de Brasília podem ensejar reflexões e sentimentos sobre amor romântico e relacionamento amoroso. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A produção de dados será realizada por meio de análise interpretativa a partir das interações entre as participantes da oficina “Amor romântico e relacionamento amoroso em perspectiva: *gameplay* com mulheres da UnB”. É para esta atividade que você está sendo convidada a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

A sua participação na oficina consistirá em participar de uma *gameplay* a partir do jogo "Chapters: Histórias Interativas" e interagir com o coletivo em sistema de roda de conversa virtual acerca das suas impressões sobre as categorias de amor romântico e relacionamento amoroso. O tempo de duração da oficina será de 3 horas, a qual será gravada com fins educacionais e de pesquisa.

Espera-se com esta pesquisa que ela ofereça oportunidades de reflexão com as mulheres participantes sobre amor romântico e relacionamento amoroso.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Em

caso de desistência após a realização da oficina, os seus dados audiovisuais (imagem e som) serão desconsiderados para fins de análise e de produção de dados no âmbito desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa podem ser divulgados em palestras e em artigos científicos e constarão na dissertação de mestrado da estudante Luana Macedo Cordeiro, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 98151-0011 ou pelos e-mails luanamc@unb.br e luana.macedo.cordeiro@gmail.com

E-mail:

1. Nome

2. Diante dessas explicações, você acha que está suficientemente informada a respeito da pesquisa e concorda de livre e espontânea vontade em participar como colaboradora?

() Sim

() Não

momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Em caso de desistência após a realização da oficina, os seus dados audiovisuais (imagem e som) serão desconsiderados para fins de análise e de produção de dados no âmbito desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa podem ser divulgados em palestras e em artigos científicos e constarão na dissertação de mestrado da estudante Luana Macedo Cordeiro, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 98151-0011 ou pelos e-mails luanamc@unb.br e luana.macedo.cordeiro@gmail.com

E-mail:

1. Nome

2. Diante dessas explicações, você acha que está suficientemente informada a respeito da pesquisa e concorda de livre e espontânea vontade em participar como colaboradora?

() Sim

() Não